

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO NO MUNDO

# JAMES PATTERSON

E LIZA MARKLUND

## Os Assassinos do Cartão-Postal



ARQUEIRO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Os Assassinos do  
Cartão-Postal*





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura

extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

**JAMES PATTERSON**

E LIZA MARKLUND

*Os Assassinos do  
Cartão-Postal*



Título original: *e Postcard Killers*

Copyright © 2010 por James Patterson  
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, EUA.  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob  
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* André Fiker

*preparo de originais:* Victor Almeida

*revisão:* Marlon Magno e Rafaella Lemos

*diagramação:* Ilustrarte Design e Produção Editorial

*capa:* Rodrigo Rodrigues

*imagem de capa:* Mark Owen / Trevillion Images

*produção digital:* SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

P597a

Patterson, James, 1947-

Os assassinos do cartão-postal [recurso eletrônico] / James Patterson, Liza Marklund  
[tradução de André Fiker]; São Paulo: Arqueiro, 2014.  
recurso digital

Tradução de: *e postcard killers*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-272-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Marklund, Liza. II. Fiker, André. III.  
Título.

14-09642

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

# Agradecimentos

*Liza:*

*A Tove Alsterdal, Tomas Bodström, Kent Widing, Eva Marklund, Peter Rönnerfalk e Neil Smith, por seus conselhos profissionais e por toda a paciência. E à equipe do Museu de Arte Moderna de Estocolmo, pelas informações e teorias sobre obras de arte famosas.*

*Jim:*

*A Liza, por mergulhar de cabeça neste livro com tanto entusiasmo, habilidade e humildade. E a Linda Michaels por nos apresentar, e simplesmente por ser Linda.*



# PRÓLOGO

# Um

*Paris, França*

— **M**as é *muito* pequeno... – A inglesa constatou, decepcionada.

Mac Rudolph riu, passando o braço por seu ombro, a mão estrategicamente caindo sobre o seu seio. Ela não estava usando sutiã.

– Óleo sobre painel de madeira – disse ele. – Setenta e sete por cinquenta e três centímetros. Ele seria pendurado na sala de jantar do mercador florentino Francesco del Giocondo, mas Da Vinci não conseguiu terminar a tempo.

Ele sentiu o mamilo dela se enrijecer por baixo da blusa. Ela não tentou tirar a mão dele.

Sylvia Rudolph se aproximou pelo outro lado, tocando de leve o braço da mulher.

– Mona Lisa não era o nome dela – explicou Sylvia. – Só Lisa. *Mona* é um diminutivo italiano usado no lugar de “dama”, ou “Vossa Graça”.

O marido da inglesa permaneceu atrás de Sylvia, seu corpo encostado no dela em meio à multidão. Estava muito confortável naquela posição.

– Alguém com sede? – perguntou ele.

Sylvia e Mac trocaram um olhar rápido, sorrindo.

Encontravam-se no primeiro andar da Ala Denon do Louvre, na Salle des États. Pendurado à sua frente, por trás do vidro antirreflexo, estava o retrato mais famoso do mundo. E o cara queria uma cerveja?

– Você tem razão – respondeu Mac, passando a mão pelas costas da inglesa com suavidade. – O quadro é bem pequeno. A mesa na sala de jantar de Francesco del Giocondo não devia ser muito grande.

Ele sorriu para o marido da inglesa.

– E também concordo com você. Vamos sair para beber!

Eles percorreram o caminho pela escadaria moderna, saindo do museu pela entrada Porte des Lions, em meio à tarde de primavera parisiense. Sylvia respirou fundo, inalando a mistura inebriante de fumaça e folhas verdes, e riu alto.

– Ah – exclamou, abraçando a inglesa –, estou tão feliz por termos conhecido vocês. Luas de mel são muito legais, mas vocês precisam sair do quarto e ver um pouco do mundo também, não é? Já tiveram tempo de ir à Notre-Dame?

– Nós chegamos hoje de manhã – respondeu o marido. – Mal tivemos tempo de comer.

– Bem, vamos mudar isso então! – interview Mac. – Conhecemos um pequeno lugar ao lado do Sena. É maravilhoso, vocês vão adorar.

– A Notre-Dame é fantástica – disse Sylvia. – É uma das primeiras catedrais góticas do mundo, com muita influência do naturalismo. Vocês vão *amar* a Rosácea Sul.

Ela beijou a mulher no rosto, demorando-se um pouco na carícia.

O grupo atravessou a ponte de Arcole, passou pela catedral e, ao chegar na Quai de Montebello, eles ouviram alguém tocar uma triste melodia no acordeão.

– Podem pedir o que quiserem – disse Mac, abrindo a porta do bistrô. – É por nossa conta. Estamos comemorando a sua lua de mel.

# Dois

Eles se acomodaram em uma aconchegante mesa para quatro pessoas com vista para o rio. O pôr do sol coloria os prédios ao redor com um vermelho vivo, enquanto uma embarcação *bateau-mouche* navegava devagar e o acordeonista tocava uma música mais animada.

O britânico rabugento só relaxou depois da segunda garrafa de vinho. Sylvia percebeu seu interesse e abriu outro botão da blusa fina. Ela também notou que a inglesa estava olhando de soslaio para Mac, observando seu cabelo claro, sua pele cor de mel, seus cílios delicados e seus bíceps definidos.

– Hoje foi um dia mágico – comentou Sylvia, colocando a mochila nas costas depois de Mac ter pagado a conta. – Eu *preciso* de um souvenir desta noite.

Mac deu um suspiro teatral, colocando a mão na testa. Ela se esgueirou até ele e murmurou:

– Acho que a Dior da avenida Montaigne ainda está aberta.

– Isso vai sair *caro!* – resmungou Mac.

O casal britânico deu uma gargalhada.

Eles pegaram um táxi até a avenida Montaigne. Mac e Sylvia não compraram nada, mas o inglês sacou o cartão de crédito e comprou um horrroso xale de seda para a mulher. Mac se contentou com duas garrafas de Moët & Chandon de uma loja de vinhos próxima.

Ao saírem da loja, Mac acendeu um baseado e o passou para a inglesa.

Sylvia passou os braços pela cintura do inglês e olhou fundo nos seus olhos.

– Eu quero provar esse champanhe... no seu quarto.

O britânico engoliu em seco e olhou para a mulher.

– Ela pode brincar com Mac enquanto isso – sussurrou Sylvia, antes de beijá-lo na boca. – Não tenho nenhum problema com isso.

Eles chamaram outro táxi.

# Três

O Central Hotel de Paris fica em uma área simples e limpa em Montparnasse. Tropeçando e rindo, meio chapados, os dois casais pegaram o elevador para o terceiro andar e entraram no quarto com vista para a Rue du Maine.

As paredes eram de um amarelo vivo e uma imensa cama de casal encontrava-se no centro de um grosso carpete azul-celeste.

– Vou abrir uma garrafa agora mesmo – disse Mac, levando o champanhe para o banheiro. – Volto já.

Sylvia beijou o inglês na boca mais uma vez, de maneira mais ousada. Ela sentiu sua respiração se acelerando e a ereção em sua calça.

– Você deve ser grande, não é? – perguntou com uma voz sedutora, passando a mão por sua perna até a virilha.

Embora não a tivesse impedido, Sylvia viu que a inglesa estava ficando vermelha.

– Tim-tim – brindou Mac, voltando para o quarto com quatro taças improvisadas de champanhe, na bandeja em que o hotel deixava os copos para as escovas de dente.

– A nós! – comemorou Sylvia, pegando rapidamente uma das taças e virando a bebida em um só gole. O casal britânico a acompanhou, enquanto Mac gargalhava e se ocupava em servir mais champanhe e acender outro baseado, enrolado com perfeição.

– Há quanto tempo vocês estão casados? – perguntou Sylvia, passando o baseado.

– Quatro semanas – respondeu a mulher.

– Imagine só – disse Sylvia –, tantas noites adoráveis pela frente. Estou com inveja.

Mac puxou a inglesa para perto de si e sussurrou algo em seu ouvido. Ela deixou escapar uma risadinha.

Sylvia sorriu.

– Mac consegue aguentar horas. Vamos tentar ganhar deles? Acho que a gente consegue.

Ela se inclinou e mordiscou a orelha do homem. Reparou que as suas pálpebras já estavam caídas. A britânica deu uma risadinha, um som baixo e confuso.

– Só mais um minuto – constatou Mac. – E poderemos começar.

# Quatro

Sylvia sorriu e, devagar, desabotoou a camisa do homem. Antes de ele desabar no colchão, ela conseguiu tirar seu sapato e sua calça.

– Clive – balbuciou a mulher. – Eu sempre vou te amar, você sabe disso...

Em seguida, ela também apagou.

Mac já a tinha despido quase completamente. Agora ele tirava a sua calcinha e a carregava no colo até a cama, deitando-a ao lado do marido. Os cabelos da mulher, mais ou menos da mesma cor que os de Sylvia, mas um pouco mais curtos, se espalharam sobre o colchão.

Sylvia abriu a bolsa dela. Verificou rapidamente os cartões de crédito e parou para ler o passaporte com mais atenção.

– Emily Spencer – disse ela, vendo a foto. – Nós somos parecidas o suficiente. Isso é bom. Vai facilitar as coisas.

– Você acha que ela é parente da princesa Diana? – perguntou Mac, enquanto tirava a aliança de casamento da moça.

Sylvia juntou as roupas e os objetos de valor de Emily, junto com outros pertences importantes, e guardou tudo na mochila. Em seguida, abriu o bolso externo da mochila e pegou luvas de látex, clorexidina e um estilete.

– *Mona Lisa?* – perguntou ela.

Mac sorriu.

– O que você queria? Foi a escolha perfeita. Ande, me ajude com a limpeza.

Eles colocaram as luvas, pegaram algumas toalhas de papel no banheiro e começaram a limpar metodicamente tudo em que tinham tocado, incluindo as duas pessoas inconscientes na cama.



Sylvia encarou os genitais do homem.

– Ele não era tão grande afinal – comentou.

Mac riu.

– Pronto? – perguntou Sylvia, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo.

Eles tiraram as próprias roupas e as dobraram, colocando-as o mais longe possível da cama.

Sylvia começou por Clive, não por alguma razão sexista, mas porque era o mais pesado dos dois. Ela o colocou em seu colo, deixando os braços frouxos penderem. Ele grunhiu como se estivesse roncando.

Mac endireitou as pernas do inglês, cruzou seus braços sobre a barriga e entregou o estilete para Sylvia, que o pegou com a mão direita.

Ela apoiou a testa dele na dobra do seu braço esquerdo, mantendo a cabeça erguida. Em seguida, procurou pela pulsação com as pontas dos dedos, estimou a força do fluxo e enfiou o estilete na veia jugular esquerda. O corte, rápido e preciso, atravessou músculos e ligamentos.

No fim, só restou o leve chiado que indicava que a traqueia havia sido cortada.

# Cinco

**E**mbora a perda de consciência tenha baixado a pressão sanguínea e diminuído os batimentos do inglês, a pressão na jugular ainda foi forte o suficiente para fazer o sangue jorrar num chafariz de quase um metro.

Sylvia, porém, não foi atingida pelo jato.

– Parabéns – disse Mac. – Você abriu um gêiser.

A força do jato logo foi reduzida a uma pulsação rítmica. O som borbulhante do ar se misturando com sangue, conforme saíam pela garganta cortada, foi ficando mais fraco, até parar por completo.

– Você poderia ter sido médica...

– Não. Muito entediante, regras demais. Você sabe o que eu penso das regras.

Sylvia se afastou com cuidado de Clive, apoiando-o na cabeceira barata da cama. Acabou sujando os braços de sangue quando posicionou as mãos do cadáver sobre a barriga, mas não se deu ao trabalho de lavar.

– Agora é a sua vez, querida – disse à inglesa inconsciente.

Emily Spencer era magra e leve. Sua respiração já tinha quase parado e o sangue mal jorrou.

– Quanto ela bebeu? – perguntou Sylvia, enquanto arrumava as mãos pequenas da mulher sobre a barriga.

Ela olhou para os próprios braços, sujos de sangue, e entrou no boxe para tomar uma ducha. Mac a seguiu. Eles tiraram as luvas de látex e se ensaboaram com cuidado, limpando também o estilete no banho.

Enxaguaram-se e deixaram o chuveiro ligado. Como último detalhe, usaram as toalhas do hotel e as guardaram na mochila de Sylvia.

Após se vestirem, pegaram a Polaroid.

Hesitante, Sylvia analisava os corpos na cama, tentando decidir se a posição estava correta.

– O que você acha? – perguntou. – Assim está bom?

Mac ergueu a câmera. O clarão do flash os cegou por um instante.

– Com certeza – respondeu. – É capaz de ser a melhor até agora. Melhor até que em Roma.

Sylvia abriu a porta do quarto com o cotovelo. Não havia câmeras de segurança no corredor, eles se certificaram disso quando entraram. Mac envolveu a mão com a manga da camisa e pendurou o aviso de NÃO PERTURBE na maçaneta. A porta se fechou com um estalido quase inaudível. Graças ao sistema de ventilação, mal dava para ouvir o barulho do chuveiro.

– Escada ou elevador? – perguntou Mac.

– Elevador – respondeu Sylvia. – Estou cansada. Matar pessoas é um trabalho difícil, sabia?

Eles esperaram as portas fecharem e o elevador começar a descer antes de se beijarem.

– Eu amo estar em lua de mel com você – disse Sylvia.

Mac deu um sorriso reluzente.

# PARTE UM

# Capítulo 1

*Quinta-feira, 10 de junho  
Berlim, Alemanha*

A vista do quarto de hotel consistia em uma parede de tijolos manchados e três latas de lixo. Ainda devia haver luz do sol em algum lugar sobre o beco, pois Jacob Kanon podia ver um rato gordo se divertindo na lixeira da esquerda.

Ele tomou um longo gole da caneca de vinho Riesling.

Olhando pela janela de vidro fino, era difícil determinar se as coisas estavam mais deprimentes dentro ou fora do quarto. Ele deu as costas para a vista e baixou os olhos para os cartões-postais espalhados pela cama do hotel.

Havia um padrão ali, pensou, uma lógica distorcida que ele não conseguia enxergar. Os assassinos estavam tentando dizer algo. Os desgraçados que saíam pela Europa cortando a garganta de jovens casais estavam gritando bem na cara dele.

Ali estava a mensagem, mas Jacob não conseguia discernir as palavras, não era capaz de entender o significado. E enquanto não fosse capaz de decifrar aquilo, ele não conseguiria detê-los.

Tomou o resto do vinho na caneca e se serviu de um pouco mais. Sentou-se na cama e desfez a ordem em que tinha acabado de organizar os cartões.

– Vamos tentar por outro ângulo... Mostrem-me quem são vocês!

Jacob Kanon, um detetive de homicídios da 32<sup>a</sup> delegacia do Departamento de Polícia de Nova York, estava muito longe de casa. Os assassinos o tinham levado até Berlim. Jacob os seguia havia seis meses, sempre dois passos atrás, talvez até três ou quatro.

Mas só agora a magnitude da depravação deles tinha começado a ficar clara para as autoridades policiais europeias. Como os assassinos cometiam apenas um ou dois homicídios em cada país, o padrão demorou um pouco até ficar aparente. Pelo menos para que alguém além de Jacob conseguisse ver com clareza.

E os imbecis obviamente não iriam aceitar a ajuda de um americano. Mesmo que esse americano fosse esperto pra caralho e que muita coisa dependesse desse caso.

Ele recolheu as cópias do cartão-postal de Florença.

*O primeiro.*

## Capítulo 2

O cartão-postal mostrava a Basílica de San Miniato al Monte. No verso, a citação já familiar. Ele leu o trecho e tomou mais um gole de vinho. Deixou o cartão cair e pegou o seguinte, e o seguinte, e o seguinte...

*Atenas:* uma foto do Estádio Olímpico de 2004.

*Salzburgo:* a imagem de uma rua desconhecida.

*Madri:* Las Ventas.

E aí *Roma, Roma, Roma...*

Jacob cobriu o rosto com as mãos por alguns segundos, antes de se levantar e caminhar até a escrivaninha bamba encostada na parede. Ele se sentou na cadeira Windsor e apoiou os braços em cima das anotações sobre as diversas vítimas, as interpretações que tinha feito, as conexões experimentais que havia traçado.

Jacob sabia muito pouco sobre o casal em Berlim, apenas seus nomes e idades: Karen e Billy Cowley, ambos com 23 anos, vindos da cidade australiana de Camberra. Foram drogados e assassinados no apartamento alugado próximo ao Hospital Universitário Charité. Eles tinham pagado adiantado por duas semanas de estadia, que não chegaram a aproveitar. Em vez disso, tiveram a garganta cortada e foram mutilados no segundo ou terceiro dia que passaram no apartamento.

Demoraram uns quatro, cinco ou seis dias até encontrá-los.

*Polícia alemã burra e arrogante! Agindo como se soubesse de tudo...*

Jacob se levantou, foi até a cama mais uma vez e pegou a foto do casal, enviada por correio para o jornal *Berliner Zeitung*. Foi nesse ponto que o seu

cérebro chegou ao limite do que conseguia absorver.

Por que os assassinos enviavam para a mídia primeiro cartões-postais e depois fotografias macabras da carnificina?

Eles queriam chocar?

Queriam fama e aplausos?

Ou tinham alguma outra intenção? Será que as fotos e os cartões-postais eram uma cortina de fumaça para ocultar seus verdadeiros motivos? Se esse fosse o caso, que merda de motivos teriam?

Que merda, que merda, que merda...

Ele examinou uma das fotografias. Devia ter um significado, mas Jacob não conseguia imaginar qual seria.

Ele pegou a foto do casal de Paris.

Emily e Clive Spencer, recém-casados, um ao lado do outro. Apoiados a uma cabeceira clara, em um quarto de hotel em Montparnasse. Ambos nus. Os filetes de sangue que cobriam os seus corpos tinham se aglomerado em pequenas poças coaguladas ao redor dos genitais.

*Por quê?*



## Capítulo 3

Jacob pegou a foto do casamento que tinha pedido para a mãe de Emily enviar.

Emily tinha apenas 21 anos. Clive acabara de fazer 26. Eles eram um lindo casal e a foto de casamento irradiava felicidade e romance. Clive, alto e bonito, vestia um smoking. Talvez estivesse um pouco acima do peso, mas isso condizia com o seu status de corretor de ações no mercado londrino.

Emily parecia uma princesa de contos de fadas: magra, frágil e com cabelos cacheados. Parecia muito encantadora no vestido cor de marfim. Seus olhos brilhavam para a câmera.

Eles se conheceram durante a festa de Ano-Novo de um amigo em comum, em Notting Hill, em uma daquelas casas estreitas que estavam na moda desde o filme com Hugh Grant e Julia Roberts.

A mãe de Emily não conseguiu parar de chorar quando Jacob contou tudo pelo telefone. Ele não podia oferecer consolo nem ajuda. Afinal, não estava oficialmente no caso. Como agente da polícia norte-americana, não deveria estar envolvido no trabalho realizado pelas autoridades de outros países. Isso poderia gerar consequências diplomáticas e, pior ainda, levar à sua expulsão do país.

Uma onda de desânimo caiu sobre Jacob com tanta força que ele perdeu o fôlego e a caneca estremeceu em sua mão. Ele tomou o resto do vinho em um gole e se serviu de mais.

*Patético, pensou.*

Jacob voltou para a mesa, sentando-se de costas para as fotografias e os cartões-postais. Não queria ver as imagens.

Um banho talvez fosse uma boa ideia. Deveria seguir até o banheiro comunitário ao fim do corredor, na esperança de que ainda houvesse um pouco de água quente. Ele tinha um sabonete? Meu Deus, ele nem sequer havia tomado banho desde que chegara a Berlim...

E bebeu um pouco mais de vinho.

Após terminar a garrafa, analisou melhor as fotos do casal morto em Roma. Colocou-as à sua frente na escrivaninha, com sua Glock 26 9 milímetros ao lado, como sempre. Os assassinos enviaram duas fotos: uma imagem das vítimas nuas e um close das mãos.

A mão esquerda da mulher e a direita do homem.

Ele pegou a foto do close e passou o dedo pela mão graciosa da mulher, sorrindo ao chegar à marca de nascença na base do dedão.

A mulher tocava piano e era especialista em Franz Liszt.

Ele bufou com força, largando a foto, e pegou a arma.

Jacob passou a palma da mão sobre o plástico liso do cabo e colocou o cano dentro da boca. Tinha gosto de pólvora e metal. Ele fechou os olhos e o quarto pareceu se mexer um pouco para a esquerda, consequência do excesso de vinho.

*Não, pensou Jacob. Ainda não. Eu ainda não terminei.*

# Capítulo 4

*Sexta-feira, 11 de junho  
Estocolmo, Suécia*

O cartão-postal estava entre um inofensivo convite para o tradicional torneio de bocha da redação e o convite para uma degustação de vinhos.

Dessie Larsson resmungou em voz alta, jogando no lixo reciclável algumas cartas chamando-a para eventos sociais insípidos. Se as pessoas prestassem mais atenção no trabalho e não ficassem só brincando ou puxando o saco dos outros, talvez aquele jornal tivesse um futuro.

Ela estava prestes a jogar fora o cartão-postal, mas mudou de ideia.

Quem ainda manda cartões-postais hoje em dia?

A imagem na frente era da Stortorget, a praça principal da Cidade Velha de Estocolmo. O sol brilhava em meio a um céu azul. Pessoas tomavam sorvete nos bancos e a fonte no centro jorrava água. Dois carros, um Saab e um Volvo, estavam estacionados diante da entrada da Bolsa de Valores.

Dessie virou o cartão.

*Ser ou não ser*

*Em Estocolmo*

*Eis a questão*

*Entraremos em contato.*

Que maluquice era aquela?

Ela virou o cartão de novo e deu mais uma olhada na imagem, como se pudesse conter uma pista sobre o significado das palavras enigmáticas

escritas no verso.

O sorvete... a água jorrando... Nem o Volvo nem o Saab tinham saído do lugar.

*As pessoas precisam arrumar coisa melhor para fazer*, pensou ela, jogando o cartão no lixo reciclável.

E voltou para a sua mesa.

– *Alguma coisa* aconteceu em Estocolmo hoje? Qualquer coisa? – perguntou a Forsberg, seu editor atarracado e desgrenhado, enquanto colocava a mochila na mesa, ao lado do capacete para ciclismo.

Forsberg olhou por cima dos óculos por uma fração de segundo e voltou a ler o jornal à sua frente.

– Hugo Bergman escreveu um excelente artigo. O Partido Popular quer um FBI europeu. E eles encontraram outro casal de jovens amantes assassinado. Dessa vez foi em Berlim.

Dessie sentou-se à mesa, imaginando que merda Hugo Bergman teria inventado agora. Ela tirou o notebook da mochila e fez login na rede do jornal.

– Algum trabalho para mim, chefe? – perguntou, clicando na notícia sobre o assassinato duplo em Berlim.

– São uns doentes filhos da puta, esses assassinos! – afirmou o editor. – Qual é o problema dessas pessoas?

– Não pergunte para mim. Eu trabalho com os criminosos comuns – respondeu Dessie. – Não com assassinos em série. Nada tão grande e importante.

Forsberg se levantou e foi pegar um café na máquina.

As vítimas em Berlim eram australianas. Karen e William Cowley, ambos com 23 anos e casados havia dois. Eles viajaram para a Europa a fim de superar a morte do filho recém-nascido. Em vez disso, deram de cara com os notórios assassinos que estavam matando casais por toda a Europa.

O cartão-postal tinha sido enviado para um jornalista de um jornal local. A imagem era do lugar onde ficava o bunker de Hitler. No verso, uma citação de Shakespeare.

Dessie engasgou. Ela sentiu que estava prestes a ter um ataque cardíaco, ou pelo menos imaginou que um ataque desses devia gerar uma sensação parecida.

*Ser ou não ser...*

Seus olhos estavam fixos no lixo reciclável à sua frente.

– Forsberg – disse Dessie, sua voz muito mais calma do que ela mesma. –  
Acho que eles estão em Estocolmo.

# Capítulo 5

— **E** você não tem nem ideia de por que o cartão-postal foi enviado para o seu endereço?

A polícia já tinha tomado posse da sala de reuniões. Por trás da mesa, através dos óculos de grife, o superintendente Mats Duvall encarava Dessie.

Um gravador de fitas antigo estava ao seu lado.

— Não tenho a menor ideia – respondeu Dessie. – Não mesmo.

A sala de redação estava isolada. Uma equipe de especialistas forenses começou a analisar o cartão-postal e tirar algumas fotos. Pouco tempo depois, iriam sitiar a sala de correspondências.

Dessie não entendia o que esperavam encontrar ali, mas eles tinham um arsenal inteiro de equipamentos.

— Você escreveu algum artigo sobre isso? Relatou algum dos outros assassinatos na Europa?

Ela balançou a cabeça.

O superintendente a observava com frieza.

— Pode responder verbalmente, por favor, para que a sua fala fique registrada pela fita?

Dessie se endireitou na cadeira e limpou a garganta.

— Não – disse, um pouco alto demais. – Não, eu nunca escrevi sobre esses assassinatos.

— Há alguma outra coisa que possa ter feito para levá-los a contatar você especificamente?

— Talvez o meu charme e flexibilidade?

Duvall deu uns toques em um dispositivo pequeno que Dessie pensou ser alguma espécie de smartphone. Seus dedos eram compridos e finos, e as unhas bem-cortadas. Ele vestia um terno, uma camisa rosa e uma gravata listrada cinza e azul.

– Vamos falar sobre você. Há quanto tempo trabalha no *A onposten*?

Dessie juntou as mãos sobre o colo.

– Quase três anos – respondeu. – Meio período. Eu trabalho com pesquisa quando não estou aqui.

– Pesquisa? Posso perguntar de que tipo?

– Sou criminologista, estou me especializando em crimes contra a propriedade. Fiz também um curso de extensão em jornalismo na Universidade de Estocolmo, então também sou jornalista. E, no momento, estou escrevendo minha tese de doutorado... Feliz por ter perguntado?

Tinha deixado escapar a parte sobre a tese. Com foco nas consequências sociais de pequenos arrombamentos em propriedades, o trabalho tinha sido deixado em segundo plano... para dizer o mínimo. Ela não tinha escrito uma palavra sequer em mais de dois anos.

– Você despreveria a si mesma como uma repórter conhecida ou famosa? – perguntou o superintendente.

Dessie soltou uma risada um tanto inadequada.

– Dificilmente. – Ela se recompôs um pouco. – Eu não escrevo sobre as grandes notícias. Desenvolvo minhas próprias matérias. Por exemplo, eu fiz uma entrevista com o “Burglar Bengt”, saiu na edição de ontem. Ele é o ladrão “mais notório” da Suécia. Condenado por invadir 318 propriedades, e isso sem contar...

O superintendente Duvall a interrompeu, inclinando-se sobre a mesa.

– Em geral, as pessoas que enviam o cartão-postal mantêm uma correspondência com o jornalista. Talvez você receba outras cartas dos assassinos.

– Se você não capturá-los antes.

Dessie encarou o policial. Ele tinha os olhos calmos, impenetráveis por trás dos óculos lustrosos. Ela não soube avaliar se gostava dele ou não. Não que

isso importasse.

– Nós não conhecemos a motivação dos assassinos – disse Duvall. – Eu falei com a divisão de segurança. Achamos que você não precisa de proteção pessoal no momento. Mas você acha que seria necessário?

Um tremor subiu pela espinha de Dessie.

– Não – respondeu ela. – Sem proteção pessoal.



## Capítulo 6

Sylvia e Mac caminhavam satisfeitos, de braços dados, pelo coração medieval de Estocolmo.

As ruas estreitas de paralelepípedos eram cercadas por prédios irregulares que pareciam se inclinar na direção um do outro. O sol brilhava forte no céu sem nuvens e Mac tirou a camisa. Sylvia acariciou o seu abdômen e o beijou com paixão na boca e em outros lugares.

Algumas ruas à frente, o casal chegou a um parque triangular. Crianças pulavam corda perto de uma árvore antiga, que ficava no centro do local, enquanto dois homens de idade jogavam xadrez, sentados em um banco de jardim.

A imensa copa da árvore projetava sombras na praça toda, filtrando a luz do sol que chegava aos paralelepípedos e às fachadas das casas. Eles compraram dois sorvetes e se sentaram em um banco de jardim ornamentado, que parecia estar embaixo daquela árvore há centenas de anos.

– Que viagem incrível. Que aventura estamos vivendo – disse Sylvia. – Ninguém jamais teve uma vida assim.

O ar estava limpo e os pássaros cantavam nos galhos acima deles. Não havia ruído urbano, apenas o som da risada das crianças e o barulho rítmico da corda batendo no chão. A praça era um oásis cercado por construções muito antigas, de cores suaves e janelas que reluziam, feitas de vidro soprado à mão.

– Vamos antes ao Museu Nacional ou ao Museu de Arte Moderna? – perguntou Sylvia, deitada no banco com a cabeça no colo de Mac, folheando o guia de viagem.

– Arte Moderna – respondeu ele, entre uma mordida e outra no sorvete. – Eu sempre quis ver o bode de Rauschenberg.

O casal seguiu pela rua norte, passando por uma estátua imensa de São Jorge e o Dragão. Em um minuto eles estavam de volta ao cais, ao lado do iate af Chapman, ancorado na ilha de Skeppsholmen.

– Tem água em todo lugar nesta cidade. – Mac comentou, impressionado. Sylvia apontou para a ilha logo atrás do Grand Hôtel.

– Vamos andar ou pegamos um barco a vapor?

Mac puxou Sylvia para perto e a beijou.

– Eu vou para qualquer lugar, de qualquer jeito, por qualquer caminho, desde que esteja com você.

Sylvia colocou as mãos dentro da calça dele e apalpou o seu bumbum.

– Você parece um deus grego... – sussurrou ela. – E está com um excelente bronzeado.

No Museu de Arte Moderna a primeira coisa que eles viram foi o famoso *Monograma* de Rauschenberg, um bode angorá empalhado com um pneu branco de carro ao redor do corpo.

Mac entrou em êxtase quando viu a obra ao vivo.

– Eu acho que isso é um autorretrato – disse, deitando-se no chão ao lado da vitrine que continha o bode. – Rauschenberg se via como um animal maltratado na cidade grande. Veja onde ele está, em cima de uma massa de objetos encontrados, recortes de jornais sobre astronautas, equilibristas e a merda da Bolsa de Valores.

Seu entusiasmo fez Sylvia sorrir.

– Acho que todas as “combinações” dele são uma espécie de narrativa sobre a cidade grande – disse ela. – Talvez ele quisesse expressar algo sobre o impulso dos seres humanos de dominar novos ambientes.

Quando Mac terminou a sua veneração à obra, eles foram ver as obras suecas.

No fundo do museu, passando por um corredor comprido e dois menores, eles encontraram o tema dos próximos assassinatos.

- Perfeito – declarou Mac.
- Agora só precisamos encontrar duas pessoas apaixonadas – disse Sylvia.
- Apaixonadas como nós.

# Capítulo 7

Dessie Larsson empurrou sua bicicleta pelo saguão do prédio antigo e a prendeu com uma corrente no cano de escoamento do pátio.

A pedalada pelo centro de Estocolmo não aliviou seu mal-estar. O interrogatório intenso havia tomado a maior parte de seu dia. A polícia passou por cada artigo que ela escreveu desde que o primeiro assassinato foi cometido em Florença, oito meses antes.

Nenhum deles trazia uma explicação quanto à escolha dela por parte dos assassinos.

O superintendente Duvall parecia completamente frustrado ao liberá-la.

Dessie voltou para o saguão, ignorou o elevador e subiu de escada até o terceiro andar. As janelas em mosaico deixavam a escadaria sombria na meia-luz e os passos de Dessie ecoavam pelas paredes de pedra.

Ela estava prestes a chegar na porta do seu apartamento, já tirando as chaves da mochila quando parou. Havia um homem na sombra, em frente à porta do seu vizinho. Ela abriu a boca para gritar, mas nenhum som saiu.

– *Dessie Larsson?*

Ela derrubou as chaves, que caíram no chão de mármore com um baque. Sua boca estava seca e as pernas prontas para correr. O estranho tinha barba e cabelos compridos, e ainda cheirava mal. Quando colocou a mão dentro da jaqueta, Dessie sentiu os joelhos prestes a ceder.

*Eu vou morrer.*

*Ele vai pegar uma faca de açougueiro e cortar a minha garganta.*

*E eu nunca descobri quem é o meu pai.*

O homem estendeu algo redondo em sua direção, um distintivo azul e amarelo.

– Meu nome é Jacob Kanon – disse ele, em inglês. – Peço desculpas por tê-la assustado. Eu trabalho na unidade de homicídios na 32ª delegacia de Manhattan, em Nova York.

Ela olhou para o objeto em sua mão. *Aquilo era um distintivo da polícia americana?* Ela só tinha visto distintivos americanos na televisão. Aquilo parecia algo que poderia ser encontrado com facilidade em qualquer loja de brinquedos.

– Você fala inglês? Você está me entendendo?

Dessie olhou para ele e assentiu. O homem não era mais alto do que ela, mas tinha ombros largos e bíceps fortes.

E estava entre Dessie e a escada.

Ele tinha uma presença imponente, mas dava a impressão de ter perdido peso nos últimos tempos. Os jeans tinham escorregado um pouco para baixo e estavam pendurados nos quadris estreitos. A jaqueta de camurça era de boa qualidade, mas estava amarrotada, como se ele a usasse para dormir.

– É muito importante que você ouça o que eu tenho para dizer.

Dessie olhou com cuidado para os olhos dele, de um azul vivo e reluzente. A cor era o oposto do resto do homem.

– Eles estão aqui e vão matar de novo.

## Capítulo 8

Jacob sentiu a adrenalina passar como arame farpado por suas veias.

Ele nunca tinha chegado tão rápido, só um dia depois deles, e antes dos assassinatos acontecerem, antes das fotografias dos cadáveres, antes de eles pegarem o voo para outra cidade.

– Eu tenho que pensar em um jeito de entrar na investigação – disse ele. – Imediatamente. Neste maldito instante.

A repórter tropeçou e usou a parede para se equilibrar. Seus olhos estavam arregalados e alertas. Não fora essa a intenção, mas ele tinha deixado Dessie muito assustada.

– Se os assassinos entraram em contato comigo, quem entrou em contato com você?

Sua voz estava sombria, um pouco rouca. Ela falava inglês perfeitamente, mas com um sotaque esquisito. Ele a observou em silêncio por alguns segundos.

– Quem a entrevistou? – perguntou Jacob. – Qual é o nome dele e em que unidade está? O caso já tem um promotor envolvido? Que medidas de segurança foram tomadas? *Alguém vai morrer aqui em Estocolmo.*

A mulher recuou mais alguns passos.

– Como você sabe que eu recebi o cartão? Como você sabia onde eu moro?

Jacob a observou com cuidado. Não havia razão para mentir.

– Berlim – respondeu. – A polícia alemã. A *deutsche polizei* me disse que outro cartão-postal tinha sido enviado para uma Dessie Larsson em Estocolmo. Eu vim na mesma hora. Acabei de chegar do aeroporto.

– E o que você quer de mim? Eu não posso ajudar. Eu não sou ninguém.  
Ele deu um passo na direção de Dessie e ela deu um passo para o lado. Ele parou.

– Eles precisam ser detidos. Essa é a minha melhor chance até agora... Eles escolheram você. Então você é alguém, sim.

## Capítulo 9

— **E**u estou seguindo esses carneiros desde os assassinatos em Roma, no último Natal – disse Jacob, enquanto olhava pela janela em mosaico. A luz enfraquecida do sol estava movendo pontos vermelhos, verdes e azuis pelos degraus de mármore.

Ele cobriu os olhos com as mãos. As cores cintilavam no seu cérebro.

– Às vezes eu acho que estou logo atrás deles. Às vezes eles passam do meu lado, tão perto... tão perto que eu quase sinto eles respirarem.

– Como você me encontrou?

Ele olhou de novo para Dessie. Ela era diferente dos outros contatos. Era mais jovem, tinha uns 30 anos, e parecia menos tensa. Além disso, tirando a repórter em Salzburgo, com quem ele ainda não tinha conseguido falar, os outros repórteres eram todos homens.

– Eu consegui o seu endereço na lista telefônica. O táxi me deixou na porta do prédio. Como eu disse, sou um detetive.

Ele entrelaçou os dedos, frustrado.

– Você precisa entender como isso é importante. Até onde a polícia chegou? Eles fizeram contato com os alemães? Peça para eles *entrarem em contato com Berlim*, o melhor detetive de lá se chama Günther Bublitz. Ele é um bom homem. E se importa.

A mulher baixou a cabeça, observando-o por trás dos cabelos. Seu medo parecia ter diminuído e o seu olhar agora estava firme e calmo. Ela era impressionante, à sua maneira.



– Esta é a minha casa – disse, por fim. – Se você quiser falar sobre o cartão-postal, os assassinos ou a operação policial, vai ter que me encontrar no meu escritório amanhã.

Ela inclinou o rosto na direção da escada.

– Sei que você consegue encontrar a saída, detetive. Pode pegar o endereço na lista telefônica.

Ele deu um passo em sua direção e Dessie prendeu o fôlego.

– Eu estou perseguindo esses filhos da puta há seis meses – disse ele, quase baixo demais para ser escutado. – Ninguém sabe mais sobre eles do que eu.

De costas para a parede, ela passou pelo detetive e pegou as chaves no chão, segurando-as com força.

– Você tem a aparência e o cheiro de um depósito de lixo. Além disso, não tem nenhuma autoridade sobre a polícia sueca. Você está só perseguindo esses assassinos. Desculpe, mas isso parece um pouco... obsessivo.

Ele ajeitou o cabelo para trás e fechou os olhos.

*Obsessivo? Ele estava obsessivo? Claro que estava.*

Jacob visualizou a Polaroid, as mãos do casal, os dedos lindos que quase se tocavam. O sangue que tinha escorrido pelos seus braços e se aglomerado ao redor das unhas.

*– Eu te amo, pai! Vejo você no Ano-Novo!*

Ele abriu os olhos e a encarou.

– Eles mataram a minha filha em Roma – explicou. – Cortaram a garganta de Kimmy e Steven em um quarto de hotel em Trastevere. Então, sim, estou obsessivo. E eu vou persegui-los até o inferno congelar.

# Capítulo 10

Dessie deu duas voltas na tranca da porta, escutando os passos pesados do homem se afastando escada abaixo, e soltou um profundo suspiro.

Era sexta-feira à noite e ela estava sozinha mais uma vez. E, para piorar as coisas, tinha acabado de tomar um enorme susto de um detetive americano que havia perdido a filha em circunstâncias trágicas.

Ela tirou o tênis, pendurou o casaco e deixou o capacete na chapeleira. Tirou o resto das roupas no caminho para o banheiro e entrou no chuveiro.

*Jacob Kanon*, pensou Dessie. O homem não queria machucá-la, isso tinha ficado claro. O que teria acontecido se ela o tivesse convidado para entrar? O que ela teria perdido? Será que conseguiria uma notícia para divulgar?

Dessie afastou os pensamentos inúteis. Ligou o chuveiro e deixou a água gelada escorrer por seu corpo até os dedos do pé começarem a perder a sensibilidade e a pele arder. Depois, enrolou-se em um roupão de banho comprido e atravessou o chão de azulejos da sala de estar, afundando no sofá. Ela pegou o controle da televisão, mas não apertou nenhum botão.

Por que os assassinos a escolheram? Que merda tinha feito? Ela não era nenhuma repórter famosa.

Será que eles estavam na cidade naquele momento?

Estariam atrás das suas próximas vítimas ou já teriam começado o trabalho? Será que as fotografias dos cadáveres já tinham sido enviadas?

Ela se levantou do sofá e foi para a cozinha. Na geladeira havia apenas cenouras murchas e um tomate bolorento. Meu Deus. Ela realmente precisava fazer compras.

Voltar para casa costumava deixá-la totalmente calma e relaxada. Mas não essa noite.

O apartamento ficava na Urvädersgränd, uma velha rua na ilha de Södermalm, bem no coração do distrito que costumava ser povoado por trabalhadores, mas que, pouco tempo atrás, havia sido transformado em uma área com casas acima do preço para a classe média moderna. Um dos maiores poetas da Suécia, Carl Michael Bellman, tinha morado no prédio vizinho por quatro anos durante os anos 1770. Ela tentou sentir os ventos da história.

Essa noite não estava ventando. Mais uma sexta-feira em casa. Por quê?

Dessie foi até o aparelho de som e colocou um CD do Rammstein, uma banda de hard rock alemão. *Du, du hast, du hast mich...*

Ela se sentou e encarou o telefone. Até que era um bom motivo para fazer aquela ligação.

Dessie não estava solitária nem abandonada. Tinha acabado de deixar passar a oportunidade de chamar um homem para dentro do seu apartamento, um homem sujo e com a barba por fazer, é verdade, mas um homem. Não estava nem um pouco desesperada, certo?

Ela pegou o telefone e ligou para Gabriella.

# Capítulo 11

**G**abriella atendeu com o seu resmungo de sempre.

– Oi – disse Dessie. – Sou eu.

Ela podia escutar a respiração de Gabriella.

– Não é o que você está pensando – explicou. – Eu não quero incomodar e não mudei de ideia...

– Eu estava esperando você ligar – disse Gabriella, em um tom estritamente profissional. – Mats Duvall me colocou na equipe de investigação hoje à tarde. Acho que nós duas podemos lidar com isso como adultas. Certo, Dessie?

Dessie soltou o ar. Tinha morado com a inspetora de polícia Gabriella Oscarsson por quase um ano. Talvez elas tivessem se amado, talvez não. Há três meses, Dessie rompeu o relacionamento e Gabriella saiu do apartamento. Não foi um término amigável.

– Você soube de algo? – perguntou Dessie. Na verdade, ela estava perguntando se já tinham aparecido cadáveres com as gargantas cortadas.

– Não. Ainda não.

*Ainda não. Então eles estão esperando algo. Eles acreditam que a história do cartão-postal é verdadeira.*

– Eu fui contatada por um policial americano hoje à noite. Jacob Kanon. Você sabe algo sobre ele?

– Ele tem trabalhado com os alemães – explicou Gabriella. – Mas confirmamos que ele trabalha para a polícia de Nova York e que sua filha foi uma das primeiras vítimas. Em Roma. Onde você disse que o encontrou?

Dessie deu um suspiro de alívio. O homem cheirava mal, mas estava dizendo a verdade.

– Ele me procurou.

– *Por quê?* Por que ele procurou você? O que ele queria com você? Ele foi até o seu apartamento?

Todas as velhas irritações tinham voltado, como um soco no estômago. Todas as perguntas, as insinuações, o mesmo tom acusador que a levaram a terminar com Gabriella.

– Eu não sei – respondeu Dessie, tentando parecer calma e no controle da situação.

– Nós estamos pensando em falar com ele para ver o que sabe – disse Gabriella. – Então pode entrevistá-lo, se quiser.

– Ok – respondeu Dessie, sentindo que já era hora de desligar.

– Mas a responsabilidade pelo caso é nossa, não de algum americano freelance – avisou. – E tome cuidado, Dessie. Eles são assassinos. Não são os seus ladrões e assaltantes de sempre.

# Capítulo 12

*Sábado, 12 de junho*

Sylvia Rudolph inclinou a cabeça para o lado e deu um sorriso lindo. Seus olhos brilhavam.

– Vocês precisam ver o nosso lugar favorito em Estocolmo. Eles têm os bolos mais maravilhosos e xícaras de chocolate quente do tamanho de banheiras.

O casal alemão riu. O grosso baseado que os quatro compartilharam estava começando a fazer efeito.

– Fica na Stortorget, uma pequena praça na Cidade Velha que tem uma história absurdamente dramática e incrível – disse Mac, passando o braço pelos ombros da mulher alemã. – O rei da Dinamarca, Cristiano II, executou toda a nobreza sueca lá em novembro de 1520.

– Mais de cem pessoas perderam a cabeça – acrescentou Sylvia. – O assassinato em massa ainda é chamado de “Banho de sangue de Estocolmo”.

A jovem alemã estremeceu.

– Que horror.

Mac e Sylvia trocaram um olhar rápido e sorriram.

– Horror? Isso vindo de alguém cujos antepassados começaram duas guerras mundiais?

O casal Rudolph se deu as mãos e andou rápido até o Börshuset, antigo prédio da Bolsa de Valores, onde ficava o museu do Prêmio Nobel. Os alemães seguiram, rindo e tropeçando.

Dentro da cafeteria, que se chamava Chokladkoppen, “A Xícara de Chocolate”, eles comeram pãezinhos de canela e tomaram suco de amora.

Sylvia não conseguia tirar os olhos da mulher alemã. Ela era incrivelmente linda. Infelizmente tinha cabelos loiros claros, quase platinados, mas dava para resolver isso.

– Ah, estou tão feliz por termos conhecido vocês – disse Sylvia, abraçando o alemão. – Eu *preciso* de um souvenir de hoje! Mac, você acha que o shopping ainda está aberto?

Mac suspirou, erguendo as sobrancelhas como sempre fazia nessa parte do roteiro.

– Ai, meu Deus – disse ele. – Isso vai sair caro.

O alemão pegou a carteira para pagar pelos doces, mas Mac o impediu.

– É por nossa conta!

# Capítulo 13

**E**les caminharam juntos até o cais, seguindo a água até a área verde na Kungsträdgården. Com larica, a alemã parou para comprar sorvete em um dos quiosques no caminho. Sylvia aproveitou a oportunidade para se aproximar do homem enquanto a namorada estava ocupada lambendo o sorvete.

– Ela é incrível. – comentou, gesticulando na direção da mulher, que, naquele momento, estava deixando o sorvete pingar sobre a roupa. – Se eu fosse você, daria um símbolo dos seus sentimentos a ela...

O alemão sorriu, um pouco inseguro. Ele também não era de se jogar fora. Parecia o vilão bem-apegoado de algum filme ou algo assim.

– Dos meus sentimentos? O que você quer dizer?

Sylvia o beijou no rosto e tocou no seu pulso esquerdo.

– Ela não tem um relógio bacana...

O grupo fez uma parada no banco depois que Sylvia sugeriu que tirassem um pouco de dinheiro. Ela ficou bem perto do jovem alemão e memorizou a senha que ele digitou no caixa.

O shopping NK estava lotado e, por isso, os dois casais tiveram que pegar uma senha na joalheria. Sylvia levou a alemã ao departamento de perfumes enquanto os homens escolhiam o relógio certo. Elas compraram dois frascos de *J'adore*, da Dior.

Quando a alemã abriu o presente, as duas mulheres deram vários gritinhos de entusiasmo.



Sylvia aproveitou para entrar em uma filial da Systembolaget, a rede estatal que tinha um monopólio sobre a venda de álcool na Suécia, e comprar duas garrafas de Moët & Chandon.

– Isso merece uma comemoração! – afirmou, passando o braço pela cintura do alemão. – Quero tomar essas garrafas em algum lugar onde a gente possa ficar a sós.

O homem pareceu um pouco confuso, mas ficou interessado.

Sylvia deu uma risada tranquila.

– Quer dizer, nós quatro – explicou. – Vocês conhecem algum lugar aonde podemos ir?

Ele olhou para os seios volumosos de Sylvia e engoliu em seco, antes de assentir.

– Nós estamos alugando uma casa no arquipélago. Na verdade, nosso carro alugado está num estacionamento aqui perto.

Sylvia o beijou nos lábios, passando a língua por seus dentes da frente.

– Então o que estamos esperando? Vamos para a sua casa.

# Capítulo 14

A sala de reuniões ficou quase abandonada na hora do almoço.

Forsberg, o editor, estava sentado mordiscando a ponta de uma caneta esferográfica e lendo telegramas. Dois investigadores forenses inquietos tinham se acomodado na sala de correspondências para interceptar cartas que os assassinos pudessem ter enviado.

Dessie estava em sua mesa, na frente de uma pilha de documentos sobre os assassinatos cometidos ao redor da Europa no decorrer dos últimos oito meses. Tinha chegado às sete horas naquela manhã e foi instruída a ficar até a chegada da última remessa postal, que viria em algum momento no fim da tarde. Ela havia concordado em compilar um resumo dos assassinatos, que seria usado como base na história de outro repórter.

O caso em Berlim, o mais recente, era o mais trágico para ela. Embora os artigos não explicassem detalhadamente, estava claro que os assassinos não se contentaram apenas em matar os australianos.

Eles mutilaram os corpos do casal.

Ela pegou outro artigo para ler, agora de um jornal espanhol. Os assassinatos em Berlim pareciam uma réplica daqueles cometidos em Madri, com exceção da parte sobre as mutilações. Um casal americano, Sally e Charlie Martinez, foi encontrado com as gargantas cortadas em um quarto do Hotel Lope de Vega. Eles estavam na Espanha em lua de mel. O cartão-postal tinha sido enviado ao jornal *El País* e retratava a arena de touradas em Las Ventas.

Ela se debruçou sobre a imagem granulada.

Parecia um prédio redondo com duas torres, ambas com uma bandeira no topo. Havia alguns carros e pedestres na foto. Ela não encontrou nenhuma informação sobre o que tinha sido escrito na parte de trás do cartão.

– Como estão as coisas, Dessie? Já pegou eles?

– Está com ciúmes? – perguntou, olhando para Alexander Andersson, o conhecido repórter sensacionalista do jornal.

Andersson sentou-se em cima da mesa, à vontade. Sua bunda estava amassando todos os documentos que ela havia trazido.

– Tenho me perguntado sobre uma coisa – disse ele, com a voz tranquila. – Por que os assassinos enviaram o cartão justamente para você?

Dessie arregalou os olhos de surpresa, zombando de Andersson.

– Meu Deus... Você é mesmo bom. Pensou nessa pergunta sozinho?

O sorriso de Andersson endureceu um pouco.

– As pessoas não costumam ler nada do que você escreve – disse ele –, é um pouco surpreendente...

Dessie suspirou e decidiu que não ia ficar irritada. Pegou uma cópia da última edição do jornal. Não havia nada sobre o cartão-postal. Andersson se afastou sem dizer mais nada.

A direção do jornal, depois de sofrer bastante pressão por parte da polícia, decidiu não publicar os detalhes, mas Andersson foi descuidado e escreveu um artigo sobre os assassinatos ao redor da Europa mesmo assim. Continha muitas palavras fortes, como *terrível* e *desagradável* e *massacre*, mas poucos fatos.

Dessie baixou o jornal.

*Eu estou perseguindo esses filhos da puta há seis meses. Ninguém sabe mais sobre eles do que eu.*

Por que Jacob Kanon não entrara em contato com ela até agora? Na véspera ele parecia tão ansioso para conversar.

Ela alongou as costas e passou os olhos pelo escritório.

Provavelmente ele desistiu depois do comportamento dela, sempre muito brusca e não deixando ninguém se aproximar. Dessie desconsiderou os seus

sentimentos, pensando que aquilo era ridículo, e voltou a folhear os documentos.

Ela passou os dedos por cima das fotos das vítimas.

As vítimas em Roma.

Era ela, antes de ser assassinada. Sorridente, tímida, cabelo claro encaracolado.

Tinha os olhos azuis reluzentes do pai...

# Capítulo 15

O vento tinha diminuído quando eles saíram no sol forte do lado de fora da casa que os alemães haviam alugado no arquipélago. Iates com velas brancas passavam devagar pela água e Sylvia acenou para um homem de idade pilotando um grande barco.

Mac encheu os pulmões de ar e alongou os braços na direção das ilhas, das árvores, da água e da luz intensa do sol.

– Isso é maravilhoso! – exclamou ele. – Eu amo a Suécia! Acho que este é o meu país favorito até agora.

Sylvia sorriu e jogou as chaves do carro para ele.

– Você consegue achar o caminho daqui?

Mac riu alto. Ele largou a mochila no banco de trás do carro alugado, colocou um novo par de luvas de látex, sentou-se no banco do motorista e ligou o carro. Quando eles pegaram a esquerda na pista de cascalho, Sylvia abriu a janela para deixar o ar fresco entrar.

Embora fosse esparsa, a paisagem era linda e elegantemente minimalista. O verde das árvores no caminho ainda era pálido, quase transparente, mas o céu estava azul e limpo. Flores recém-brotadas do solo congelado balançaram quando o carro passou por elas.

Eles passaram por dois carros logo antes de atravessarem a ponte que levava ao continente. Nenhum motorista pareceu prestar muita atenção neles.

– Hoje vai ter festa – comentou Sylvia, acariciando o pescoço de Mac. – Você está animado?

– Eu quero você, aqui e agora – sussurrou ele sensualmente.

Ela passou a mão por sua virilha, sentindo a ereção.

Quando eles chegaram à estrada que levava para o norte, na direção de Estocolmo, Sylvia colocou um novo par de luvas. Ela pegou a mochila no banco traseiro e começou a vasculhar os pertences dos alemães mortos.

– Olha isso – disse ela, pegando uma câmera digital ultramoderna. – Uma Nikon D3X. Bem legal.

Ela analisou as joias da mulher.

– Boa parte é porcaria sentimental, mas este anel de esmeralda é bom. Acho.

Sylvia ergueu o anel contra a luz do sol e examinou o brilho da gema.

– Ele tinha um Amex platinum – disse Mac, olhando de relance para as coisas espalhadas pelo piso do carro e sobre o colo de Sylvia.

– Ela também – disse Sylvia, mostrando o cartão metálico.

Mac sorriu.

– E também temos o relógio Ômega, claro. – Sylvia lembrou, mostrando com satisfação o presente mais recente da alemã. – E está na embalagem original!

– Aquele pão-duro queria comprar um Swatch para ela.

Eles começaram a rir ao passarem pelo centro comercial de Estocolmo.

– Estamos de volta – disse Sylvia, em uma voz sinistra.

# Capítulo 16

**T**rinta e cinco minutos depois, Mac fez uma curva e entrou no estacionamento do aeroporto de Arlanda. Só para garantir, Sylvia passou um lenço pelas superfícies que eles talvez tivessem tocado: os botões que controlavam as janelas, o painel e o assento de Mac.

Em seguida, deixaram o carro em meio a milhares de outros veículos, um Ford Focus cinza-escuro que até eles perderam de vista depois de se afastarem uns poucos metros. Provavelmente ficaria lá por semanas até que alguém reparasse nele.

O ônibus gratuito que os levou até o terminal estava quase vazio. Sylvia sentou-se em um dos bancos e Mac ficou ao seu lado, a mochila no colo. Ninguém prestou atenção neles. Por que prestariam?

Eles saíram no Terminal Internacional 5 e foram direto para o salão de embarque.

Sylvia andou uma boa distância até perceber que Mac não estava logo atrás dela. Onde ele tinha se enfiado? Ela voltou pelo caminho todo e o encontrou parado, olhando para um dos telões em que os voos eram anunciados.

Sylvia foi até ele, apressada.

– Querido, o que você está fazendo?

Os olhos cinza-claros de Mac encaravam fixamente os destinos piscando na tela.

– Nós podíamos pegar um avião.

Sylvia colocou a língua na orelha dele.

– Vamos, amor – disse ela em voz baixa. – Ainda temos muita coisa para fazer. Hoje é dia de festa!

– Nós podíamos ir para casa – sugeriu Mac. – Nossa brincadeira podia acabar agora. Saímos enquanto estamos ganhando e nos aposentamos como lendas.

Ela passou o braço pela cintura dele e soprou suavemente em seu pescoço.

– O trem sai em quatro minutos – disse Sylvia. – Você. Eu. Vamos embarcar.

Ele se deixou conduzir para as escadas rolantes que desciam até a estação subterrânea, levando à plataforma. Sylvia só o soltou depois das portas se fecharem, quando o trem expresso começou a partir para o centro de Estocolmo.

– Lendas... – disse ela. – Sempre morrem jovens. Mas nós não.



# Capítulo 17

*Domingo, 13 de junho*

Um segurança se levantou no cubículo de vidro à esquerda de Jacob. Ele pressionou um botão e disse algo incompreensível em uma voz metálica, alterada pelo interfone.

– Eu não falo sueco. Você pode avisar Dessie Larsson que estou aqui?

– Do que se trata?

– Os assassinatos dos cartões-postais – respondeu, erguendo o distintivo da polícia de Nova York. – Sou da unidade de homicídios.

O homem encolheu a barriga e ajustou as calças largas.

– Espere um pouco, pode se sentar.

Ele indicou a fileira de bancos de madeira ao lado da porta.

Chovia e a água trazida de fora tinha deixado o chão de pedra no saguão do *A onposten* escorregadio.

Jacob se desequilibrou e deu dois passos trôpegos antes de recuperar o prumo e a dignidade. Ele endireitou os ombros, imaginando se já estaria completamente sóbrio. Com um gemido, sentou-se no banco mais próximo. A madeira estava dura e fria.

Ele tinha que se recompor. Durante todos aqueles anos cuidando de Kimmy, Jacob nunca se deixou afundar tanto. O dia anterior se desfez em uma névoa de vodca e aguardente. Os suecos também tinham algo chamado *brännvin*, um destilado feito de batatas que era pura dinamite.

Torcendo para não estar prestes a passar mal, ele apoiou a cabeça nas mãos. Os assassinos não estavam longe. Mesmo sentindo-se tão confuso sobre muitas coisas, ele sabia que estavam próximos.

Ainda estavam à solta pelas ruas da cidade, escondidos na chuva, e provavelmente já tinham encontrado as próximas vítimas. Se já não cometeram mais um assassinato...

Jacob estremeceu e percebeu que estava molhado e com frio. Suas mãos estavam imundas. Não havia chuveiro em seu quarto no albergue e ele não tinha se dado ao trabalho de procurar o banheiro comunitário. O prédio o deprimia. Era uma antiga prisão e o seu quarto era uma cela dos anos 1840 que Jacob compartilhava com um poeta finlandês. Os dois tinham se espremido na cama de baixo do beliche e compartilhado a vodca, a aguardente e o *brännvin*. Depois o poeta foi para a cidade dançar tango em algum canto.

Jacob passou o resto da noite vomitando em um balde e se sentindo um lixo. Não havia álcool suficiente no país para afogar as lembranças do assassinato de Kimmy.

Ele bateu na testa com os punhos.

Bem agora que estava tão perto dos filhos da puta, suas fraquezas começavam a dominá-lo.

Ele se levantou com cuidado e voltou para o cubículo de vidro. As solas dos seus sapatos, um pouco mais secas, aderiram melhor ao chão.

A caixa de vidro estava vazia. O guarda tinha ido para algum outro lugar. *Merda*. Colocando as mãos em volta dos olhos, ele tentou ver a sala da redação do outro lado do vidro. Não parecia haver ninguém ali.

Que espécie de lugar era esse? Não devia ser um jornal?

Ele caminhou de volta para o posto de segurança e tocou a campainha. Nenhuma resposta, ninguém por perto. Apertou a campainha e a manteve pressionada. O guarda finalmente apareceu, segurando uma xícara de café em uma das mãos e um saco de salgadinhos na outra.

– Oi! – disse Jacob. – *Será que você pode, por favor, ligar para Dessie Larsson e dizer que eu estou aqui?*

O guarda olhou de relance para ele, antes de dar as costas e começar uma conversa com alguém que Jacob não conseguia ver.

Ele bateu no vidro com a palma da mão.

- Oi! – berrou Jacob. – Vamos logo! É uma questão de vida ou morte!
- Você chegou tarde demais – disse uma voz atrás dele.

Jacob se virou e viu a jornalista parada na escadaria. Seu rosto estava pálido e os olhos verdes mostravam cansaço. Tinha olheiras profundas.

- A foto chegou hoje de manhã – disse ela. – A equipe forense já levou para análise.

Ele andou na direção dela e abriu a boca, mas não conseguiu falar nada.

- Um homem e uma mulher tiveram as gargantas cortadas – disse Dessie Larsson.

# Capítulo 18

Dessie abriu a porta para a sala da redação com o seu cartão e senha.

– Eu não vou oferecer nada para beber. Se tivesse aparecido ontem, talvez conseguisse um café, mas perdeu a chance. Por aqui...

Ela seguiu para a direita e atravessou o escritório, caminhando na direção de sua mesa.

– Não vim aqui pelo café – disse Jacob atrás dela. – Os corpos foram encontrados?

Ele estava mal-humorado e tinha um cheiro terrível. Não era a melhor pessoa para se apresentar aos amigos.

– Ainda não – respondeu Dessie. – Que tal nos dar algum tempo? Assassinato é um pouco menos comum aqui do que em Nova York. Nossa especialidade é suicídio.

Ela se sentou atrás da mesa e apontou para a cadeira bamba de metal à sua frente.

– Quando a carta foi postada? – perguntou.

– Ontem à tarde, no correio central de Estocolmo. Não costumamos receber cartas no domingo, mas a polícia exigiu uma entrega especial.

Ele se sentou na cadeira e inclinou o corpo para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Você viu a foto? – perguntou ele. – O que aparecia? Algo específico? Algo que pudesse identificar a cena do crime?

Dessie olhou com atenção para o homem à sua frente. Sua aparência era ainda pior à luz do dia do que na penumbra da escadaria do seu prédio.

Estava descabelado e com as roupas imundas. Mas os olhos azuis queimavam com uma intensidade que iluminava o seu rosto inteiro. Havia algo nele que Dessie gostava. Talvez a intensidade. Provavelmente era isso.

– Só uma fotografia, nada mais.

Ela desviou o olhar ao passar uma cópia da foto para o homem. Jacob Kanon pegou a imagem com as duas mãos e encarou os cadáveres. Dessie tentou parecer calma e inalterada. Violência não costumava perturbá-la, mas isso era diferente.

As vítimas eram tão jovens e suas mortes tão frias e calculadas, tão desumanas.

– Móveis claros, fundo claro, pessoas loiras... Hum... Eles levaram o envelope?

Dessie engoliu.

– O pessoal forense? Claro que sim.

– Você tem uma cópia?

Ela mostrou uma fotocópia do envelope retangular comum. O endereço tinha sido escrito de maneira caprichada, com letras de forma.

DESSIE LARSSON  
AFTONPOSTEN  
115 10 ESTOCOLMO

Dessie olhou com desconforto para o seu próprio nome.

– Eles não vão encontrar nada – disse Jacob. – Esses assassinos não deixam digitais e não lambem os selos. Havia algo no verso?

Ela balançou a cabeça.

Jacob pegou a foto dos corpos.

– Posso ficar com uma cópia disso?

– Vou imprimir outra para você – respondeu Dessie, selecionando o comando em seu computador e apontando para uma impressora um pouco distante. – Enquanto isso, vou pegar um café. Está servido?

– Achei que tivesse perdido a minha chance – respondeu Jacob, indo até a impressora atrás da cópia.

Dessie foi até a máquina de café com uma sensação crescente de irrealidade. Ela escolheu um café com leite para si e pegou um café escuro extraforte para o americano. Ele parecia precisar.

– Eles vão cometer um erro em algum momento – disse Jacob, pegando o café. – Mais cedo ou mais tarde, eles vão ficar preguiçosos, confiantes demais ou simplesmente vão ter azar. Não deve demorar muito.

Dessie empurrou o café terrível para longe e fixou o olhar no americano.

– Eu tenho muitas perguntas, mas gostaria de começar com esta: por que eu? Por que eles me escolheram? Você parece ter várias respostas. Você sabe por quê?

Naquele instante, o celular dela começou a vibrar. Dessie olhou para a tela.

*Gabriella chamando*

– É alguém da equipe policial.

– Atenda, então!

Ela pegou o celular e virou a cadeira, ficando de costas para Jacob.

– Parece que encontramos as vítimas – disse Gabriella. – Um casal alemão em Dalarö. Está uma bela bagunça por aqui.

# Capítulo 19

**D**essie respirou fundo.

- Quem os encontrou? – perguntou ela em sueco.
- A faxineira – respondeu Gabriella. – Temos uma patrulha no local agora.
- Eles encontraram as vítimas? – perguntou Jacob.

Dessie deu as costas para o americano de novo, girando o corpo.

- Você tem certeza que é o casal da foto? – perguntou ela.
- Eles encontraram, não é? – perguntou Jacob, irritado.
- Quem está com você? – perguntou Gabriella.
- O legista vai encontrar vestígios de várias substâncias diferentes no sangue das vítimas – disse Jacob em voz alta, bem perto do telefone. – Um pouco de tetra-hidrocanabinol e álcool, mas também uma droga que vai ser identificada como...

– Onde ocorreram os assassinatos? – perguntou Dessie, colocando o dedo no ouvido para afastar o som do americano barulhento.

– Estou preocupada com você – disse Gabriella. – Esses assassinos são sérios. Quero que você tome bastante cuidado.

Jacob Kanon agarrou a cadeira de Dessie e a girou até os seus joelhos ficarem entre os dele.

– *Pegue o endereço!* – pediu ele, olhando bem nos olhos dela. – Pegue o endereço da cena do crime agora mesmo.

– Qual é o endereço da cena do crime? – perguntou Dessie, afobada, sentindo o calor das pernas dele através do tecido fino de sua calça.

– Você está no jornal? É o americano doido?

A voz de Gabriella voltou a ficar estridente e acusadora.

– O que ele está fazendo aí? Você o deixou entrar na sala da redação? Por quê?

Dessie evitou os olhos azuis brilhantes do homem, sentindo a sua irritação com Gabriella borbulhar. Ela estava muito perto de começar a gritar.

– O endereço, Gaby. Isso é um jornal e esses assassinatos são notícia. Nós temos que enviar alguém para lá.

– O quê? Desde quando *you* é uma jornalista implacável?

Uma teimosia que deveria ter desaparecido quando Dessie tinha 3 anos brotou dentro dela e fez suas bochechas queimarem.

– Você prefere lidar com Alexander Andersson? Posso providenciar isso.

Gabriella Oscarsson deu o endereço em Dalarö.

– O que quer que você faça – disse ela bruscamente –, não traga o americano.

Então desligou.

Dessie baixou o celular. Jacob Kanon soltou a cadeira e deu um passo para trás.

– Onde é? Onde é a cena do crime?

– A 45 minutos daqui – respondeu Dessie, olhando para o relógio. – Para o sul, em uma ilha.

Ela deu a volta pela mesa, colocou a mochila nas costas, pegou uma caneta e um bloco de notas e parou na frente de Jacob Kanon.

– Vamos?



## Capítulo 20

Tinha parado de chover, mas o asfalto ainda estava úmido. Os pneus do Volvo cantaram quando Dessie saiu do estacionamento do jornal, passando por cima das poças de água em frente à garagem. Ela freou na entrada principal e abriu a porta do carona para Jacob.

Quando fechou a porta, o fedor do homem ficou insuportável.

– Meu Deus... – disse ela, abrindo a janela. – Vocês não aprendem a usar sabão e água na América?

Ele colocou o cinto de segurança.

– Vamos chegar lá bem rápido. Essa sua fonte é boa.

Dessie engatou o carro e arrancou. Ela demorou um pouco para responder.

– Ela é minha ex.

O americano ficou quieto por um momento.

– Sua ex, você diz...?

– Ex-namorada, sim – respondeu Dessie, prestando atenção no trânsito.

Por que era tão difícil falar sobre isso?

Ela pisou fundo para evitar um sinal vermelho. Depois olhou para cima, vendo se as nuvens estavam dando algum sinal de trégua. Não, não estavam. Ela ligou o rádio do carro. “Gentle Favorites” estava tocando. Dessie tentou acompanhar a música, mas não sabia metade da letra.

– E você? Tem uma garota? – perguntou ela, para quebrar o gelo.

– Tinha – respondeu Jacob, olhando pelo para-brisa.

– Se você tomasse um banho de vez em quando, talvez ela tivesse ficado.

– Ela foi assassinada. Em Roma.

*Merda, merda, merda, que imbecil que ela era.*

– Desculpe – disse ela, olhando para a frente.

– Não se preocupe – respondeu ele. – Kimmy era a minha família. Éramos só ela e eu.

*Então, o que aconteceu com a mãe?*, pensou Dessie, mas decidiu ficar quieta.

Eles seguiram para o sul pela Rota 73 em silêncio, passando por Tyresö e pelo imenso subúrbio de Brandbergen. O americano se inclinou para a frente, observando os imensos e horrorosos prédios de concreto.

Dessie acompanhou com atenção as placas e encontrou a saída para Jordbro. A estrada desapareceu, substituída por uma via secundária, a 227.

Estavam quase lá.

Ela sentiu seus batimentos ficarem mais rápidos. Dessie já tinha visto muitas cenas de crime. Estava acostumada com portas arrombadas e gavetas derrubadas, mas nunca esteve presente nos locais de assassinato. Muito menos mortes tão violentas.

– Quando chegarmos lá, que tipo de coisa vamos ver?

Jacob Kanon olhou para ela. Seus olhos faiscaram.

– Sangue. Mesmo quantidades pequenas de sangue parecem imensas quando estão espalhadas por móveis e pelo chão. Sabe a mancha na parede quando você esmaga um mosquito? É pior, muito pior.

Dessie segurou o volante com mais força e pegou a direita fechada na direção de Björnö.

# Capítulo 21

A casa onde o assassinato ocorreu ficava no litoral, voltada para a ilha de Edesö. Dessie não queria estar ali. A casa era pequena, comum e amarela, com detalhes esculpidos na varanda e uma pequena torre hexagonal com uma flâmula no topo. Uma cerca branca e bétulas, que tinham acabado de ficar verdes, cercavam a casa e calêndulas acompanhavam a pista de cascalho que levava ao portão.

Havia um policial passando uma fita de isolamento ao redor do local. Outro agente falava no celular ao lado da casa.

Dessie parou na cerca. Ela ergueu sua câmera digital compacta e tirou algumas fotos da casa. Jacob Kanon passou ao seu lado, abriu o portão e passou por baixo da fita de isolamento.

– Espere... – pediu Dessie, guardando a câmera no bolso. – Você não pode...

– Você aí! – O policial que estava enrolando a fita em uma árvore gritou. – Você não pode passar, está fechado para o público.

Jacob Kanon ergueu o distintivo sem parar de andar, seguindo com pressa na direção da casa.

Dessie já estava quase correndo atrás dele, as pernas trêmulas.

– Jacob, pare!

– Departamento de Polícia de Nova York – disse Jacob. – Eles querem falar comigo sobre a investigação. Está tudo preparado.

O policial no celular encarou os dois, mas não largou o aparelho.

– Jacob! – gritou Dessie. – Eu não sei se...

O americano seguiu em frente e subiu na varanda. Ele deu uma olhada rápida ao redor e tirou os sapatos.

A porta externa estava aberta. Jacob parou na soleira. Dessie o alcançou e instintivamente cobriu o nariz e a boca com a mão livre.

– Mas que... que cheiro é esse?

## Capítulo 22

Uma porta à direita dava para uma pequena cozinha. Na frente e à esquerda alguém se movia, fazendo o assoalho ranger.

– Olá, meu nome é Jacob Kanon, sou um agente americano de homicídios com informações sobre este caso. Só sei falar inglês. Estou entrando na cena do crime agora.

Dessie tirou os sapatos, desajeitada, ainda cobrindo o nariz e a boca, tentando desesperadamente não vomitar. Ela viu Jacob colocar um par de luvas finas que tirou do bolso da jaqueta e abrir a porta.

Parada atrás dele, Dessie viu Mats Duvall, o superintendente que a interrogara na sexta-feira, os encarando. Ele vestia um terno cinza-claro com uma camisa lilás e uma gravata vermelha. Segurava um smartphone.

Gabriella estava ao lado da janela, escrevendo algo em um caderno. Lá fora, no mar, um iate passava.

– Que merda...? – perguntou Gabriella, dando dois passos rápidos na direção deles.

Jacob ergueu o distintivo.

– Eu não estou aqui para sabotar as coisas – disse ele rapidamente. – Tenho informações importantes que vão ajudar a sua investigação. Eu sei mais sobre esses assassinos do que qualquer outra pessoa.

Ele deu um passo para o lado, deixando Dessie entrar na sala de estar. De repente, ela parou e viu o sofá. *Meu Deus, meu Deus do céu.*

Os corpos ensanguentados ainda estavam sentados. O sangue que cobria os cadáveres era escuro, quase preto. Tinha escorrido para o chão e descido

pelas rachaduras na madeira, até ser sugado pelo carpete colorido. Os cabelos louros-claros da mulher caíam sobre os seus seios, enrijecidos por causa do sangue.

O homem estava deitado sobre o seu colo, meio no chão, igual à fotografia. A abertura em sua garganta parecia uma caverna, pensou Dessie. A lesão na traqueia tinha sido tão violenta que a cabeça quase se separara do corpo.

Dessie sentiu sua pressão descendo até os pés e agarrou Jacob para não cair.

– Então você é Jacob Kanon – disse Mats Duvall, avaliando o americano de cima a baixo. – Ouvi falar de você.

Seu tom não era agressivo, apenas curioso.

– Você vai encontrar pelo menos uma garrafa de champanhe em algum lugar da casa – disse Jacob –, provavelmente Moët & Chandon. Quatro taças. Duas terão traços de ciclopentolato. É um relaxante muscular usado para dilatar a pupila em exames oculares.

Gabriella atravessou a sala rapidamente e parou ao lado de Jacob Kanon.

– Você está invadindo uma cena de crime – afirmou ela e apontou para a porta. – Saia daqui!

– *Colírio?* – perguntou Mats Duvall.

Jacob olhou para os detetives suecos, pronto para defender seu caso.

– Nos Estados Unidos é vendido com vários nomes diferentes. Ciclopentolato, Ak-Pentolato, Cyclogyl... Também dá para comprar aqui na Europa.

Dessie sentiu a sala começar a girar. Havia boas chances de ela vomitar. No momento isso era tudo em que conseguia pensar.

– Então os assassinos drogaram as vítimas? – perguntou Mats Duvall, aproximando-se de Jacob e colocando uma das mãos sobre o ombro de Gabriella. – Pingando colírio no champanhe?

Gabriella lançou um olhar furioso para Dessie e chegou ainda mais perto de Jacob.

– E cortam a garganta deles enquanto estão inconscientes. O assassino é destro e usa um instrumento pequeno e afiado. Ele fica atrás da vítima e

enfia a faca direto na veia jugular esquerda, abrindo um corte profundo que parte os tendões e a traqueia.

Ele imitou o gesto com o braço enquanto falava. Era óbvio que já tinha feito isso antes.

Dessie percebeu que as cores e os sons estavam começando a ficar distantes.

– A pulsação e a respiração provavelmente param depois de um minuto – disse Jacob.

– Desculpe – disse Dessie –, mas eu preciso sair daqui.

Ela saiu para a pista de cascalho, ergueu o rosto para o céu e respirou fundo várias vezes. Seu primeiro caso grande, pensou ela, e provavelmente o último.

# Capítulo 23

— **E**sses assassinos são pessoas charmosas e agradáveis – explicou Jacob para Dessie. – Para eles é fácil fazer novos amigos. Tem certeza que não quer um pãozinho de canela?

Dessie balançou a cabeça, deixando o americano comer o último pãozinho.

Eles estavam sentados no terraço do Hotel Bellevue em Dalarö, com uma cafeteira, xícaras e um prato vazio na mesa. Havia um vento forte vindo do mar e, na verdade, estava frio demais para ficar em um lugar aberto, mas Dessie não conseguiria aguentar o cheiro de Jacob Kanon depois de ter passado mal na cena do crime.

– Então você acha que são duas pessoas? Um casal, um homem e uma mulher? Por quê?

Jacob assentiu, mastigando o pãozinho com voracidade. Ele parecia completamente inalterado pela cena macabra que acabara de testemunhar.

– Um casal é menos ameaçador. Provavelmente são jovens, atraentes, dois viajantes despreocupados conhecendo outras pessoas que estão fazendo a mesma coisa. Pessoas que tomam champanhe, puxam fumo e curtem um pouco a vida.

Ele tomou um pouco de café.

– E falam inglês – acrescentou.

Dessie ergueu uma sobrancelha, curiosa.

– Os cartões-postais. Eles são escritos com uma gramática perfeita e boa parte das vítimas era falante nativo de inglês. Suponho que os outros fossem fluentes.



Dessie juntou o cabelo em um coque atrás do pescoço e o prendeu com uma caneta. Seu caderno de anotações já estava cheio de informações sobre as vítimas, os assassinatos e os assassinos.

– Esses cartões-postais – disse ela –, por que eles os enviam?

Jacob olhou para a água. Seu cabelo bagunçado mexeu ao vento.

– Não é incomum que assassinos em série se comuniquem com o mundo ao seu redor para conseguirem atenção. Existem muitos exemplos disso.

– Eles matam para sair no jornal?

Jacob se serviu de mais café.

– Nós tivemos o nosso primeiro assassino de cartão-postal nos Estados Unidos há mais de cem anos, um homem chamado John Frank Hickey. Ele passou mais de trinta anos matando jovens garotos ao longo da Costa Oeste antes de ser capturado. Mandava cartões-postais para as famílias das vítimas e, no fim, foi isso que o levou à prisão.

Ele esvaziou a xícara de novo, parecendo estranhamente satisfeito.

Dessie estava congelando o próprio traseiro naquele vento horrível.

– Mas por que eu? – perguntou ela.

# Capítulo 24

Jacob Kanon vestiu a sua jaqueta de camurça, o máximo que demonstrou sentir frio até o momento.

– Você é talentosa, ambiciosa e a sua carreira vem antes de quase todo o resto em sua vida. Você teve uma boa educação. Boa demais para o tipo de jornalismo em que está envolvida, mas isso não parece incomodá-la.

Dessie se esforçou para parecer tranquila e neutra.

– Por que você acha isso?

– Estou certo?

Ela pigarreou baixinho.

– Bem, talvez um pouco. Parte disso é verdade. Continue, por favor.

Ele olhou para Dessie com paciência.

– Não é muito complicado – disse Jacob –, acho que já entendi o que eles fazem na hora de escolher os contatos.

Dessie cruzou os braços com força. Aquela situação parecia muito sinistra e irreal.

– O que eles fazem?

– Eles compram os jornais locais no dia em que decidem fazer seu trabalho. E escolhem o repórter do jornal que tenha a notícia mais chamativa do dia sobre crimes.

Dessie piscou várias vezes.

– “Burglar Bengt”... Minha entrevista que saiu na primeira página do *A onposten* na quinta-feira.

Jacob olhou para o mar.

– Mas como você poderia saber? – perguntou ela. – Aquela parte sobre ambição e educação?

– Você é uma mulher e escreve sobre assuntos tipicamente masculinos. Isso exige talento, além de teimosia. De onde eu venho repórteres criminais não são muito conceituados, mesmo quando ajudam nas vendas do jornal. É por isso que os jornalistas envolvidos tendem a ser competentes e não costumam ligar muito para prestígio.

– Esse não é sempre o caso – disse Dessie, pensando em Alexander Andersson.

Jacob Kanon se inclinou na direção dela.

– Eu preciso trabalhar com você. Preciso de um jeito de entrar na investigação e na mídia. Acho que consigo pegá-los dessa vez. Eu consigo.

Dessie se levantou.

– Tome um banho e queime essas roupas. Depois conversamos.

# Capítulo 25

A história rapidamente assumiu proporções incomuns. Uma das notícias internacionais mais importantes se desenrolando bem ali, em Estocolmo.

Todos os funcionários importantes do jornal estavam ansiosos para produzir uma manchete que pudesse ser citada pela CNN ou pelo *New York Times*. Havia fotógrafos em todos os cantos, torcendo para que alguma migalha fosse jogada em sua direção, e o pobre Forsberg estava arrancando os últimos fios de cabelo, falando em dois telefones sem fio ao mesmo tempo.

Alexander Andersson reuniu uma pequena audiência, lendo trechos dos seus artigos em voz alta. Pela primeira vez na história, o editor-chefe Stenwall compareceu ao jornal em um domingo. Dessie o viu tomando um gole de café em seu cubículo de vidro.

Ela foi até a mesa onde trabalhava, pegou seu notebook e sua câmera e carregou as fotos que tinha tirado da casa amarela no arquipélago, enviando os arquivos para a mesa de imagens. Em seguida, escreveu todos os fatos sobre o caso e os assassinos, para que pudessem ser usados como base por outro repórter.

– Como foi lá? – perguntou Forsberg, materializando-se de repente ao lado da mesa.

– Terrível – respondeu Dessie, digitando no notebook. – Pior do que eu poderia imaginar.

– São os mesmos assassinos?

– Parece que sim – confirmou ela, virando o computador para que o editor pudesse ler o que estava escrevendo.

Ele passou os olhos pelo texto.

– Colírio? – perguntou Forsberg.

– Já houve muitos casos na Suécia em que mulheres foram drogadas com colírio em seus drinques. Na Cidade do México, o líquido é usado por prostitutas para apagar os clientes. Pelo menos cinco homens morreram lá, provavelmente mais.

– De colírio? – perguntou Forsberg, cético. – Parece trama de romance policial.

Dessie parou de digitar e olhou para ele.

– Algumas garotas colocam as gotas nos próprios mamilos.

Forsberg resmungou baixinho e deixou a questão de lado. Dessie sempre conseguia dobrá-lo.

– Quanto disso nós podemos publicar?

– Quase nada – respondeu Dessie, voltando a atenção para o computador.

– A polícia quer suprimir a informação sobre as drogas, o champanhe e outras coisas encontradas na cena do crime. Mas podemos dar a causa da morte e informações sobre as vítimas. As famílias foram notificadas no horário de almoço.

Forsberg sentou-se na beira da mesa. Ele gostava de Dessie, mas estava completamente confuso com o caso que ela teve com Gabriella. Todo mundo estava.

– E as vítimas?

Dessie encarou a tela, vendo a compilação de fatos que tinha feito sobre o casal morto.

– Claudia Schmidt, 20 anos. Noiva de Rolf Hetger, de 23. Ambos eram de Hamburgo. Chegaram a Estocolmo na terça-feira e alugaram uma casa em Dalarö por meio de uma agência na internet. Eles alugaram um carro no aeroporto, um Ford Focus. O carro está desaparecido.

– Quais são as suas fontes? Também preciso delas, Dessie.

Ela o encarou com frieza.

– Confidenciais. O que nós vamos fazer com a informação sobre o cartão-postal e a fotografia dos cadáveres?

Forsberg se levantou.

– A polícia está com o pulso firme no jornal, então não podemos usar. Você tirou fotos da casa?

– Claro. Como pano de fundo. Estão na mesa de imagens. É tão doentio.

Ela ergueu a foto do cartão-postal mostrando a Bolsa de Valores.

– Sabe como o policial americano os chama? “Os Assassinos do Cartão-postal.”

– Manchete bacana... – comentou Forsberg. – Soa bem.

Dessie olhou para o relógio.

– A última entrega dos correios acabou de chegar. Se não tiver mais nada, vou embora.

– Tem um encontro? – perguntou Forsberg para provocar.

– Para falar a verdade, sim – respondeu Dessie. – E já estou atrasada.

# Capítulo 26

Alguém tinha mesmo convidado Dessie para sair, algo que não era muito comum. Ela estava até animada com a noite. Alguém a levando para jantar em um lugar chique, com velas e guardanapos brancos.

Mas naquele instante ela teria dado qualquer coisa para não ter que ir.

Várias semanas atrás, Dessie tinha sido procurada por Hugo Bergman, um bem-sucedido colunista e escritor de romances policiais. Ele precisava de ajuda com a verossimilhança de um dos seus personagens: um incorrigível ladrão de segunda categoria que se torna vítima de uma conspiração global. Como parte do agradecimento por sua ajuda, ele a convidara para jantar.

Lisonjeada, ela havia aceitado. Hugo Bergman era famoso, rico e razoavelmente atraente. Além disso, o convite era para o Opera Cellar, um dos restaurantes mais chiques da cidade.

Dessie parou a bicicleta em frente à entrada. Suas narinas ainda estavam tomadas pelo cheiro dos cadáveres em Dalarö. Ela tirou o capacete, deixou os cabelos compridos se soltarem e entrou. Com calça larga e um top suado, estava o mais malvestida possível, mas o que poderia fazer? Ela não teve tempo para passar em casa e se trocar para o jantar.

O maître a levou até a mesa. O espaço magnífico, com lustres de vidro lapidado e velas deixaram Dessie com a impressão de estar deslocada. Ela se sentiu uma caipira, uma sensação recorrente desde que tinha se mudado para Estocolmo.

# Capítulo 27

— **D**essie! – Hugo Bergman a cumprimentou, animado. Ele se levantou e deu dois beijos em seu rosto, um em cada bochecha.

Dessie deu um sorriso forçado.

– Desculpe pelo atraso... e pelo meu estado. Passei o dia inteiro acompanhando um caso de assassinato.

– Ah – disse Hugo Bergman. – Aqueles editores imbecis... Sangue e morte, seu pão do dia a dia. Mas quem sou eu para julgar?

Bergman riu da própria piada.

– Foi muito violento – disse Dessie, enquanto se sentava. – Foi um casal jovem de Hamburgo.

– Não vamos mais falar disso – pediu o autor, servindo vinho tinto na taça dela. Dessie reparou que a garrafa já estava pela metade.

– Eu já fiz o pedido – disse ele, pondo a própria taça na mesa. – Espero que você coma carne.

Dessie sorriu de novo.

– Desculpe – respondeu ela. – Sou contra a exploração comercial dos animais.

Hugo Bergman inspecionou a carta de vinhos.

– Bem, você pode comer o purê de batatas. Ninguém explorou as batatas. O que você acha desse, o Château Pichon-Longueville-Baron de 1995?

A pergunta foi direcionada ao garçom, que tinha se aproximado da mesa em silêncio.

Bergman voltou a atenção para Dessie.



– Você leu o meu artigo sobre a carga de trabalho dos promotores públicos? Os leitores adoraram.

Dessie continuou sorrindo até a boca começar a doer. Ela estava se esforçando. Jogando o cabelo e piscando, escutou atenta e riu com educação conforme o escritor se esforçava para ser espirituoso e sofisticado.

A comida estava boa. Pelo menos o purê de batata.

Bergman foi ficando cada vez mais bêbado com os vinhos ridiculamente caros que pedia. Na hora de pagar a conta, teve dificuldade para digitar a senha do cartão de crédito.

– Você é uma mulher muito bonita, Dessie Larsson – balbuciou Bergman ao saírem do restaurante, entrando na Kungsträdgården.

Ela sentiu o cheiro da respiração pesada dele.

– Obrigada – respondeu ela, abrindo o cadeado da bicicleta.

– Eu adoraria vê-la novamente – disse ele, tentando beijá-la.

Dessie colocou o capacete rapidamente, esperando que aquilo cortasse o clima. Mas Bergman não desistiu tão fácil.

– Eu tenho um lugar para escrever na Cidade Velha – disse ele, com a voz arrastada. – Uma cobertura...

Dessie subiu na bicicleta.

– Obrigada pela noite incrível.

*Merda.* Típico. Ela só chamava a atenção de pessoas controladoras, imbecis narcisistas ou maníacos sexuais.

Dessie olhou por cima do ombro quando chegou ao cruzamento. Hugo Bergman estava no mesmo ponto em que ela o havia deixado, mexendo desajeitado no celular. Provavelmente já tinha se esquecido dela.

– Babaca... – sussurrou ela contra o vento. – Azar o seu.

Era uma noite fria e silenciosa. As nuvens tinham se afastado e o céu estava claro, apesar de já passar das onze da noite. Pessoas caminhavam pelo cais, conversando e rindo. Os bares na calçada estavam abertos, oferecendo cobertores e aquecedores de halogênio para qualquer um que estivesse com frio.

Ela inspirou fundo o ar da noite de verão e pedalou devagar ao longo do Palácio Real, atravessando a interseção em Slussen. Precisou de um esforço extra para subir a Götgatsbacken.

Dessie carregou a bicicleta pelos degraus até Urvädersgränd, destrancou a porta e a guardou no pátio. Ela ainda teve tempo de abrir a porta do apartamento antes de reparar no homem vigiando-a das sombras.

# Capítulo 28

Dessie levou um susto. Aquilo estava começando a virar um hábito. Um péssimo hábito.

– Eu fiz o que você pediu – disse Jacob Kanon, andando em sua direção com os braços esticados.

Ela o encarou. Ele tinha feito a barba e tomado um banho. No entanto, estava usando o mesmo jeans e a mesma jaqueta, mas talvez a camiseta fosse nova. Difícil dizer: era preta, assim como a outra.

– Parabéns. É uma nova pessoa.

Ele a observou com seus olhos brilhantes.

– A polícia sueca vai cometer um grande engano se não me escutar. Eles não vão prender esses assassinos nem se passarem por eles na rua por acaso. Os alemães fizeram quase tudo direito e, mesmo assim, não conseguiram.

Dessie fechou a porta do apartamento e os dois ficaram no corredor. O homem não a assustava mais, só a deixava um pouco desconfiada.

– Esse tipo de investigação criminal é o mais difícil de conduzir. As vítimas são escolhidas ao acaso, não há nenhuma ligação entre elas e os assassinos não têm nenhum motivo óbvio, nenhuma história em comum. Os assassinos estão viajando como turistas comuns, o que significa que ninguém repara na ausência deles, ninguém se importa quando chegam, quando partem ou se agem de forma estranha...

O homem parecia triste, contido, e não exatamente sóbrio. Mas havia algo de verdadeiro no que dizia. Ele não estava fingindo nem exagerando.

Talvez tenha sido o contraste com a arrogância de Hugo Bergman, mas Dessie percebeu: por trás da sujeira, o americano era bem bonito. E aqueles olhos eram impressionantes.

*Cuidado*, pensou ela e cruzou os braços.

– O que isso tem a ver comigo?

Jacob abriu uma pequena mochila esportiva.

– Tudo o que temos é um padrão – disse ele. – Eu tenho cópias dos cartões-postais e das fotografias de quase todos os cadáveres. Os assassinos estão se comunicando por meio dessas imagens, mas eu não consigo decifrar o que eles estão dizendo. Você pode me ajudar?

– Eu não sei nada sobre o caso – respondeu ela.

O homem riu. Sua risada era triste e vazia.

– Quem mais eu poderia procurar?

Claro. Ele estava ali porque não tinha outro lugar para ir.

– Eu entendo – disse Dessie –, mas estou cansada e tenho que me levantar em duas horas.

O sensor do corredor desligou as luzes da escadaria. Dessie não se deu ao trabalho de acendê-las novamente.

– Você trabalhou até tarde – disse Jacob Kanon, na escuridão. – Aconteceu alguma coisa? Eles não mataram de novo, mataram?

Ela se deu conta, surpresa, de que sua boca estava seca.

– Eu tive um encontro – respondeu.

Dessie só conseguia ver a silhueta do homem contra a janela em mosaico da escada.

– Com Hugo Bergman, um escritor de romances policiais famoso. Talvez você já tenha ouvido falar nele.

Jacob acionou o sensor e as luzes voltaram.

– O tempo está passando – disse ele. – Os assassinos costumam ficar apenas poucos dias nos lugares onde já mataram. Provavelmente ainda estão aqui, mas não por muito tempo.

Jacob deu um passo na direção dela.

– Eu não paro de ver a minha Kimmy morrer. Nós temos que detê-los.

Dessie se afastou.

– Amanhã – disse ela. – Vá ao jornal amanhã. Se tiver sorte eu dou a você um café da máquina.

Ele esfregou os olhos com a mão livre e parecia prestes a dizer algo, mas mudou de ideia.

Em vez disso, desceu a escadaria de mármore e foi embora.

# Capítulo 29

Dessie entrou no apartamento, fechou a porta atrás de si, trancou a fechadura e cerrou os punhos.

Pensou em tomar um banho, mas abandonou a ideia. Tirou as roupas e resolveu entrar debaixo das cobertas em sua cama de casal, sem acender as luzes. Estava escuro, mas ainda dava para enxergar alguma coisa. O sol tinha se posto, mas voltaria a nascer em poucas horas. Ela ficou deitada em silêncio, passando os olhos pelo quarto.

Inquieta, Dessie se livrou das cobertas, vestiu um roupão e foi para a cozinha.

Ela tomou um copo de água e entrou no quarto que costumava ser da empregada, um pequeno cubículo atrás da cozinha, atualmente seu escritório. Ligou o computador, hesitando um pouco antes de abrir a tese de doutorado inacabada.

Será que algum dia ela terminaria?

Dessie suspirou. Seu interesse pelo tema era imenso e não entendia por que nunca a terminara. Já tinha passado vários anos de vida acadêmica trabalhando com aquele material, estudando criminosos comuns e seus processos de pensamento, padrões de comportamento e motivos.

Dessie cresceu em meio a ladrões de segunda em uma fazenda nas florestas de Norrland, ao norte da Suécia. A maioria dos membros da sua família não teve um único emprego honesto no decorrer de suas vidas miseráveis.

Ela deu uma olhada no texto, lendo frases e parágrafos inteiros aleatoriamente. Talvez pudesse voltar a trabalhar naquilo, terminar a tese e,

por fim, conseguir o título.

Por que era tão difícil?

Ela não fazia nada até o fim, fosse um trabalho ou um relacionamento.

Dessie desligou o computador e voltou para a cozinha.

Ela sabia que não existia um parceiro perfeito e Deus sabe que esse conhecimento era baseado em extensas pesquisas. A ideia de encontrar a “outra metade” era um mito e uma mentira. Era necessário abrir mão de algumas coisas, fazer concessões, ser tolerante.

Gabriella era uma ótima garota. Linda, sensual e realmente apaixonada por ela.

Também não houvera nada de errado com Christer. Se ele não tivesse pedido divórcio, provavelmente Dessie ainda seria sua mulher.

Ela tomou outro copo de água e olhou para o relógio na parede: 1h43.

Por que ela disse ao americano que teve um encontro? Por que mencionar o nome de Bergman? Para que Jacob Kanon soubesse que ela também saía com homens? Que diferença isso faria para ele?

Dessie colocou o copo no escorredor de louça e percebeu que estava com muita fome. Maldito purê de batatas!

# Capítulo 30

O poeta tinha voltado para a Finlândia, deixando Jacob a sós em sua cela.

Não havia espaço para uma cadeira ou mesa no quarto estreito. Assim, ele se acomodou na cama inferior do beliche, abandonada pelo outro. Jacob teve que guardar a sua pistola e a foto emoldurada de Kimmy no peitoril bem recuado da janela. Ele havia comprado a arma em Roma, com a ajuda de um velho amigo policial que tinha ido morar na Itália depois de se aposentar.

Jacob inclinou-se para a frente e passou o dedo pelo rosto sorridente da filha.

Essa era a foto que ele tinha dado para a imprensa depois de ela morrer, tirada no dia em que Kimmy foi aceita na Juilliard. Ele se levantou, foi até a mochila e abriu uma garrafa de vinho. Ficou parado com a garrafa na mão, observando a noite de verão pela janela.

Havia uma pequena praia do outro lado da rua. Alguns jovens, bêbados, comemoravam a formatura, encharcando uns aos outros e fazendo barulho demais.

Jacob deixou seus olhos vagarem pela água escura. Kimmy não gostava de nadar.

As outras crianças do bairro adoravam ir para a praia de Brighton, mas Kimmy nunca aprendeu a nadar muito bem. Em vez disso, ela preferia os grandes parques florestais em Staten Island, Westchester ou no condado de Putnam, cheios de vida selvagem, especialmente cervos.



Havia apenas uma coisa que Kimmy amava mais que os seus adoráveis cervos: o piano de Isabelle, a tia de Jacob. Todas as tardes depois da escola e todos os dias durante as férias, ela tocava o piano. Kimmy tinha talento, então Jacob pagou aulas com o melhor professor disponível no Brooklin.

Mas naquela tarde, uns dois anos atrás, quando ela disse que tinha mandado sua inscrição para a Juilliard, a faculdade de música, teatro e dança mais famosa do mundo, ele ficou meio apavorado. Jacob nunca ouviu falar de alguém da região de Bay Ridge, no Brooklin, sequer chegar perto de ser aceito naquela faculdade. Ele verificou: apenas 5% dos candidatos eram aceitos.

Mas Kimmy era especial. Ela havia se especializado em Franz Liszt, um dos compositores mais tecnicamente exigentes do mundo, e tinha escolhido o seu concerto de piano Totentanz nº 1 para a audição. Quando a carta de aceitação chegou, Jacob ficou tão emocionado que desatou a chorar.

Naquela época ele quase nunca chorava. Não era como hoje em dia.

Kimmy tinha conhecido Steven, outro aspirante a compositor clássico, em seu primeiro dia na Juilliard. Eles noivaram e decidiram se casar logo após a formatura.

Steven era um ótimo sujeito, mas Jacob achava que eles deviam conhecer um pouco o mundo antes de se acomodarem. Por isso, deu a viagem para Roma como presente de Natal para os dois.

Eles foram assassinados um dia antes do voo de volta para Nova York.

Jacob respirou fundo, voltando a sua atenção para o quarto estreito do albergue. Os jovens barulhentos tinham sumido.

Ele se deitou na cama de baixo com a foto de Kimmy no colo. Jacob tinha identificado o cadáver da filha em um necrotério na periferia de Roma, no Ano-novo. Foi o primeiro dia do pior ano de sua vida.

*Este ano.*

Ele pegou a pistola e colocou o cano na boca, como já tinha feito em tantas outras noites, sentindo o gosto da pólvora e do metal, buscando conforto na ideia de que isso podia terminar. Um leve movimento do dedo e o desespero da saudade e da perda teria um fim.

Ainda não. Não até que ele encontrasse os assassinos de Kimmy.

# Capítulo 31

*Segunda-feira, 14 de junho*

**A**s vendas do *A onposten* não paravam de cair. O momento era tão desesperador que, em uma tentativa de romper esse ciclo, a diretoria estava recorrendo cada vez mais a inovações incomuns e arriscadas. Em geral fracassavam.

Em outras ocasiões, todo mundo se matava de trabalhar para fazer as coisas andarem.

Hoje era um desses dias.

Dessie tinha se acomodado em sua mesa com a primeira edição do dia.

O *A onposten* tinha enchido quase todo o jornal com os assassinatos em Dalarö. A manchete da primeira página era “Massacrados pelos Assassinos do Cartão-postal”. A fotografia que dominava a capa era uma imagem linda de dois jovens alemães. Claudia Schmidt e Rolf Hetger se abraçavam, olhando para a câmera, felizes.

Dessie folheou o jornal até chegar à história principal, nas páginas seis e sete. “Morte no Arquipélago” era a manchete dramática.

E os editores de imagens tinham escolhido uma das suas fotos da casa amarela de madeira. A imagem ficou muito boa, com o contraste entre a varanda idílica e o céu carregado de nuvens.

Ela passou os olhos pelo texto. Foi escrito por Susanna Gröning, uma das repórteres de sucesso no jornal. A página oito trazia uma visão geral atualizada dos assassinatos ao redor da Europa, com mapas e gráficos. A página nove tinha uma matéria de Alexander Andersson com a manchete “Assassinos do Cartão-postal – Criminosos violentos matando por diversão”.

Andersson se referia às “fontes anônimas envolvidas na investigação”, que alegavam ter “uma visão clara dos assassinos”. De acordo com essas fontes, os Assassinos do Cartão-postal eram pelo menos dois homens, ambos gravemente perturbados e prováveis portadores de um quadro de estresse pós-traumático. Eles matavam por prazer e gostavam de ver as pessoas sofrerem. O nível de violência indicava que ao menos um dos homens era musculoso e muito forte. Visto que as vítimas eram, em geral, turistas endinheirados, o motivo era similar ao do terrorismo: os assassinatos eram um ataque ao estilo de vida ocidental.

Dessie leu o texto duas vezes com um espanto crescente, que se transformou em raiva e desgosto. Ela se levantou e foi para a mesa de notícias. O grupo ao redor de Forsberg estava rindo alto de algo quando ela se aproximou.

– Alexander – disse ela, erguendo a página nove –, de onde você tirou isso?

O repórter ergueu uma sobrancelha e sorriu para ela.

– Você está atrás das minhas fontes?

– Não teria por quê – respondeu Dessie. – Elas são completamente *inúteis*.

O sorriso de Alexander Andersson sumiu e ele se levantou. Dessie sentiu todos os homens a encarando. Estavam esperando que ela tomasse uma surra?

– Isso não faz sentido. Nada na investigação sugere terrorismo ou mortes por prazer. Muito pelo contrário.

– E você sabe disso só por que eles te mandaram um cartão-postal?

Vários homens riram e esperaram para ver o que mais Andersson diria. Dessie sentiu o sangue subindo até o rosto.

– Eu sei que esse artigo está completamente errado. Se você realmente tem uma fonte, a pessoa deve estar a quilômetros do centro da investigação.

Forsberg se levantou e colocou a mão sobre o braço de Dessie.

– Venha.

# Capítulo 32

— *Venha* – repetiu Forsberg. – Vamos repassar as suas atividades de hoje. Na outra sala.

Alexander Andersson deu um passo na direção dela.

– Se você sabe de tanta coisa, por que não está escrevendo nada?

Ela se desvencilhou de Forsberg e encarou o repórter com um olhar furioso.

– Eu sei que você pode ter dificuldade para compreender isso, mas a minha meta na vida não é conseguir colocar o meu nome em uma referência importante. Eu não poderia me importar menos.

Em seguida, Dessie voltou para sua mesa, seguida por Forsberg.

– Você precisa tomar cuidado com Alexander – disse ela ao editor. – Ele está inventando tudo isso.

– Dessie – disse Forsberg –, escute. Eu tenho um trabalho para você. Já leu o artigo de Hugo Bergman sobre a carga excessiva de trabalho dos promotores públicos?

Dessie olhou para o editor de notícias, piscando os olhos.

– Aquele que nós publicamos na sexta-feira?

– Causou um escândalo – respondeu Forsberg, entregando uma pilha de impressões para ela. – Ligue para Bergman e arranje uma entrevista. Fale com os promotores regionais para saber quantos casos eles têm no momento. Pode fazer isso?

Dessie não pegou as impressões. Ela pensou na figura de Hugo Bergman cambaleando em frente ao Opera Cellar, onde o tinha deixado na noite

anterior.

– Você está tentando me afastar dos assassinatos. É disso que se trata, não é?

O editor sentou-se na mesa dela e baixou a voz.

– Dessie, algumas pessoas estão perguntando por que aquele cartão-postal foi enviado para você. Elas estão se perguntando que espécie de contatos você tem com o mundo do crime.

Ela não podia acreditar no que estava ouvindo.

– Eu só estou aqui hoje porque a polícia me disse para estar. Era para eu ter segunda e terça de folga. Não estou exigindo nenhuma espécie de direito sobre esses assassinatos, mas se...

Ela foi interrompida por um grito seguido de um tumulto no saguão. Parecia o som de algo se quebrando, algo grande e sólido.

Forsberg se levantou.

– Que merda foi essa?

Uma voz masculina furiosa podia ser ouvida através das paredes do escritório. As palavras não eram claras, mas não precisavam ser.

– Espere aqui – disse Dessie, correndo na direção da porta o mais rápido que podia.

# Capítulo 33

Jacob Kanon estava gritando coisas desconexas na direção do cubículo fechado de vidro atrás do qual Albert, o segurança, tinha se escondido. Dessie abriu a porta com dificuldade e correu para o saguão.

– *Você vai chamá-la agora!* – O detetive americano gritava. – *Você vai pegar o telefone e dizer para ela que eu estou aqui, seu filho da...*

– O que você está fazendo? – perguntou ela, sem fôlego, agarrando-o pelo ombro.

Jacob Kanon não completou o xingamento. Virou-se e encarou Dessie.

– Você falou com a polícia hoje? – perguntou ele. – O que eles disseram? O quê?

Dessie olhou por cima do ombro para a sala da redação e, em seguida, segurou o braço do homem com força e o puxou na direção da porta que dava para a rua.

– Sua credibilidade já está bem baixa – disse, empurrando-o pela porta giratória. – Você não vai melhorar as coisas se ficar aqui gritando com o pobre Albert. E o que foi que você *quebrou*?

Eles saíram para a luz do sol.

– Um banco de madeira – respondeu o americano, mal-humorado. – Bateu em um dos aquecedores.

Ela olhou surpresa para o homem e começou a rir.

– Você é maluco.

# Capítulo 34

Dessie sentiu que Jacob a encarava de um jeito estranho no caminho para Fridhemsplan.

Eles entraram em uma lanchonete vazia, normalmente frequentada por motoristas de táxi, a poucas quadras da sede do jornal.

– Estou falando sério – disse o policial, quando os dois se sentaram em uma das mesas com seus respectivos cafés. – A polícia sueca tem um pensamento rígido demais. Eles nunca vão pegar os assassinos se continuarem assim. Estão agindo como amadores. Acredite em mim.

Dessie mexeu o café, batendo a colher na porcelana com força.

Se alguém estava sendo rígido demais era ela. Seu comportamento na sala de redação não havia sido muito inteligente. Ela precisava parar de ser tão direta... e tão burra.

– Eu não posso ajudá-lo. Não estou nem trabalhando com os assassinatos para o jornal. Há outras pessoas responsáveis por essa matéria.

Jacob se inclinou sobre a mesa, seus olhos brilhando de novo.

– Você não pode tentar voltar para a matéria?

Dessie olhou para o americano. Seu interesse no caso era inquestionável. Ao contrário dela, o homem era dedicado. Havia um propósito no que estava fazendo. O que tinha a perder se escrevesse uns artigos triviais sobre o assassinato? Podia fazer algumas entrevistas normais, como qualquer bom repórter.

– Talvez eu pudesse fazer uma entrevista com você, sobre Kimmy... – sugeriu ela, pensativa.



Não era uma má ideia. Um pai de luto se manifestando, seu sofrimento com a perda de uma filha amada...

Dessie pegou a caneta e o bloco de notas.

– Fale sobre como Kimmy era quando criança. Como você reagiu ao descobrir que ela tinha sido...

Jacob Kanon bateu o punho na mesa com tanta força que as xícaras pularam. Dessie derrubou a caneta, assustada.

A garçonete atrás do balcão deu um olhar rápido na direção deles e desviou os olhos. O que quer que isso fosse, ela não queria fazer parte.

– Eu não vou dar entrevistas sobre Kimmy – disse Jacob.

Dessie ficou sentada em silêncio por um bom tempo antes de falar.

– Era só um jeito de...

– Eu sou um detetive de homicídios – interrompeu ele. – Eu falo com as pessoas, tento resolver crimes, mas não dou entrevistas. Sobre nada.

– Eu não quis entrevistá-lo como policial, mas como pai.

Jacob a encarou com os seus olhos estranhos e penetrantes. Em seguida, pegou a mochila e tirou uma série de papéis de dentro dela. Colocou uma fotografia sobre a mesa com um tapa.

– *Essa é Kimmy.*

Dessie arregalou os olhos.

# Capítulo 35

Dois jovens jaziam mortos no chão de um quarto de hotel, como se tivessem sido quebrados. Suas gargantas foram cortadas com a mesma brutalidade dos assassinatos em Dalarö. Os cortes eram fendas vermelhas e o chão estava coberto de sangue.

A boca de Dessie ficou seca de novo e sua pulsação acelerou de uma maneira terrível.

– O sangue ainda está claro, fresco – disse ela. – Eles estavam vivos poucos minutos antes da fotografia ser tirada.

– Sim, estavam – respondeu Jacob. – Tinham acabado de morrer.

Dessie se forçou a respirar com mais calma, de forma mais regular. Não ajudou muito.

Jacob colocou outra foto diante dela.

– Karen e Billy Cowley. Olhe para eles, Dessie. O que você vê?

O jovem casal australiano que tinha ido à Europa para superar a morte do filho pequeno não tivera apenas as gargantas abertas. Eles estavam sentados lado a lado, as cabeças apoiadas no que devia ter sido a cabeceira da cama. Seus olhos esquerdos tinham sido esfaqueados e havia sangue e fluídos escorrendo como rímel dos globos oculares.

– O casal em Amsterdã teve a orelha direita decepada – disse Jacob, colocando uma terceira foto na mesa. – Seus nomes eram Lindsay e Jeffrey Holborn.

Dessie olhou para as imagens, esforçando-se para ver além do sangue e da violência.

– Eles estão nos dizendo algo! – afirmou Jacob, furioso. – Os assassinos estão falando por meio dessas fotos. Tenho certeza. Veja essa, de Florença.

Uma cama de casal: a mulher do lado esquerdo e o homem do direito. A fotografia foi tirada de cima, indicando que o fotógrafo tinha ficado em cima da cama, entre os cadáveres.

– O que você vê? – perguntou Jacob.

O homem e a mulher estavam deitados na mesma posição, com as pernas dobradas paralelas um pouco para a esquerda, ambos com a mão direita sobre as costelas e a mão esquerda cobrindo os genitais.

– Eles não estavam deitados assim quando morreram...

Jacob assentiu.

– Está certa – disse ele. – Mas por quê?

Dessie pegou a foto de Paris. As duas vítimas estavam sentadas com as mãos sobre a barriga.

– Parece que eles comeram demais – disse ela.

Eles estavam posando. *Os cadáveres estavam posando.* Estavam dizendo ou, ao menos, representando algo. O que era? Se os policiais descobrissem, talvez conseguissem capturá-los.

Ela olhou para Jacob.

– Você tem a que eles mandaram para mim?

Jacob passou a foto de Dalarö. Quando ela olhou para a imagem, Dessie se lembrou do cheiro na sala de estar abafada.

A mulher, Claudia, estava sentada com as costas eretas apoiadas na parte de trás do sofá. Sobre o seu colo havia uma almofada que, em algum momento, devia ter sido branca. Ela estava inclinada sobre o homem, Rolf, deitado na almofada em seu colo.

O homem estava deitado em uma posição estranha. Ele tinha um dos joelhos erguido e os dedos esticados sobre o coração. Na mão direita segurava algo que parecia uma placa ou uma espátula.

– As poses são intencionais – afirmou ela.

– Isso significa algo para você?

Dessie olhou para a foto por um bom tempo.

- Eu reconheço, mas não sei de onde veio. Não consigo lembrar exatamente.

- Concentre-se - pediu Jacob.

Ela encarou a foto até a vista ficar turva.

- Desculpe, não está adiantando.

Ele a observou com os seus olhos muito azuis por vários segundos. Em seguida, reuniu as fotos e saiu da lanchonete, deixando Dessie sozinha sem dizer uma única palavra.

# Capítulo 36

Jacob desceu do ônibus na frente da delegacia em Kungsholmen, no centro de Estocolmo.

Em sua primeira noite na cidade, ele deu umas dez voltas pelo imenso complexo da polícia sueca. Parecia um maluco, mas não se importou.

Várias seções diferentes tinham sido construídas no decorrer do último século, deixando o prédio com uma aparência um pouco esquizofrênica. A parte leste lembrava um castelo da Disney e, enquanto o trecho sul tinha poucas partes em concreto, a seção norte era uma monstruosidade criada apenas com esse material. O lado oeste era uma herança da era soviética, assim como o subúrbio pelo qual ele e Dessie haviam passado no caminho para a cena do crime em Dalarö.

Jacob sabia que a aparência pouco convencional do prédio não tornava as pessoas do lado de dentro particularmente flexíveis. A equipe de investigação se recusava a atender seus telefonemas. A recepcionista ficava passando a sua ligação para uma caixa postal eletrônica que servia como número para denúncias anônimas.

Sua paciência chegou ao limite. Dessa vez ele ia entrar no prédio, sem se importar com o dano à sua reputação.

Ele cerrou os punhos e se preparou para o confronto iminente.

A entrada ficava na antiga parte comunista do complexo. Ele caminhou até o saguão e teve uma impressão de déjà vu. Assim como no saguão do *A onposten*, havia um chão de pedra, madeira clara e um cubículo de vidro.

Ele torceu para que as semelhanças terminassem ali e limpou a garganta ao erguer o distintivo de polícia na mesa de recepção.

– Jacob Kanon, Departamento de Polícia de Nova York – disse, com o máximo de calma de que foi capaz. – Estou aqui para ver o superintendente Mats Duvall. É sobre os assassinatos em Dalarö.

A mulher obesa no outro lado da mesa olhou impressionada para o distintivo.

– Ele está aguardando o senhor?

– Deveria estar – respondeu Jacob, honestamente.

– Vou ligar para ele – disse a mulher, pegando o telefone.

– Não precisa. Posso encontrá-lo sozinho. Ele está no quinto andar, certo?

Ele tinha estudado o prédio do lado de fora e contado sete andares na seção administrativa.

– Quarto andar – corrigiu a mulher, colocando o telefone no gancho e pressionando o botão para abrir a porta interna.

Ele subiu de elevador até o quarto andar e saiu em um corredor estreito com o pé direito baixo e lâmpadas fluorescentes que não paravam de piscar. Jacob caminhou alguns metros até se deparar com uma porta aleatória e enfiou a cabeça dentro de um escritório pequeno.

– Olá, com licença, mas você pode me dizer onde está o Duvall?

Uma mulher com rabo de cavalo e óculos ergueu os olhos, surpresa.

– Ele está em uma reunião sobre Dalarö no momento. Sala de conferência C, se não me engano.

– Obrigado – agradeceu e deu meia-volta. Ele já tinha passado pela sala de conferência C.

Voltou pelo mesmo caminho, entrou na sala e fechou a porta atrás de si.

Ele encontrou dez pessoas do lado de dentro, o núcleo da equipe de investigação: Mats Duvall, Gabriella Oscarsson, uma mulher de terno com cerca de 50 anos, duas mulheres jovens e cinco homens de idades variadas. Sobre a mesa, garrafas térmicas com café e petiscos.

Xícaras de café pararam a caminho dos lábios, mãos se enrijeceram e dez pares de olhos o encararam.

– Sua investigação está prestes a dar muito errado – disse Jacob, puxando uma cadeira e sentando-se à mesa com eles.

# Capítulo 37

A sala caiu em um silêncio mortal, mas Jacob conseguiu a atenção da equipe. Agora ele teria uns dez segundos antes de ser colocado para fora.

– Vocês provavelmente notaram que os passaportes e carteiras das vítimas foram levados. Joias, câmeras e outros itens de valor também. Suas contas bancárias foram esvaziadas, seus cartões de crédito estourados com saques. Quando vocês passarem pelas transações com cartão de crédito das vítimas, vão descobrir pelo menos uma compra grande antes do início dos saques.

Ele fez uma pausa. Ninguém se moveu.

– Vocês estão atrás de um casal muito atraente com mais ou menos 25 anos. Talvez até mais jovens. Um homem e uma mulher que sabem falar inglês. Eles têm dinheiro, provavelmente são brancos e agem como turistas comuns.

Mats Duvall pigarreou. Em seguida, falou em um inglês quase perfeito.

– Eu preciso explicar a vocês que esse homem é um detetive de homicídios da polícia de Nova York. Seu nome é Jacob Kanon e ele está monitorando todas as investigações desde o Ano-novo. Ele tem motivos pessoais...

– Minha filha, Kimberly, foi uma das vítimas em Roma.

Ele olhou para o grupo. A surpresa do seu aparecimento tinha começado a se transformar em raiva em alguns rostos. Um dos homens mais velhos, um sujeito careca usando um terno com colete, parecia particularmente irritado.

– Aqui é a Suécia – afirmou o careca. – Logo, a polícia sueca é responsável pelos processos oficiais aqui. Nós não queremos lições de técnica investigativa, nem do FBI, nem de qualquer outro caubói de Nova York.



– Cooperação entre as fronteiras é absolutamente vital para capturar esses assassinos – retrucou Jacob. – Tudo o que temos é o *modus operandi* deles e precisamos de coordenação para que o padrão possa ficar claro.

– Isso não é necessariamente verdade – respondeu o careca. – O que nós precisamos é de uma investigação honesta e decente. E somos muito bons nisso aqui na Suécia.

Jacob se levantou tão bruscamente que derrubou a cadeira.

– Eu não estou aqui para disputar uma competição – disse ele, em uma voz dura. – E Nova York não tem caubóis!

O homem careca também se levantou. Sua testa estava úmida de suor e os seus olhos estavam semicerrados.

– Evert, deixe ele falar.

Foi a mulher de terno quem o interrompeu, em um tom baixo e calmo. Ela ficou de pé e se aproximou de Jacob.

– Sara Höglund – se apresentou, estendendo a mão. – Chefe do Departamento Nacional de Investigação Criminal. Você deve perdoar o promotor Ridderwall, ele é um investigador jurídico extremamente dedicado.

O promotor se sentou e passou a mão pela cabeça, irritado.

A mulher de terno avaliou Jacob com cuidado, olhando-o de cima a baixo.

– Detetive Kanon de Nova York... Qual distrito?

– Trigésimo segundo – respondeu Jacob.

– Harlem?

Jacob assentiu. A chefe de polícia conhecia bem o Departamento de Polícia de Nova York.

Ela se voltou para Mats Duvall.

– Nós precisamos de toda a ajuda disponível para esse caso. Formalize a posição do senhor Kanon com a Interpol. Esses desgraçados precisam ser presos.

Jacob cerrou os punhos em triunfo.

Ele estava a bordo e sua intuição tinha acertado. Algo ia terminar em Estocolmo. Jacob esperava que não fosse ele.

# Capítulo 38

Washington confirmou a posição de Jacob e Berlim comprovou que ele tinha se vinculado à polícia local na investigação do caso alemão. Algumas ligações depois, ele foi aceito formalmente como parte do grupo, embora tivesse restrições.

– Você não tem autoridade para tomar as suas próprias decisões nas questões policiais – esclareceu Mats Duvall. – Você não pode andar armado, então devo pedir que entregue a sua pistola. E você precisa ser acompanhado o tempo todo por um colega sueco.

Jacob o encarou com firmeza.

– Eu não estou com a minha pistola, mas você vai recebê-la. Com quem eu vou trabalhar?

Mats Duvall passou os olhos pela equipe.

– Gabriella, você está no caso desde o começo?

Gabriella Oscarsson apertou os lábios até eles formarem uma linha dura.

– Ótimo – disse o superintendente, distribuindo fotocópias para todos ao redor da mesa.

O clima na sala estava tenso e desconfortável. Avaliações sérias de casos inteiros como esta quase sempre continham elementos de disputa hierárquica e Jacob percebeu que as suas ações não facilitaram as coisas.

Mats Duvall pigarreou e continuou analisando as transações dos cartões de crédito das vítimas. Ele falou em inglês para que Jacob pudesse entender. Ninguém se opôs, mas, no fundo, alguns deles não estavam muito satisfeitos com o novo membro da equipe.

A última compra foi feita no shopping NK durante o horário de almoço, no sábado. Claudia Schmidt comprou perfumes e Rolf Hetger passou na loja de joias.

Em seguida, houve um intervalo de algumas horas antes dos saques terem início.

Jacob estudou o papel. Estava em sueco, mas dava para entender os horários e as quantias. E era o mesmo maldito padrão que ele tinha visto nas outras cidades.

Em menos de seis horas os assassinos conseguiram pegar os cartões das vítimas, drogá-las, matá-las, roubar as suas posses e o carro que haviam alugado, fugir no veículo e esvaziar as suas contas bancárias.

– Os alemães morreram entre a loja de perfumes e os saques em dinheiro.

O promotor Ridderwall, sentado do outro lado da mesa, se inclinou para a frente.

– Os resultados preliminares da autópsia não conseguiram apontar com precisão a hora exata da morte – ressaltou. – Nós vamos mesmo ficar sentados *adivinhandos*?

Jacob baixou os papéis e olhou para o pequeno homem gordo, com sua expressão ofendida e seus olhos pequenos e hostis. Ele precisava estabelecer alguns limites claros com essa gente desde o começo.

– Nós vamos repassar a investigação – disse ele – ou você prefere sair e brigar no pátio? Sem problemas para mim. Eu gosto de brigar.

Gabriella deu um suspiro alto e murmurou algo que parecia “santo Deus”.

O promotor não respondeu e continuou sentado. Jacob pegou os papéis de novo.

– Rolf Hetger gastou 22.590 coroas suecas na loja de joias. Quase três mil dólares.

– O que ele comprou? – perguntou Sara Höglund.

– Nós temos pessoas no NK agora mesmo – respondeu o superintendente.

– Vamos saber em breve.

Eles passaram para a folha seguinte e analisaram os saques. Os endereços não significavam nada para Jacob.

– Onde ficam essas caixas eletrônicas?

– No centro da cidade.

Jacob assentiu. Até agora os assassinos estavam seguindo o *mesmo* padrão. Ele viu aquilo como uma boa notícia.

– Alguns dos caixas têm câmeras de vigilância – observou Gabriella Oscarsson. – Nós podemos pedir gravações dos horários em questão.

– O que as câmeras nas outras cidades mostraram? – perguntou Mats Duvall.

Jacob pegou um caderno de notas da mochila, mas não precisou consultá-lo para responder. Ele já sabia a resposta de cor.

– Um homem alto com cabelos castanhos, boné e óculos escuros. Ele está vestido com um casaco escuro de comprimento médio e sapatos claros.

– Todas as vezes? – perguntou o superintendente.

– Todas as vezes – respondeu Jacob.

Eles analisaram os itens de valor que tinham sido roubados de Dalarö, de acordo com as famílias das vítimas.

– Qual a marca da câmera? Quantos quilates tinha o anel? – perguntou Jacob.

– Os pais vão verificar os recibos antigos – respondeu Gabriella, irritada. – Eles acabaram de perder os filhos. Certamente algum nível de empatia...

Jacob olhou para ela e sentiu o maxilar endurecendo.

A sala ficou em silêncio. Finalmente Sara Höglund assumiu.

– Como procedemos daqui em diante? Alguma sugestão?

Jacob girou a cadeira por alguns segundos antes de responder.

– Nós temos que quebrar o padrão deles, de alguma forma – respondeu ele.

– Precisamos provocá-los, fazer com que cometam erros.

Sara Höglund ergueu as sobrancelhas

– *Como* nós fazemos isso?

– Usando o canal de comunicações que eles já abriram – respondeu Jacob.

Dez pares de olhos céticos o encaravam.

– O cartão-postal enviado para o jornal *A onposten*. É óbvio que os assassinos queriam se comunicar... e agora vamos responder.

Gabriella Oscarsson virou os olhos. Mats Duvall assentiu com a cabeça, encorajando-o.

– Continue.

Jacob olhou para cada uma das pessoas na sala antes de falar.

– Faz tempo que eu estou pensando nisso. Peça a Dessie Larsson para escrever uma carta aberta aos assassinos, a ser publicada no jornal de amanhã. Deixe-a oferecer uma entrevista a eles.

Evert Ridderwall fungou, indignado.

– Por que os assassinos responderiam uma merda dessas?

Jacob o encarou com firmeza.

– Porque nós vamos oferecer um monte de dinheiro.

# Capítulo 39

Sylvia chamou a atenção do garçom com um aceno leve e delicado da mão bem-cuidada. Essa noite ela estava se fazendo de garota rica de novo.

– Nós gostaríamos de ver a carta de vinhos mais uma vez – pediu ela, dando uma risadinha e se recostando no ombro da linda mulher holandesa sentada ao seu lado. – É tão divertido tomar vinho no almoço, você não acha?

A holandesa riu, concordando.

– E um vinho tão bom, ainda por cima.

Elas estavam no Bistrô Berns, um restaurante francês chique com um clima meio vaudevilliano localizado ao lado do Berzelii Park, no centro da cidade.

Sylvia e a mulher holandesa tinham comido *chèvre chaud* com beterrabas e salada de nozes. Os homens tinham pedido dois *boeuf bourguignon* e o grupo já estava pronto para outra garrafa de um bom vinho tinto.

– Eu acho que a crise financeira vai dar uma reorganizada necessária no mercado de capitais – disse o holandês, com ares de importância.

Ele estava incrivelmente determinado a impressionar Mac e este, por sua vez, entrou no jogo e fingiu interesse em todas as suas alegações.

– Essa é a melhor das hipóteses – disse Mac. – Por outro lado, talvez devêssemos aprender com a história. As preocupações financeiras na virada do século passado não tiveram fim até a Primeira Guerra Mundial.

– Deus, vocês dois são tão entediantes! – gemeu Sylvia, acenando novamente para o garçom. – Bom, eu vou comer uma deliciosa sobremesa. Alguém quer me acompanhar?

A holandesa escolheu um *crème brûlée* e os homens pediram café.

– Você soube o que aconteceu aqui? – perguntou Sylvia, enchendo as taças de vinho. – Dois turistas foram assassinados em alguma ilha.

A holandesa arregalou os olhos. Ela era absolutamente maravilhosa, essa mulher.

– Isso é verdade? – perguntou ela, horrorizada. – Saiu nos jornais?

Sylvia deu de ombros.

– Eu não consigo entender o que está escrito nos jornais. Nós ficamos sabendo por meio de uma garota no hotel. Não é verdade, Mac, que dois turistas foram assassinados em uma ilha aqui perto?

Mac assentiu.

– É isso mesmo. Dois alemães. Um negócio terrível, pelo visto. Eles tiveram as gargantas cortadas.

Dessa vez foi o namorado holandês quem arregalou os olhos.

– As gargantas cortadas? – perguntou ele. – Nós tivemos um caso assim na Holanda. Em Amsterdã, não faz muito tempo. Não é mesmo, Nienke?

– Foi mesmo? – perguntou a holandesa, lambendo a sobremesa da colher. – Quando?

– Eles foram apelidados de “Assassinos do Cartão-postal”. Mandaram um cartão-postal para algum jornal daqui.

– Isso é doentio! – afirmou a holandesa, raspando a tigela atrás dos últimos resquícios do *brûlée*. – Onde você comprou essa blusa?

A pergunta foi dirigida a Sylvia. Os alemães assassinados já tinham saído da cabecinha bonita da holandesa.

– Emporio Armani – respondeu Sylvia. – Tem uma loja ótima, fabulosa. Fica bem na esquina, na Biblioteksgatan.

Ela se levantou, deu a volta na mesa e se acomodou no colo de Mac.

– Querido... – murmurou ela. – Foi um dia tão gostoso. Eu adoraria um souvenir, para servir de recordação...

– Não – disse Mac, ficando de pé em um salto.

Sylvia quase caiu no chão.

– O quê? – perguntou ela, rindo, enquanto o holandês se levantava para ajudá-la a recuperar o equilíbrio. – Você acha que seria caro demais?

– Não, Sylvia. Agora não. Hoje não. – Os lábios dele se curvaram de irritação.

Sylvia riu e passou o braço pelo ombro do holandês.

– Ah! Que estraga prazeres ele é... Acho você muito mais divertido.

Ela se esticou na ponta dos pés e o beijou na boca.

– Precisamos ir agora, Sylvia – disse Mac, puxando-a pelo braço.



# Capítulo 40

— **E**sperem! – chamou o holandês, estendendo o seu cartão para Mac. – Entrem em contato se quiserem sair para comer de novo.

– Claro, entraremos! – respondeu Sylvia, enquanto Mac a puxava para fora do restaurante.

Quando estavam fora da vista, Sylvia se libertou do aperto de Mac.

– Suponho que você tenha uma boa explicação – disse ela, acariciando o próprio braço.

Mac não respondeu logo de cara.

– Por que você falou dos assassinatos? Não podemos cometer erros assim.

– Não foi um erro. A cidade está muito agitada. Não poderíamos ter matado eles. Mas como eu queria. Eu queria cortar os dois.

O Berzelii Park estava cheio de pessoas, bicicletas e buggies. Sylvia se aproximou de Mac e o beijou no pescoço.

– Você está bravo comigo? Como eu posso me desculpar?

– Nós temos um trabalho a fazer – respondeu ele, seco. – Ainda precisamos sair de Estocolmo.

Ela suspirou teatralmente e pegou a mão de Mac, sugando o seu dedo e beijando-o na boca.

– Eu sou a sua escrava. Só não quero ir parar na prisão. Eu não conseguiria viver sem você, Mac.

Eles atravessaram a ponte sobre Strömen, voltando para a Cidade Velha. Sylvia tinha os dois braços ao redor da cintura de Mac, o que dificultava um pouco a caminhada ao longo da beira do cais.

Finalmente Mac se animou e colocou o braço sobre o ombro dela.

– Você está perdoada.

Eles andaram até uma loja na Västerlånggatan, escondida entre os prédios medievais, e Sylvia comprou os jornais do dia enquanto Mac pagava por meia hora de internet.

– Algo sobre Oslo? – perguntou ela.

Mac digitou com rapidez.

– Nada – respondeu ele.

Sylvia abriu nas páginas seis e sete do *A onposten*, reconhecendo a casa da foto.

– Sabe de uma coisa? – perguntou ele. – Nós deixamos os holandeses com a conta.

Mac riu. Em seguida, deu login e começou a trabalhar.

# Capítulo 41

A vendedora da loja de joias era uma mulher de Riga, de 40 anos, chamada Olga. Tinha cabelos louros-claros e brincos grandes, um diploma de ourivesaria e fluência em cinco idiomas. Sueco não estava entre eles. A mulher conseguiu o emprego na seção de joias do shopping durante a temporada de turismo, para receber clientes estrangeiros.

Dois dias antes, tinha vendido um relógio Ômega, um Double Eagle Chronometer feito de aço e ouro com uma caixa de madrepérola, para Rolf Hetger, o turista alemão assassinado.

Agora ela estava sentada na sala de interrogatório no quarto andar da delegacia em Estocolmo, claramente incomodada com a situação.

Jacob estava perto da parede, analisando a mulher.

Ela parecia bem mais velha que os seus 40 anos. Mas o que ele queria saber era por que ela estava tão nervosa.

– Você pode nos falar sobre o seu encontro com Rolf Hetger? – perguntou Mats Duvall.

A letã lambeu os lábios.

– Ele queria ver um relógio. Foi só isso. Havia outro homem com ele. Eles conversaram entre si em inglês. Eram bem elegantes.

Ela corou.

– Você pode descrever a aparência do outro homem para mim? Por favor?

– O americano? Ele era louro e muito bonito. Parecia uma estrela de cinema. Era muito charmoso, engraçado e atencioso.

Ela baixou os olhos para a mesa.

Jacob sentiu seus músculos se tensionando: o assassino era um americano paquerador? Claro que era.

– O que a levou a pensar que o homem bonito era americano? – perguntou o superintendente.

Olga mexeu em um dos brincos.

– Ele falava como um americano – respondeu ela.

– Tem certeza?

Ela corou mais ainda.

– Ele soava... parecia... aquele ator bacana com cabelos compridos... de *Lendas da paixão*.

Mats Duvall pareceu confuso.

– Brad Pitt – esclareceu Jacob.

O superintendente olhou com surpresa para Jacob.

– O que aconteceu na loja? Conte-nos tudo, por favor.

– Eles viram uns relógios. O alemão tinha pensado em comprar um Swatch, mas o americano o convenceu a comprar outro. E foi o que ele fez.

*Mais de 22 mil coroas suecas em uma compra por impulso*, pensou Jacob. O assassino era muito persuasivo.

– Rolf Hetger assinou o recibo ou usou a senha do cartão?

Olga respirou fundo por alguns segundos.

– Ele usou a senha.

– E onde estava o americano enquanto isso?

– Ele estava ao lado do alemão.

– Você acha que reconheceria o americano se o visse de novo?

Ela hesitou, mas assentiu.

– Por quê? – perguntou Mats Duvall.

Olga o encarou, confusa.

– Como assim?

– Você deve receber centenas de clientes todos os dias. Por que se lembraria daqueles dois?

– Não centenas – disse ela, parecendo um pouco incomodada. – E não são muitos que compram Ômega caros.

A mulher baixou o olho e Jacob soube que ela estava mentindo.

Olga se lembrava dos homens porque eles eram jovens, ricos, bonitos e tinham flertado com ela.

Ele juntou as mãos. Era isso que estava esperando: um erro. Eles foram descuidados e mostraram os rostos para alguém. Finalmente tinham deixado um rastro. Será que ele conseguiria segui-lo?

– Você tem equipamento para fazer retratos falados?

– Segundo andar – respondeu Mats Duvall. – Podemos fazer tudo o que vocês fazem na América.

# Capítulo 42

Um inspetor de polícia levou a mulher para o especialista, cujo computador estava cheio de narizes, olhos e estilos diferentes de cabelo.

– Isso correu bem – comentou Mats Duvall, enquanto eles caminhavam de volta para o escritório. – Foi um avanço importante, na verdade. Uma vitória para o policiamento de rua.

– Em parte – disse Jacob. – Olga não foi completamente honesta conosco.

Mats Duvall ergueu as sobrancelhas.

– Como assim?

– Ela não é letã. Eu conheço letões, do meu antigo bairro. Acho que ela é de um lugar mais ao leste, da Rússia ou da Ucrânia, o que significa que está aqui com um passaporte falso. E ela não tem 40. Está mais perto dos 50. Se eu fosse você, daria um jeito de mantê-la aqui e questioná-la um pouco mais. Ela sabe de algo que não está dizendo.

O superintendente se sentou à mesa e ligou o computador.

– Neste país nós não detemos as pessoas só porque queremos. É certamente não com base em suposições vagas acerca de passaportes falsos.

– Não é por causa do passaporte – disse Jacob, esforçando-se para não berrar. – Nós demos um susto nela. Você não viu? Ela vai desaparecer assim que tiver uma chance.

Mats Duvall digitou algo no computador, sem responder.

Jacob deu dois passos compridos na direção da mesa do superintendente e se inclinou sobre a tela.

– Essa é a primeira vez em que alguém viu o assassino e se lembrou dele com tanta clareza. Se ela desaparecer, nossas chances de identificá-lo somem junto.

Mats Duvall olhou para o relógio.

– Hora de ir para o *A onposten*.

# Capítulo 43

Dessie não pôde acreditar no que estava ouvindo.

– Você não pode estar falando sério – disse ela. – Não posso fazer isso. O jornal não pode fazer isso.

Ela estava sentada à mesa da sala de reuniões, atrás da seção de esportes, com o editor-chefe, Stenwall, Forsberg, o editor de notícias, Jacob Kanon, Gabriella e Mats Duvall.

– Essa decisão não precisa ser unânime – disse Robert Stenwall. – A equipe editorial concordou, então a questão está decidida. Vamos publicar uma carta para os assassinos amanhã. Todos nós achamos que a carta deveria vir de você. Foi com você que eles decidiram entrar em contato, afinal.

Dessie se levantou. Ela estava fora de si.

– Oferecer dinheiro para aqueles *filhos da puta*? Você não consegue ver como isso é antiético?

– Nós acreditamos que seja uma boa forma de obrigá-los a se comunicar – disse Mats Duvall. – Os assassinos querem cobertura da mídia. Se não quisessem, não teriam enviado aquelas cartas e cartões-postais.

Dessie olhou para os rostos das pessoas na sala. Os olhos fechados. Eles já tinham se decidido, sem nem mesmo consultá-la.

– Não é o trabalho da mídia servir a polícia assim. – Ela protestou. – Nós deveríamos noticiar assassinatos, não resolvê-los.

– Vemos isso como uma oportunidade de fazer as duas coisas ao mesmo tempo – disse o editor-chefe, em uma voz um tanto tensa. – Pessoas estão morrendo, Dessie.



Ela cruzou os braços sobre o peito.

– Então acho que você deveria assinar a carta. Por que o meu nome?

Forsberg se contorceu na cadeira, desconfortável. Ele não gostava de desavenças.

– *Eles escolheram você!* – Mats Duvall gritou. – O impacto não vai ser o mesmo se outra pessoa responder.

Ela encarou o chão.

– Isso é errado. É errado pagar a eles pelos crimes.

– Dessie – falou Gabriella –, vamos lá. Eles não vão receber nenhum dinheiro. Isso é só para atraí-los.

– E se eu me recusar?

Subitamente, Jacob se levantou, pegou-a pelo braço, abriu a porta e a puxou para um canto da seção de esportes. Dessie olhou por cima do ombro e teve tempo de registrar a expressão de surpresa do editor-chefe e os lábios franzidos de Gabriella.

– Pelo amor de Deus – disse Jacob. – Você precisa colaborar com isso. Nós nunca chegamos tão perto dos assassinos. Seus editores estão fazendo a coisa certa publicando isso. Eles estão fazendo o que precisam fazer.

Dessie se livrou do aperto.

– Uma ova que estão! – praguejou. – Stenwall só está pensando nas vendas extras. Ele quer uma citação no *Washington Post*. Isso vai contra todos os princípios morais!

Os olhos do americano escureceram. Ele deu um passo na direção dela, seu hálito quente.

– Você está falando sobre princípios. Eu estou falando sobre salvar vidas. Se você fizer isso direito, vai conseguir quebrar o padrão deles e é exatamente isso que precisamos. Vai ser aí que eles vão cometer um erro.

Ela encarou o americano nos olhos, que reluziam como estrelas selvagens.

– Você entende quanta merda eu vou ter que aturar dos meus colegas por causa disso? – perguntou ela.

Ele a encarou, sem palavras.

– Então sua carreira e o seu conforto são mais importantes que a vida desses jovens?

Dessie piscou.

– Não – respondeu. – Não é isso que eu estou dizendo...

– É, sim. – Jacob a interrompeu. – É *exatamente* isso que você está dizendo. Você acabou de afirmar que a sua reputação é mais importante do que capturar o assassino de Kimmy e impedir a morte de outros inocentes.

Ele passou as mãos pelo cabelo, irritado, e deu as costas para Dessie. Parecia que o homem estava prestes a chutar alguma coisa. Uma sensação de insegurança a dominou. E se ele tivesse razão? Talvez sua responsabilidade como ser humano fosse mais importante do que sua responsabilidade como repórter. Quanto à sua reputação, ela já não valia muita coisa de qualquer jeito.

– O que a carta vai dizer? – perguntou ela. – Além da oferta de dinheiro?

Ele fechou os olhos por uns instantes.

– Você precisa desafiá-los. Dar uma sacudida neles, provocá-los a fazer algo irracional. Eu vou ajudar, é claro. Se você quiser a minha ajuda.

– Em que idioma? Inglês ou sueco?

– Pode fazer em ambos?

– Estou escrevendo a minha tese de doutorado em inglês.

Eles trocaram um olhar em silêncio.

– Eu vou me arrepender – disse Dessie.

– Não – respondeu Jacob. – Não se os capturarmos.

# Capítulo 44

*Terça-feira, 15 de junho*

Sylvia ajeitou os travesseiros na enorme cama de casal e, em seguida, abriu o *A onposten*. Ela soltou um pequeno grunhido de frustração.

– Isso não é nada lisonjeiro – disse ela, olhando para o retrato falado de Mac que dominava a página seis. – Você é muito mais bonito na vida real.

– Deixe-me ver como estou... – pediu Mac, tentando pegar o jornal dela.

– Espere um pouco – disse Sylvia, puxando o jornal de volta. – Eu quero ler o que diz.

Mac ficou irritado e foi para o banheiro. Sylvia admirou sua bunda enquanto ele entrava no chuveiro. Ela colocou a bandeja de café da manhã de lado para poder ler melhor a matéria.

A carta, escrita em inglês e sueco, era dirigida aos “Assassinos do Cartão-postal”. “Aceite meu desafio... se tiver coragem”, dizia a manchete.

Sylvia passou os olhos pela página para ver quem tinha assinado a carta.

– Ei, nossa nova amiga Dessie Larsson nos escreveu uma carta. Que gentil da parte dela. Muito atenciosa.

O chuveiro foi ligado. Mac não respondeu.

*Então... vamos ver*, pensou ela. E começou a ler em voz alta.

“Vocês me escreveram e agora estou retribuindo a carta. Ao contrário de vocês, estou disposta a colocar o meu nome no final. Não estou me escondendo, assumo inteira responsabilidade pelas minhas ações. E continuarei fazendo isso. Portanto, o *A onposten* e eu decidimos responder a vocês com esta carta...”

Ela passou os olhos pelo texto.

Dizia que a polícia estava na cola deles, que era só uma questão de tempo até serem capturados. Que eles tinham ficado muito convencidos e começado a cometer erros. Que estavam perto de se entregar. Que os alemães em Dalarö seriam as suas últimas vítimas.

Sylvia ergueu os olhos e viu Mac parado na porta com a toalha de banho pendurada no pescoço, observando-a enquanto ela lia.

– O que diz aí? Não seja tão controladora. Você sabe que eu não gosto disso.

– Ah, desculpa, querido. A maior parte é bobagem, mas o final é interessante. Ela quer nos entrevistar.

Mac riu pelo nariz.

– Que imbecil. Por que deixaríamos ela nos entrevistar?

Sylvia passou o jornal para ele.

– Estão nos oferecendo cem mil dólares.

Mac arregalou os olhos.

– Que nada – disse ele, pegando o jornal com as duas mãos e se deixando afundar na cama bagunçada. – Cacete. Cem mil dólares. Isso é bastante coisa.

Sylvia se levantou e foi até a janela do quarto do hotel. Ela alongou os braços esguios sobre a cabeça e bocejou alto, muito ciente de que estava totalmente visível em toda a sua nudez. – Olhem para mim... – sussurrou ela. – Aqui estou. Venham me pegar.

Do outro lado da rua havia um prédio construído no estilo romântico nacional sueco, com torres e um telhado de cobre, as janelas gradeadas reluzindo no sol matinal. Era o Tribunal Municipal de Estocolmo, o lugar aonde criminosos patéticos eram levados para pagar pelas suas contravenções. Ela ficou na ponta dos pés. Atrás do tribunal ficava um prédio grandioso bege com pináculos, um campanário e balaústres decorativos: era a delegacia de Estocolmo, onde os policiais insignificantes arrancavam os cabelos em desespero, pensando em mentiras para tentar levá-los a se entregar.

– Sylvia – disse Mac –, acho que vale a pena pensar nisso. Ela está prometendo anonimato completo, diz que nunca vai revelar as suas fontes. E o dinheiro cairia muito bem. Olha, tem um número para nós ligarmos.

Ela deixou os olhos vagarem pela fachada cinza marrom do tribunal.

– Não é uma má ideia – disse ela, virando-se na direção de Mac. – Mas por que parar em cem mil dólares?

– Você acha que ela pagaria mais?

Sylvia sorriu.

– Você está com o cartão daquele holandês?

– Sim, por quê?

Ela subiu na cama, ficou de quatro e engatinhou devagar até Mac. Deu uma mordida delicada em sua orelha, respirando sobre o pescoço do amante.

Em seguida, subiu nele, quente e molhada.

– Diversão primeiro, amor.

# Capítulo 45

**A** campainha de bronze emitiu um som frágil que combinava perfeitamente com o lugar. Dessie prendeu a respiração ao entrar na galeria da Österlånggatan, na Cidade Velha.

– Olá? – chamou, cautelosa.

Dessie sempre se sentia suja quando entrava em uma galeria. O chão, o teto e as paredes eram todos pintados de um branco imaculado. Até o banheiro para visitas e a escadaria que levava aos escritórios no andar de cima eram brancos. Ela sabia por quê. Tinham explicado para ela uma vez que era para “prender a luz” e “fazer justiça à arte”.

– Christer? Você está aí?

Ela sentiu como se a ilusão de pureza fosse desfeita caso falasse alto demais.

– Oi, Dessie – respondeu uma voz surpresa por trás dela. – O que a traz aqui?

Dessie deu meia-volta. Não o tinha escutado entrar.

Christer, seu ex-marido, estava vestido da mesma forma que sempre: um suéter polo preto, calças de gabardine preta e mocassins silenciosos. Ele parecia a caricatura de um dono de galeria.

– Desculpe a invasão – disse ela, com um sorriso um pouco forçado. – Eu preciso da sua ajuda.

Eles tinham sido casados por quatro anos. O casamento dera a Christer uma mulher que ele dizia amar, enquanto Dessie ganhou um contexto ao

qual podia pertencer. Festas para ir, pessoas com quem conversar. Christer sabia ser encantador, mas Dessie nunca conseguiu se conectar a ele.

Ele a encarou com espanto.

– Ok, você precisa de ajuda com o quê?

Ela sentiu as palmas começarem a suar. Talvez isso fosse loucura. Talvez a ideia fosse completamente doida, mas ela estava entusiasmada com a ideia de resolver os assassinatos. Era algo que a motivava.

– É meio complicado. É só uma ideia que eu tive...

Dessie respirou fundo. Agora ela já estava lá, afinal.

– É sobre uma pintura específica – disse, por fim. – Preciso da sua ajuda para identificar uma pintura.

# Capítulo 46

Christer ergueu as mãos, curioso.

– Que pintura? Você tem uma foto?

Dessie hesitou.

– Não – respondeu ela –, não exatamente. Eu posso descrevê-la. Há uma mulher sentada com uma almofada no colo e um homem deitado com a cabeça sobre a almofada.

Christer não parecia ter entendido.

Dessie colocou a mochila e o capacete da bicicleta no chão. Em seguida, sentou-se ao lado dele.

– Uma mulher... sentada desse jeito.

Depois deitou no chão.

– E um homem, deitado assim.

Ela ergueu uma perna, estendeu os dedos em uma das mãos e esticou a outra.

Christer piscou várias vezes.

– Dessie, o que você está fazendo? Do que isso se trata? Você certamente não está pensando em decoração.

Ela se sentou. Tinha a fotocópia do casal morto em Dalarö na mochila. Não queria mostrá-la para Christer. Sangue o deixava muito sensibilizado. Ele se incomodava até quando ela estava menstruada.

– Uma imagem. Estou atrás de uma imagem ou uma pintura com pessoas nas posições que acabei de mostrar.



Ele a encarou, pensativo. Ela se deitou de novo, estendendo a mão direita sobre o chão.

– Assim... O homem está segurando algo na mão direita.

– Dessie – disse ele, em voz baixa. – Por que você está aqui?

Ela sentiu o rosto queimando. Christie achava que a pintura era um pretexto. Desistindo da sutileza, Dessie se levantou, abriu a mochila e puxou a fotocópia.

– Talvez você deva se sentar.

Ele deu um passo em sua direção.

– Só quero saber por que você veio me ver. Não se trata de arte, Dessie.

Ela mostrou a fotocópia. Viu os seus olhos se arregalando e o rosto ficar tão branco quanto as paredes.

Dessie o segurou antes de ele cair.

– Meu Deus... Isso são... são... pessoas?

A resposta foi mais ríspida do que seria necessário. Foi como saiu.

– Não são mais. Olha como elas estão posicionadas. Isso não faz você se lembrar de nada? Onde eu já vi isso antes?

– Pelo amor de Deus – disse ele, fechando os olhos e balançando a cabeça.

– Guarde isso.

– Não. Olhe bem. Por favor. Olhe para o homem.

Ela ajudou Christer a se sentar no chão. Ele estava respirando fundo e teve que colocar a cabeça entre os joelhos por alguns segundos.

– Vamos ver – disse ele, pegando a imagem. Observou-a por uns dois segundos e a empurrou para longe novamente.

– *A morte do dândi* – declarou. – Nils Dardel, 1918. Está no Museu de Arte Moderna.

Dessie fechou os olhos, visualizando a pintura. É claro! Sabia exatamente qual era a pintura.

Ela se inclinou e beijou o ex-marido no rosto.

– Obrigada. Isso pode salvar vidas, Christer.

# Capítulo 47

Dessie lutou para recuperar o fôlego enquanto passava o cadeado pela bicicleta em frente à entrada do Museu de Arte Moderna, na ilha de Skeppsholmen.

A construção amarela brilhava sob a luz do sol, forçando Dessie a apertar os olhos para conseguir enxergar a fachada. A última vez que ela havia visto o prédio tinha sido antes do divórcio, com Christer.

Ela foi para o saguão de entrada no andar superior, um ambiente similar à galeria de seu ex-marido: branco imaculado, iluminação forte. Era exatamente como ela se lembrava, as paredes de vidro, a cafeteria e as lâmpadas de cromo.

Christer e ela tinham ido a uma festa no saguão de entrada do museu poucas semanas antes do fim do casamento. Dessie caminhou até a mesa de informações, ocupada por uma mulher alta usando roupas pretas.

– Com licença, estou tentando encontrar uma pintura chamada *A morte do dândi*.

– Oito coroas – disse a mulher.

Claro, o novo governo de direita tinha abolido a entrada gratuita aos museus da Suécia... Dessie pagou.

– Você está no andar certo. É só seguir o corredor à sua esquerda até o final, pegar a direita e depois a primeira à esquerda.

Dessie não conseguia se lembrar do que estava sendo comemorado na festa em que foi com Christie. Devia ser o aniversário de alguém. Ou algum conhecido deles tinha conseguido uma exposição no museu.

Ela reprimiu a memória e seguiu pelo corredor comprido, passando pela cafeteria.

Ainda era cedo e o museu estava quase vazio. Ela escutou pessoas conversando nas profundezas das catacumbas, mas não viu ninguém, nenhuma viva alma. Não eram apenas os jornais que estavam em declínio; a apreciação da arte também parecia ter diminuído, até mesmo na Suécia.

Depois de algum tempo, ela encontrou a sala certa.

Lá estava! Dessie reconheceu imediatamente.

*A morte do dândi*, óleo sobre tela, 1,5 metro de altura, quase 2 metros de largura. Uma das pinturas suecas mais famosas do século passado.

# Capítulo 48

Dessie parou na frente da pintura, estranhamente emocionada.

Era uma criação impressionante, com formas radicais e cores fortes: o homem narcisista jaz deitado sobre uma almofada branca, com um espelho na mão. Seus amigos igualmente afetados se reúnem ao seu redor. Estão em luto, mas a única pessoa chorando é o homem de paletó roxo e camisa laranja no canto esquerdo.

A mulher que segura o homem e a almofada no colo parece quase entretida. Não havia mais dúvida: esse tinha sido o modelo para os assassinatos em Dalarö. Os assassinos deviam conhecer a pintura. Talvez tivessem passado por ali.

Talvez eles tivessem parado exatamente onde ela estava agora e contemplando o trabalho de Dardel: seria uma alegoria sobre o ato criativo? Ou será que Dardel erguera uma imagem proibida de homossexualidade?

Um pensamento correu como fogo por seu cérebro. Ela respirou fundo, erguendo os olhos para o teto, e sentiu a adrenalina pulsando em suas veias.

Lá no canto, bem em cima da porta, havia uma discreta câmera da vigilância.

Naquele mesmo instante, sua imagem estava sendo transmitida para algum lugar.

Dessie pegou o celular e ligou para Gabriella, na delegacia.

# Capítulo 49

Dessie estava segurando a reprodução colorida da obra-prima de Dardel em uma das mãos e a fotografia de Dalarö na outra. Seu palpite tinha se revelado correto. Caramba, ela era melhor nisso do que a polícia!

A mesa de Gabriella estava coberta com os cartões-postais e as fotografias dos cadáveres de Jacob. Ao lado desse material, imagens que Dessie havia imprimido da internet.

Gabriella olhou para as fotos uma por uma, seus olhos cada vez mais arregalados.

– Meu Deus – disse ela, pegando a imagem dos alemães assassinados –, você tem razão, Dessie.

– Desculpe – interrompeu Jacob. – Do que vocês estão falando?

Dessie olhou para a sua cabeleira desgrenhada. Parecia que ele estava literalmente arrancando os cabelos. De repente, ela sentiu pena do homem, de sua dor, de sua perda terrível.

– Os assassinos dispõem os corpos para imitar obras de arte famosas. Veja isso, Jacob.

Dessie ergueu a fotografia de Paris. Os cadáveres de Emily e Clive Spencer estavam sentados lado a lado na cama, ambos com a mão direita sobre a esquerda, apoiadas no estômago.

– A *Mona Lisa* – disse ela, colocando uma cópia da obra-prima de Da Vinci ao lado da fotografia.

Jacob pegou as fotos, meio desajeitado, amassando-as um pouco.

A mulher com o sorriso misterioso na pintura tinha a mão esquerda sobre a direita, ambas repousando sobre o estômago.

– Cristo... Você tem razão. É isso que eles têm feito.

Ela colocou a foto do casal assassinado em Berlim, que mostrava ambos de perfil, o lado com o olho intacto voltado para a câmera. Ao lado da foto ela colocou a imagem de uma estátua egípcia.

– O busto de Nefertiti, provavelmente a obra de arte mais imitada do Egito Antigo. Está no Museu Neues, em Berlim. Foi lá que os assassinos a viram, eu garanto.

Gabriella se inclinou para a frente. Seu rosto estava corado, duas marcas vermelhas pontuavam suas bochechas. Dessie olhou para ela. Elas também tinham visitado o Museu Neues, em sua primeira viagem juntas.

Jacob pegou a imagem e a estudou com atenção.

– O que você quer dizer? – perguntou ele para Dessie. – O que os olhos esquerdos arrancados têm a ver com isso?

– O busto de Nefertiti não tem o olho esquerdo – respondeu Gabriella. – Todo mundo sabe disso.

# Capítulo 50

Dessie não se interessava tanto assim por arte. Merda, ela nem reconheceu a ligação com *A morte do dândi*. Não logo de cara. Mas tinha um conhecimento razoável sobre a teoria, formado no decorrer do seu casamento com Christer, provavelmente em um esforço de autopreservação. Ela não queria ser vista como uma caipira ignorante de Norrland em todas as inaugurações. Mas a arte nunca trouxe muita alegria para ela. Muito menos grandes emoções.

Gabriella, por outro lado, tinha uma paixão genuína pelo assunto. Ela se daria muito bem com Christer, melhor que Dessie, para falar a verdade.

– Amsterdã – disse Dessie, pegando uma cópia da pintura seguinte. – Vincent Van Gogh. Já ouviu falar dele?

Jacob a encarou com condescendência.

– Sou um americano, não um bárbaro.

– Um dos autorretratos dele. Normalmente fica em Londres, mas nessa primavera foi emprestado para o Museu de Van Gogh em Amsterdã. Ele cortou fora a orelha esquerda, mas é óbvio que os assassinos não sabiam disso, pois cortaram...

– A orelha direita das vítimas em Amsterdã. – Jacob completou, sem fôlego. – Que merda. O que eles querem, afinal?

Um silêncio caiu sobre o grupo. Jacob tamborilou na mesa, algo que fazia quando estava perdido em seus pensamentos. Gabriella passou os olhos pelas fotos dos cadáveres e as comparou com as outras obras de arte que Dessie havia imprimido.

- Florença é *O nascimento de Vênus*, de Botticelli?
- No Uffizi. - Dessie confirmou.
- Mas e Atenas? A de Atenas foi inspirada no quê?
- Não sei essa. Mas Madri tem que ser *A maja nua*, de Goya. O que você acha, Jacob?

Mas Jacob não estava escutando. Ele empalidecera. Seu olhar vazio pairava sobre a grama do Kronoberg Park.

- E Kimmy? - perguntou ele. - Que obra de arte eles reproduziram com Kimmy? O que estavam imitando?

Dessie sentiu as palmas das mãos começando a suar. Ela olhou para as impressões e as empurrou na direção dele.

- A Capela Sistina - respondeu, com a voz leve. - A Criação de Adão é um detalhe no afresco do telhado. Sabe, Michelangelo...

Ela mostrou a foto maior, com Deus deitado na frente de um cérebro humano, estendendo a mão para Adão e, em seguida, um close do dedo de Deus quase tocando a mão de Adão.

Jacob se virou e olhou para Dessie. Seus olhos estavam ainda mais azuis, irradiando um pesar que ela não seria capaz de começar a compreender.

*Esse é o pai de Kimmy, pensou ela. Não Jacob, o policial, apenas Jacob.*

Instintivamente, ela colocou a mão sobre o braço dele. Os músculos estavam tensionados e Dessie notou que ele era muito forte.

- Mas o que isso nos diz, de fato? - perguntou Gabriella. - Que os assassinos são fodidos da cabeça? Nós já sabíamos disso.

Seu tom era conciso, quase desdenhoso. Dessie olhou para ela, surpresa. Ela tirou a mão do braço de Jacob.

- Diz mais do que isso - respondeu Jacob, agora um policial de novo. - Diz muitas coisas. Eles gostam de se exhibir e são insolentes. Estão nos mostrando como *eles* têm poder sobre a vida e a morte. Talvez que a morte seja uma forma de arte que podem usar à vontade.

Dessie ficou surpresa com a profundidade do pensamento. O interfone de Gabriella tocou.



– O vídeo do Museu de Arte Moderna está na recepção do Bergsgatan – disse uma voz.

Jacob se levantou.

– Peça as gravações de todos os museus.

Gabriella balançou a cabeça.

– Você tem ideia de quantas gravações são? Em todo caso, não vão estar mais disponíveis depois de tanto tempo.

Mas Jacob já tinha saído da sala.

# Capítulo 51

As gravações das câmeras de segurança do Museu de Arte Moderna tinham uma qualidade relativamente boa. Com sorte, as imagens seriam incriminadoras. A imagem estava um pouco granulada e as cores meio estranhas, mas as pessoas entrando e saindo podiam ser vistas com clareza na iluminação intensa.

As gravações não tinham som.

Jacob e Gabriella estavam em uma sala de vídeo no fundo do porão da delegacia, em meio a pilhas de CDs. Os arquivos não seguiam nenhum tipo de ordem nem tinham qualquer marcação útil, o que significava que eles teriam que passar um por um.

– Por onde começamos? – perguntou Gabriella, com a voz meio resignada.

Jacob buscou entre os discos, pensando alto.

– Os assassinatos se deram no sábado à tarde. Então eles devem ter visitado o museu antes disso.

– Se é que estiveram lá – disse Gabriella. – Não se esqueça dessa parte.

Jacob decidiu ignorar a atitude negativa.

– Sábado pela manhã não é muito provável – disse ele. – Deviam estar ocupados fazendo outras coisas.

– Por exemplo? – perguntou Gabriella.

– Comprando champanhe e fumando maconha com o casal alemão que eles matariam a sangue-frio.

Eles dividiram as gravações entre si e começaram a exibição aleatória.

## Capítulo 52

A tela de Jacob mostrava uma turma de crianças em idade escolar vagando sem rumo pela sala de obras suecas às 9h26 de sexta-feira. Ele pressionou o botão de avanço rápido e as crianças começaram a correr para todos os lados como doidas.

– O que você acha de Dessie? – perguntou Gabriella de repente, sem tirar os olhos da tela.

Jacob olhou na direção dela, surpreso. Ela também tinha acelerado a gravação e estava na quinta-feira, às 14h23.

– É uma garota bem esperta para uma jornalista. Por quê? O que você acha dela?

Gabriella chegou ao fim da gravação e pegou outro CD da pilha. Sexta-feira às três da tarde começava com três senhoras idosas que pareciam mais interessadas umas nas outras do que nos quadros ao seu redor.

Gabriella diminuiu a velocidade da gravação para observar com mais cuidado um grupo de visitantes japoneses em uma visita guiada, passando diante da pintura de Dardel.

– Ela tem muita integridade, o que a faz parecer mais durona do que é. Provavelmente foi um erro forçá-la a escrever aquela carta – respondeu Gabriella.

Jacob passou os olhos pela tela de Gabriella, que aumentou a velocidade mais uma vez depois que os turistas japoneses desapareceram.

– Pare! Olhe isso – disse ele, de repente.

Às 15h27, um jovem casal entrou na sala e parou diante de *A morte do dândi*. Apenas as suas costas eram visíveis. A mulher tinha cabelos compridos, escuros, mas não pretos. Era difícil avaliar a cor exata por causa da qualidade do vídeo.

Ao seu lado estava um homem louro, alto e bem-apessoado. Ele passou o braço pelos ombros da mulher. Ela acariciou suas costas e passou os dedos por dentro da cintura do jeans.

Eles caminharam juntos até a pintura, como se a estivessem inspecionando com cuidado.

– Você acha que podem ser eles? – perguntou Gabriella.

Jacob não respondeu.

O casal continuou parado ali, observando a pintura, conversando um pouco. Eles não prestaram atenção em nenhuma outra obra da sala.

Gabriella avançou o vídeo quadro por quadro, sem perder nada, vendo todos os gestos. Jacob queria poder ouvir o que eles estavam dizendo.

O jovem casal ficou diante da tela por quase quinze minutos. Eles passaram o tempo todo abraçados até o momento de saírem da sala. A mulher manteve a cabeça baixa, mas assim que o homem chegou ao vão da porta ele jogou o cabelo para trás. Seu rosto bonito foi filmado pela câmera de segurança com altíssima precisão.

Gabriella prendeu a respiração.

– É ele! – exclamou Jacob, pausando a imagem. Sua voz estava rouca de entusiasmo. – É o cara do retrato falado.

*Agora eu peguei você, seu filho da puta. Peguei vocês dois!*

# Capítulo 53

Dessie espalhou as anotações e os materiais de pesquisa sobre a mesa de Gabriella. Ela estava começando a ficar entusiasmada com a possibilidade de resolver esses assassinatos.

Havia um aspecto interessante no padrão dos assassinos: *eles também eram ladrões*. Eles pegavam câmeras, joias, aparelhos eletrônicos como iPods e celulares, cartões de crédito, etc., itens de valor fáceis de repassar para o mercado negro.

Ela inclinou a cadeira para trás, mastigando com voracidade uma caneta esferográfica. Se ela ignorasse os assassinatos e as brutais associações artísticas, o que restava dos Assassinos do Cartão-postal?

Bem, uma dupla de ladrões.

E como pessoas assim se comportam? São criaturas de hábitos, assim como todas as outras pessoas – talvez até mais.

Criminosos especializados em invasões, por exemplo, quase sempre começam pelo quarto. É lá que costumam encontrar joias e dinheiro. Em seguida, exploram o escritório, onde estão notebooks e câmeras de vídeo. Finalmente, vasculham a sala de estar, com os itens caros e grandes, como televisões e aparelhos de som.

Depois do crime eles precisam se desfazer dos objetos roubados e essa é a parte mais interessante para Dessie. Em geral, os ladrões passam o material para um intermediário, que costuma pagar preços bastante reduzidos. É um custo que os ladrões estão dispostos a aceitar. Estabelecer um canal para se livrar de bens roubados é algo muito valioso. Elimina os maiores riscos.

*Mas o que eles fazem se ainda não estabeleceram um canal?*

Eles usam casas de penhores, traficantes, conhecidos e até mesmo estranhos. E que canais estavam abertos para os Assassinos do Cartão-postal, nessa sua jornada homicida pela Europa?

Eles chegam a cada cidade nova sem nenhum contato, então não possuem nenhuma espécie de rede local. Não podem vender para intermediários ou conhecidos. E dificilmente assumiriam o risco de tentar vender a propriedade roubada para estranhos.

Ela pegou o telefone, ligou para a recepção e pediu para falar com Mats Duvall. Ele atendeu em seu escritório e Dessie memorizou o número de extensão que piscou no display. Talvez viesse a calhar um dia desses.

– Olá, sim, desculpe, aqui é Dessie Larsson. Tenho uma pergunta rápida: você verificou as casas de penhores?

– Casas de penhores? Por que faríamos isso? Nem sabemos o que foi roubado.

Ele desligou na cara dela. *Filho da puta burro!*

Dessie se sentou, com o telefone ainda na mão.

Dessa vez eles sabiam *exatamente* o que havia sido roubado. Gabriella havia mencionado a marca do relógio e Dessie tinha até anotado. Um Ômega Double Eagle Chronometer de aço e ouro com uma caixa de madrepérola. Quantos relógios desse tipo foram passados para as casas de penhores em Estocolmo desde sábado à tarde? Certamente nenhum na embalagem original.

Ela foi até o computador de Gabriella e digitou “casa de penhores Estocolmo”. Conseguiu dezoito bons resultados.

Dessie pegou o telefone e ligou para o primeiro número.

– Olá, meu nome é Dessie Larsson. Isso é um tanto constrangedor, mas meu namorado e eu penhoramos o meu novo Ômega e mais algumas coisas no sábado e, bem, a gente tinha tomado algumas cervejas... e agora meu namorado perdeu o recibo e não consegue lembrar em que casa de penhores nós fomos. Peço desculpas. O relógio era um Ômega Double Eagle Chronometer. De aço e ouro, com uma caixa de madrepérola...

Ninguém confirmaria que estava com o relógio na loja, isso seria admitir que haviam violado a lei, mas as pessoas que trabalhavam ali eram apenas humanas. Se tivessem recebido um relógio que correspondesse à descrição, não poderiam deixar de reagir.

– Você não pode me dizer? Ômega Double Eagle?

Recusa direta.

– Bem, obrigada, de qualquer forma.

Ela se despediu e ligou para o número seguinte.

# Capítulo 54

**I**nfelizmente, Olga, a vendedora do shopping NK, teve que pedir demissão do departamento de joias. Ela ficou chateada e pediu desculpas, pois gostava muito do emprego, mas seu marido sofrera um derrame e ela precisava voltar às pressas para casa e cuidar dele.

A administração do NK foi compreensiva e permitiu que ela recebesse tanto o salário regular como as compensações extras que havia acumulado durante a temporada de turismo. A mulher tinha voltado para Riga na noite anterior.

Jacob bateu com o punho no balcão da loja de joias, fazendo os anéis de ouro pularem.

– Puta que pariu! Eu avisei. Por que ninguém me escuta?

Os fregueses ao redor recuaram, alarmados.

– Ela deixou um endereço em Riga? – perguntou Gabriella, olhando para Jacob com reprovação. – *Eu* estou ouvindo você, então não precisa gritar.

– Preciso gritar, sim. Faz com que eu me sinta melhor.

O responsável pelo departamento de joias entrou no escritório para verificar, mas Jacob não se deu ao trabalho de esperar. O endereço que Olga deu provavelmente era falso. E não havia marido com derrame.

Ele esperou na calçada do lado de fora, esfregando os olhos com as palmas das mãos. Pessoas passaram por ele de ambos os lados, rindo e conversando. Alguém estava tocando gaita.

Era ele. Era o homem bonito do vídeo. Jacob tinha certeza.



*O assassino de Kimmy, ele era assim.* Mas aí ele olhou de novo, com mais atenção.

O homem tocando gaita não era o assassino.

De repente, Gabriella saiu correndo para a calçada, com o celular na mão.

– Duvall acabou de ligar! Dessie encontrou o Ômega.

Jacob se virou e encarou Gabriella.

– *O quê! Onde?*

– Uma casa de penhores em Kungsholmstorg. É uma praça a duas quadras da delegacia.

– Que audácia! – berrou Jacob, correndo na direção do carro, um Saab que já tinha visto dias melhores.

Gabriella entrou no carro, prendeu uma luz azul no capô e ligou a sirene enquanto partia em direção ao trânsito pesado da tarde.

# Capítulo 55

A casa de penhores ficava em uma interseção movimentada e tinha a aparência típica de uma casa de penhor: um pouco bagunçada, desconfortável e incômoda.

Eles estacionaram na faixa de pedestres, bem na frente da loja, e entraram às pressas.

Sobre o balcão havia uma câmera digital, uma caixa com um anel de esmeralda, mais algumas joias e o Ômega de aço e ouro na caixa de madrepérola. Mats Duvall, vestido de maneira impecável, com um blazer e calça cáqui, estava lá com Dessie, o proprietário da loja e dois policiais, olhando para um monitor de computador.

- Ele está no vídeo? – perguntou Jacob, sem fôlego.
- Estamos torcendo por isso – respondeu o superintendente.
- Que identidade ele usou?

Duvall empurrou o livro de registros na direção dele, sem tirar os olhos da tela.

O homem que penhorou os itens no balcão usou uma carteira de motorista americana como identidade, emitida no estado do Novo México no nome de Jack Bauer. Ele recebeu um total de 16.430 coroas.

- Isso é uma piada? – perguntou Jacob. – Como alguém consegue usar o nome Jack Bauer? Jack Bauer! Do seriado?
- Aqui está ele – respondeu Mats Duvall, virando o monitor na direção de Jacob.

Um homem alto com um casaco escuro comprido, boné e óculos escuros aparecia assinando o contrato no balcão da loja. Nenhum louro bem-apessoado. Nenhum Brad Pitt. Nenhum Jack Bauer.

O que ele esperava?

– Suponho que você o reconheça – disse Mats Duvall.

Jacob assentiu.

Era o mesmo homem que tinha sido fotografado sacando dinheiro nos caixas eletrônicos com os cartões de crédito das vítimas pela Europa inteira.

# Capítulo 56

— Ok – disse o superintendente, alguns minutos depois. – Vamos nos encontrar de novo às oito da manhã. Todos vocês estão trabalhando duro. Nós vamos pegar esses dois.

Ele se levantou e saiu andando depressa da loja, sem olhar para trás. Os dois policiais seguiram-no de perto. Dessie foi deixada ao lado da mesa do proprietário da casa de penhores, junto com Jacob e Gabriella. Em uma prateleira ao lado do computador havia uma cópia do *A onposten* daquele dia. Lá estava o seu grito de guerra: “Aceite meu desafio... se tiver coragem.”

Ela virou o jornal para o outro lado, para não ter que olhar para a manchete. Gabriella percebeu.

– Eu concordo que publicar essa carta não foi muito inteligente – disse ela, meneando a cabeça na direção do jornal.

Dessie respirou fundo e colocou a mochila nas costas.

– Vejo vocês amanhã.

– Eu posso dar uma carona para você – disse Gabriella.

Dessie continuou andando.

– Obrigada, mas a minha bicicleta está na delegacia. É aqui perto. Eu estou bem.

Dessie abriu a porta e pisou na calçada.

– Posso acompanhá-la? – perguntou Jacob Kanon, indo atrás da jornalista.

– Posso colocar a bicicleta no porta-malas – disse Gabriella, correndo atrás deles.

Dessie virou nos calcanhares.

– Está tudo bem! *Vou ficar bem.* Mas obrigada.

Já era fim de tarde. O ar estava úmido e frio e o sol, prestes a se pôr.

– Você que sabe – respondeu Gabriella, entrando no Saab e saindo em uma amarga arrancada.

Dessie ficou vendo o carro se afastar com uma sensação de melancolia.

– Foi você que terminou, não foi? – perguntou Jacob.

Ela suspirou.

– Com fome? – perguntou o americano.

Ela pensou por um instante. Em seguida, assentiu.

– É estranho, mas estou.

# Capítulo 57

Eles escolheram um restaurante italiano barato com toalhas de mesa vermelhas quadriculadas e um cardápio de pizza e massas. Jacob pediu uma garrafa de vinho tinto da Toscana e serviu uma taça para cada um.

– Isso é bom para quaisquer que sejam as suas dores.

Dessie deu um gole pequeno, se inclinou para trás e fechou os olhos.

– Eu duvido muito, mas obrigada.

Até aquele momento, a carta não tinha servido para nada. Será que o comentário desagradável de Gabriella era justificado? Será que escrever aquilo tinha sido loucura?

– Você fez a coisa certa – disse Jacob, lendo os seus pensamentos. – Nós mexemos com eles. Eles vão cometer algum erro.

Jacob pediu presunto de Parma e espagete à bolonhesa. Dessie quis uma *insalata caprese* e canelone.

– Ouvi falar que foi você quem achou o relógio. Bem pensado.

Ela ficou constrangida.

– Eles não são só assassinos – explicou Dessie. – São ladrões também.

– Verdade, mas por que você fez essa conexão? – perguntou o americano, enchendo a taça com mais vinho.

Dessie riu, sem saber qual era a graça.

– Lembra que eu falei que estava escrevendo minha tese? Bem, é sobre as consequências sociais de invasões de propriedade em pequena escala. Digamos que é um interesse meu desde criança.

Jacob ergueu as sobrancelhas, intrigado. Seu rosto era muito expressivo. Quando ficava nervoso, sua expressão se enchia de ódio; quando estava feliz, reluzia como um forno a lenha; e quando tinha dúvidas sobre algo, como agora, seu rosto inteiro parecia um grande ponto de interrogação.

– Eu cresci com a minha mãe e os cinco irmãos dela. Minha mãe trabalhou como ajudante doméstica a vida toda, mas os meus tios não tinham uma índole muito boa, se é que você me entende.

Ela o observou para ver qual seria a sua reação.

– Ajudante doméstica? – perguntou ele.

– Sim. Ela prestava serviços para pessoas idosas, pessoas doentes. Enquanto isso, nenhum dos meus tios se casou, mas todos tiveram vários filhos com mulheres diferentes.

Jacob comeu um pedaço de pão. Ele não devorava a comida como alguns homens que ela conhecia.

– Qual o nome da cidade onde você cresceu?

– Eu venho de uma fazenda nas florestas de Adalen – respondeu ela. – Fica em Norrland, onde os militares eram chamados para atirar em trabalhadores até os anos 1930.

O americano a encarou, impassível.

– Tenho certeza que eles tinham um bom motivo.

Um pedaço do canelone pareceu ficar preso na garganta de Dessie.

– O que você disse?

– Os militares não costumam atirar em seus compatriotas sem motivo – disse Jacob.

Dessie não podia acreditar no que estava ouvindo.

– Você está defendendo assassinato sancionado pelo Estado?

Jacob a encarou, enquanto mastigava o pão *ciabatta*.

– Ok, assunto errado. Vamos seguir em frente.

Dessie largou os talheres.

– Você acha que não tem problema atirar em pessoas que estão protestando contra cortes em seus salários?

Jacob ergueu as mãos, em um gesto de trégua.

- Merda, eu não sabia que você era comunista.
- E eu não sabia que você era *fascista*! – retrucou Dessie, pegando o garfo e a faca.



# Capítulo 58

Dessie não sabia o que pensar de Jacob Kanon.

Ele era uma de espécie completamente nova para ela, ao mesmo tempo fechado e extremamente transparente. A maneira dele de se mexer parecia um pouco desajeitada e desconfortável, como se ele não fosse muito bem domesticado.

– Fale mais sobre os seus tios.

Dessie empurrou o prato de canelone para o lado.

– Dois deles beberam até morrer. O tio Ruben apanhou até a morte na frente da igreja em Pitea na véspera de 1º de maio, três anos atrás. Ele tinha acabado de ser libertado da prisão de Porson, em Lulea.

Ela queria chocá-lo com essas informações, mas Jacob parecia apenas interessado.

– Eles passavam muito tempo na cadeia?

– Em geral, eram penas curtas. Eles só conseguiram uma coisa grande em suas carreiras miseráveis: roubar um carro-forte que tinha muito mais dinheiro do que imaginavam.

O garçom veio para perguntar se eles queriam sobremesa.

Ambos responderam que não.

– Eles foram condenados? – perguntou Jacob. – Pelo assalto ao carro-forte?

– Claro que foram – respondeu Dessie, pegando a conta. – Mas parte do roubo nunca foi encontrada.

– Deixe que eu pago.

– Pare de ser tão machão – disse Dessie, com o cartão à mão. – Estamos na Suécia. Os homens pararam de pagar pelos encontros nos anos 1960. – Ela acenou para o garçom.

O americano serviu o resto do vinho nas taças, com um sorriso.

– Então estamos em um encontro? – perguntou ele, com os olhos cintilando. – Que interessante.

Dessie olhou para ele, surpresa.

– Isto? Um encontro? É claro que não.

– Você disse que era. Você disse que isso era um encontro. “Os homens pararam de pagar pelos...”

Dessie estremeceu.

– Foi só um jeito de falar. Isto não é um encontro. Isso nunca vai ser um encontro. – Ela pegou o recibo do cartão de crédito e disse: – Vamos. Já está tarde.

Eles saíram na tarde azul-clara, prestes a se tornar noite.

– Onde você mora? – perguntou Dessie, enquanto eles seguiam para a entrada da delegacia em Polhemsgatan.

– Långholmen – respondeu ele. – É um albergue, na verdade.

– Antes era uma prisão – comentou Dessie.

– Obrigado por me lembrar. Eu sei.

Ela subiu na bicicleta e começou a pedalar devagar pela noite de Estocolmo, com Jacob acompanhando-a a pé. Havia uma névoa baixa sobre as águas do Riddar ärdén, véus finos que escondiam os sons da cidade: dos carros, dos gritos de embriaguez, da música saindo pelas janelas abertas.

Ele a acompanhou até a porta do prédio.

Dessie olhou para Jacob e ele não era mais que uma silhueta contra a lua.

– Vejo você amanhã – disse ele, erguendo uma das mãos em despedida ao desaparecer na direção de Götgatan.

# Capítulo 59

*Quarta-feira, 16 de junho*

**A** carta chegou na primeira entrega da manhã.

Dessie reconheceu imediatamente tanto o envelope quanto a letra. Só que dessa vez a correspondência não foi precedida por um cartão-postal.

Ela abriu a carta usando um abridor de envelopes, com as mãos trêmulas cobertas por luvas. Dessie estava acompanhada por uma equipe da polícia forense, o que aumentava ainda mais o seu nervosismo.

O envelope continha uma fotografia Polaroid, assim como o anterior.

– Eu cuido disso – disse um dos policiais, pegando a foto das mãos dela.

Dessie teve tempo de registrar os cadáveres e o sangue.

Ela foi até sua mesa e se afundou na cadeira. Uma forte sensação de incômodo começou a se espalhar pelo seu corpo.

– Ah, meu Deus, meu Deus... – murmurou baixinho.

A carta que ela escreveu para o jornal funcionou. Os assassinos quebraram o padrão. *Eles cometeram mais assassinatos em Estocolmo em vez de seguir para a próxima cidade.*

Compreender isso a deixou com dificuldade para respirar.

Tinha causado a morte de mais duas pessoas inocentes. Como ela poderia lidar com isso dali por diante?

Forsberg, o editor de notícias, com os olhos vermelhos devido à falta de sono, sentou-se na cadeira ao seu lado.

– Está se sentindo mal? – perguntou.

Dessie olhou para Forsberg sem responder.

– Quer tirar o dia de folga? Descansar um pouco? Você devia ir para casa.

Ela o encarou, atônita. *Dia de folga? Descansar?!*

Ele batucou os dedos na mesa por uns segundos antes de se levantar e voltar para a mesa de notícias. Dessie continuou onde estava até Mats Duvall, Gabriella e Jacob Kanon chegarem no escritório, os dois primeiros brancos como papel.

– O que foi que eu fiz? – perguntou ela, erguendo os olhos para Jacob.

Ele a encarou com uma expressão estranhamente calma.

– Você não está assumindo um pouco de crédito demais? *Eles* fizeram isso, não você.

Ela se levantou rapidamente, pretendendo ir ao banheiro, mas Jacob a agarrou com um aperto firme no braço.

– Não – disse ele. – Isso é um choque, mas não é sua culpa. Em vez de ficar sentindo pena de si mesma, nos ajude.

– Para a sala de reuniões – ordenou Mats Duvall, passando ao lado deles. – Agora!

Gabriella foi atrás do superintendente, lançando um olhar severo na direção de Jacob. Dessie, que de repente ficou muito incomodada com a mão dele em seu braço, se livrou do aperto e seguiu a polícia pela seção esportiva do escritório.

Quando ela se sentou em meio à equipe de investigação, Mats Duvall ergueu uma sobrancelha, surpreso.

– Desculpe, Dessie, mas nosso trabalho é protegido por leis de confidencialidade.

– Primeiro os assassinos me arrastam para esse pesadelo. E agora vocês fazem o mesmo. Eu estou aqui, queiram ou não.

O superintendente franziu o cenho. Jacob ergueu os braços.

– Deixe-a participar. Ela tem sido útil até agora. Nós devemos isso a ela.

Mats Duvall endireitou as costas.

– Você fica como uma observadora apenas. Não pode escrever nada sobre o que for discutido. Está claro?

– A menos que você me obrigue, certo? – perguntou Dessie, ríspida.

O superintendente não discutiu. Um dos policiais distribuiu cópias ampliadas da última fotografia.

– Ok, outro assassinato duplo – disse Mats Duvall –, mas até agora nada de cadáveres. Então o que é que temos? Alguém consegue identificar o lugar da foto?

# Capítulo 60

Dessie respirou fundo e olhou com atenção para a fotografia à sua frente.

Um jovem nu estava deitado de barriga para baixo atrás do que parecia ser um sofá Chesterfield de couro. Ele tinha as mãos esticadas sobre a cabeça. No lado esquerdo do sofá havia uma jovem sentada, com as mãos recatadamente posicionadas sobre o colo.

Ela usava orelhas do Mickey na cabeça.

O sofá estava diante de uma janela ampla. A imagem tinha sido capturada de um ângulo baixo, o que significava que era a luz do sol que vinha de trás.

– Millesgården – disse Gabriella.

Mats Duvall olhou para ela.

– Você reconhece essa cena?

Ela assentiu.

– A obra de arte que eles estão imitando. O homem representa a estátua voadora no jardim, do lado de fora. A mulher talvez seja uma das esculturas de animais mostradas em uma exibição que houve lá no inverno passado.

– Peça as gravações de segurança de Millesgården – disse o superintendente, e um dos policiais saiu da sala. – O que esse negócio com obras de arte significa neste contexto?

– Nós ainda não sabemos – respondeu Gabriella. – Até agora é só uma teoria.

Dessie apertou os olhos e aproximou a fotografia do rosto. Ou ela precisava de óculos, ou a foto estava ruim.

– Eu não sei, mas talvez...

– O quê? – perguntou Jacob.

Ela apontou para uma sombra ao lado da testa do homem.

– Aqui. Isto poderia ser um corrimão ou um parapeito. A julgar pela altura, deve estar no teto de um prédio alto.

– E...?

– Parapeitos assim são incomuns nos prédios residenciais em Estocolmo, a menos que sirvam para impedir que a neve escorra do telhado. Esse deve ser um prédio oficial.

– Por exemplo?

Ela hesitou, mexendo a caneta.

– Bem, eu posso estar enganada...

– Cristo! – gritou Jacob. – Fale de uma vez!

Dessie se assustou e largou a caneta.

– O Palácio Real.

Jacob piscou.

– O Palácio Real? Como assim? Os assassinos estão com o rei?

Ela balançou a cabeça.

– O palácio está no fundo. É isso que eu vejo. A cena do crime fica do outro lado da rua.

Mats Duvall se levantou.

– O Grand Hôtel – disse ele, correndo em direção à porta.

# Capítulo 61

O hotel cinco estrelas localizado no porto em Södra Blasieholmshamnen tem 366 quartos e 43 suítes distribuídas entre oito andares. Cerca de metade dos aposentos tem vista para o Palácio Real.

A gerente do hotel era calma, mas rigorosa, até mesmo com a polícia e o departamento de homicídios.

– Claro que queremos cooperar – disse ela –, mas espero que a busca possa ser conduzida com discrição.

Mats Duvall ordenou que todos os membros disponíveis da equipe de investigação ajudassem com a busca. Jacob e Gabriella não esperaram o reforço que estava a caminho, vindo da delegacia. Eles seguiram para o segundo andar e passaram metodicamente pelos quartos com vista para o palácio. Foram acompanhados por um recepcionista com um registro digital do hotel.

Jacob batia. Se alguém respondia, ele seguia em frente. Dificilmente os assassinos estariam sentados ao lado dos corpos, esperando para serem capturados. Isso era óbvio.

Quando não havia resposta, Gabriella abria os quartos com uma chave-mestra.

O suspense era terrível. Jacob percebeu que estava prendendo a respiração toda vez que uma porta se abria.

A busca no segundo andar não deu em nada.

Eles subiram pela escada até o terceiro.



– Como eram os outros hotéis? – perguntou Gabriella um pouco sem fôlego, enquanto seguia Jacob pelo corredor de visitas. – Eram tão luxuosos quanto este? O Grand Hôtel é o melhor de Estocolmo.

Jacob bateu na porta no fim do corredor e recebeu um “*Oui?*” irritado como resposta.

– Desculpe, quarto errado. – E seguiu para a porta seguinte.

Ele bateu e não houve resposta.

– Não – respondeu. – Nada nesta faixa de preço. Nem perto.

Gabriella colocou a chave-mestra na porta e a fechadura abriu. Jacob abriu a porta e recebeu um “*Que merda é essa?*” vindo de alguém na cama.

– Desculpe – respondeu ele, fechando a porta.

– Há câmeras por todo lado – comentou Gabriella, apontando para o teto.

– Nenhum outro lugar era assim... – comentou Jacob, seguindo em frente.

– Eles estão mesmo quebrando o padrão.

Naquele instante, o celular de Gabriella tocou. Ela respondeu com o seu grunhido habitual, escutou por sete segundos e desligou.

– Quarto andar. Dois turistas holandeses.

# Capítulo 62

**N**ienke van Mourik e Peter Visser, com endereços separados em Amsterdã, tinham dado entrada no Grand Hôtel na tarde de sábado no dia 11 de junho, em uma reserva para quatro noites.

Eles nunca saíram.

Jacob analisou os cadáveres com uma concentração fria. A tristeza e o pesar por suas vidas desperdiçadas viriam depois, à noite, no diminuto quarto de albergue, na hora mais escura e no fim da garrafa.

Ele não conhecia as obras de arte que Gabriella mencionara, mas não havia dúvidas de que os corpos tinham sido colocados em posições predeterminadas. As orelhas de Mickey na mulher o afetaram bastante. Talvez porque Kimmy adorasse o personagem e tivesse um par parecido quando era criança.

Jacob deu as costas para os cadáveres. *Deus, esses assassinos são tão fodidos da cabeça, horríveis de todas as maneiras possíveis.*

A 32ª delegacia de polícia de Nova York tinha os maiores índices de assassinato em Manhattan, mas ele nunca havia visto nada parecido com isso. Todas as mortes eram friamente calculadas e as posições eram preparadas de maneira doentia. No Harlem as pessoas matavam por inveja, paixão, vingança ou dinheiro. As pessoas matavam por causa de drogas, amor ou dívidas, não para fazer exposições de arte.

Ele esfregou o rosto com as mãos. Mats Duvall olhou em sua direção e se voltou para um dos policiais.

– Quero as gravações da câmera no corredor. Veja como é a vigilância no saguão e nos elevadores. O legista já chegou? Nós precisamos saber a hora da morte o mais rápido possível.

– Há duas garrafas de champanhe no banheiro – comentou Gabriella. – Uma vazia e a outra pela metade. Quatro taças também, todas com restos de bebida no fundo.

Eles encontrariam ciclopentolato em duas das taças, pensou Jacob, passando os olhos pelo quarto de hotel. Não era muito grande, talvez seis por cinco, ele chutou. Vários dos outros quartos no hotel eram maiores, mas isso ainda era um desvio do padrão. Nenhuma outra cena de crime tinha sido tão elegante, mas essa era uma diferença superficial. Havia algo mais, algo que tornava aquele assassinato diferente de todos os outros, mas ele não sabia exatamente o quê.

O médico legista chegou e Jacob saiu para o corredor, para abrir espaço.

Ele reparou uma placa de NÃO PERTURBE na porta. Não havia mais nada que pudesse fazer ali.

# Capítulo 63

**N**a hora do almoço, a segurança já tinha sido reforçada em todos os lugares públicos na região de Estocolmo frequentados por turistas, especialmente por jovens. Todo o pessoal disponível foi enviado para procurar por qualquer um que tivesse alguma semelhança com o retrato falado da atendente no NK ou por qualquer uma das pessoas nas gravações de segurança do Museu de Arte Moderna e da casa de penhores em Kungsholmstorg.

Quando um exame de sangue preliminar revelou que o casal holandês tinha fumado maconha logo antes de morrer, cães farejadores foram enviados do país inteiro para ajudar com as buscas. A polícia pedia para que jovens com 15 anos ou mais em toda a cidade de Estocolmo abrissem as suas malas, bolsas e mochilas. A maior parte obedeceu sem protesto. Aqueles que se recusaram foram presos.

Dessie estava no escritório de Gabriella, olhando para o Kronoberg Park.

Quatro policiais e um pastor alsaciano bloqueavam uma das entradas para o parque, um atalho popular para pessoas que vão à praia, às lojas ou à estação de metrô de Fridhemsplan. Cestas de piquenique, sacolas com roupas de banho e malas caras foram verificadas com cuidado, sem nenhuma distinção. Aquilo deveria ter feito com que ela se sentisse mais segura, mas Dessie sentia apenas culpa.

Jacob entrou na sala com três embalagens de plástico contendo sanduíches de uma máquina de petiscos.

– Onde está Gabriella?

– Ela desceu até a sala de vídeo para pegar as gravações do Grand – respondeu Dessie, afundando em uma cadeira.

Jacob abriu uma das embalagens e deu uma mordida generosa no pão com maionese de atum, mostrando um apetite saudável. Dessie olhou para ele e se encolheu.

– Como consegue comer? – perguntou ela. – Toda essa violência não afeta você?

– Claro que afeta – respondeu ele, limpando o queixo com as costas da mão. – Eu estava pensando agora mesmo em como esses assassinos são doentes. Mas desmaiar por falta de açúcar no sangue não vai ajudar o casal holandês.

Dessie apoiou o rosto nas mãos.

– Eu não devia ter escrito aquela maldita carta.

Jacob continuou mastigando.

– Achei que já tivéssemos encerrado essa conversa.

Ela estava com o celular na mão.

– E agora vai começar, como eu sabia que aconteceria.

– O quê? – perguntou Jacob.

– Estou recebendo ligações da imprensa perguntando por que eu estou fazendo o trabalho da polícia.

Jacob indicou a foto do casal morto no quarto de hotel com um gesto.

– Esta é a sua realidade. O que você está falando é bobagem pretensiosa.

– Você está certo. Mas e se quem criou essa realidade fui eu?

Ele gemeu.

– Você mesmo comentou – disse ela, baixinho. – Eles quebraram o padrão. Mataram de novo, na mesma cidade. Se eu não tivesse me deixado convencer, esse casal holandês ainda estaria vivo.

– Você não pode ter certeza disso – retrucou Jacob. – E se eles não tivessem morrido, outro casal jovem teria, em outra cidade.

Ela tirou as mãos do rosto.

– O que você quer dizer? Que o casal holandês foi sacrificado por uma causa nobre? Como é mesmo a expressão que vocês usam? *Dano colateral*?

O americano limpou os dedos na calça jeans. Sua expressão era sombria.

– Eu nunca penso assim. A morte do casal holandês foi uma tragédia. Mas você precisa colocar a culpa em quem merece. Você não matou ninguém. Nem eu. Esses filhos da puta nas gravações fizeram isso e nós vamos pegá-los em breve. Aqui, em Estocolmo. Isso acaba aqui.

# Capítulo 64

Os suspeitos do Museu de Arte Moderna foram identificados quase imediatamente nas gravações de segurança do Grand Hôtel. Eles apareceram em quatro arquivos de filmagem diferentes: dois do saguão e dois do corredor no quarto andar.

O homem louro e a mulher de cabelos escuros foram capturados na câmera do saguão às 14h17 do dia 15 de junho. Eles estavam com um casal, identificado como Peter Visser e Nienke van Mourik.

Os quatro tinham entrado juntos no elevador.

Dois minutos depois, eles reapareceram em outra gravação, no corredor em frente ao quarto do casal holandês, no quarto andar. O grupo entrou no quarto 418 e a porta se fechou.

Quarenta e três minutos depois, o homem louro e a mulher de cabelos escuros apareceram de novo no corredor. Após dois minutos, eles passaram pela mesa da recepção e partiram.

Os policiais de Millesgården também conseguiram resultados. Uma mulher que trabalhava como faxineira pensou ter reconhecido o homem louro. Ela reparou nele caminhando pelo jardim, junto com uma mulher. À primeira vista, pensou se tratar do ator Leonardo DiCaprio. As gravações das salas de exposição no Millesgården tinham sido requisitadas e estavam sendo analisadas no porão.

O promotor Evert Ridderwall tinha assinado um mandado de prisão na ausência dos dois.

– Isso é completamente incrível – disse Gabriella, animada. Ela estava andando em círculos pelo escritório de Mats Duvall, com as bochechas coradas de raiva.

Jacob encarava as impressões feitas a partir das gravações no Grand Hôtel, e estava quase arrancando os próprios cabelos. Algo estava errado. Por que ele era o único que percebia isso? Por que os assassinos haviam abandonado todas as precauções de segurança de uma hora para a outra?

Por que estavam se revelando tão abertamente?

Fácil demais.

– Nós os pegamos agora – disse Evert Ridderwall, feliz. – Eles nunca vão escapar. Não vejo como poderiam.

Até mesmo Mats Duvall parecia satisfeito.

– É só uma questão de tempo até serem pegos – concordou ele.

Jacob olhou de novo para as impressões. Tanto o homem louro quanto a mulher de cabelos escuros eram facilmente identificáveis em todas as imagens. Não havia dúvida que eles seriam reconhecidos. Um alerta nacional sobre o casal foi emitido.

A Interpol divulgaria essas mesmas imagens pelo mundo inteiro dentro de meia hora. Todos os policiais na região de Estocolmo já tinham as cópias nas mãos.

Sara Höglund entrou na sala.

– Nós divulgamos as imagens para a mídia. Devem estar nos websites em alguns minutos.

Mats Duvall ligou o computador e fez login no website do *A onposten*.

– Às vezes eles são bem rápidos – disse ele, virando a tela para que os outros pudessem ver.

A manchete foi divulgada em um tamanho normalmente reservado para guerras mundiais e vitórias suecas nos campeonatos mundiais de hóquei sobre o gelo.

Suspeitos: estes são os ASSASSINOS DO CARTÃO-POSTAL

Embaixo havia uma foto do homem louro e da mulher de cabelos escuros.



# Capítulo 65

A praça na frente da delegacia de Estocolmo estava cheia de policiais, cachorros e cordões de isolamento. Mac caminhava devagar na direção da entrada principal do terminal de trem, com o braço em volta dos ombros de Sylvia. Eles podiam ouvir os bipes e as vozes crepitantes de rádios policiais aonde quer que fossem.

Dois garotos com cabelos compridos foram pegos com as mochilas cheias de maconha a alguns metros deles. Que imbecis!

– Desculpe, rapazes – disse Sylvia.

Ninguém pensou em parar o casal. Ninguém pediu para vasculhar as suas mochilas, pois eles não carregavam nenhuma.

Os dois estavam passeando pelas ruas, observando seus reflexos em vidraças com vidros foscos, admirando o seu trabalho. Mac experimentou uma jaqueta de couro nova na Emporio Armani. Sylvia testou amostras de perfumes diferentes da Kicks. Ela estava com um cheiro agradável. Fresca e sensual para o seu homem.

Uma viatura policial passou devagar ao lado deles. Sylvia tirou os óculos escuros e sorriu para o agente no carro. Ele sorriu de volta e seguiu em frente.

Uma mulher idosa começou a gritar quando os dois policiais pediram para vasculhar a sua bolsa. Três garotos adolescentes passaram correndo como se fugissem de cães do inferno, perseguidos por mais dois oficiais.

– Vem, vamos entrar – disse Sylvia. – Essa gente, a polícia, eles são tão estúpidos...

Mac hesitou na entrada, mas Sylvia deu um beijo rápido em seu rosto.

– Você é incrível, Mac.

Com os dedos entrelaçados, o casal entrou na cova do leão. Crianças choravam, cães latiam e adultos reclamavam. Alto-falantes anunciavam atrasos e trens cancelados, um depois do outro. A cada passo que o casal dava, a multidão ficava maior e mais agitada. Algumas pessoas já tinham perdido trens por causa dessas buscas sem propósito.

Depois de 10 metros, eles chegaram ao primeiro ponto de inspeção policial. Mac enrijeceu o corpo quando viu seu próprio retrato nas mãos de um policial musculoso com um pastor alsaciano imenso arquejando do lado, mas Sylvia foi até o policial e tocou o seu ombro.

– Com licença, o que está acontecendo?

O policial se virou, olhou bem no rosto dela e deu um salto.

– Estou vendo que você tem a minha foto aí – disse ela, com os olhos arregalados, apontando. – O que é tudo isso?

# Capítulo 66

Eles eram cidadãos americanos. Sylvia e Malcolm Rudolph, vindos de Santa Barbara, na Califórnia. Sua prisão foi totalmente desprovida de drama. Eles foram direto para a delegacia sem protesto, para esclarecer o que era claramente um mal-entendido. Ambos estavam muito calmos, embora um pouco curiosos e talvez meio ansiosos, não mais do que seria esperado.

*Claro, eles queriam cooperar como pudessem para esclarecer o engano.*

As instalações da polícia de Estocolmo não tinham salas equipadas com espelhos falsos. Em vez disso, Jacob e Dessie, junto com Gabriella e o resto da equipe de investigação, foram levados para uma sala de controle onde a entrevista era mostrada ao vivo por meio de monitores.

As mãos de Jacob tremiam e sua boca estava completamente seca. *Eram eles.* Depois de todos aqueles meses procurando, de todas as cidades por onde ele havia passado.

Ele ficou no fundo da sala, com medo de atacar as telas com os punhos. O homem louro, Malcolm Rudolph, estava sentado, esfregando as mãos com nervosismo. Ele era mesmo muito bonito, não havia dúvida.

Jacob não conseguia tirar os olhos dele.

*Foi ele, Jacob tinha certeza: o filho da puta que matou Kimmy.*

A porta da sala de interrogatório se abriu e Mats Duvall entrou, junto com Sara Höglund. Eles se sentaram diante do homem. O superintendente tagarelou sobre as formalidades referentes ao horário e à localização. Então Sara Höglund se inclinou para a frente sobre a mesa e começou o primeiro interrogatório.

– Malcolm – disse ela, com calma –, você compreende por que está aqui?  
O jovem mordeu o lábio.

– A polícia na Estação Central tinha fotos nossas. Acho que vocês andaram nos procurando, mas não sei por quê.

– Você não sabe?

Ele balançou a cabeça.

– Não, não faço ideia.

– Trata-se de Nienke van Mourik e Peter Visser. Eles foram encontrados mortos no Grand Hôtel hoje de manhã.

O rosto de Malcolm Rudolph expressou choque e espanto.

– Isso não pode ser verdade – protestou ele. – Nienke e Peter? Mas nós acabamos de vê-los, sei lá, ontem à tarde! Este fim de semana nós vamos juntos para um cruzeiro até a Finlândia!

Jacob soltou um barulho que parecia um gato ronronando.

– Então você afirma que não sabe nada sobre a morte deles? – perguntou Höglund.

– Eles estão mesmo mortos?

Malcolm Rudolph começou a chorar.

# Capítulo 67

O jovem americano soluçava como se o seu coração estivesse a ponto de partir, como se ele tivesse acabado de perder seus melhores amigos no mundo.

– E vocês acham que *nós* tivemos algo a ver com isso? Que *nós* poderíamos ter machucado Peter e Nienke? Como é que vocês podem sequer *pensar* isso?

Sara Höglund e Mats Duvall o deixaram chorar por alguns minutos.

Em seguida, perguntaram se queria um advogado. Era o procedimento padrão. Ele tinha direito a um advogado de acordo com a lei sueca, o mesmo direito que teria nos Estados Unidos.

O suspeito balançou a cabeça. Não precisava de representação legal. Não tinha feito nada de errado. Ele não era capaz de compreender como alguém poderia sequer suspeitar disso. O casal holandês estava feliz e cheio de vida quando Sylvia e ele os deixaram no quarto de hotel, na véspera.

– O que fizeram no hotel? Comeram ou beberam algo?

– Não – respondeu Malcolm Rudolph, fungando. – Bem, na verdade sim. Peter tomou uma coca e eu dei um gole.

– Não tomaram champanhe?

– Champanhe? No meio da tarde? – Ele pareceu achar a pergunta absurda.

– Vocês fumaram algo no quarto? Maconha, por exemplo?

– Maconha é ilegal aqui, não é? De qualquer maneira, Sylvia e eu não fumamos.

Ele se curvou sobre a mesa e começou a chorar de novo. As perguntas continuaram vindo.

*Quando vocês chegaram à Suécia?*

*Há quanto tempo estão viajando pela Europa?*

*Pode nos contar sobre Peter e Nienke?*

– Eles eram tão divertidos, tão legais. Nós estávamos animados para viajar até a Finlândia com eles. Tivemos um almoço incrível naquele lugar na Cidade Velha...

Os policiais não pararam de interrogá-lo. Muitas perguntas ficavam sem respostas.

*Onde você estava no dia 27 de novembro do ano passado?*

*Treze de dezembro?*

*Vinte e seis de janeiro deste ano? Nove de fevereiro? Quatro de março?*

O interrogatório foi interrompido depois de apenas 43 minutos. Para que fosse mais humano e lícito.

Malcolm Rudolph foi levado a uma cela na prisão de Kronoberg.

# Capítulo 68

Jacob teve que se conter para não quebrar o punho na parede de concreto. Ele foi forçado a dar uma caminhada breve pelo corredor para se acalmar, embora isso não fosse possível. Quando retornou à sala de controle, a jovem estava entrando na sala de interrogatório.

*Sylvia.*

Ela parecia mais calma que o marido e respondeu as perguntas com tranquilidade e clareza.

Quando ficou sabendo que o casal holandês tinha sido assassinado, ela cobriu o rosto com as mãos e chorou em silêncio por um tempo. Em seguida, confirmou a história de Malcolm: eles tinham almoçado com Nienke e Peter e planejavam uma viagem conjunta para Helsinki na semana seguinte.

– Qual era o plano?

– Nós reservamos as passagens pela internet.

– Qual empresa?

– Silja.

A mulher sorriu.

– Eu lembro porque parece um pouco com meu nome, Sylvia.

– Onde fica a loja?

– Na rua comprida para pedestres que passa pela Cidade Velha, Vasterlang...?

– Vasterlånggatan?

– Sim, essa mesma.

Um dos policiais se levantou na mesma hora e saiu da sala para verificar a veracidade da história.

– Quem comprou as passagens? – perguntou Sara Höglund. – Você se lembra?

Jacob bateu com a mão na testa.

– Meu Deus, o que é isso? Hora das perguntas na escola dominical? Cristo, faça alguma pergunta dura, caralho!

Gabriella se aproximou de Jacob. Seus olhos estavam vermelhos e o hálito dela cheirava a café.

– Recomponha-se. Você está se comportando como uma criança. Deixe Sara e Mats trabalharem.

– É exatamente isso que eu quero dizer! – gritou Jacob. – Eles não estão trabalhando direito! Estão sentados lá sendo simpáticos com ela! Ela é uma assassina. Olhe para ela. Ela está tranquila.

– Calma, Jacob – disse Dessie, pondo a mão no braço dele.

Ele passou as mãos pelos cabelos e engoliu em seco. No monitor, o interrogatório continuou devagar, sem altos e baixos.

– Onde você estava no dia 27 de novembro do ano passado?

Sylvia Rudolph brincou com uma mecha de cabelo, pensativa. Ela era muito bonita, mas não tinha uma aparência tão impressionante quanto o marido.

– Não consigo me lembrar. Posso ver a minha agenda? Talvez tenha alguma anotação.

Mats Duvall anotou algo no smartphone.

– Vamos falar de algo mais recente então... Onde você estava no dia 9 de fevereiro deste ano?

Jacob se inclinou para a frente para ouvir melhor. Era a data dos assassinatos em Atenas. Ele sabia as datas dos assassinatos de cor.

– Fevereiro? – perguntou a mulher, franzindo o cenho. – Na Espanha, acho. É, isso mesmo. Nós estávamos em Madri no começo de fevereiro. Eu me lembro porque Mac teve um problema intestinal nessa viagem e tivemos que procurar um médico.



– Você consegue se lembrar do nome do médico?

Ela fez uma careta.

– Não – respondeu –, mas ainda tenho o recibo. Foi muito caro e não adiantou nada.

Jacob soltou um grunhido.

As perguntas vagas continuaram e Sylvia respondeu a todas do mesmo jeito tranquilo e objetivo.

– Qual a razão da viagem pela Europa? Por que vocês vieram aqui?

– Somos estudantes de arte – respondeu Sylvia.

Dessie e Jacob trocaram um olhar rápido. Finalmente eles tinham algo.

– Estudamos na UCLA e trancamos a faculdade por um ano. Tem sido muito educativo. Demais. Até hoje, pelo menos.

– Há quanto tempo vocês são casados?

A jovem arregalou os olhos e começou a rir. Dessie e Jacob trocaram outro olhar.

– Casados?! Nós não somos casados. Mac é meu irmão gêmeo.

# PARTE DOIS

# Capítulo 69

Dessie ligou para Forsberg, no jornal, quando Sylvia Rudolph foi levada de volta para a cela.

– Como estão indo? – perguntou o editor. – Eles já confessaram?

– Você sabe que não posso responder isso. Não estou aqui como uma repórter – respondeu Dessie. – Qual é a reação no jornal?

– Nós temos páginas extras para todas as edições de amanhã. Isso é imenso. Todo mundo está focado. Temos jornais do mundo inteiro entrando em contato. Tem até um cara do *New York Times* sentado à sua mesa. Espero que você não se incomode de emprestar o seu lugar...

– Eu quis dizer a reação à minha carta e aos dois assassinatos. Já estou vendo que vou ouvir um monte na rede.

– Ah... isso. Bem, ninguém está preocupado com isso.

– Diga a verdade, o que as pessoas estão dizendo?

Forsberg hesitou.

– Alexander Andersson está chateado e tem espalhado um monte de besteira. Ele está dizendo que você é “antiética” e está “desesperada por manchetes” e mais um monte de coisas, mas isso não é nada para ficar preocupada. Ele só está com inveja da atenção que você está recebendo.

Dessie fechou os olhos.

Ela *sabia* que seria assim. E o pior: tinha avisado que isso ia acontecer.

– Eles estão dizendo alguma coisa na mídia de verdade?

Forsberg suspirou.

– Esqueça tudo isso, Dessie. Os assassinos estão presos. Todo mundo está feliz. Vá tomar uma cerveja ou algo assim.

Ele desligou.

*Os assassinos estão presos. Todo mundo está feliz.*

Dessie queria muito que fosse tão simples.

# Capítulo 70

Às 20h30, Sylvia Rudolph alegou ter novas informações para a polícia. O interrogatório foi retomado a seu pedido. Ela estava com o rosto mais pálido e era notório que tinha chorado.

– Eu não queria dizer isso porque não gosto de dedurar ninguém, mas entendo que estamos em uma situação séria aqui e não posso mais protegê-lo...

Ela ficou em silêncio, insegura quanto ao que estava prestes a dizer.

– Quem você está protegendo? – perguntou Sara Höglund, gentilmente. – Você precisa nos dizer.

Sylvia Rudolph limpou uma lágrima e respirou fundo.

– Eu não falei toda a verdade mais cedo – afirmou ela, e Jacob e o resto das pessoas na sala de controle se inclinaram para a frente ao mesmo tempo.

– Nós não viemos para a Europa só para ver arte. Eu tinha que sair de Los Angeles e Mac se ofereceu para vir comigo.

Mats Duvall e Sara Höglund esperaram ela continuar.

– Tem alguém que quer me machucar – disse ela, em voz baixa. – É um antigo namorado, mas, se você perguntar para ele, vai dizer que ainda estamos juntos. Ele não consegue aceitar o fato de que eu terminei o namoro. Ele... costumava me bater. E não consegue ficar longe de mim.

Sylvia Rudolph começou a chorar baixinho. Sara Höglund colocou a mão em seu braço para tranquilizá-la.

– Parece terrível dizer algo tão ruim sobre outra pessoa... – A jovem continuou, tomando a mão da chefe de polícia e a apertando.

– Mas eu realmente acho que Billy é capaz de fazer qualquer coisa para me machucar. Ele pode ter me seguido até a Europa.

# Capítulo 71

A equipe de investigação estava reunida no escritório de Mats Duvall. Eles se acomodaram nos sofás e nas cadeiras, formando um grupo exausto e determinado.

– Nós vasculhamos o quarto de hotel deles no Amaranten – disse o superintendente. – Uma busca preliminar não revelou nada que possa ajudar o nosso caso. Bem pelo contrário, na verdade...

Ele passou os olhos pelos papéis.

– Malcolm Rudolph fez mesmo exames para ver se tinha salmonela no dia 9 de fevereiro em Madri, *no mesmo dia em que os assassinatos em Atenas foram cometidos*. Aqui está o recibo.

Jacob fechou os olhos, cobrindo-os com a mão. Ele não aguentava mais ouvir tudo aquilo.

Mats Duvall resumiu a situação da investigação: nenhuma droga foi encontrada no quarto de hotel, nem maconha nem qualquer relaxante muscular com ciclopentolato. Nenhuma arma foi encontrada, nem facas nem bisturis.

Investigações na loja em Västerlånggatan confirmaram que um dos computadores tinha sido usado no horário de almoço da terça-feira para reservar um cruzeiro até Helsinki com a empresa Silja, para quatro pessoas. Os quatro passageiros eram Peter Visser, Nienke van Mourik, Sylvia Rudolph e Malcolm Rudolph.

Nenhuma propriedade roubada, nem das vítimas na Suécia nem de qualquer outro lugar da Europa, foi encontrada, e também não havia

champanhe. Na verdade, não havia nada que pudesse sugerir que Sylvia ou Malcolm Rudolph já tivessem tido contato com quaisquer outras vítimas.

Uma resposta de Berlim indicava que nenhum vestígio dos irmãos Rudolph foi encontrado em qualquer uma das cenas de crime ao redor da Europa. Por outro lado, descobriram impressões digitais de Sylvia e Malcolm em vários lugares do quarto no Grand Hôtel.

Todos ficaram em silêncio quando o superintendente terminou.

– Reações?

– São eles – respondeu Jacob. – Eu sei que são. Não sei como eles fizeram isso, nem qual é o propósito desse joguinho, mas eles são os culpados.

– E como nós provamos isso, senhor? – perguntou Sara Höglund. – Os dois viram algumas pinturas, o que não é um crime, ao menos não aqui na Europa. Eles viajaram por aí e visitaram amigos em um quarto de hotel. Que acusações temos contra eles? E baseadas em quais evidências?

Jacob se lembrou da mão reconfortante que Sara tinha posto sobre o braço de Sylvia Rudolph.

– Nós temos que passar pelo material confiscado com mais cuidado. Tem algo lá, algo que deixamos escapar. Deixe-me ajudar, por favor.

– Eles se entregaram – disse Sara Höglund. – Eles estão cooperando. Recusaram representação legal. Estão horrorizados com as mortes dos amigos e têm um álibi para os assassinatos em Atenas.

Houve um silêncio opressivo quando ela parou de falar.

– Isso não vai servir – disse Evert Ridderwall. – Nós precisamos ter mais do que isso. Eu posso mantê-los aqui até o horário de almoço no sábado. Aí vou ter que liberá-los.



# Capítulo 72

Jacob sentiu o corpo anestesiado. Vazio. Não conseguia imaginar nada pior do que esses dois assassinos saindo livres. Como se não fosse ruim o suficiente que eles tivessem matado e humilhado as suas vítimas, ainda poderiam rir de todo mundo depois.

Ele teve que se segurar para não chutar uma moto encostada na parede.

– Vejo você amanhã – disse Dessie, passando por ele com o capacete de bicicleta na mão.

– Espere... – Jacob chamou por instinto, estendendo a mão na direção dela.

– Espere um pouco...

Ela parou, surpresa. Ele a encarou com a boca aberta, sem saber o que dizer.

*Não vá, eu não aguento mais ficar sozinho. Não posso voltar para o albergue, não hoje. Eles estão rindo de mim, não consegue ouvi-los rindo de mim?*

– Jacob – disse a jornalista, aproximando-se dele. – Qual o problema? Quer dizer, eu sei qual é o problema específico, mas *qual o problema?*

Ele se esforçou para respirar normalmente.

– Tem... algumas coisas que eu andei me perguntando. Você tem dois minutos?

Ela hesitou.

– Não vou demorar... De qualquer jeito, você precisa comer, não precisa? Hoje eu pago. Vou até me esforçar para ser civilizado.

– Eu estou exausta. Preciso ir para casa. Podemos comer algo no caminho.

# Capítulo 73

Eles seguiram na direção da Estação Central, lado a lado.

– O que significa os Rudolphs *serem detidos*, de acordo com a lei sueca? – perguntou Jacob.

– O promotor pode prendê-los por até três dias.

– Eles podem pagar fiança?

– Não, não temos esse tipo de sistema aqui. Você já comeu panqueca de batata?

– O quê?

Eles pararam em um pequeno quiosque que vendia cachorro-quente e hambúrguer. Dessie pediu algo em seu idioma incompreensível e deixou Jacob pagar.

– Aqui está.

Era uma espécie de panqueca com purê de batata, molho de hambúrguer, salsicha grelhada, picles fatiado, cebola, mostarda, ketchup e maionese de camarão, tudo embrulhado em papel-alumínio.

– Meu Deus...

– Prove, é muito bom.

– Achei que você não comesse carne.

Dessie olhou para ele, surpresa.

– Como você sabia disso?

Ele respirou fundo e tentou relaxar os ombros.

– É só algo que eu reparei. O que você acha dos Rudolphs? Eles são os nossos Assassinos do Cartão-postal?

– Provavelmente. O meu é vegetariano, aliás.

Eles se sentaram em um banco em um ponto de ônibus e comeram a “refeição”. Jacob, que se considerava um especialista em comer porcaria, teve que admitir que Dessie tinha razão: era muito bom. Ele devorou a comida e pensou que poderia até pedir outro negócio de salsicha-com-purê-de-batata.

Dessie Larsson tinha um efeito relaxante sobre ele. Jacob soubera disso desde o começo, mas nunca havia sentido com tanta clareza quanto agora. Ele olhou para a mulher ao seu lado, iluminada pelas lâmpadas amarelas da rua.

Ela era muito bonita, mas não era uma beleza óbvia. Tinha um perfil clássico e simples. Não parecia usar nenhuma maquiagem, nem mesmo rímel.

– O que faz você pensar que eles são culpados? – perguntou ele, analisando a reação dela.

Dessie olhou de soslaio para ele e limpou a boca com um guardanapo.

– Os cadáveres. Nós sabemos que eles foram posicionados como obras de arte e os Rudolphs são estudantes de arte. Eu não sei, mas tem alguma coisa aí, nessa mistura de arte e realidade. Além disso, não acredito neles. Especialmente nela.

Ele jogou fora a embalagem de papel-alumínio junto com os resquícios de purê de batata na lata de lixo do ponto de ônibus.

– O que você quer dizer com “mistura de arte e realidade”? Ou é arte ou é realidade, não é?

Dessie o encarou, séria.

– Não é incomum estudantes de arte misturarem os dois. Nós tivemos vários casos assim, mais ou menos um ano atrás. Primeiro houve uma garota que fingiu um colapso nervoso em uma ala psiquiátrica como parte de sua apresentação de formatura na Escola de Arte. Ela atraiu o foco de toda a ala, por uma noite inteira. Qualquer pessoa que estivesse doente ou fosse realmente suicida teve que esperar por causa dessa apresentação.

– Você está brincando – disse Jacob.

– Não. E teve o cara que destruiu um vagão do metrô. Ele cobriu o carro com grafite preto e quebrou várias janelas. Filmou a coisa toda e chamou de *Mijo territorial*. Acredite ou não, o vídeo foi exibido em uma apresentação de arte. O custo para consertar o vagão foi de cem mil coroas.

– E eu achei que nós tivéssemos monopólio sobre os loucos nos Estados Unidos – disse Jacob, olhando para o relógio. – Falando dos Estados Unidos, tem algumas coisas que eu preciso de lá. Você sabe onde posso usar um computador?

Dessie olhou para ele, com os seus olhos verdes bem abertos.

– Tenho um em casa.

# Capítulo 74

Foi a primeira vez em quase seis meses que ele entrou na casa de outra pessoa.

Era estranho, parecia um pouco com uma cerimônia. Ele tirou os sapatos na porta, pois viu Dessie fazendo o mesmo.

Ela morava em um apartamento com quatro cômodos, minimamente mobiliado, com o pé direito muito alto, várias portas espelhadas, gesso ornamentado e uma lareira em todos os cômodos.

Jacob não pôde deixar de assobiar quando entrou na sala de estar. Havia três janelas grandes abertas, dando para uma sacada enorme com uma vista fantástica para o porto de Estocolmo.

– Como você conseguiu um lugar assim? É fantástico.

– Longa história. O computador fica no quarto de empregada. Não tem empregada, claro.

Ela gesticulou na direção de um quartinho depois da cozinha.

– Você tem vinho por aqui? – perguntou ele.

– Não. Eu não bebo muito. Talvez comece, depois de tudo isso.

Ela ligou o computador para ele. Jacob percebeu seu perfume. Frutado, cítrico... muito bom.

Ele enviou dois e-mails tratando do mesmo assunto: um para Jill Stevens, sua colega mais próxima no Departamento de Polícia de Nova York, e outro para Lyndon Crebbs, o agente do FBI aposentado que foi o seu mentor uma época, e talvez ainda fosse.

Nas mensagens ele pedia sem rodeios por informações sobre Sylvia e Malcolm Rudolph, residentes de Santa Barbara, na Califórnia, e sobre Billy Hamilton, o antigo namorado de Sylvia Rudolph, supostamente vivendo em algum ponto na parte oeste de Los Angeles. Qualquer coisa seria do interesse dele, não importava o que, absolutamente tudo o que eles pudessem encontrar.

Em seguida, voltou para a cozinha, onde Dessie estava.

– Eu encontrei uma garrafa de tinto. Gabriella deve ter deixado aqui. Não sei se ainda está bom.

– Claro que está bom – afirmou Jacob.

Ela parecia não saber muito bem como tirar a rolha, então ele a ajudou. Eles se sentaram nos sofás da sala de estar, deixando as luzes apagadas e admirando a vista deslumbrante.

Jacob se inclinou para trás, afundando nas almofadas. Um barco branco seguia para o centro de Estocolmo.

– Com uma vista dessas, vale a pena voltar para casa – disse ele. – Como é mesmo a longa história que você mencionou?

# Capítulo 75

Dessie pegou a taça de vinho. Ela nunca contara a verdade sobre a compra do seu apartamento para ninguém, nem mesmo para Christer ou Gabriella. Então por que deveria contar para Jacob Kanon?

Ele era um policial, ainda por cima.

– Eu herdei uma grande soma de dinheiro um tempo atrás. Da minha mãe.

Jacob levantou uma sobrancelha.

– Você não disse que ela trabalhava com pessoas idosas e doentes?

– Sim, trabalhava.

– Então você é de classe alta... Eu não imaginaria.

Ela sabia exatamente o que Jacob estava pensando. Ele achava que a mãe dela era o tipo de pessoa que ostentava as joias na frente dos pobres em jantares de caridade.

– Você está enganado. Quer mesmo saber essa história? Eu não sei bater papo muito bem.

– Eu quero.

Ela colocou a taça na mesa de centro.

– O carro-forte que eu mencionei ontem, você se lembra?

Ele assentiu e encheu a própria taça mais uma vez.

– Três dos meus tios estavam envolvidos. Eles pegaram quase nove milhões de coroas, cerca de oito milhões e meio a mais do que estavam esperando, e entraram em pânico. Não sabiam o que fazer com todo aquele dinheiro. Enterraram um pouco, mas colocaram a maior parte na conta da minha mãe.

– *O quê?* – exclamou Jacob, quase engasgando com o vinho. – Você está brincando?

– Foi bem esperto da parte deles, no fim das contas. Encontraram todo o dinheiro enterrado, mas ninguém pensou em olhar na conta da minha mãe.

Ela observou a reação de Jacob com cuidado. Será que ele estava prestes a dar as costas para ela, desdenhando de Dessie por vir de uma família de criminosos?

– Seus tios não deviam ser muito inteligentes...

– Todos receberam a mesma punição, cinco anos e meio por roubo qualificado. Era para terem sido liberados em maio, quatro anos atrás. Naquele inverno nevou mais do que o habitual em Adalen e a minha mãe ajudou os idosos a limpar a neve, o que ela não devia estar fazendo, já que o médico tinha avisado... mas ela era teimosa. E orgulhosa.

Dessie pegou a taça, virando-a lentamente na mão.

– Ela morreu na frente da casa de Hilding Olsson, com uma pá de neve nas mãos. – Dessie tomou um gole cuidadoso. – O dinheiro na conta dela nunca foi usado e eu era a única herdeira.



# Capítulo 76

— **C**aramba – disse Jacob –, que história!

Ele não parecia horrorizado. Parecia mais impressionado.

– Seus tios não vieram pedir o dinheiro de volta quando saíram?

Ela suspirou.

– É claro que sim. Eles foram bem persistentes, até eu chamar o meu primo Robert em Kalix e pedir um favor. Em troca de duzentos mil e uma garrafa de Absolut todos os natais, ele me prometeu que ia fazer o resto da família me deixar em paz. E conseguiu.

Jacob a estava encarando, os olhos arregalados.

– Uau.

– Robert tem 2 metros de altura e pesa 130 quilos – explicou Dessie. – Ele é muito persuasivo.

– Eu já devia ter adivinhado.

Dessie olhou para Jacob. A história sobre como ela havia conseguido pagar pelo apartamento a corroía por dentro havia quase quatro anos. Ela morria de medo que alguém viesse a descobrir o que tinha acontecido. Agora o segredo estava exposto e Jacob não parecia nem um pouco incomodado. Ele parecia até ter visto graça na coisa.

De repente, Dessie percebeu que estava fraca de cansaço por causa de toda a tensão do dia. Ela se levantou, segurando a taça com firmeza, como se fosse a mão de outra pessoa.

– Eu realmente tenho que ir dormir.

Jacob levou a garrafa quase vazia de volta para a cozinha. Ele colocou os sapatos que estavam ao lado da porta e ficou de pé. Hesitou um pouco na frente da porta.

– Você é bem legal – disse ele, falando baixo.

– Você é bem esquisito – respondeu Dessie. – Sabia?

Ele saiu sem dizer nada e fechou a porta atrás de si. Dessie apoiou a testa na porta, ouvindo o som dos passos descendo pela escadaria de mármore.

– Além do mais, eu sou teimosa. E orgulhosa.

# Capítulo 77

*Quinta-feira, 17 de junho*

O corpo de Malcom Rudolph estava tão curvado que parecia estar deitado na cadeira da sala de interrogação. Suas pernas estavam bem abertas e ele tinha dobrado um dos braços em torno do encosto. Seu cabelo despenteado caía sobre a testa e os dois botões de cima da camisa estavam abertos.

– Foi legal. Estávamos viajando, estudando arte e a vida... – Eles o ouviram dizer, pelo som do monitor.

*E a morte, pensou Jacob, sentado na sala de controle e ouvindo a conversa do assassino. Acima de tudo você estudou a morte, seu filho da puta.*

– Foi incrível no começo – disse o homem louro, antes de bocejar. – Mas nas últimas semanas tem ficado um pouco tedioso, para falar a verdade.

*Então, no começo eles tinham achado que era divertido matar pessoas, pensou Jacob. Até que isso também virou rotina. O que você acharia de ter um machado abrindo o seu crânio? Isso seria legal ou só meio bacana?*

Mats Duvall e Sara Höglund estavam repassando o registro das movimentações dos Rudolphs pela Europa durante os últimos seis meses. Seus passaportes revelaram que Malcolm e Sylvia Rudolph aterrissaram no aeroporto de Frankfurt oito meses antes, no dia 1º de outubro.

Desde então, de acordo com Malcolm, eles tinham viajado, observado pinturas e curtido a vida. Ficaram na parte da União Europeia governada pelo Acordo de Schengen, ou seja, nos países que não exigiam mais a apresentação de passaportes entre as suas fronteiras. Portanto, não havia carimbos para mostrar por onde eles passaram.

Isso forçou a equipe de investigação a buscar aquela informação de outra maneira, algo mais difícil do que parecia. Pelo visto, nenhum dos dois tinha telefone celular, então não havia chamadas que pudessem ser rastreadas.

Os dois, no entanto, tinham cartões de crédito, ambos Visa, usados raramente. Eles sacaram dinheiro em duas ocasiões: em Bruxelas, no dia 3 de dezembro; e em Oslo, no dia 6 de maio. Um cartão de crédito também foi usado para pagar o tratamento médico de Malcolm em Madri, em fevereiro. No dia 14 de maio, uma conta de hotel em Marbella, no sul da Espanha, foi paga com o cartão de Sylvia, e no dia 2 de maio Malcolm comprou quatro ingressos para o teatro em Berlim. O cruzeiro para a Finlândia agendado para o fim de semana seguinte tinha sido a última compra feita com os cartões.

Jacob acompanhou o interrogatório da sala de controle, com os dentes cerrados. Dessie estava sentada ao seu lado, tão concentrada quanto ele.

– Os assassinatos em Berlim foram cometidos no dia 2 de maio. Eles foram mesmo ao teatro depois? – sussurrou ela, mas ele fez um gesto pedindo silêncio.

– Voltando para a nossa discussão sobre Estocolmo – disse Sara Höglund, na tela. – Por que vocês decidiram vir para cá?

Malcolm Rudolph deu de ombros, indiferente.

– Sylvia insistiu – respondeu ele. – Ela tem interesse por forma e design, no lance escandinavo. Pessoalmente, eu acho que é superestimado. Acho frio e impessoal... e um pouco chato.

Ele bocejou de novo. Era óbvio que o seu pesar pela morte dos amigos holandeses tinha se diluído. Mats Duvall ajustou a gravata.

– Você precisa levar isso mais a sério – alertou Mats. – Vocês foram as últimas pessoas a ver Peter Visser e Nienke van Mourik vivos. Temos imagens de vocês saindo do quarto deles, minutos antes das suas mortes. Você não percebe o que isso significa?

Jacob avaliou o jovem entediado: aquele merdinha estava *sorrindo*? O que ele sabia que a polícia claramente desconhecia?

– Nós não podemos ter sido as últimas pessoas a vê-los com vida – disse Malcolm Rudolph. – Eles ainda estavam vivos quando fomos embora. É óbvio que eles foram mortos por outra pessoa. Vocês não devem ter assistido às gravações por tempo suficiente.

Sara e Mats trocaram um olhar e seus rostos mostraram sinais de apreensão. Alguém assistiu as gravações até o fim? Era de se esperar que sim, mas as coisas tinham sido tão caóticas. Quando um caso era muito quente, às vezes algo era negligenciado ou então alguém cometia um erro.

Eles pararam o interrogatório e pediram que todas as gravações do Grand Hôtel fossem analisadas novamente.

# Capítulo 78

*N*inguém tinha assistido às gravações até o fim. Nem prestado atenção o suficiente. Um erro terrível.

Mas agora eles estavam assistindo.

As tardes de terça-feira no meio de junho não eram exatamente a hora do rush no corredor do quarto andar do Grand Hôtel. Durante os 43 minutos que Sylvia e Malcolm Rudolph passaram dentro do quarto 418, duas faxineiras e um encanador apareceram no corredor.

Uma mulher, que claramente tinha esquecido algo em seu quarto, foi correndo do elevador até o quarto e de volta.

Às 3h02 a porta do quarto 418 se abriu.

Um triângulo de luz vindo do interior do quarto se formou sobre a parede do outro lado do corredor. A porta ficou aberta por alguns segundos antes de Malcolm Rudolph pisar no carpete grosso.

Ele se voltou e sorriu para dentro do quarto. Em seguida, disse algo e riu. Sylvia Rudolph apareceu no corredor logo depois. Ela parou, meio escondida pela porta aberta, e também parecia estar falando com alguém. Os irmãos ficaram na frente da porta por mais 14 segundos, voltados para o interior do quarto, conversando e rindo.

Finalmente se inclinaram para a frente e deram um beijo em alguém. A porta se fechou e eles foram até o elevador.

– O casal holandês estava vivo quando eles saíram do quarto – disse Sara Höglund. – É óbvio. *Como isso aconteceu?* – Ela encarou Mats Duvall, furiosa.

– E eles não puseram nenhum aviso na porta... – comentou Gabriella.

– O quê? – perguntou Dessie.

– “Não perturbe” – disse Jacob, entre os dentes cerrados. – O aviso estava pendurado na maçaneta quando os cadáveres foram encontrados.

O corredor do hotel mostrado na gravação ficou vazio e escuro de novo.

Jacob sentiu a adrenalina rasgando as suas veias.

– Podemos avançar um pouco? – perguntou ele.

Gabriella acelerou a reprodução.

Às 3h21 um casal idoso saiu do elevador, atravessou devagar o corredor e abriu uma porta nos fundos do hotel. Poucos minutos depois, uma faxineira atravessou o corredor com um carrinho e desapareceu na escadaria.

– Não dá para avançar mais rápido?

Jacob não conseguia esconder a impaciência na voz. Nem a raiva que sentia pela pessoa responsável por essa confusão.

Um casal de meia-idade passou.

Um homem carregando uma mala.

Uma família de três crianças, uma mãe cansada e um pai que parecia muito irritado.

Então *ele* apareceu.

Casaco de comprimento médio, sapatos claros, cabelos castanhos e óculos escuros.

– Merda! – berrou Jacob.

O homem bateu na porta do casal holandês, esperou alguns segundos, entrou no quarto e fechou a porta atrás de si.

– Eles o deixaram entrar – disse Sara Höglund. – Pelo menos é a impressão que dá. Impossível dizer com certeza, desse ângulo.

– Faça uma anotação do horário – pediu Mats Duvall.

4h35.

O corredor ficou deserto novamente. Os segundos passaram. Jacob teve que se esforçar para não gritar.

Vinte e um minutos depois, a maldita porta se abriu.

O homem de casaco saiu no corredor. Ele pendurou o aviso de “não perturbe” na maçaneta, fechou a porta e andou com pressa na direção dos elevadores. Ele manteve os olhos no chão, o rosto escondido da câmera.

– Eu estou detendo as pessoas erradas... – sussurrou Evert Ridderwall, com desespero na voz.



# Capítulo 79

Eles estavam sentados na sala de Mats Duvall quando o porta-voz de imprensa do Departamento de Investigação Criminal entrou em contato e confirmou que a situação com a mídia estava caótica, completamente fora de controle. Esse tipo de coisa não acontecia na Suécia. E imagina se eles descobrissem que a polícia tinha se enganado.

Estocolmo estava tomada por jornalistas e equipes de televisão estrangeiras, especialmente americanas. A saga dos Assassinos do Cartão-postal tinha todos os ingredientes de um escândalo criminoso bem suculento: dois jovens americanos com aparência de astros de Hollywood eram notórios assassinos em série ou vítimas de um erro terrível da justiça. Não importava qual fosse, ambos os cenários dariam belas manchetes.

– Vamos ter que fazer uma coletiva de imprensa – disse Sara Höglund. – Não temos escolha.

– E dizer o quê? – perguntou Jacob. – Que não encontramos nada que os vincule ao crime? Que o promotor acha que estamos detendo as pessoas erradas?

– Bem – disse Duvall –, nós temos alguma coisa. Eles passaram esse tempo todo viajando pela Europa enquanto os assassinatos foram cometidos.

– E conseguimos álbis para boa parte deles – retrucou Jacob. – Quando os assassinatos em Atenas foram cometidos, eles estavam em Madri. E no sul da Espanha quando o casal foi encontrado em Salzburgo. E nos países onde eles sacaram dinheiro, a Noruega e a Bélgica, não houve nenhum assassinato.

– Então agora você acredita que eles são inocentes? – perguntou Gabriella.

– Nem por um segundo – respondeu Jacob. – Mas ainda não conseguimos as evidências. Eles são inteligentes e cobriram bem os rastros.

– Nós ainda temos que lidar com a imprensa – disse Sara. – Vários dos canais mais importantes já colocaram no ar matérias sobre o caso Rudolphs, com música de fundo e tudo.

Jacob se levantou.

– Nós precisamos descobrir o erro na defesa deles. Precisamos continuar provocando, fazer com que eles errem.

Ele parou diante de Sara Höglund.

– Eu quero interrogá-los com a Dessie.

– Você não é exatamente tímido e reservado, não é? Por que uma repórter do jornal da tarde e um pai desesperado seriam melhores para dobrar criminosos do que investigadores experientes?

– Com o devido respeito – disse Jacob, obrigando-se a soar calmo e senhor de si –, vocês não são os únicos investigadores nesta sala. E eu sou americano. Você não consegue perceber as nuances do idioma.

– E Dessie Larsson consegue?

– Ela escreveu uma tese de doutorado sobre criminologia. Em inglês. E você?

– E já fiz isso antes – disse ela.

Jacob e Sara Höglund olharam para ela, surpresos.

– Eu entrevistei criminosos durante investigações em andamento. Sem caneta e papel, nem gravador, claro, e sob supervisão da polícia, mas não seria a primeira vez.

– E o que nós temos a ganhar com isso? – perguntou Mats Duvall. – Por favor, explique para mim.

– O que vocês têm a perder? – perguntou Jacob.

# Capítulo 80

**A**coletiva de imprensa já começou fora de controle.

Vários canais americanos estavam transmitindo ao vivo, nem um pouco dispostos a tolerar os detalhes meticulosos de Evert Ridderwall sobre o progresso da investigação. Os repórteres começaram a gritar perguntas quase que imediatamente, o que revelou mais uma complicação: Evert Ridderwall tinha um inglês péssimo.

Ele também ouvia mal. Acabara de terminar a leitura dos detalhes que a equipe de investigação preparou, mas não conseguia escutar nem entender o que os repórteres perguntavam.

– É incrível até onde uma pessoa consegue chegar quando não tem autocrítica – sussurrou Dessie, parada ao lado de Jacob no fundo da sala.

– E temos um exemplo chocante disso à nossa frente – concordou Jacob, amargo.

Evert Ridderwall havia insistido em liderar a coletiva de imprensa. Afinal, ele era o líder da equipe de investigação. Uma hora Sara Höglund, no pódio ao lado de Evert, inclinou-se sobre a mesa, pegou o roteiro do promotor e começou a ler.

Havia um resquício de sotaque da Costa Leste dos Estados Unidos em seu inglês e Jacob se lembrou que Sara tinha um bom conhecimento da polícia de Nova York. Talvez tivesse treinado lá ou passado algum tempo trabalhando naquela região.

No fundo, ela não disse muita coisa, apenas deixou claro que a investigação estava em andamento e que certas evidências haviam sido obtidas, mas que

não podia entrar em detalhes por causa da importância do material para a investigação.

– Foda-se, eles não têm nada – disse um repórter de uma das agências suecas de notícias para um colega. Eles estavam sentados bem na frente de Dessie e Jacob.

– Vamos embora? – sussurrou Jacob.

– Sim. Por favor. *Agora*.

Eles chegaram à saída antes do repórter do *Dagens Eko* avistar Dessie.

– Dessie? Dessie Larsson?

Ela se virou, surpresa por ter sido reconhecida.

– Sim? – perguntou e, no instante seguinte, tinha um microfone imenso embaixo do nariz.

– O que você acha das críticas desagradáveis que estão sendo dirigidas a você?

Dessie encarou o homem. Ele tinha a barba por fazer e dentes estragados.

*Não perca a cabeça*, pensou. Não fique brava, não saia correndo, é exatamente isso que ele quer.

– Críticas dirigidas a mim? O que você quer dizer, especificamente?

– O que você acha de ter introduzido na Escandinávia a tradição anglo-saxã de pagar grandes quantias de dinheiro para assassinos em série violentos?

– Acho que você entendeu mal – respondeu ela, tentando soar calma e confiante. – Eu não paguei dinheiro nenhum para...

– Mas você *tentou!* – exclamou o repórter, indignado. – Você *queria* comprar entrevistas com assassinos em série violentos.

Dessie engoliu antes de responder.

– Bem, em primeiro lugar, nenhum centavo foi pago. Além disso, não foi minha decisão fazer...

– Você acha que se tornou uma cúmplice no crime? Qual a diferença entre pagar por um assassinato e pagar pelos *detalhes* de um assassinato?

Dessie finalmente empurrou o microfone de lado e se afastou do homem estúpido e grosso.

– Deixe para lá – disse Jacob.

Ele estava bem ao lado dela, esforçando-se para acompanhá-la. Não tinha escutado a conversa, mas o conteúdo e o espírito da discussão eram bem claros.

– Depois desse desastre, Duvall vai procurar qualquer saída. Em menos de dez minutos, ele vai nos pedir para entrevistar os Rudolphs.

Dessie respirou fundo e tirou o repórter do *Eko* da cabeça.

Jacob estava certo. Levou sete minutos.

# Capítulo 81

O sol estava prestes a se pôr quando Malcolm e Sylvia foram conduzidos *separadamente* para a sala de interrogatório, onde Dessie e Jacob estavam sentados, aguardando por eles.

Sylvia deu um pequeno grito de prazer quando viu o irmão. Eles deram um abraço emocionado antes de serem separados pelos policiais que os escoltavam.

Dessie tinha imaginado que ficaria ansiosa antes do encontro, mas a raiva e a determinação eliminaram esse tipo de sentimento. Ela estava bastante convencida de que os Rudolphs eram os Assassinos do Cartão-postal. Agora cabia a Jacob e a ela puxar o tapete deles. De alguma forma. Mas por onde começar?

Ela avaliou os dois. Eram mesmo muito atraentes. Malcolm era magro, mas tinha músculos nos lugares certos. Dessie supôs que ele deve ter tomado um bom número de anabolizantes. Sylvia era extremamente magra, mas os seus seios eram cheios e redondos. Silicone, claro.

Ele tinha a pele e o cabelo mais claros que os da irmã, mas os olhos eram idênticos: o mesmo tom de cinza-claro, com cílios compridos que aumentavam ainda mais seu encanto e magnetismo. Estavam felizes em se reverem. Sentaram-se do outro lado da mesa e pareciam relaxados e contentes por estarem ali.

Dessie se deu conta na mesma hora que o casal não a havia reconhecido. Eles nunca viram a sua imagem no jornal e era óbvio que não procuraram o seu nome no Google antes de enviar o cartão-postal. Dessie e Jacob

deixaram a dupla se acomodar e não se apresentaram. Suas expressões eram neutras e eles optaram por não tomar a iniciativa.

Os irmãos sorriam, satisfeitos, passando os olhos pela sala. Estavam bem mais alertas agora do que tinham se mostrado durante o interrogatório daquela manhã. A mudança de interrogadores os animara.

– Então – disse Sylvia –, sobre o que vamos conversar agora?

Dessie não mudou sua expressão.

– Tenho algumas perguntas sobre o seu interesse em arte – disse ela, e os irmãos alongaram as costas e sorriram, ainda mais confiantes.

– Que bom – disse Sylvia. – Como podemos ajudar?

– Sua atitude em relação à arte e à realidade. Estou pensando sobre os assassinatos em Amsterdã e Berlim, por exemplo. Os assassinos imitaram duas pessoas reais, Nefertiti e Vincent Van Gogh.

Tanto Sylvia quanto Malcolm olharam para ela com os olhos um pouco arregalados. Suas expressões de satisfação foram substituídas por olhares de interesse vigilante.

– Vou explicar... – continuou Dessie. – Não se sabe com certeza se a rainha egípcia Nefertiti tinha um olho a menos. Mas seu busto no Museu Neues tem. E ainda assim vocês tiraram os olhos de Karen e Billy. Suponho que tenham decidido imitar a arte, e não a pessoa, não é mesmo?

Sylvia riu.

– Seria interessante essa linha de raciocínio... se não fosse tão maluca e absurda.

– Sabe como eu percebi? – perguntou Dessie. – Lindsay e Jeffrey, lembram-se deles? O casal britânico que vocês mataram em Amsterdã. Vocês cortaram as orelhas direitas, enquanto a orelha que Van Gogh tirou foi a esquerda. Mas nessa pintura, no autorretrato dele, a bandagem está no lado direito, obviamente, pois ele estava pintando o seu reflexo. Então vocês escolheram recriar as obras de arte, em vez das pessoas em si.

– É óbvio que isso não vai dar em lugar nenhum – disse Sylvia. – Achei que você fosse nos fazer perguntas que pudessem ajudar a capturar os assassinos.

- É o que estamos fazendo - disse Jacob, voltando-se para Malcolm. -  
Onde você escondeu o seu disfarce?



# Capítulo 82

Os irmãos se mantiveram calmos e controlados, mas a atitude arrogante sumiu. Dessie percebeu como eles se inclinavam um na direção do outro, inconscientemente, quando as perguntas começaram a ficar mais duras. Era uma equipe bem unida, não era?

Malcolm fingiu uma risada.

– Disfarce? Eu não entendo...

Dessie olhou para Jacob. Ele estava cerrando os dentes. Era de se imaginar que ele estava contraindo todos os músculos para superar a tentação de afundar a cabeça do assassino.

– A peruca castanha, o boné, os óculos escuros, o casaco que você usa para esvaziar as contas bancárias das suas vítimas. A roupa que você usou quando empenhou o relógio Ômega de Claudia. E a roupa que vestiu ao fingir que estava matando Nienke e Peter.

Malcolm estendeu os braços, mostrando uma expressão confusa.

– Do que você está falando?

– E os colírios? – continuou Jacob. – Eles não estavam no seu quarto de hotel. Então devem estar escondidos no mesmo lugar que o disfarce.

Malcolm olhou para a irmã.

– Você sabe do que ele está falando?

– A gravação do Grand Hôtel foi boa – disse Jacob –, mas não boa o suficiente.

Ele se voltou para Sylvia.

– É óbvio que você estava beijando o ar quando fingiu que beijava alguém e que a conversa era falsa. Você se esqueceu das sombras, sabe?

Sylvia balançou a cabeça, mas seu sorriso parecia bem menos confiante.

– Desculpe, mas aonde você quer chegar com isso? Estou completamente perdida.

– Estou falando dos seus erros – respondeu Jacob. – Estou falando sobre a sombra, que se formou quando um cadáver ficou no caminho da luz do sol que entrava pela janela.

Os olhos de Sylvia ficaram estreitos, menores e mais escuros.

– Você não tem...

– A estátua de Millesgården... – Dessie a interrompeu. – Que ficou claramente visível no chão do corredor quando vocês abriram a porta do quarto de Peter e Nienke. É dessa sombra que ele está falando.

– Nós queremos um advogado – disse Sylvia.

# Capítulo 83

A dupla se calou. Eles não diriam mais uma palavra sem um advogado presente.

O interrogatório foi interrompido. Eles foram levados de volta para suas celas e Dessie e Jacob seguiram para o escritório de Mats Duvall, onde a equipe de investigação tinha se reunido.

Sara Höglund estava nitidamente satisfeita.

– A história da sombra funcionou muito bem.

– Uma pena que foi invenção nossa – comentou Jacob. – Senão teríamos um caso. Mas é um começo, de qualquer forma.

– Agora temos que torcer para que eles se enrolem em meio às várias mentiras e explicações – disse a chefe da unidade criminal.

O rádio tocou a música tema do boletim de notícias das 16h45 e Mats Duvall aumentou o volume. A história principal tratava da “prisão questionável” dos dois americanos estudantes de arte que estavam viajando pela Suécia.

A voz do comentarista soou pomposa e arrogante.

– De acordo com relatos recebidos pelo *Dagens Eko*, os suspeitos têm álibis sólidos para muitos dos assassinatos cometidos ao redor da Europa. Gravações das câmeras de segurança no Grand Hôtel mostram que o casal holandês *ainda estava vivo* quando os irmãos saíram de seu quarto na tarde de quarta-feira...

O ar na sala virou gelo. Era óbvio que alguém de dentro, ou muito próximo da investigação, tinha vazado aquela informação para a imprensa.

Ninguém trocou olhares. Todos mantiveram os olhos retos ou abaixados, encarando a mesa.

Dessie foi tomada por uma sensação de mal-estar. Era dela que os detetives suspeitariam. E como as autoridades eram proibidas por lei de investigar as fontes da mídia, ninguém perguntaria nada diretamente, mas ela sabia o que os outros deviam estar pensando. Dessie era a jornalista, a forasteira, a pessoa com mais chances de ser desleal.

De agora em diante, ela não seria mais bem-vinda, e isso ficou claro.

O rosto do superintendente endureceu, formando uma máscara que ficou cada vez mais rígida conforme a transmissão continuava. O presidente da Ordem dos Advogados da Suécia deu uma declaração, criticando o fato de os “dois jovens americanos” não terem recebido um advogado até o fim da tarde, um dia inteiro depois de serem detidos.

Sara Höglund foi citada dizendo em uma voz irritada que a investigação estava em andamento, uma frase que deve ter sido coletada nos últimos minutos da coletiva de imprensa, quando ela já tinha respondido a mesma pergunta inúmeras vezes.

Em seguida, o boletim do *Dagens Eko* voltou a sua atenção para as críticas da mídia. A voz do comentarista se encheu de indignação quando alardeou:

– Em uma carta que recebeu críticas severas, uma repórter do *A onposten*, Dessie Larsson, tentou comprar uma entrevista exclusiva com os suspeitos pelos assassinatos por 100 mil dólares, quase 1 milhão de coroas. A presidente da Federação de Jornalistas, Anita Persson, considera essa revelação um escândalo que deve ser investigado.

Dessie sentiu o chão desmoronando embaixo de seus pés. Sua boca ficou seca e a pulsação acelerou.

– Dessie Larsson trouxe vergonha para toda a profissão – afirmou Anita Persson pelo rádio. – Ela deveria ser expulsa da Federação de Jornalistas imediatamente.

O autor e jornalista Hugo Bergman foi o próximo a ser entrevistado. Ele continuou as críticas, declarando que Dessie Larsson era uma “peso leve” e “uma jornalista inútil”.

Todos na sala voltaram o olhar para Dessie.

Hugo Bergman claramente não tinha gostado de ser desdenhado depois de pagar pelo vinho e pelo jantar em um restaurante chique. Foi um preço infernal para pagar por uma porção de purê de batatas.

Dessie se levantou e foi para a porta.

– Eu nem sequer sou membro da Federação de Jornalistas.

Jacob a seguiu porta afora.

# Capítulo 84

Dessie podia ver as antenas parabólicas nos furgões das equipes de televisão, algumas vindas de Götgatan. *Que desperdício de tempo, dinheiro e combustível.*

A tempestade da mídia tinha se acomodado bem na frente da sua porta, bloqueando toda a Urvädersgränd. Ela parou, segurando a bicicleta ao seu lado, e encarou a multidão.

Jacob a alcançou e soltou um assobio baixinho.

Havia figuras desconhecidas com microfones imensos e colegas que ela tinha conhecido na Associação de Jornalistas Profissionais, fotógrafos com lentes de longo alcance e repórteres de rádio que pareciam besouros gigantes com as antenas de transmissão nas costas.

– Impressionante – comentou Jacob, seco. – Você deve ser a pessoa mais interessante da cidade.

– Eu não posso entrar lá.

– Eles vão para casa quando ficarem com fome – disse Jacob. – Venha, vamos pegar algo para comer enquanto isso.

Eles caminharam na direção de Mariatorget. O céu estava cheio de nuvens escuras, sinal de uma tempestade próxima. Chegaram a uma churrascaria em Sankt Paulsgatan, onde Jacob pediu costelas de porco e Dessie uma espiga de milho.

– Você só vai comer isso? – perguntou Jacob quando a comida chegou.

– Acho que não vou conseguir engolir nem isso – respondeu ela, desanimada.

Jacob a olhou de uma maneira que Dessie nunca tinha visto em seus olhos. Se não o conhecesse melhor, diria que estava realmente preocupado com ela.

– Eu sei que você acha isso desagradável e injusto, mas devia saber que fez a coisa certa. É provável que você tenha evitado alguns assassinatos.

Ela esvaziou a taça de vinho e serviu mais. Jacob segurou a mão dela.

– Dessie, escute o que estou dizendo, por favor. Kimmy foi morta por esses monstros e você é uma das razões pelas quais eles foram capturados. Eu sou grato a você por isso. Devo minha vida a você.

# Capítulo 85

A mão de Jacob estava quente, apesar de seca. Dessie ergueu os olhos e o encarou.

– Você devia amá-la muito – comentou, sem perceber.

Jacob fechou os olhos com força e apertou a mão dela. Por alguns momentos, ela pensou que o homem ia começar a chorar e se sentiu terrível por fazê-lo sofrer assim.

– Sim, eu a amava. Éramos só nós dois...

Dessie continuou segurando a mão dele. Jacob olhou pela janela, parecendo perdido nas próprias memórias.

Ela o observou, tentando imaginar o que ele estaria pensando.

– O que aconteceu com a mãe dela?

– Lucy? É, eu também já me perguntei isso várias vezes.

Ele puxou a mão de volta. O ar do restaurante pareceu esfriar mais do que o normal. Jacob olhou para ela e deu um pequeno sorriso.

– Eu não vazei aquele material para o *Dagens Eko*.

– Eu sei disso – disse, esvaziando sua taça. – Foi Evert Ridderwall.

Ela piscou.

– Por que você acha isso?

– Ele não tem escrúpulos, só quer evitar críticas. Vazar aquilo foi um teste. Ele queria ver o que a mídia pensa dos Rudolphs.

Por baixo da mesa, seu joelho estava entre as pernas de Dessie. Nenhum deles mudou de posição.



– Você viu quem eles querem como advogada? – perguntou Dessie, esvaziando a segunda taça de vinho. – Andrea Friederichs.

– E...? – perguntou Jacob, enchendo a taça dela.

Dessie deu um bom gole.

– Ela não é especialista em lei criminal. É advogada de direitos autorais. Isso não parece um pouco esquisito?

# Capítulo 86

O aglomerado de membros da imprensa em frente à porta de Dessie não diminuía. Na verdade, parecia maior. Estava começando a lembrar as multidões de pessoas que costumam se reunir diante de tribunais durante casos importantes em Nova York. Jacob conhecia bem esses grupos. Em diversas ocasiões ele já tinha sido forçado a abrir caminho em meio a uma falange de repórteres e microfones.

– Ok – disse ela, suspirando. – Acho que eles ainda não estão com fome. Ninguém está indo embora.

Dessie estava perto de Jacob, escondida atrás dele para não ser vista do topo da rua estreita. Ele resistiu ao impulso de tirar uma mecha de cabelo do rosto dela.

– Eu não sei se quero me ver entrando correndo por uma porta em todos os jornais e noticiários amanhã.

– Não precisa.

Dessie o encarou com os seus olhos grandes. Ele respirou fundo antes de continuar.

– Meu colega de quarto voltou para a Finlândia. Você pode ficar com a cama de baixo do meu beliche em Långholmen. Não tem problema nenhum.

Ele falou de um jeito leve, brincalhão, com cuidado para não demonstrar qualquer sentimento. *Não tem problema nenhum.*

Ela hesitou alguns segundos antes de responder, ainda com os olhos fixos nele. E tomou uma decisão.

– Ok – disse ela e virou a bicicleta para o outro lado.

Tinha começado a chover quando eles passaram pela estação de metrô Zinkensdamm, a quase meio caminho do albergue. Os dois começaram a andar rápido. Jacob levantou o colarinho da jaqueta de camurça, mas a água escorria por suas costas. Ele estremeceu.

– Eu posso te dar uma carona se você quiser – ofereceu Dessie. – Se tiver coragem de subir...

– Na bicicleta?

Ela assentiu.

– Claro. Só se você quiser arriscar.

Ele sentou no bagageiro estreito na traseira da bicicleta, segurando nos quadris de Dessie com as duas mãos. Ela estabeleceu um bom ritmo e eles passaram voando por uma igreja ampla com duas espirais idênticas. As coxas dela se moviam metodicamente, com ritmo. Ela era forte e era óbvio que estava em forma.

De repente, Jacob se sentiu dominado por uma lembrança de Lucy. Ela oferecera uma carona assim para ele no Brooklin uma vez, cem anos atrás, mil anos atrás, antes de Kimmy, antes das drogas e da vida adulta, com todas as suas complicações, entrarem em cena e destruírem uma vida perfeita para todos eles.

Ele saltou da bicicleta quando Dessie entrou no estacionamento em frente ao albergue.

– Quais são as regras? – perguntou ela, tirando o capacete. – Você pode receber visitas de mulheres em seu quarto?

– Não pretendo pedir permissão nem perguntar sobre regras – respondeu Jacob. – Eu já sou crescido.

– É?

Ele puxou Dessie e o corpo dela se ajustou ao seu. O cabelo dela tinha um cheiro fresco, o mesmo odor de fruta. Jacob fechou os olhos e sentiu o calor dela através da jaqueta. A respiração leve dela tocava o seu pescoço.

Então ele a beijou. Ela tinha gosto de chuva e espiga de milho.

# Capítulo 87

Suas roupas ficaram jogadas em um emaranhado na frente da porta da antiga cela de prisão. Eles nem chegaram até a cama de baixo do beliche, usada por Finn, antes de ela puxar Jacob para si. Os dois deitaram no chão e ele entrou nela sem resistência, com os olhos fixos em Dessie.

Ele sentiu o quarto começar a girar e teve tempo de pensar *não, não, não, ainda não* antes de gozar dentro dela com um grito rouco.

Ele relaxou o corpo, escondendo o rosto nos cabelos de Dessie. Merda, que fracasso. Gozando em dez segundos. O que ela ia pensar?

Mas Dessie beijou seu cabelo enquanto ele ficou lá deitado, ofegante, tentando se recompor. Em seguida, os quadris dela começaram a se mexer embaixo de Jacob. No começo ele achou que ela queria se levantar, mas quando foi se mover ela agarrou sua bunda com força e puxou o corpo dele, segurando-o naquela posição.

– Relaxa, deixa rolar – sussurrou ela em seu ouvido, mexendo de novo os quadris.

Surpreso, ele percebeu que estava ficando duro de novo, quase imediatamente. Jacob a obedeceu e se permitiu ser levado pelos movimentos ritmados de Dessie. O corpo inteiro dela o estava sugando e puxando para dentro, com mais força, mais fundo.

Ele notou que estava começando a respirar pesado. Seus batimentos cardíacos aceleravam e sua cabeça latejava. Quando sentiu uma tontura, parou e olhou nos olhos dela. O olhar de Dessie estava completamente perdido. Não faltava muito para ela agora.

– Vem cá – disse ele em uma voz grave, puxando Dessie e a erguendo para a cama.

– O que você está fazendo? – perguntou Dessie.

– Relaxa e deixa rolar.

Ela se alongou na cama de baixo, suas pernas rígidas e vigorosas, a barriga macia como veludo e os seios firmes e bem-delineados. Ele passou a mão pelas coxas dela, inclinando-se para a frente e chupando um dos mamilos. Dessie gemeu e o seu corpo inteiro estremeceu.

Ele chupou e lambeu o seu corpo inteiro. Quando finalmente entrou nela de novo, ela inclinou a cabeça para trás e gritou. Enquanto as contrações ainda faziam a parte inferior do corpo dela se convulsionar, ele sentiu o fluxo em sua cabeça crescer até explodir, fazendo todas as imagens e sons desaparecerem.

Ao recuperar os sentidos, Jacob percebeu que estava gelado. Ele tinha rolado para o lado, saindo de dentro dela. Puxou as cobertas que estavam embaixo deles e cobriu o seu corpo e o dela.

Ela o encarou, com os olhos arregalados, surpresa.

– Uau.

# Capítulo 88

Dessie ainda estava atônita com o que tinha acontecido.

Quando ela aceitou o convite de Jacob para ficar em seu quarto, não esperava *aquilo*. Sua vida estava tão tumultuada que a última coisa que precisava era de um caso complicado.

E também devia ser a última coisa que Jacob precisava.

– Uau? – respondeu ele e sorriu.

Seus olhos estavam afetuosos de novo, aquele azul maluco, totalmente focado nela. Isso não era nada bom. Como poderia ser?

Ela devia se levantar agora mesmo e encarar os malditos repórteres na frente de seu prédio. Em vez disso, sorriu de volta para ele.

– Dessie, você é incrível, sabia disso?

Ela sentiu um calor se espalhando dentro de si, saindo de seu estômago, do centro do seu corpo.

– Dessie... – repetiu ele, dessa vez com uma entonação de pergunta. – Que tipo de nome é esse? *Dessie*?

Ela se aninhou contra o corpo de Jacob. Ele a puxou para perto, para que pudesse repousar a cabeça sobre seu peito. Ela deixou seus dedos brincarem sobre a pele dele, com movimentos pequenos, leves.

– Eu fui batizada como Désirée, a princesa sueca menos conhecida.

Ela pensou em sua mãe, Eivor, sua querida e doce mãe, nascida em 1938, no mesmo ano em que Désirée Elizabeth Sibylla, a segunda mais jovem entre as princesas de Haga, filha do príncipe herdeiro Gustaf Adolf. Eivor

tinha imensa admiração pela princesa Désirée, inspirava-se muito nela, então era óbvio qual seria o nome de sua filha.

– É um nome lindo – disse Jacob.

Ela riu.

– Você consegue imaginar como era divertido ser chamada de Désirée quando se tem 10 anos e vive em Adalan? “Désirée, você está com diarreia?”

– Pobre Désirée – disse Jacob, acariciando seu cabelo e seu rosto, prolongando o toque.

– Por sorte, meu primo Robert de Kalix vinha me visitar às vezes – contou Dessie, levantando o rosto para olhar para Jacob. – Robert era grande e forte e ele me protegia.

Ele a beijou e, no mesmo instante, ela sentiu um leve tremor entre as pernas. E percebeu que ele tinha sentido o mesmo.

Ela rolou e sentou em cima dele, mordiscando de leve a ponta da sua orelha.

Se isso era errado, por que era tão gostoso?

Dessie beijou os olhos de Jacob, um de cada vez.

# Capítulo 89

*Sexta-feira, 18 de junho*

Dessie foi despertada por um barulho eletrônico abafado. Estava vindo de algum lugar embaixo deles e ela esperou quieta até o som incômodo parar.

Ela colocou a cabeça sobre o peito de Jacob com cuidado e sentiu seu cheiro, uma combinação de suor com loção pós-barba. O quarto estava silencioso. O sol já tinha nascido, inundando o pequeno espaço com luz.

Dessie se perguntou quanto tempo teria dormido. Uma hora, talvez duas.

Ela queria ficar deitada ali para sempre. Nunca ter que se levantar daquela cama nem se afastar daquele homem, não fazer mais nada pelo resto da vida além de fazer amor com ele até que ambos morressem ou a falta de cafeína a fizesse mudar de ideia.

Em pouco tempo estaria insuportavelmente quente dentro do quarto. Era a cela dele. Disso Dessie estava certa. Ela se livrou do abraço de Jacob, se apoiou em um dos cotovelos e olhou para o rosto adormecido do homem. Ele parecia tão jovem quando todas as preocupações estavam distantes. Seu cabelo cacheado, no entanto, cobria a testa e se espalhava pelo travesseiro. Não devia cortá-lo havia pelo menos seis meses.

Desde Kimmy.

Ela pensou na filha de Jacob, visualizando o seu rosto. Que tristeza insuportável perdê-la daquele jeito... viver mais que a própria filha. O barulho eletrônico começou de novo, dessa vez mais persistente, por mais tempo.

*Era o celular dela.*



Merda, estava em sua mochila, que tinha escorregado para baixo da cama na noite anterior, durante a entrada um tanto caótica deles no pequeno quarto.

Ela esperou que parasse de tocar. Jacob se remexeu ao lado dela. Dessie se inclinou sobre a beirada da cama, puxou a mochila e pegou o celular.

Uma chamada perdida.

Uma nova mensagem. Ela clicou na mensagem.

Era uma reportagem da principal agência de notícias sueca, breve e concisa como sempre.

Ela engasgou.

– Ah, não.

A respiração pesada de Jacob parou e Dessie percebeu que ele havia acordado. Ela o acordara. Dessie sentiu a mão quente dele sobre as suas costas, uma carícia que carregava a promessa de algo mais.

Ela se virou para encará-lo, encontrando seus olhos radiantes. O sorriso de Jacob sumiu quando ele viu sua expressão.

– O que foi? – perguntou ele. – O que aconteceu?

Ah, meu Deus... Como ela diria isso a ele?

Ele se sentou tão rápido que bateu a cabeça na cama de cima.

– Fale logo, pelo amor de Deus!

Ela se encolheu.

– Eles foram soltos. Ridderwall soltou os Assassinos do Cartão-postal.

# Capítulo 90

Dessie queria segurar o rosto de Jacob entre as mãos e garantir que tudo se resolveria, que tudo era apenas um erro doido e estúpido. No fim, Kimmy receberia a sua justiça e ele poderia seguir em frente com a vida. E essa vida seria com ela.

Mas Jacob saltou do beliche, desesperado. Ele agarrou a calça jean e as vestiu sem se preocupar com a cueca.

– Você não pode alterar essa decisão. – Dessie tentou argumentar, em um esforço para parecer calma e contida. – Não há nada que você possa fazer a respeito disso.

O cabelo dele estava uma bagunça, ainda úmido de suor, e seu rosto estava pálido.

– Não! – gritou ele, colocando a camiseta preta. – Mas eu posso segui-los. Então é isso que vou fazer, até os confins da maldita Terra, se é que eu já não estou lá...

Dessie se sentou na cama, erguendo as cobertas para cobrir os seios, de repente com vergonha de sua nudez. Ela se sentiu bastante vulnerável também. E triste.

– Eles foram soltos às seis da manhã, para evitar a imprensa. Já podem ter atravessado metade do Atlântico a essa altura. Podem estar em qualquer lugar.

Ele colocou os sapatos sem desfazer os cadarços e vestiu a jaqueta de camurça. Em seguida, parou ao lado da porta, hesitando.

– Desculpe. Eu... sinto muito.

O batente estremeceu quando ele bateu a porta atrás de si.  
*Jacob se foi, pensou Dessie. O policial está de volta.*

# Capítulo 91

A sala da redação estava deserta, como se uma bomba tivesse explodido lá dentro. Forsberg estava sentado sozinho atrás de sua mesa, meio adormecido, os olhos vermelhos e o rosto meio inchado, assistindo a uma pequena televisão.

– Onde estão todos? – perguntou Dessie, sentando-se ao seu lado.

O editor apontou para a televisão.

– Grand Hôtel. Nossos assassinos favoritos reservaram a suíte de lua de mel, se é que dá pra acreditar nisso. A imprensa do mundo inteiro está lá, incluindo os nossos estimados colegas.

Dessie o encarou.

– Você está falando sério?

– Eles vão dar uma coletiva de imprensa às quatorze horas.

– No Grand?

Forsberg passou a mão pela barba por fazer. Ele não se barbeava havia uns três dias ou mais.

– Os Rudolphs decidiram falar. Eles querem contar para o mundo como são inocentes.

Dessie inclinou a cadeira para trás. Isso só podia ser um pesadelo. Daqui a pouco ela acordaria com os braços de Jacob ao redor de si e os Assassinos do Cartão-postal continuariam trancados com segurança na prisão em Kronoberg.

– Isso é surreal. Que merda eles estão planejando? – perguntou ela. – Aqueles malditos são tão culpados quanto o diabo. Agora eles estão dando

coletivas de imprensa?

Forsberg soltou um grande bocejo.

– Enfim, como está a nossa objetividade jornalística hoje em dia?

Dessie se levantou.

– Você não devia ir para casa e dormir um pouco?

O telefone na mesa tocou. Forsberg atendeu.

– O que é?

Ele fez um gesto pedindo para ela ficar e ouviu com atenção por mais de um minuto. Dessie balançou a cabeça para dizer que não estava ali e colocou a mochila.

– Só um instante...

Ele cobriu o telefone com a mão.

– É um jornalista dinamarquês. Ele quer falar com você. Diz que é importante.

– Eu não estou dando entrevistas – disse ela, prendendo a fivela do capacete sob o queixo.

– Acho que você deveria falar com ele. Ele diz que recebeu um cartão-postal pelo correio de manhã. *Carimbado pelo correio ontem, em Copenhague*. Ele acha que é dos Assassinos do Cartão-postal.

# Capítulo 92

Dessie encontrou Jacob na plataforma da Estação Central. Ela sentiu o coração acelerar e abriu um sorriso largo e verdadeiro. O sorriso, no entanto, durou pouco tempo, depois que notou os olhos e os dentes cerrados dele.

– Você está com as cópias? – perguntou ele, em um tom monótono.

Ela passou as cópias de fax do cartão-postal dinamarquês sem dizer nada. Mostravam a frente e o verso. Ele colocou a mala no chão ao seu lado, agarrando as folhas de papel, encarando-as.

O cartão tinha uma foto do Parque Tivoli. Ela conhecia bem o lugar.

Fora o nome da cidade, a parte de trás do cartão-postal tinha as exatas mesmas letras maiúsculas e layout que o cartão de Dessie.

SER OU NÃO SER  
EM COPENHAGUE  
EIS A QUESTÃO

ENTRAREMOS EM CONTATO.

– Merda – disse ele, analisando as cópias. – É mais rápido conseguir evidências por meio da imprensa que pela maldita Interpol. Isso é inacreditável.

Ela engoliu em seco. Então era por isso que ele tinha concordado em se encontrar com ela: Dessie tinha acesso a informações que a polícia ainda

não tinha conseguido.

– O que você acha da letra? – perguntou ela, tentando fazer a sua voz parecer neutra. – É a mesma pessoa?

Ele balançou a cabeça e passou os dedos pelo cabelo. Ela pensou na noite passada, não pôde evitar. *O que tinha na cabeça?*

– É impossível saber, com as letras assim. Parece. Posso ficar com isso?

Ela assentiu, sem saber se conseguiria controlar a voz caso dissesse algo.

– Você ficou sabendo do Grand Hôtel? – Ela conseguiu perguntar, finalmente.

– A coletiva de imprensa às quatorze horas? Sim.

Ele colocou a mala no ombro de novo. Ela tentou sorrir.

– Então pelo menos você sabe onde eles estão. Você não precisa ir até o fim do mundo, afinal.

Ele parou no meio do que estava fazendo e olhou para ela. Dessie, por sua vez, desejou que o chão a engolisse. Como podia ser tão carente? Ela não era assim, nunca tinha sido. Nem mesmo quando criança. Especialmente quando criança.

– Eu recebi uma resposta dos Estados Unidos. Dos meus contatos, daqueles e-mails que eu enviei pelo seu computador.

– Isso é bom.

– Estou a caminho de Los Angeles – disse, olhando para o relógio. – Meu avião parte em duas horas.

Ela sentiu como se alguém tivesse acabado de derramar um balde de água gelada nela.

– Você... Los Angeles? Mas... – Ela ia dizer “mas e eu?”.

Ela mordeu a língua com tanta força que sentiu gosto de sangue. Estava agindo como uma idiota. Queria se encolher, estar em qualquer outro lugar, menos ali.

Ele olhou de novo para o relógio, hesitando. Em seguida, deu um passo na direção dela e a abraçou, desajeitado. A mala dele ficou entre os dois, evitando que eles se encostassem. *Que adequado*, pensou Dessie. O final perfeito para eles.

- Até mais - disse Jacob, virando as costas para ela e andando rápido na direção do trem expresso.

Ela ficou vendo ele se afastar até ser engolido pela massa de pessoas, sumindo na multidão.

- Até.



# Capítulo 93

A CNN, a Sky News e a BBC World transmitiam ao vivo da Galeria dos Espelhos do Grand Hôtel. A decoração exagerada com os pilares de ouro, as portas espelhadas e os lustres de cristal fizeram Dessie pensar em Versalhes ou em algum outro castelo chique. Jornalistas, fotógrafos, câmeras e radialistas empurravam uns aos outros para conseguir os melhores lugares. Estava tão cheio que o pessoal da televisão tinha que ficar de ombros colados ao falar com as câmeras.

Normalmente ela fazia tudo que podia para evitar coletivas de imprensa.

Havia algo de humilhante em tanta gente se empurrando para chegar perto, formando uma multidão balbuciante.

A hierarquia também era ridiculamente restrita.

O pessoal da televisão sempre sentava na frente. Quanto maior e mais barulhento o canal, mais perto o repórter ficava do centro da ação. Em seguida, vinham os repórteres de rádio, as agências de notícias, a imprensa nacional e, por fim, a imprensa especializada e a local. Pesquisadores e membros de equipes editoriais como ela recebiam permissão para entrar apenas se sobrasse espaço.

Hoje ela decidiu se comportar como Jacob, passando por tudo e todos como se fosse um trem expresso, mostrando sua credencial de imprensa e forçando caminho até o fundo da sala, sem aceitar não como resposta, sem se importar com o que pensassem dela.

A sala podia acomodar quinhentas pessoas, mas a direção do hotel decidira limitar o número a trezentos devido ao equipamento necessário

para as transmissões ao vivo.

Ela ficou contra a parede, esticando o pescoço para ver. Que circo absurdo. Na frente da sala havia um pequeno pódio chamativo, com degraus de metal dos dois lados. A floresta de microfones anunciava com ênfase que era lá que os irmãos declarariam a sua inocência para o mundo.

O nível de barulho na sala foi subindo gradualmente, como a tensão em um estádio durante a final da Copa do Mundo.

Dessie fechou os olhos.

Ela se sentiu quase que completamente paralisada por dentro. Os acontecimentos na sala a incomodavam. Ela sentia isso na pele, como se vidro a cortasse. Pelo menos era essa a sensação.

Como tudo podia ter dado tão errado? E tão rápido?

Seu celular tocou e Dessie só reparou porque estava com o aparelho na mão. Era Forsberg.

– Como estão as coisas? Você conseguiu entrar? Onde você está?

– Achei que esse espetáculo todo estivesse sendo mostrado ao vivo em dezessete canais. Você não está vendo?

– Eles só mostram uma floresta de microfones. Não consigo entender nada. Você viu o Alexander Andersson?

– Não sei se estamos no mesmo lugar – respondeu Dessie. – Eu estou em pé no fim da sala.

Forsberg respirou fundo.

– É verdade que você os interrogou? – perguntou ele. – Enquanto estavam sob custódia?

Ela manteve os olhos focados no pódio. Algo estava acontecendo lá na frente.

– Não acredite em tudo o que ouve. Eles estão entrando!

A Galeria dos Espelhos explodiu em uma tempestade de flashes e holofotes. Malcolm Rudolph entrou por uma porta à esquerda. Ele estava vestido com uma camisa azul-clara desabotoada na altura do pescoço e calças jeans com rasgos decorativos.

Sua irmã, Sylvia, caminhava atrás dele. Seus cabelos castanhos ondulados reluziam nas luzes piscantes. Ela estava toda de branco.

– Merda. – Forsberg comentou no ouvido de Dessie. – Ela é linda! Como é pessoalmente?

– Depois eu ligo pra você – respondeu Dessie, desligando.

Depois de Sylvia veio uma mulher alta e magra, que Dessie reconheceu como Andrea Friederichs, a advogada do casal. A advogada de *direitos autorais*.

Os personagens principais pararam diante dos microfones e ficaram lá por três bons minutos para serem devidamente fotografados.

Logo a seguir, a advogada quebrou o silêncio.

– Podemos começar com a coletiva de imprensa...

# Capítulo 94

A mensagem dos Rudolchs para o mundo era bem clara: um erro terrível da Justiça havia sido evitado por pouco naquele dia. Isso foi repetido várias vezes durante a transmissão de 45 minutos.

A mestre de cerimônias foi Andrea Friederichs e Dessie tinha que admitir que ela realizava sua tarefa com desenvoltura. Ela alertou a todos que a corajosa consciência cívica do promotor Evert Ridderwall havia poupado os jovens de mais um dia de interrogatórios estressantes e outra noite em uma cela de prisão sueca.

Era óbvio que os irmãos Rudolph não tinham nada a ver com os Assassinos do Cartão-postal. A própria ideia era absurda. A advogada passou sistematicamente por todos os pontos que provavam a inocência dos seus clientes. Ela listou-os de memória, sem anotações.

Eles estavam em Madri quando os assassinatos em Atenas foram cometidos.

Eles estavam no sul da Espanha na época dos assassinatos de Salzburgo.

Eles estavam comprando ingressos para o teatro durante as mortes em Berlim.

O casal holandês, Nienke van Mourik e Peter Visser, ainda estava vivo quando os Rudolchs saíram de seu quarto de hotel.

A polícia sueca tinha detido e mantido os dois presos porque eles *estavam observando obras de arte*.

– Eu nunca vi um caso tão extremo de mão pesada no policiamento. – afirmava Andrea Friederichs. Dessie olhou em volta pela sala, reparando na

atitude solidária dos seus colegas. Era visível que eles compartilhavam a indignação da advogada.

Seria possível que ela estivesse errada? Será que Dessie tinha se deixado iludir por Jacob, um homem que claramente não era capaz de ser objetivo nesse caso? Como poderia ser? Ele perdera a filha.

Os Rudolphs eram mesmo inocentes?

Ela engoliu em seco e foi forçada a considerar a possibilidade.

Chegou a vez de os irmãos falarem. Malcolm começou.

Ele estava chorando de novo ao descrever a sua tristeza quando foi informado de que os amigos holandeses tinham sido mortos. Os flashes dos fotógrafos não paravam, conforme ele cruzava os braços sobre o peito, como se estivesse se protegendo, com lágrimas escorrendo pelo rosto atraente.

Sylvia estava mais dona de si, mas, ao mesmo tempo, muito humilde e amável.

Os Assassinos do Cartão-postal eram os piores matadores já vistos no continente europeu. Ela entendia que a polícia precisava ir atrás de cada pista, entendia mesmo. O fato de ela e seu irmão terem sido arrastados para o meio disso por coincidência, apesar de serem inocentes, era uma pena. Mas, ao menos, ela estava grata porque o sistema judicial sueco funcionava, mais ou menos, e por dois suspeitos inocentes não estarem mais detidos, mesmo sabendo que havia alguns policiais reacionários mais do que dispostos a ignorar princípios básicos, como motivo e evidências.

– Nós teríamos mesmo cometido um duplo homicídio brutal e depois saído para comprar ingressos para *Um bonde chamado desejo*? – perguntou ela, com os olhos cheios de lágrimas. – Quem eles acham que somos? Dois monstros insensíveis? Não. Nós viemos à Europa de férias. Para ver museus. Para visitar as suas grandes cidades. Isso é crime?

Uma explosão de flashes dominou a sala. Houve até alguns aplausos. Dessie forçou caminho até a porta, pegou o celular e ligou para Forsberg.

– Que espetáculo! – exclamou o editor. – Estamos na primeira página da CNN!

Ela notou a empatia de Forsberg em relação aos Rudolphs.

- Vou sumir por uns dias – disse ela. – Só para você saber.
- O que você quer dizer com “sumir”? Para onde?
- Copenhague – respondeu Dessie, desligando o celular.

# Capítulo 95

*Sábado, 19 de junho  
Los Angeles, EUA*

O avião havia pousado na pista do LAX, o aeroporto internacional de Los Angeles. Jacob estava de volta em solo americano pela primeira vez em seis meses. Não foi assim, entretanto, que tinha imaginado que seria voltar para casa – se é que cogitara voltar. Mas foi necessário. Os Rudolphs moravam em Los Angeles e foi lá que eles criaram o plano.

O ar fora do terminal estava carregado de fumaça. Ele ficou um tempo parado, olhando em volta do estacionamento. Era uma imagem tão familiar: o mar de carros se estendendo ao seu redor, os outdoors, as vozes, o barulho do trânsito nas ruas.

O país era exatamente como ele se lembrava, apenas um pouco... menos sutil.

Ele alugou um Chrysler com GPS. Não conhecia Los Angeles e não estava a fim de aprender naquele momento, não para essa viagem. Digitar Citrus Avenue como destino no maldito GPS acabou sendo mais difícil do que encontrar o endereço em um mapa, então ele desistiu e dirigiu para o norte, pela Sepulveda Boulevard, em meio ao trânsito pesado, ainda pior que o de Nova York.

Ele nunca se entenderia com Los Angeles.

Uma espécie de brilho romântico se espalhava pela cidade inteira. Era lá que ficava Hollywood, a fábrica dos sonhos e a vida de glamour sob o sol. Pelo menos para alguns.

Pessoalmente, ele via apenas os anúncios grosseiros, as rodovias elevadas e as quadras intermináveis de casas térreas feias. A Califórnia não era a praia

dele.

Jacob ignorou as rodovias e seguiu o boulevard por quilômetros, até chegar ao Santa Monica Boulevard. Então entrou à direita e dirigiu até quase cair no sono. Ele tinha sido avisado de que o jet lag da Escandinávia não era brincadeira. Não era mesmo. A diferença de horário era de nove horas. Em Los Angeles eram só sete da noite, mas, depois de seis meses na Europa, seu corpo achava que eram quatro da manhã.

Exatamente um dia antes, ele estava deitado em uma cama estreita de beliche em uma antiga cela de prisão, sentindo-se mais vivo do que em qualquer outro momento desde que Kimmy estivera viva. Ele não tomou banho depois de se separar de Dessie e ainda conseguia sentir o perfume dela.

Jacob tirou o pensamento confuso da cabeça e estacionou o carro perto da zona de carga e descarga na Beverly Drive. Dois cafezinhos rápidos e uma multa depois, ele estava mais ou menos pronto para seguir em frente.

A Citrus Avenue número 1.338 era uma casa alugada de dois andares meio nas últimas, com um telhado plano e uma passarela, a poucos quarteirões do Grauman's Chinese Theatre, em Hollywood Boulevard.

Lyndon Crebbs abriu a porta antes de Jacob ter tempo de tocar a campainha.



# Capítulo 96

– Seu velho filho da puta! – disse com carinho o agente do FBI, abraçando-o.

Jacob entrou em uma sala escassamente mobiliada com um tapete bege grosso que já tinha visto décadas melhores. Seu mentor estava ficando velho. Seu cabelo estava branco e o rosto bronzeado fora tomado por uma rede de rugas. Mas os olhos eram os mesmos, um castanho-escuro que crepitava com inteligência. E desconfiança.

– Lyndon, você parece um velho!

O agente do FBI riu alto e fechou a porta da rua.

– Problema na próstata, Jacob. O câncer está me corroendo; devagar, mas com força.

Jacob largou a mala no chão e se afundou em uma cadeira na mesa de jantar redonda de Lyndon.

– Então, ficou sabendo de algo?

– Eu recebi uma mensagem de Jill em Nova York – respondeu Lyndon, pegando duas cervejas. – Eles estão se perguntando quando você vai parar de correr pela Europa atrás desses assassinos. Disseram que têm assassinos suficientes na 32ª delegacia e que a sua ajuda viria a calhar. Que tal hoje?

Jacob riu tão alto e por tanto tempo que o barulho quase o chocou.

– Bem – disse ele –, certamente não estou pensando em me estabelecer *neste* buraco de cidade.

Lyndon sorriu.

– Você sabe o que dizem: Los Angeles não é um gato que pula no seu colo e lambe o seu rosto. Mas, com um pouco de tempo e paciência, talvez aconteça.

– Sem gatos para mim, Kimmy é alérgica – respondeu Jacob. Era a resposta-padrão dele havia vinte anos, sempre que alguém mencionava um bicho de estimação.

Lyndon Crebbs ficou muito sério de repente, recuperando a sua expressão natural, o que o deixava com uma aparência ainda mais desconfiada.

– Eu tenho muito para contar.

# Capítulo 97

*Copenhague, Dinamarca*

**N**a verdade ainda era noite, mas o sol já tinha aparecido.

Anna, a garota americana bonita, tomou um gole cuidadoso do final da sua margarita. Ela não costumava beber tão tarde, mas eles decidiram fazer “coisas malucas” enquanto estivessem viajando.

E “quebrar todas as regras”.

Ela olhou para Eric e se aproximou dele. Às vezes parecia que ela nunca conseguia chegar perto o suficiente. A música da boate estava muito alta, mas era quase possível conversar no bar do segundo andar. Não que qualquer coisa sensata fosse dita a essa hora do dia, ao menos não em bares desse tipo.

– Mais uma?

O cara que tinha comprado as bebidas deles estava ofegando no pescoço dela de novo. Ele era bonitinho, mas ainda assim...

Ela se encostou em Eric, afastando-se do outro homem.

– Não, obrigada – respondeu. – Já bebi o suficiente.

– Vá em frente – sussurrou Eric no ouvido dela. – Só mais uma. Estamos nos divertindo.

Anna engoliu em seco.

– Ok, então. Vamos nos divertir!

O outro cara pediu mais uma margarita. Anna olhou para o relógio. Era tarde.

– De onde nos Estados Unidos vocês são? – perguntou o cara ao passar a bebida para Anna. O sal na beira do copo caiu nos dedos dela.

– Tucson, Arizona – respondeu Eric. Ele sempre era tão educado com todo mundo.

– *Jojo deixou a sua casa em Tucson, no Arizona, atrás de um pouco de erva da Califórnia...* – cantarolou a namorada bonita do cara, balançando o copo.

– Lá não tem nada além de deserto, estou certa?

– Não exatamente – respondeu Eric.

Anna puxou a manga dele, mesmo sabendo que ele não gostava disso.

– Eu quero voltar para o hotel agora – disse ela. – Por favor, Eric.

– Vocês estão viajando há muito tempo? – perguntou a garota, chupando o morango em seu copo vazio.

– Duas semanas e meia – respondeu Eric. – Gostamos muito da Escandinávia. Aqui é incrível!

Ela se aproximou de Eric e tirou uma das sandálias do pé. Anna viu os dedos do pé dela subindo pelo tênis de Eric.

– Você sabe o que dizem sobre homens com pés grandes? – perguntou ela, olhando para Eric sensualmente.

Eric sorriu daquele jeito que fazia os seus olhos brilharem.

Anna piscou. Que merda eles estavam fazendo? Flertando? Enquanto ela estava lá, bem do lado deles?

– Eric, estou muito cansada. E nós vamos para Tivoli amanhã...

Eric deu uma risada estridente, como se ela tivesse dito algo muito infantil. A garota riu junto com ele.

– Acho que essa parece uma noite mágica – disse a garota. – Eu gostaria muito de um souvenir desta noite. Você não gostaria, Anna?

Ela abraçou o namorado e o beijou de leve nos lábios.

O cara comprando as margaritas deu uma risada um pouco forçada.

– Isso pode sair caro... – disse ele. Era quase como se estivesse lendo um roteiro.

– Não deve ter nenhuma loja aberta essa hora – comentou Eric.

O homem enrijeceu o corpo.

– Merda, você tem razão. Então vamos comprar uma garrafa de champanhe.

Ele gesticulou para o barman de novo. A mulher inclinou a cabeça e sorriu para Eric.

– Eu gostaria muito de beber com vocês dois – disse ela. – No seu quarto.

Anna ficou tensa, mas Eric ergueu o copo em um brinde. Ele tinha bebido demais e nada podia impedi-lo quando ficava assim. Ela sempre soube disso. Eric a puxou para perto.

– Vamos... – sussurrou ele no ouvido dela, sua respiração atingindo o tímpano de Anna. – Nós queríamos conhecer pessoas novas na nossa viagem, não é? Esses dois são ótimos.

Anna sentiu vontade de chorar. Eric tinha razão. Ela precisava parar de ser tão chata. Eles voltariam para o hotel e fariam uma festa.

# Capítulo 98

Lyndon colocou mais duas garrafas de cerveja na mesa. Jacob agarrou uma.

– Eu não achei que minhas fontes teriam muito a dizer sobre Sylvia e Malcolm Rudolph, mas estava enganado.

– Eles são mesmo gêmeos? – perguntou Jacob, abrindo a garrafa. A diferença de fuso horário estava ajudando-o a se sentir meio chapado. Ele não se incomodou.

– Ah, sim, são mesmo. Nascidos com quinze minutos de diferença. Por que perguntou?

Jacob pensou no vídeo do Museu de Arte Moderna em Estocolmo, em como os dois tinham se abraçado, nas mãos dela entrando nas calças dele.

– Não sei – respondeu, tomando um longo gole de cerveja.

– A coisa interessante mesmo aconteceu quando eles tinham 13 anos.

Lyndon ergueu a garrafa e bebeu, e Jacob viu que a mão do seu amigo tremia. O quão doente ele estava? Parecia mal, o que deixou Jacob chateado. Ele não tinha muitos amigos como Lyndon.

– Os pais deles, Helen e Simon Rudolph, foram assassinados em suas camas, onze anos atrás.

Jacob piscou.

– Deixe-me adivinhar... Eles estavam nus e tiveram as gargantas cortadas?

O agente do FBI deu uma risadinha.

– Exatamente. O quarto parecia um matadouro. Sangue por toda a parte.

– Quem foi?

Lyndon Crebbs balançou a cabeça.

– O caso nunca foi resolvido. O pai era um negociante de arte. Alguns dizem que ele não transportava apenas pinturas da Renascença em seus contêineres, que iam de navio da América do Sul para os Estados Unidos e de volta, mas nada chegou a ser provado.

A criatividade dos cartéis de drogas não tinha limites. Cocaína e arte da Renascença?

– O que aconteceu com os garotos?

– Algum parente cuidou deles. Meu contato disse que foi um primo da mãe, mas ele não descobriu o nome.

Jacob bebeu mais.

– Parece que eles tiveram uma vida confortável...

– Você acertou – respondeu Lyndon. – A casa deles é uma espécie de mansão, um pouco menor que o Pentágono. Hoje em dia está vazia, é propriedade de alguma agência.

– Fica longe daqui?

– Não muito. A leste de Santa Barbara. Por quê? Está pensando em ir lá?

– Possivelmente. Você descobriu algo sobre o namorado, William Hamilton?

Lyndon fungou.

– Ele dificilmente esteve em Roma no último Natal. Ele nem tem um passaporte. Nunca saiu dos Estados Unidos.

Jacob grunhiu.

– Eu tenho um endereço em Westwood – disse Lyndon –, mas não sei se é atual. Os Rudolphs costumavam andar por aquela área. Parece que estudaram arte na UCLA, começaram uma espécie de grupo chamado Sociedade de Arte Ilimitada...

De repente Jacob se deu conta de quanta concentração estava precisando apenas para ficar sentado. Olhou para o relógio.

*Ela acabou de acordar*, pensou. Os barcos estão indo e vindo dos cais de Gamla Stan. Embaixo das janelas da sala de estar dela, o sol já nasceu há horas e ela está sentada no sofá vendo as velas serem empurradas pelo vento, tomando café e comendo um pão pita.

– Vamos, ajudo você a deitar no sofá – disse Lyndon. – Você também não está com uma cara tão boa.



# Capítulo 99

*Domingo, 20 de junho  
Copenhague, Dinamarca*

**C**hovia.

Dessie estava na mesa ao lado da janela de uma lanchonete em Stroget, uma comprida rua de pedestres, vendo as pessoas passarem, apressadas, com seus guarda-chuvas e capas impermeáveis. Famílias com crianças pequenas conversavam ao seu redor, os mais jovens dormindo em carrinhos ou sentados nas cadeirinhas infantis, balbuciando enquanto as suas mães tomavam café com leite e os pais curtiam uma cerveja dominical.

– Este lugar está ocupado?

Ela ergueu os olhos. Um jovem pai com cabelos loiros despenteados e uma menina no colo já estava puxando a cadeira na frente dela.

– Sim – respondeu ela rapidamente. – Estou esperando alguém. Desculpe. Ele vai chegar logo.

O pai soltou a cadeira e olhou para ela com simpatia.

– Claro, sem problema.

Ela já estava sentada sozinha naquela mesa havia mais de uma hora. Mas tinha mesmo alguém vindo. Nils Orsen, um repórter criminal do jornal dinamarquês *Extraavisen*, tinha sido escolhido como o contato dos Assassinos do Cartão-postal na Dinamarca e ele estava tão animado com a posição quanto Dessie ficara.

Eles passaram as últimas 24 horas revendo todos os detalhes, fotos e evidências que Jacob havia deixado para trás quando desapareceu. Cerca de uma hora antes, Orsen fora chamado de volta para o escritório: uma carta

chegara pelo correio da tarde, endereçada para ele. Branca, retangular e escrita com letras maiúsculas.

Dessie viu o pai voltar para a mãe da criança. Ele gesticulou na direção de Dessie e disse alguma coisa. A mulher achou engraçado e ambos riram.

Ela voltou os olhos para a mesa, fingindo que não tinha visto.

Nils e orsen e ela eram bem parecidos: a mesma profissão, os mesmos interesses e até compartilhavam os mesmos princípios morais. E ele não era feio. Um pouco magro, talvez...

Por que ela não sentiu por ele o mesmo que sentia por Jacob Kanon? Ela estava começando a ficar maluca... Era bem patético, mas já tinha saído do seu controle.

Ela enrolou o cabelo para cima, devagar, prendendo-o com uma caneta esferográfica, e continuou olhando para o cartão-postal à sua frente.

Tivoli. O parque de diversões no meio de Copenhague. *Enviado pelo correio enquanto os Rudolphs estavam detidos em Estocolmo.*

Dessie tinha que encarar os fatos. Por mais que quisesse acreditar em Jacob, a teoria dele não fazia sentido.

Sylvia e Malcolm Rudolph não eram culpados. Não enviaram o cartão ou a carta que Nils e a polícia de Copenhague já deviam ter aberto a essa altura.

Por que tinha se permitido acreditar naquilo?

*As pessoas podem ser convencidas de qualquer coisa,* pensou. Qualquer coisa era melhor do que uma vida sem significado. Por isso existem religião, clubes de futebol e torturadores voluntários a serviço de ditadores.

Como pesquisadora e jornalista, ela considerava que questionar tudo era o seu princípio orientador. Investigar. Pensar criticamente. Não fazer suposições.

Naquele instante um desejo a queimou como ferro em brasa.

*Ah, Jacob, por que você não está aqui? Como você entrou na minha cabeça assim? Como você entrou no meu coração?*

# Capítulo 100

— **D**esculpe, Dessie, desculpe mesmo – disse Nils orsen, chacoalhando o casaco impermeável para tirar a água de chuva e sentando-se diante dela. – Demorei demais, peço desculpas.

Ele pediu uma cerveja, dando uma olhada de relance para ver como ela tinha encarado sua ausência.

– Era uma fotografia Polaroid? – perguntou Dessie.

O repórter limpou os óculos no suéter e colocou a cópia de uma fotografia desfocada na frente dela. Não dava para ver muito bem onde a foto havia sido tirada, já que a imagem estava bem indistinta. Na verdade, era difícil entender do que era a foto.

Dessie apertou os olhos, aproximando a imagem do rosto. Tinha sido tirada de um ângulo muito baixo. Ela conseguiu discernir o pé de uma cama, mas não dava para ver o que havia em cima.

– Eles descobriram onde isso foi tirado?

– É só uma questão de tempo – respondeu Nils. – Tem que ser um quarto de hotel. Olhe para a pintura no fundo. Ninguém teria algo tão feio na própria casa.

– Isso são... pessoas, na cama? – perguntou Dessie.

Nils orsen colocou os óculos. Suas mãos tremiam. Era óbvio que o homem estava assustado e ela entendia a razão melhor do que qualquer outra pessoa.

– Não sei.

Ela viu a imagem de perto, virando a foto sob a luz. Uma cama, algumas peças de roupa, uma bolsa e...

De repente um pé entrou em foco. Seguido de outro. E outro.

Ela afastou os olhos da foto instintivamente. Havia pessoas lá, duas pessoas.

A evidência parecia sugerir que elas não estavam mais vivas.

– Você acha mesmo que é imitação de uma obra de arte? – perguntou o dinamarquês.

– Impossível dizer... – murmurou Dessie.

Ela empurrou a imagem para longe e começou a pensar nas obras de arte mais famosas da Dinamarca.

A *pequena sereia*, a estátua no porto de Copenhague, era obviamente a mais conhecida. Mas também havia os pintores de Skagen, o cubista Vilhelm Lundstrøm e muitos outros.

Ela afastou os fios de cabelo soltos de cima da sobrancelha. Muitas das outras fotografias tinham sido fáceis de relacionar com as diversas obras de arte, em geral obras bem conhecidas.

Mas essa não era uma delas, era? Algo havia mudado.

– Eu não acho que seja o mesmo fotógrafo – disse ela para Nils. – Então quem tirou essa foto?

# Capítulo 101

*Los Angeles, EUA*

— **E**i, dorminhoco, você ainda está vivo?

Jacob abriu os olhos devagar, sem fazer a menor ideia de onde estava. E começou a procurar pistas.

Uma mancha grande de umidade no telhado.

O barulho de um ar-condicionado velho.

Cheiro forte de café, um cheiro que ele não sentia ao acordar havia seis meses.

– Ah, aí está você. Ele vive. Ele ronca. Tenho mais informações para passar.

Jacob sentou-se no sofá da sala de estar de Lyndon Crebbs. Era só um pouquinho mais confortável do que a poltrona reclinável no voo através do Atlântico. O agente do FBI estendeu uma xícara de café quente.

– Eu descobri o nome do guardião que tomou conta das crianças Rudolph depois de seus pais morrerem. Jonathan Blython, um primo da mãe, também reside em Santa Barbara.

Jacob aceitou a caneca, deu um gole e queimou um pouco da língua.

– Excelente trabalho. Você acha que ele aceitaria uma visita informal?

– Dificilmente – avaliou Lyndon. – Está morto há três anos.

Jacob perdeu o que restava de sono.

– Morte violenta?

Lyndon assentiu.

– Foi encontrado com a garganta cortada. Estacionamento na rua Vista del Mar. Estava com uma prostituta. O caso foi considerado latrocínio, não houve nenhuma prisão.

– Você disse três anos atrás?

– Os gêmeos tinham acabado de fazer 21. Estavam morando aqui em Los Angeles. Ninguém os relacionou ao assassinato. Por que os relacionariam, não é?

Jacob tomou o líquido amargo e procurou a calça. Tinha entrado embaixo do sofá. De repente ele se lembrou da noite que passara com Dessie.

Não era o momento para pensar naquilo.

– Acho que vou para Montecito – disse, colocando o jeans. – Fica a que distância daqui?

– Cento e sessenta quilômetros, um pouco menos. Você chega lá em duas horas se escapar da hora do rush. Mas...

Lyndon Crebbs colocou uma mão pesada no ombro do amigo.

– Primeiro você vai tomar um banho.

# Capítulo 102

*Copenhague, Dinamarca*

A cena do crime era um hotel perto da Estação Central.

O hotel parecia ter sido construído nos anos 1930. Tinha três andares e era bem básico, para não dizer velho e desgastado. Seguia o padrão dos assassinos... *antes* das mortes no Grand Hôtel, em todo caso.

Dessie e Nils Jorsen chegaram ao mesmo tempo que um dos agentes da equipe forense.

– Podemos ajudar a subir o seu equipamento – disse Jorsen. O agente reagiu arregalando os olhos, mas não fez nenhuma objeção. Dessie ficou impressionada com a jogada esperta de Jorsen.

Os policiais, cujo trabalho era manter a imprensa e o público à distância, acenaram para que eles passassem pelo cordão de isolamento. Os assassinatos haviam sido cometidos em um quarto duplo no andar mais alto. Nenhuma câmara de segurança nos corredores, notou Dessie. *O antigo padrão dos assassinos.*

Dois colegas do agente forense já examinavam o quarto. Estava intensamente iluminado por várias lâmpadas e Dessie soube pelo cheiro que os cadáveres ainda estavam lá. Vários detetives andavam de um lado para outro com blocos de nota ou câmeras nas mãos.

Dessie parou bem na frente da porta. Ela ficou na ponta dos pés para ver o que estava atrás de um dos policiais à paisana. Só quando ele se inclinou Dessie pôde dar uma boa olhada na cama.

Ela engasgou. A cena era pior do que horrível.

Os genitais do homem tinham sido decepados e enfiados em sua boca. O estômago da mulher fora aberto e as entranhas jaziam entre as suas pernas. Havia uma garrafa vazia de champanhe enfiada em sua garganta.

Dessie se virou de costas e se apoiou na parede.

– O que foi? – perguntou Nils orsen.

– Veja você mesmo – respondeu ela, dando um passo para o lado para deixá-lo passar. – Mas não recomendo.

orsen puxou ar com força e parecia estar prestes a vomitar. Ele cambaleou um pouco para trás, escorando-se na parede do corredor.

Dessie foi até a porta. Ela se lembrou nitidamente da casa em Dalarö.

As semelhanças eram gritantes: dois cadáveres, um homem e uma mulher, ambos com as gargantas cortadas.

Mas também havia diferenças.

Ela não achava que fosse possível, mas essa cena era ainda mais repugnante. Era mais brutal e chocante.

– Qual é a nacionalidade deles? – perguntou alguém da equipe forense.

– Americanos – respondeu o detetive sênior. – De Tucson, no Arizona. Anna e Eric Heller, recém-casados. Estavam aqui em lua de mel.

Dessie sentiu mais vontade de vomitar. Sua cabeça estava trabalhando muito rápido.

Nada sugeria que os corpos tivessem sido dispostos de alguma maneira específica. O casal jazia largado na cama, sem qualquer atenção aparente quanto à sua posição, como se tivessem sido jogados lá ou adormecido daquele jeito.

Não era nenhuma *Pequena sereia*. Nada da escola de Skagen, também. Nenhuma obra famosa.

Ela pegou o celular e ligou para Gabriella. A detetive grunhiu ao atender.

– Sylvia e Malcolm ainda estão no Grand Hôtel? – perguntou Dessie.

– Eles não saíram da suíte.

– Tem certeza?

– O hotel inteiro está cercado pela imprensa. Os Rudolphs não têm como se mover sem o mundo todo ficar sabendo. Andrea Friederichs está ocupada



vendendo os direitos do circo todo para quem pagar mais. Sabe, “baseado em uma história real”..

Dessie fechou os olhos. Ela massageou a testa com uma das mãos.

– Você ficou sabendo de Copenhague?

– Macabro, pelo que ouvi falar – respondeu Gabriella.

– Isso é diferente – disse Dessie. – Mais nojento ainda. Eu não acho que sejam os mesmos assassinos. *Foi outra pessoa.*

Houve alguns instantes de silêncio no outro lado da linha.

– Ou então nunca foram os Rudolphs. – Gabriella sugeriu.

Dessie não pensou em nenhuma resposta.

– Você precisa levar em consideração que Jacob pode estar enganado – disse Gabriella. – Tudo o que encontramos está indicando que Sylvia e Malcolm são inocentes.

Sim, ela sabia muito bem disso.

– Eles podem só ter tido um azar horrível – continuou Gabriella. – Eles podem ter acabado no lugar errado na hora errada. Ou então alguém está tentando armar para eles.

Dessie andou para o lado, dando espaço para a equipe da ambulância passar com as macas.

– Ou então eles são culpados – disse Dessie – e agora alguém os está imitando, mas não muito bem.

– E esse “alguém” – disse Gabriella –, quem poderia ser?

# Capítulo 103

*Montecito, EUA*

As instruções de caminho que Jacob tinha recebido o levaram a um portão imenso no final de uma rua privada. Uma placa manchada de bronze revelava que essa era A MANSÃO, com um M maiúsculo bem chamativo.

Não havia falsa modéstia nesse lugar.

Jacob ficou sentado no carro por um momento, avaliando os arredores. Enquanto cruzava as ruas de Montecito, ele se deu conta de que essa região inteira era um playground para os ricos e famosos. Muitas das casas eram mansões ostensivas com construções que imitavam o estilo mediterrâneo, portões ornamentados e trepadeiras coloridas.

Mas essa era diferente.

As paredes de granito cinza tinham vários metros de altura e não eram muito convidativas. Elas se estendiam até onde Jacob conseguia ver, na direção das colinas. Protegiam a casa e o terreno tão bem que ele não fazia ideia do que havia do lado de dentro.

*Mansão é o caralho. Parece mais uma fortaleza. Para proteger quais segredos?*

Ele saiu do carro e foi até o interfone no lado esquerdo do portão.

– ¿Sí? – perguntou uma voz crepitante.

Então o lugar não era totalmente inabitado.

– *Hola* – disse Jacob. – Entende a minha língua? – Ele tinha muitas qualidades boas, mas talento para idiomas não era uma.

– Sí. Sim.

– Jacob Kanon, polícia de Nova York. Eu gostaria de fazer algumas perguntas sobre a família Rudolph. É importante que eu possa falar com alguém.

– Você pode mostrar a sua identidade para a câmera ao lado do interfone?

Abrindo a carteira, Jacob puxou o distintivo e o mostrou para a câmera.

– Entre! – disse a voz crepitante e os portões altos começaram a se abrir.

Uma pequena casa em estilo Tudor ficava a pouco menos de 50 metros para a esquerda. A porta se abriu e um homem idoso saiu mancando na pista.

Jacob parou o carro e saiu.

– Você não tem ideia de quanto tempo faz que estou esperando – disse o homem, estendendo a mão e se apresentando como Carlos Rodríguez.

– Pelo quê? – perguntou Jacob, surpreso.

O homem fez o sinal da cruz.

– O assassinato do senhor Simon e da senhora Helen ficou tanto tempo sem ser resolvido! É um grande peso que eu carrego.

– Então você conhecia os Rudolphs? – perguntou Jacob.

– Conhecia? – exclamou Carlos Rodríguez. – Eu fui o jardineiro aqui por mais de trinta anos. Eu estava aqui na noite em que aconteceu. Eu liguei para a polícia.

# Capítulo 104

Carlos Rodríguez e sua mulher, Carmela, viviam na pequena casa no terreno da mansão desde que ele voltou da guerra do Vietnã, na primavera de 1975. Ambos os filhos haviam crescido lá.

– Crianças são o futuro – disse Rodríguez. – Você tem filhos?

– Não – respondeu Jacob, guardando o distintivo na carteira. – Mas estou interessado nos filhos dos Rudolphs. O que aconteceu com eles depois do assassinato?

O jardineiro puxou ar pelos dentes.

– O señor Blython tomou conta dos gêmeos. Ele os levou para Los Angeles, na casa grande que ele comprou em Beverly Hills.

O homem se aproximou de Jacob e abaixou a voz, como se alguém pudesse escutá-lo.

– A señorita e Junior não queriam se mudar. Queriam ficar aqui na casa deles, mas a decisão cabia ao señor Blython. Ele era o guardião legal das crianças, afinal.

– A quem este lugar pertence hoje?

Ele se lembrou que Lyndon havia dito que estava nas mãos de uma agência.

O rosto de Rodríguez ficou sombrio.

– As crianças o herdaram, junto com todo o resto: as pinturas, joias, ações e pequenos negócios. O señor Blython ficou encarregado de administrar esses bens até que completassem 21 anos. Mas quando chegou o dia, o dinheiro tinha sumido.

Jacob ergueu uma sobrancelha.

– O guardião os roubou?

– Ele levou até o último centavo. A casa foi vendida em um leilão executivo. A empresa que a comprou ia transformá-la em um centro de conferências. Mas eles faliram durante a crise financeira.

– Qual foi a reação de Sylvia e Malcolm Rudolph?

O homem hesitou.

– Eles não podiam ficar na UCLA. Não havia dinheiro para pagar a mensalidade. Então começaram a trabalhar. Mas eles deram um jeito. São muito capazes.

O maxilar de Jacob se tencionou. O velho não fazia nem ideia.

– Quando você os viu pela última vez?

Carlos Rodríguez não precisou de muito tempo para responder.

– No fim de semana antes de a casa ser vendida no leilão. Eles vieram para pegar algumas lembranças, álbuns de fotos e coisas do tipo.

– Os dois estavam aqui?

– E Sandra – disse o jardineiro. – Sandra Schulman, a melhor amiga de Sylvia. Eles só ficaram algumas horas naquela última visita. E depois foram embora, no meio da noite...

– E aí o señor Blython foi assassinado – disse Jacob.

Carlos Rodríguez fungou.

– Se você passa tempo com putas em Los Angeles...

Jacob assentiu e deixou a questão de lado. O jardineiro tinha dito mais do que ele esperava.

– A construção principal... ainda está aqui?

O rosto de Carlos Rodríguez formou outro sorriso.

– *¡Pero claro que sí!* Não sou mais um empregado formal, claro. Eu recebo um pouco do banco. A gente se sustenta com a minha pensão. Mas eu cuido da mansão.

– Você poderia me mostrar?

– *Sí*, claro! Claro que posso.

# Capítulo 105

Lyndon tinha razão.

A casa era imensa, parecia algo saído de um filme de terror ambientado no interior da Inglaterra. O señor Rodríguez talvez tivesse feito o melhor que pôde para manter a construção em boas condições, mas seu velho corpo não tinha chance contra o vento, a umidade, as ervas daninhas e a hera. Uma janela se abriu e rangia no vento.

Foi aqui onde tudo começou, não foi? Os assassinatos. O mistério dos Rudolphs.

– A eletricidade foi cortada na casa principal. – O jardineiro explicou, como que pedindo desculpas, enquanto destrancava a porta de carvalho.

Os passos de Jacob ecoaram no grande saguão de pedra. As portas estavam semiabertas, conduzindo a aposentos com o pé-direito alto e por corredores longos e escuros.

Ele deu uma olhada rápida nas diversas salas onde Sylvia e Malcolm tinham morado. A construção toda parecia ter sido esvaziada. Jacob viu uma única cortina em uma biblioteca sem livros.

– O quarto principal fica no segundo andar. Siga-me.

Uma magnífica escadaria em curva levava às partes mais privadas da mansão. Retângulos pálidos nas paredes revelavam os pontos nos quais pinturas costumavam ficar penduradas. Um sofá rococó gasto, com o estofamento para fora, encontrava-se solitário e empoeirado no primeiro andar.

– Indo em frente – disse Carlos Rodríguez.

A cama ainda estava lá, com um dossel ornamentado, sem cortinas nem lençóis. O resto do quarto estava vazio.

– Então foi aqui que aconteceu? – perguntou Jacob.

O jardineiro assentiu.

– E você estava aqui naquela noite?

Mais uma vez, ele concordou.

– O que você viu? Conte tudo que consiga se lembrar. Por favor. É importante.

O homem engoliu em seco.

– Coisas terríveis. Sangue espalhado pelo quarto todo. O senhor e a senhora estavam mortos naquela cama. Eles deviam estar dormindo quando aconteceu.

– Você viu os ferimentos de perto?

O homem passou o dedo indicador pela garganta, simulando uma faca.

– Cortes profundos. Quase até o osso no fundo do pescoço.

Ele estremeceu enquanto Jacob o observava com atenção.

– Como você veio parar aqui, no quarto dos seus patrões, no meio da noite? Eu não entendo.

O homem respirou fundo.

– Eu estava dormindo com minha família quando a senhorita ligou. Eu vim correndo.

– Não foi você quem os encontrou?

– Não, não. Foi a pequena Sylvia.

# Capítulo 106

*Segunda-feira, 21 de junho  
Copenhague, Dinamarca*

**A**inda havia um padrão aqui. Só estava um pouco diferente.

Às vezes Dessie achava que tinha conseguido vê-lo com clareza, só por alguns segundos. E aí deixava escapar novamente.

Ela estava sentada na cama desarrumada em seu quarto de hotel com as fotografias e os cartões-postais ao seu redor, todas as cópias amassadas de Jacob. Ela pegou as imagens, mesmo já as tendo visto uma centena de vezes, talvez mais. Todas as construções, pessoas e detalhes já estavam gravados em sua memória.

O cartão-postal de Amsterdã com a construção simples na Prinsengracht número 267: a casa onde Anne Frank ficou escondida durante a guerra, onde escreveu seu famoso diário.

E Roma e Madri: o Coliseu e Las Ventas, combates de gladiadores e touradas. Arenas para assassinatos na forma de apresentações teatrais.

O cartão de Paris era de La Conciergerie, a lendária antecâmara da guilhotina.

Berlim era uma vista do bunker construído por Hitler, o artista fracassado mais famoso da história.

Estocolmo mostrava a praça principal, Stortorget, o cenário do Banho de Sangue de Estocolmo.

Mas ela não conseguia fazer com que três dos cartões encaixassem nos padrões dos outros.

*O Parque Tivoli em Copenhague.*

*O estádio olímpico dos Jogos de Atenas em 2004.*



*E aquela rua comercial anônima em Salzburgo.*

O que aqueles lugares tinham a ver com morte?

Dessie largou as imagens na cama. Ela estava imaginando esse padrão?

Seria tolice tentar impor qualquer tipo de ordem ao pensamento desses filhos da puta doentes?

Ela se levantou e foi até a janela. A chuva tinha dado lugar para névoa e neblina. Carros e bicicletas cruzavam a Kongens Nytorv abaixo dela.

Por que ela se preocupava? Jacob a deixara. O jornal não entrava em contato há dias. Ninguém sentia sua falta.

*Ser ou não ser.*

Como se desse para escolher entre viver e morrer.

Dava? E, nesse caso, que tipo de vida seria?

Ela sabia que podia fazer o que preferisse, continuar investigando a história ou voltar para casa, envolver-se ou deixar para lá. Sem levar em conta o que as outras pessoas pensavam, o que *ela* queria fazer agora?

Dessie se virou e olhou para a bagunça na cama.

Jacob não tinha conseguido entrar em contato com a repórter austríaca. Ele também não obteve a cópia da fotografia dos corpos em Salzburgo.

Ela pegou o celular e o segurou contra o peito por alguns segundos antes de ligar para o número de Informações de Listas Internacionais.

Um minuto depois, o telefone na mesa de recepção do jornal *Kronen Zeitung* tocou.

*– Ich suche Charlotta Bruckmoser, bitte.*

# Capítulo 107

Houve uma pequena demora até a repórter austríaca atender.

Dessie se apresentou como uma colega repórter de Estocolmo.

– Antes de começar, eu gostaria de pedir desculpas por telefonar e incomodá-la – disse com o alemão enferrujado aprendido na escola. – Fui eu que recebi o cartão-postal e a fotografia na Suécia. Gostaria de saber se posso fazer algumas perguntas.

– Não tenho nada a comentar – disse a repórter, mas não parecia irritada. Apenas na defensiva.

– Eu entendo perfeitamente. Sei pelo que você passou.

– Eu li sobre as mortes na Suécia – disse Charlotta Bruckmoser, parecendo um pouco menos reservada.

– Bem, há algo que talvez você não saiba – disse Dessie, que então contou sua história. Sobre os fotógrafos imitarem obras de arte famosas, com umas poucas exceções; sobre os cartões-postais de locais onde morte e arte se misturavam, novamente com poucas exceções; sobre Jacob Kanon e sua filha assassinada; sobre Sylvia e Malcolm Rudolph, seus álibis e a convicção de Jacob de que, apesar de tudo, eles eram os Assassinos do Cartão-postal.

A única coisa que ela deixou de fora foi a noite que passou no quarto de Jacob, no albergue. Dois bipes agudos avisaram que havia alguém na outra linha, mas ela ignorou o aviso.

Charlotta Bruckmoser ficou em silêncio por alguns segundos depois de Dessie terminar.

– Eu não li nada disso nos jornais.

– Não. E duvido que você consiga confirmação de qualquer fonte oficial.

– E quanto a você, o que acha? – perguntou a repórter, com cautela. – Os Rudolphs são culpados?

Dessie demorou um tempo para responder.

– Eu realmente não sei mais.

Silêncio.

– Por que você está me dizendo isso? – perguntou a austríaca.

Mais dois bipes. Alguém queria mesmo falar com ela.

– As fotos que você recebeu. Eu gostaria de vê-las.

– Vou mandar a carta e o cartão para o seu e-mail – disse Charlotta Bruckmoser.

Dez segundos depois, o e-mail estava na caixa de entrada de Dessie.

O quarto estava coberto de sangue, como se as vítimas tivessem rastejado pelo chão enquanto sangravam até a morte. Dois abajures haviam sido quebrados. Os cadáveres estavam caídos de lado no chão, a cerca de um metro de distância um do outro.

– Tem alguma obra de arte austríaca parecida com isso? – perguntou Dessie. – Alguma obra famosa?

A repórter demorou para responder.

– Acho que não, mas não sou nenhuma especialista. Mas uma obra *famosa*? Realmente acho que não.

Dessie abriu o PDF do envelope e olhou para o endereço. Estava escrito nas mesmas letras de forma que os outros. Mas no verso havia algo que ela nunca vira antes: nove números, escritos às pressas.

– O número na parte de trás... O que significa?

– É um telefone – respondeu Charlotta Bruckmoser. – Eu tentei ligar para lá. É de uma pizzaria em Viena. A polícia decidiu que não tinha nada a ver com o caso.

Naquele instante, o celular de Dessie vibrou. Ela sentiu o seu estômago dar uma volta.

*É Jacob, foi o que passou por sua cabeça. Ele me mandou um e-mail porque está com saudade.*

Era de Gabriella.

*Tentei telefonar. Outro assassinato duplo em Oslo.*

– Preciso ir – disse Dessie.

E desligou na cara de Charlotta Bruckmoser.

# Capítulo 108

*Los Angeles, EUA*

**A** UCLA tinha o tamanho de uma pequena cidade californiana. Mais de trinta mil estudantes, cerca de duzentos prédios, mais de cinquenta mil candidatos todos os anos.

Jacob digitou a rua Charles E. Young no GPS, um endereço que supostamente ficava no campus norte da universidade, onde estava a sede da Escola de Artes e Arquitetura.

Seu contato, Nicky Everett, o aguardava na frente da sala 140, no primeiro andar do prédio. O jovem vestia calça cáqui, uma camisa de golfe, sapatos de barco e óculos sem armação. Jacob nunca tinha conhecido alguém que estudasse arte conceitual, mas, por algum motivo, o imaginava mais barbudo e distraído.

– Obrigado pelo seu tempo.

– Eu acredito em arte que comunica – disse Nicky Everett com um ar sério, olhando para ele através das lentes muito limpas.

– Ah, você conheceu Malcolm e Sylvia Rudolph?

– Eu não usaria o verbo no passado – respondeu Everett. – Mesmo não tendo mais um relacionamento físico, há outras formas de contato, correto?

Jacob assentiu. Ok.

– Podemos sentar lá fora, talvez? – perguntou ele, gesticulando na direção de uns bancos ao lado da entrada principal.

Eles saíram e se sentaram na sombra de umas árvores finas.

– Se eu entendi bem, você estudou aqui na mesma época que os gêmeos Rudolph, correto?

– Sim – confirmou Everett. – Sylvia e Mac eram líderes em sua área.

– Que era...?

– Permita-me citar Sol LeWitt: “Na arte conceitual, a ideia, ou conceito, é o aspecto mais importante da obra. A ideia se torna a máquina que produz a arte.”

Jacob se esforçou para entender e também para manter as emoções sob controle.

– Então um acontecimento, ou uma série de acontecimentos, pode ser uma obra de arte?

– É claro. Tanto Mac quanto Sylvia estavam determinados a levar seus trabalhos até o limite extremo.

Jacob lembrou-se das histórias de Dessie sobre a estudante de arte que fingiu um ataque psicótico para sua avaliação e do cara que destruiu um vagão do metrô e chamou o trabalho de *Mijo Territorial*. Ele descreveu esses casos para Everett.

– Os Rudolchs seriam capazes de fazer algo assim?

Nicky Everett empurrou os óculos com força contra o nariz.

– Os Rudolchs eram mais meticolosos em sua expressão. Tudo isso soa um tanto superficial. “*Mijo Territorial*”?

Jacob passou os dedos pelo cabelo.

– Então, explique-me: como isso pode ser *arte*? Eu quero ouvir isso e entender o melhor possível.

O estudante olhou para ele com total indiferença.

– Você acha que uma obra de arte deveria ser pendurada em uma parede e vendida no mercado comercial?

Jacob se deu conta da futilidade de seguir por essa linha e mudou de assunto.

– Eles começaram um grupo de arte, a Sociedade de Arte Ilimitada... Era mais um projeto de rede. Não acho que qualquer coisa tenha saído disso.

– Como era a vida social deles? Família, amigos, namorados, namoradas...

Nicky Everett pareceu não ter compreendido, como se a própria noção de que talvez ele tivesse posse de fatos tão insignificantes fosse completamente

ridícula.

– Você sabe se ficaram chateados quando o guardião deles morreu aqui em Los Angeles?

– O *o quê* deles?

Jacob desistiu.

– Ok, acho que está bom – disse, levantando-se. – É uma pena que os Rudolphs não conseguiram dinheiro para continuar aqui. Imagine toda a arte incrível que eles teriam criado...

Ele começou a fazer o caminho de volta para o carro.

Nicky Everett também se levantou e, pela primeira vez, uma expressão genuína se formou em seu rosto.

– Não conseguiram dinheiro para continuar aqui? Sylvia e Mac eram talentos excepcionais. Ambos tinham bolsas de estudo. Não havia problema com pagamentos.

Jacob parou.

– Nenhum problema? Então por que eles foram embora?

Everett piscou algumas vezes, um sinal claro de que estava agitado.

– Eles criaram a obra *Tabu* e foram expulsos. Eles demonstraram as limitações burguesas e a hipocrisia da nossa sociedade e desta instituição, é claro.

Jacob encarou o estudante.

– O que eles fizeram? O que era *Tabu*? O que fez com que eles fossem expulsos?

– Eles cometeram um ato que era inteiramente relevante dentro do parâmetro da sua arte. Eles mantiveram relações sexuais um com o outro, em uma vitrine no saguão de exposições.

# Capítulo 109

Jacob sentou-se no carro com o GPS desligado e a mala ao seu lado, no banco do carona. Quanto mais ele descobria sobre o histórico dos Rudolchs, mais esquisitos se tornavam. *Tabu* ia muito além de *Mijo Territorial*.

Se ele começasse por essa última informação, os sinais que ele captara da gravação no Museu de Arte Moderna estavam certos. Os irmãos tinham um relacionamento sexual. Talvez as pessoas tivessem preferências diferentes dentro do mundo da arte conceitual, mas, na realidade de Jacob, não se transa com um irmão gêmeo em público – a menos que você tenha uma caixa de ferramentas inteira de parafusos a menos.

O longo rastro de gargantas cortadas que eles deixaram não podia ser uma coincidência. A questão era: o que veio primeiro? O ovo ou a galinha?

Será que Sylvia havia encontrado os pais assassinados e ficou traumatizada pelo resto da vida? Ela poderia estar tentando superar a experiência ao repeti-la, de novo e de novo, na forma de obras de arte macabras. Ou foi ela quem matou sua mãe e seu pai aos 13 anos? Será que isso era sequer fisicamente possível? Ela teria força para isso? O pescoço é resistente. Cheio de músculos, tendões e ligamentos. Mas, acima de tudo, por que ela mataria os pais?

Ele partiu do princípio que os gêmeos tinham assassinado o guardião que roubou toda a herança.

E quem era Sandra Schulman, a amiga mencionada pelo jardineiro? Ele teria que rastreá-la também. E o namorado, William Hamilton.



Por algum motivo, ele visualizou Dessie Larsson à sua frente, seus cabelos compridos e a forma graciosa, os dedos esguios, os olhos verdes vigilantes. Será que a multidão de jornalistas teria finalmente desistido de esperar na frente da porta de Dessie? Ela teria voltado à sua antiga rotina?

Será que ela estava pensando nele? Será que ela estava bem?

Irritado, ele colocou o pensamento de lado. Jacob ainda tinha trabalho a fazer em Los Angeles.

# Capítulo 110

**W**illiam Hamilton, ou Billy, como seus amigos o chamavam, abriu a porta. Seus cabelos louro-escuros estavam arrepiados e ele coberto apenas por uma toalha de banho rosa.

– O quê? – perguntou ele, ríspido, piscando contra a luz fraca da escadaria.

– O que foi dessa vez?

– Polícia – disse Jacob Kanon, erguendo o distintivo e cobrindo a parte que dizia Departamento de Nova York. – Posso entrar? É claro que posso.

– Merda! – praguejou Billy, franzindo o cenho, mas deixou a porta se abrir.

Jacob tomou aquilo como um sim e entrou no apartamento.

Não era de todo mal, o apartamento. Ficava na Barrington Avenue, a poucos minutos de Westwood Village e do campus da UCLA. Era o último andar do prédio e tinha um terraço grande com vista para a piscina e um jardim.

Havia uma cozinha americana moderna e uma lareira a gás acesa.

– Qual é o problema desta vez? O que vocês querem agora?

Billy se afundou em um sofá de canto branco voltado para o fogo artificial. A toalha se abriu, revelando coxas musculosas e bronzeadas.

– Querido, quem é? – perguntou uma voz feminina, vinda de um dos quartos.

– Cuida da sua vida! – resmungou ele, baixinho.

– Estou aqui por causa de Sylvia e Malcolm Rudolph – disse Jacob, sentando-se no sofá sem ser convidado. Billy soltou um pequeno gemido.

– Que merda! Eu já respondi um monte de perguntas estúpidas. Quando é que eu teria tido tempo de me arrastar pela Europa? Eu *ainda* não tenho um passaporte. Tenho um emprego aqui.

– Fazendo o quê? – perguntou Jacob, combatendo uma aversão instintiva pelo cara no sofá.

Billy endireitou os ombros.

– Ator.

– Uau. Você apareceu no quê?

Os ombros de Billy caíram um pouco. Ele esfregou o nariz.

– Eu sou músico também. E estou trabalhando em um roteiro para a televisão.

Jacob tentou parecer impressionado. Ele não estava. Nem um pouco. Ele achava que um babuíno provavelmente conseguiria escrever um roteiro para a televisão.

– Você conheceu Sylvia quando estavam estudando performance dramática na UCLA...

Hamilton estendeu os braços.

– Ok, é o seguinte: eu tentei salvar Sylvia do irmão maluco dela. O relacionamento deles ficou realmente fodido quando Sandy desapareceu. Malcolm estava totalmente obcecado por ela. Você está me acompanhando, tomando notas?

Jacob o interrompeu.

– Desapareceu? Quem desapareceu? Sandra Schulman?

Irritado, Billy Hamilton se levantou e andou de um lado para o outro na frente da lareira.

– Eles foram até a mansão para pegar o resto das coisas, mas eu tinha um teste e não podia ir. Eles esperaram por ela, mas Sandy nunca apareceu para a viagem de carro. Ninguém sabe o que aconteceu com ela. Mac ficou bem mal. Todos nós ficamos.

Jacob ficou sentado sem se mover, tentando processar a informação.

– Malcolm Rudolph e Sandra Schulman eram um casal?

– Bom, *sim*. Desde o colegial. Ela vinha de Montecito. Eles eram vizinhos.

- Querido, com quem você está falando? – perguntou a mulher no quarto.
  - Estou deitada aqui te esperando.
  - Cale a boca! – gritou Billy. – Estou ocupado!
- Ele fungou e esfregou o nariz de novo.
- Eu não sei mais o que dizer, cara.
- Jacob viu aquilo como um sinal para seguir em frente e começou a caminhar até a porta.
- Onde Sandra Schulman estava morando antes de desaparecer?
  - No mesmo lugar que Sylvia e Mac. Um apartamento na Wilshire com a Veteran. Se quiser saber o que eu acho, eles podem ter feito um ménage. Mas Sylvia tinha ciúmes de Sandy. Ela era *muito* ciumenta. Ei, você está indo? *Já?* Que pena.
  - Qual é o número? Do apartamento em Wilshire?
- Hamilton olhou para ele com desprezo.
- Eu tenho cara de Google, porra?

# Capítulo 111

Jacob voltou para o carro e fez uma ligação.

Carlos Rodríguez respondeu com o mesmo *sí* trêmulo que ele tinha ouvido no portão da mansão Rudolph, em Montecito.

– É Jacob Kanon, do Departamento de Polícia de Nova York. Nós nos falamos ontem.

– *Sí, señor. ¿Qué pasa?* Como posso ajudá-lo, detetive?

– Só mais uma pergunta. É sobre Sandra Schulman. Você disse que ela estava com os Rudolphs na mansão no último fim de semana antes do leilão, é isso mesmo?

– *Sí.* Por quê?

– Você tem certeza?

– Sandra costumava brincar aqui desde que era uma pequena *chiquitita*. Claro que eu a reconheço. Malcolm e ela namoravam.

– O que Sylvia achava dela?

– Ah, eu não sei. Ela gostava de ter Malcolm para si mesma. Eles eram muito próximos, irmão e irmã.

– Você falou com Sandra naquela noite, na casa?

– *Sí, claro!* Ela me deu um beijo no rosto.

Jacob afastou o cabelo da testa.

– Você disse que os gêmeos foram embora no meio da noite. Você os viu saindo de carro?

– *Pero claro que sí.* Eles me acordaram. O portão só pode ser aberto manualmente, de dentro do meu alojamento.

– Você notou se Sandra estava no carro?

Houve silêncio do outro lado da linha.

– Era tarde da noite. Não dava para ver nada dentro do carro.

– Mas você falou com os Rudolphs?

– Com a *señorita*. Ela estava dirigindo.

– Mas você não chegou a ver Sandra Schulman deixando a propriedade?

Houve um breve silêncio.

– Ela deve ter ido com eles, pois não ficou para trás.

Jacob cobriu os olhos com a mão.

– Obrigado. Isso é tudo o que preciso saber.

Ele desligou e fez outra ligação.

# Capítulo 112

Lyndon Crebbs atendeu no primeiro toque.

– Como está indo, seu amador? Já fez algum progresso? – perguntou Lyndon.

– Você pode verificar uma Sandra Schulman? Último endereço conhecido é avenida Wilshire, na esquina com a avenida Veteran.

– Algo especial sobre ela?

– Ela pode ter desaparecido... para sempre. Encare isso como uma dica de uma fonte anônima: ela pode estar enterrada nas colinas de Montecito. Sylvia tinha ciúmes dela. Basta saber isso.

Jacob ouviu o agente do FBI fazendo anotações.

– E quanto a William Hamilton? – perguntou Lyndon Crebbs. – Ele ainda está vivo, espero?

– Se a polícia de Los Angeles der uma olhada lá vai encontrar um monte de cocaína no quarto. Ele está vivo. Mas é um merdinha desagradável.

Lyndon riu.

– A propósito, eu estava lendo o relatório da busca no quarto de hotel dos Rudolphs, em Estocolmo. Aquela chave abria o quê?

– Qual chave? – perguntou Jacob.

– A chave pequena mencionada no fim da página três.

– Como você conseguiu ler isso, Lyndon? *Está em sueco.*

– Nunca ouviu falar em serviços de tradução instantânea? – perguntou Lyndon Crebbs. – Sou apenas um velho curioso.

*A polícia de Estocolmo deve ter verificado isso, pensou Jacob.*

– Meu Deus, que loucura. Você sabe por que os gêmeos foram expulsos da UCLA? Eles fizeram sexo em público um com o outro.

– Ah, os jovens de hoje... – O agente do FBI brincou. – Tem outra coisa que me ocorreu: e se os Rudolphs inspiraram imitadores?

– Também pensei nisso – comentou Jacob. – Mas não encaixa. O conteúdo dos cartões-postais nunca foi divulgado, por exemplo. Se existem outros assassinos, eles devem estar trabalhando juntos.

– Coisas mais doentias que essa já aconteceram – afirmou Lyndon. – Quando você acha que vai voltar para a avenida Citrus?

Jacob ficou sério.

– Não vou voltar. Estou indo embora agora.

Lyndon Crebbs ficou em silêncio, um silêncio que apenas cresceu. Jacob estava pisando em ovos. Ele não tinha coragem de perguntar a única coisa importante: o câncer de próstata era muito grave?

– Só mais uma coisa. Você pode mexer uns pauzinhos e ver se consegue descobrir qualquer coisa sobre Lucy? Minha ex? Eu devia avisá-la sobre o que aconteceu com Kimmy.

O velho suspirou.

– Achei que você nunca fosse pedir.

– Obrigado por tudo.

– Bem, então, *adiós, amigo* – respondeu Lyndon Crebbs.

– *Hasta la vista* – disse Jacob – Até a próxima.

Mas a linha já estava muda e Jacob se perguntou se chegaria a escutar a voz do amigo de novo.



# Capítulo 113

*Terça-feira, 22 de junho  
Oslo, Noruega*

O trailer estava em um acampamento nos arredores da cidade. O cordão de isolamento da polícia na entrada do local foi removido, mas ainda havia um cordão ao redor do veículo.

Dessie puxou o zíper do casaco esportivo até o queixo.

O acampamento estava quase vazio e não só por causa do tempo. Apenas o trailer dos italianos naquela parte do espaço, como uma caixa metálica leprosa da qual os vizinhos fugiam, apavorados.

Ela se aproximou.

Amontoados de insetos mortos ainda poluíam o interior das janelas. Eles cobriam a parte inferior das telas. Ela cobriu a cabeça com o capuz. Uma ventania forte soprava do fiorde de Oslo logo abaixo, com gotas de água penetrantes feito agulhas.

Foram as moscas que revelaram que algo estava errado dentro do trailer dos italianos. As pessoas nas tendas vizinhas reclamaram do zumbido e uma hora passaram a reclamar também do cheiro.

O proprietário do lugar, um homem chamado Olsen, não tinha ficado muito preocupado. Os italianos estavam pagando por seu pedaço de terra e ele não era do tipo invocado. Se as pessoas quisessem ter moscas como bichos de estimação, não seria ele a impedir.

Quando a polícia acabou aparecendo, as janelas estavam totalmente cobertas por camadas de insetos pretos. Tinham a grossura de cortinas. Foi estimado que os corpos estavam lá havia mais de um mês.

Dessie pegou uma cópia da fotografia Polaroid, tirada antes das moscas começarem a pôr ovos.

Ela segurou firme o papel para impedi-lo de sair voando no vento.

A carta e o cartão-postal só haviam sido encontrados na manhã anterior. O repórter que os assassinos escolheram estava de férias no dia em que a carta foi enviada. Ninguém via a correspondência dele.

Quando ele voltou para o trabalho no jornal, encontrou o cartão-postal, *ser ou não ser*, e a fotografia que Dessie estava segurando.

Antonio Bonino e Emma Vendola viajavam pela Europa de trailer e tinham chegado a Oslo na manhã do dia 17 de maio. Eles queriam ver o dia nacional da Noruega, as celebrações em que os noruegueses marcam o aniversário da independência do país.

Emma trabalhava como secretária em uma agência de relações públicas. Antonio estudava para ser dentista. Estavam casados havia dois anos.

Ela olhou de novo para a foto das vítimas. Suas mãos tinham sido colocadas perto do rosto, as palmas tocando as orelhas.

Os assassinos enfiaram duas meias-calças pretas dentro das suas bocas, dando aos rostos uma expressão grotesca de dor e horror.

Ela reconheceu a obra de arte no mesmo instante.

*O grito*, de Edvard Munch.

Dessie sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Ela não sabia se era por causa do vento ou do casal morto. Eles tinham economizado para comprar aquele veículo desde que haviam se casado. Seis camas, para que houvesse espaço para as crianças quando elas nascessem.

Eles tiveram tempo de sentir medo? Sentiram alguma dor?

Ela deu as costas para o trailer e caminhou na direção da saída, querendo parar de pensar nos mortos. Em vez disso, pensou em Jacob. Seu cabelo bagunçado, a jaqueta de camurça amassada, os olhos azuis reluzentes. Ele não tinha entrado em contato.

Ele desaparecera da sua vida como se nunca tivesse existido.

A semana anterior podia ter sido um sonho, ou melhor, um pesadelo, durante o qual a sua vida inteira tinha sido virada de ponta-cabeça por

forças sobre as quais ela não tinha nenhum controle.

Dessie estremeceu.

Ela parou na saída e se voltou para o acampamento abandonado.

Vidoeiros esbeltos se curvavam sob o vento. A água lá embaixo estava cinza de tantos gansos. O cordão ao redor do trailer tremulava no vento.

Os Rudolphs podiam ter sido responsáveis por esses assassinatos.

Eles ainda não tinham sido presos em meados de maio.

# Capítulo 114

*Estocolmo, Suécia*

Sylvia deixou Malcolm entrar primeiro.

Ela gostava de ver o efeito que ele tinha sobre a pobre e tediosa Andrea Friederichs: a advogada ficava molhada no instante em que ele entrava na sala.

– Malcolm, querido – disse a advogada, levantando-se e apertando a mão dele com ambas as suas. Suas bochechas ficaram vermelhas. Ela passou os olhos dos bíceps de Malcolm até a curva na parte de trás de sua calça.

Sylvia sentou-se de frente para ela e sorriu.

– Estamos chegando perto de um acordo financeiro.

O sorriso da advogada enfraqueceu quando olhou para Sylvia. Ela colocou os óculos de leitura e começou a folhear os papéis sobre a mesa.

Eles estavam em uma das menores salas de reuniões do Grand Hôtel, a sala que a advogada tinha reservado para conduzir as negociações pelos direitos globais sobre a história de Sylvia e Malcolm.

– Bem, eu recebi ofertas para um livro e um filme – disse ela, colocando os documentos em duas pilhas à sua frente.

– Quatro grupos estão fazendo ofertas pelos dois. Seis querem apenas o livro e três, possivelmente quatro, só querem fazer o filme. Acho que podemos passar pelas ofertas juntos para que vocês...

– Quem está oferecendo o maior adiantamento? – perguntou Sylvia.

A advogada olhou para ela e piscou por trás das lentes grossas dos óculos.

– Há uma série de condições diferentes vinculadas aos diversos lances. A Nielsen e Berner em Nova York, por exemplo, tem uma proposta muito

interessante, que inclui uma série de televisão, um jogo de computador, uma visita guiada... para vocês dois.

– Desculpe – interrompeu Sylvia. – *Quanto eles estão oferecendo de adiantamento?*

Andrea deu um suspiro teatral.

– Não muito. O pacote deles é o maior no total, mas é condicional à sua participação completa na campanha de marketing.

Malcolm se alongou, fazendo a camiseta subir. Ele coçou a barriga.

– O adiantamento? – perguntou ele, sorrindo para Andrea.

O rosto angular dela formou um sorriso tolo e ela remexeu nos papéis de novo.

– O maior adiantamento foi oferecido pela Yokokoz, uma empresa japonesa que quer apenas os direitos digitais. Eles vão fazer uma série de mangá, com todos os derivados que isso implica: cartões colecionáveis, roupas e assim por diante. Eles querem vender os direitos do livro e do filme, mas vocês não vão poder decidir o que vai ser feito com eles...

– Quanto? – perguntou Malcolm.

– Três milhões de dólares – respondeu Andrea.

Sylvia alongou as costas.

– Isso parece muito bom. Assine com a Yokokoz.

A advogada piscou.

– Mas o acordo precisa ser ajustado. Não podemos deixar em aberto a questão das vendas subsidiárias. Vocês precisam ter controle sobre o produto final...

– Tente aumentar para três milhões e meio, mas se recusarem tudo bem. A questão é: eles precisam nos pagar agora. Qualquer outro arranjo e o acordo não acontece. Certo? Estamos entendidos?

Andrea Friederichs se remexeu na cadeira, desconfortável. Estava claro que eles *não* estavam entendidos.

– Se eu puder apenas lembrá-la do meu pagamento... Eu não posso receber uma porcentagem porque sou membro da Associação de Advogados Suecos, mas suponho que iremos seguir a prática habitual?

Sylvia ergueu as sobrancelhas, surpresa.

– Iremos? Eu não me lembro de assinar um acordo assim. Malcolm também não.

– Não, eu não lembro.

Andrea Friederichs apertou a ponta da caneta, irritada.

– Um quarto da soma total é praxe em casos assim. Nós discutimos isso em nossa primeira conversa. Devo dizer que alguns agentes cobram um valor consideravelmente maior.

Sylvia assentiu.

– Eu sei que 25% é a norma – disse ela. – Mas no nosso caso eu acho que 5% é mais apropriado.

A advogada pareceu não estar acreditando no que tinha acabado de ouvir.

– O que você quer dizer? Cento e cinquenta mil dólares? Isso é um absurdo!

Sylvia sorriu de novo.

– Você vai receber 5%.

Andrea Friederichs começou a se levantar da cadeira. Seu rubor tinha se expandido, formando manchas vermelhas que cobriam todo o pescoço.

– Quase um milhão e meio de coroas suecas por alguns dias de trabalho. Você acha isso absurdo? Suponho que seja.

– Existe algo chamado precedente legal... – começou a advogada.

Sylvia se inclinou para a frente e diminuiu o tom de voz para um sussurro quase inaudível.

– Você esqueceu quem nós somos? – Ela soprou e viu como Andrea Friederichs afundou de volta na cadeira, toda a cor drenada do seu rosto.

# PARTE TRÊS

# Capítulo 115

*Quarta-feira, 23 de junho  
Estocolmo, Suécia*

**A** Urvädersgränd estava deserta e demonstrava muito bem por que recebeu um nome que remetia a tempo ruim. Rajadas de chuva chacoalhavam os postes de luz e as placas de rua, fazendo as janelas e os telhados tremerem.

Os repórteres finalmente tinham desistido e voltado para as suas malditas casas. Essa era a boa notícia.

Dessie pagou o taxista e entrou correndo pela porta. Seus passos ecoaram pela escadaria vazia. Ela sentiu como se tivesse passado anos fora. Seu apartamento a acolheu com uma luz cinzenta e completo silêncio, além de uma espécie de cheiro incômodo de mofo. Ela tirou as roupas, largando-as em uma pilha sobre o chão da entrada. Em seguida, sentou-se à mesa do telefone, encarando a parede oposta. Estava exausta demais para tomar o banho de que tinha passado o dia inteiro na expectativa.

E, por alguma razão, pensou em sua mãe.

Elas não tinham mantido um contato frequente durante os últimos anos de vida, mas agora Dessie teria gostado de ligar para ela e conversar sobre tudo. Sobre os terríveis assassinatos, sobre a solidão que ela sentia...

E sobre Jacob.

Ela teria gostado de falar para a mãe sobre o americano incomum com olhos azuis de safira. Ela compreenderia. Se havia uma coisa com a qual a mãe tinha experiência era com relacionamentos condenados ao fracasso.

Naquele momento o telefone tocou bem ao lado dela. Dessie tomou um susto tão grande que deu um salto.

– Dessie? Atendeu rápido, hein? Você devia estar sentada no telefone.



Era Gabriella.

– Na verdade, eu estava – respondeu Dessie, ficando em pé.

Ela pegou uma toalha e a enrolou em torno de si com uma mão só, não sem alguma dificuldade. Em seguida, levou o telefone sem fio pela cozinha até a sala de estar.

– Como estão as coisas? Você parecia tão triste da última vez em que nos falamos.

Dessie se jogou no sofá e olhou para o porto. Ainda estava lindo. Pelo menos isso nunca mudava.

– As coisas ficaram um pouco intensas demais no final.

– É o Jacob?

Incapaz de se conter por mais tempo, Dessie começou a chorar.

– Desculpa. Desculpa, eu...

– Você teve uma queda forte por ele, não teve?

Gabriella não parecia brava nem desapontada; agora ela parecia mais uma boa amiga.

Dessie respirou fundo.

– Acho que sim – respondeu ela.

Houve um momento de silêncio.

– As coisas nem sempre acontecem do jeito que a gente espera – disse Gabriella, tão baixinho que as suas palavras foram quase inaudíveis.

– Eu sei.

Gabriella riu.

– Isso demorou bastante.

– Eu sei – repetiu Dessie.

Silêncio de novo.

– O que está acontecendo hoje? – perguntou Dessie, mais para quebrar o silêncio que por qualquer outra razão.

– Os Rudolphs anunciaram que vão sair do Grand no horário de almoço. Já vão tarde, se quiser saber o que eu acho.

Dessie mordeu o lábio.

– Você acha mesmo que eles são inocentes? – perguntou ela.

- Não há nada que os vincule aos assassinatos. Nenhuma evidência forense, nenhuma testemunha, nenhuma confissão, nenhuma arma...

- Então quem foi? Dê uma explicação convincente. Quem são os verdadeiros Assassinos do Cartão-postal, então?

Antes que Gabriella pudesse responder, a campainha tocou.

*Que...?*

O que podia ser dessa vez? Um repórter que ainda não tinha desistido?

Ela não tinha olho mágico nem corrente de segurança.

- Espere um segundo enquanto eu abro a porta – gritou Dessie, saindo no corredor e destrancando a porta.

Ela abriu com cuidado e, subitamente, não conseguiu respirar.

- Ligo mais tarde.

E desligou na cara de Gabriella.

# Capítulo 116

Jacob estava quase tão amarrotado e barbudo quanto da primeira vez em que surgiu diante da porta de Dessie. Ela o abraçou em um pulo, segurando-o *firme, firme, firme*, como se nunca fosse soltar, beijando-o com força e passando as mãos por dentro da camisa quadriculada de flanela que ele estava usando.

– Dessie – sussurrou ele em seu ouvido. – Nós estamos na escadaria e você está sem roupas.

A toalha tinha caído no chão. Ela a chutou para dentro do apartamento e o puxou para o corredor de entrada. A mala suja foi parar embaixo da mesa do telefone, os jeans dele acabaram ao lado da porta e a camisa foi largada perto do aquecedor.

Eles conseguiram chegar até a porta da sala de estar antes de desabarem no chão. Ela mergulhou nos olhos azuis brilhantes e sentiu Jacob penetrando o seu corpo. O mundo girou e ela fechou os olhos, forçando a cabeça contra o chão de madeira quando gozou.

– Cristo! Acho que isso significa que você está feliz em me ver!

– Espere um pouco – disse ela, mordiscando a orelha dele.

Eles foram aos tropeços até o quarto. Dessie o empurrou na cama e começou a explorar cada centímetro do seu corpo. Ela usou os dedos, o cabelo e a língua, provando e lambendo e acariciando.

– Meu Deus! – Ele arfou. – O que você está fazendo comigo?

– Só estou feliz de ver você – respondeu Dessie. – O que você está fazendo comigo?

Então ela montou nele.

Dessie se mexeu com delicadeza em cima dele, profundamente e com intensidade, forçando-o a se acalmar, a ir mais devagar. Isso deu a ela uma chance de se recuperar.

Quando sentiu que o orgasmo estava vindo, ela se soltou completamente. Pareceu que ele gozou por vários segundos, mas ela o forçou a continuar por mais um minuto até que ela também gozasse.

Então ela caiu em seus braços e desmaiou.

# Capítulo 117

Dessie acordou e olhou no fundo dos olhos azuis dele. Eles cintilavam com um calor que a deixou sem fôlego. E mais confusa do que nunca.

– Você está aqui – sussurrou ela. – Não foi um sonho. Estou tão contente. Tão feliz.

Ele riu. Seus dentes eram brancos, um pouco tortos. Os cabelos de Jacob estavam suados, apontando em todas as direções. Ele se afundou de novo na cama e a puxou para perto.

– Por que você voltou? – perguntou ela.

Ele a beijou, mas seu rosto ficou sério.

– Várias razões. Você era a mais importante.

Ela socou o ombro dele, de brincadeira.

– Mentiroso.

– Como foi na Dinamarca e na Noruega? – perguntou ele.

Ela contou sobre os assassinatos grotescos no hotel em Copenhague, as mutilações dos corpos e o fato de a mulher provavelmente ter sido estuprada. Eles tinham encontrado hematomas e arranhões na parte interna das suas coxas e o sêmen na vagina dela não era do marido. Dessie não achava que aquilo parecia o trabalho dos Rudolphs.

Em seguida, explicou sobre a cena do assassinato no trailer, no acampamento fora de Oslo, e sobre como nem os cadáveres nem as cartas tinham sido descobertos porque o repórter estava de férias. Os corpos foram posicionados para parecerem com *O grito*, de Munch.

– Como foi nos Estados Unidos? – perguntou ela.

Ele relatou um resumo das suas investigações, dizendo que os Rudolphs vinham de uma família extremamente privilegiada. Que Sylvia encontrou os pais mortos quando tinha 13 anos de idade. Que o guardião deles, Jonathan Blython, defalcou a herança e foi encontrado morto, com a garganta cortada. Que a namorada de Mac, Sandra Schulman, de quem Sylvia tinha inveja, havia desaparecido depois de uma visita à casa dos Rudolphs. Que os gêmeos tinham juntado um grupo de arte experimental, a Sociedade de Arte Ilimitada, e que foram expulsos da UCLA por causa de um ato público de incesto.

– Um ato público de incesto?

– Eles chamaram o trabalho de *Tabu*. Os dois transaram em um saguão de exposições.

– Eles são mesmo loucos – disse Dessie, puxando Jacob para perto de si novamente.

# Capítulo 118

Cansados, os dois ficaram sentados na cama e comeram um almoço improvisado. Jacob estava terminando uma das lasanhas vegetarianas de micro-ondas de Dessie, enquanto ela lia a reportagem do *A onposten* sobre o acordo que Andrea Friederichs tinha negociado pelos direitos da história de Sylvia e Malcolm.

– Um adiantamento de três milhões e meio de dólares, além de royalties e mais dinheiro ainda pela venda dos direitos do livro. E olha isso: a advogada decidiu não cobrar pelos seus serviços. Ela alega que os representou porque era a coisa certa a se fazer.

– Eles ainda estão no Grand?

Dessie clicou em um link do site e olhou para o relógio.

– De acordo com o blog de Alexander Andersson, eles saíram há meia hora. Foram embora pela porta dos fundos para evitar a imprensa.

Jacob empurrou as cobertas, saiu da cama em um salto e foi para a cozinha. Dessie olhou para onde ele tinha ido, surpresa.

– Não há nada que os vincule aos crimes – gritou ela na direção da cozinha. – Jacob? Eles estão livres para irem e virem como quiserem.

Dessie ouviu a chaleira fervendo. No instante seguinte, ele estava na porta do quarto, com uma caneca de café em cada mão. Seu rosto estava sombrio como uma nuvem de tempestade.

– Foram eles. Eu sei que foram eles. Nós não podemos deixar que eles escapem.

– Mas ainda não há nenhuma evidência – respondeu Dessie, infeliz. – Não podemos provar merda nenhuma.

Jacob deu uma das xícaras para ela.

– O equipamento deles deve estar em algum lugar. Os colírios, o disfarce que ele vestiu quando esvaziou aquelas contas, as coisas que eles roubaram e de que não conseguiram se livrar. E a arma do crime...

– Isso pode estar em qualquer lata de lixo, sabe por quê? Porque eu os avisei naquela maldita carta que eles estavam prestes a serem capturados. Eu dei tempo para se livrarem de tudo.

Jacob andou até o lado da cama e olhou para ela.

– Não havia nada de errado com aquela carta. Você estava fazendo a coisa certa quando a escreveu. Foi muito corajosa.

– Fui? – questionou Dessie. – E o que aconteceu no final? Além de alertar os Rudolphs e me fazer parecer uma tola aos olhos de todos os jornalistas respeitáveis da Suécia?

Ele andou irritado pelo quarto, se virou e voltou até a cama.

– Eles não jogaram as coisas fora. Não tudo. A maior parte dos assassinos em série guarda troféus. Eles devem ter escolhido um esconderijo assim que chegaram a Estocolmo. É inteiramente possível que tudo ainda esteja lá. Eu acho que é até provável.

Ele parou de repente.

– A chave pequena!

Dessie piscou.

– O quê?

Ele estendeu o braço sobre Dessie e o computador para pegar o celular dela no criado-mudo.

– O que foi?

– No final da página três do relatório oficial tem algo sobre uma chave. Meu amigo do FBI reparou nisso. Talvez pertença a algum armário de bagagens em Estocolmo.



# Capítulo 119

**G**abriella deu um suspiro pesado no telefone.

– Claro que nós verificamos a chave. Não havia nada indicando que ela de fato pertencesse aos Rudolphs.

Jacob percebeu que estava rangendo os dentes de novo. Esse podia ser o *segundo* erro grave da polícia de Estocolmo.

– No que você baseia isso?

– Estava na cisterna do banheiro no quarto de hotel. Podia estar lá há semanas. Quem sabe por quanto tempo?

Jacob teve que se conter para não esmurrar o telefone na parede do quarto. Ninguém precisa ser um especialista para saber que cisternas estão entre os esconderijos favoritos de muita gente, especialmente criminosos em uma cidade nova.

– A chave pertence a eles! É de um armário ou algum outro tipo de lugar com fechadura! E é onde vocês vão encontrar todas as evidências, espero. Por favor, comece a trabalhar nisso imediatamente.

– Os Rudolphs foram excluídos da investigação – respondeu Gabriella, secamente. E desligou o telefone.

Dessie pegou o celular de volta antes que ele o esmagasse contra a cabeceira. Jacob desabou sobre a cama. Tinha perdido toda a energia, assim como a paciência. Ele atravessou o Atlântico duas vezes em uma semana e o seu relógio biológico já tinha praticamente perdido noção de em qual século ele estava.

– Qual era o nome daquele grupo de arte na UCLA? – perguntou Dessie, puxando o notebook.

Ele estava de olhos fechados, massageando o próprio pescoço.

– A Sociedade de Arte Ilimitada...

O que ele podia fazer para persuadir a polícia a reabrir a investigação? Ele não podia deixar os Rudolphs desaparecerem.

– Tem alguma coisa aqui... Veja isso! Você nem precisa se mexer, só abra os olhos.

Ela virou o notebook na direção dele.

### *Bem-vindo à Sociedade de Arte Ilimitada*

#### *Você é o visitante nº 4.824*

– O endereço é [www.sola.nu](http://www.sola.nu). É um domínio registrado em Niue, uma ilha no Pacífico Sul. Eles deixam qualquer pessoa registrar qualquer tipo de endereço e leva só uns dois minutos.

Jacob deu uma olhada na tela.

– Eles configuraram isso quando estavam na UCLA...

Dessie tentou clicar na primeira aba: Introdução.

– E aqui temos a origem da arte conceitual. Marcel Duchamp tentou exibir um *urinol* em Nova York em 1917. Ele foi proibido.

– Por que será? – comentou Jacob.

– Olhe aqui.

Jacob suspirou e sentou na cama.

A galeria incluía uma sequência comprida de fotografias estranhas que ele dificilmente teria associado com arte: rodovias, lixo, uma vaca infeliz e uns filmes caseiros estremecidos de rodovias, lixo e supostamente a *mesma* vaca infeliz. Era difícil saber com certeza.

– Isso é ridículo – disse Jacob. – Mas eu me sinto que nem aquela vaca. Isso faz de mim uma obra de arte?

– O projeto de arte ridículo deles acabou fazendo com que fossem expulsos da escola. Esse tipo de coisa importa para eles.

Jacob se levantou, procurando sua calça jeans. Ele as encontrou no corredor. Ficou lá parado, com a calça em uma das mãos e olhou para a sala de estar de Dessie.

Então era aqui que tudo terminava, em um apartamento a meio caminho do Polo Norte. Ele fez o melhor que pôde, mas não foi o suficiente. Os assassinos de Kimmy iam ficar livres. Ele seria capaz de conviver com isso? Quem se importava? Qual era a alternativa?

– Ei, olhe aqui!

– O quê?

Ele voltou para a cama.

– Algumas seções do site estão trancadas. É um quebra-cabeças a ser resolvido. Precisamos de uma senha.

# Capítulo 120

Uma caixa tinha aparecido no meio de um pano de fundo cinza, com a mensagem *Log in!*

Dessie digitou “soai”, de Sociedade de Arte Ilimitada no campo em branco, e pressionou Enter. A tela piscou.

*Desculpe – senha incorreta.*

– Não achei que seria tão fácil.

De repente, Jacob teve uma ideia. Havia uma chave sem fechadura no relatório. Ali estava uma fechadura sem chave.

– Talvez isso seja algo – disse ele. – Tente “Rudolph”. Talvez *seja* mais fácil que pensamos.

*Desculpe – senha incorreta.*

Jacob olhou para Dessie. Ele se lembrou da última conversa que teve com Lyndon Crebbs: *E se houver outros assassinos? E se os Rudolphys inspiraram imitadores?*

Jacob escutou a própria resposta ecoando em sua cabeça: *Se existem outros assassinos, eles devem estar trabalhando juntos.*

– Se os Rudolphys têm um cúmplice – disse Jacob, devagar –, então eles precisam de algum jeito de entrar em contato com ele, eles, ou quem quer que seja.

Dessie tentou uma centena de outras possibilidades. E todas as vezes:

*Desculpe – senha incorreta.*

– Sorte que o site ainda nos permite tentar senhas novas. Na maior parte das vezes, você é bloqueado depois de três tentativas.

– Onde estão os cartões-postais? – perguntou Jacob.

Dessie alcançou a mochila no chão, ao lado da cama. Ela pegou as cópias, espalhando-as sobre o colchão.

– No que você está pensando? – perguntou.

– Vamos tentar todas as palavras nos cartões.

Ele pegou uma fotografia que não tinha visto antes. Era de duas pessoas mortas ou gravemente feridas em um quarto que mostrava evidências claras de uma briga.

– Essa é a foto de Salzburgo – disse ela. – Eu falei com a repórter. Ela me enviou por e-mail.

Dessie tentou todas as palavras: “Roma”, “Paris”, “Madri”, “Atenas”.

### *Desculpe – senha incorreta.*

– O que são esses números? – perguntou Jacob, apontando para a parte de trás do envelope de Salzburgo.

– O telefone de uma pizzaria em Viena. A repórter já verificou. Nada a ver com o caso – respondeu Dessie.

Ela tentou todas as localizações nos cartões-postais: “Tivoli”, “Coliseu”, “Las Ventas”.

Jacob pegou as fotografias de Copenhague e de Oslo.

Oslo tinha sido obra dos Rudolphs. Copenhague era dos imitadores.

– E se eles tiverem escolhido uma senha que não é uma palavra, mas outra coisa? – perguntou ele.

Dessie o encarou, atenta.

– Quando você precisaria da informação? – perguntou Jacob. – Quando as instruções são mais necessárias? No momento em que você está prestes a desempenhar o ato, não acha?

Dessie continuou olhando para ele.

– Eu não sei. Nunca fui uma assassina. Já me senti tentada algumas vezes.

– Onde você escreveria a senha que precisa para receber as instruções sobre os assassinatos? No item mais próximo, talvez?

Ele pegou a cópia da parte de trás do envelope de Salzburgo.

– Os Rudolphs tinham um álibi para os assassinatos na Áustria – disse ele.  
– Então aquele deve ter sido feito pelo cúmplice. Tente esses números.

Dessie pegou o notebook de novo e digitou os nove dígitos com cuidado.

Ela pressionou Enter.

A tela piscou.

Uma nova imagem apareceu.

– Puta merda! – praguejou Dessie.

# Capítulo 121

A equipe de investigação estava reunida no escritório de Mats Duvall. Seus rostos estavam pálidos e contidos.

– Nós temos alguma ideia para onde raios foram os Rudolchs? – perguntou Jacob, que estava sentado do lado oposto de Sara Höglund.

A líder da unidade balançou a cabeça. Ela parecia completamente desesperada. E era para estar mesmo.

– Eles foram conduzidos pela porta de trás do Grand Hôtel hoje de manhã. Ninguém os viu desde então.

– E a chave? A chave na qual ninguém prestou muita atenção?

– Nós sabemos que pertence a um armário de bagagens.

Jacob bateu o punho na mesa com tanta força que as xícaras de café saltaram.

– Nós divulgamos um alerta nacional e avisamos a Interpol – Duvall acrescentou rapidamente. – Arlanda, Skavsta, Landvetter, Västerås, Sturup e todos os outros aeroportos com conexões internacionais estão em estado de alerta. A ponte Öresund para a Dinamarca foi bloqueada e todos os veículos estão sendo revistados. Os portos foram informados. Os postos de fronteira estão em estado de alerta. A vigilância de todas as estradas e rotas europeias foi intensificada. Eles não vão sair da Suécia.

Jacob se levantou.

– Eles acabaram de passar a mão em três milhões e meio de dólares! Eles podem comprar o próprio *avião*!

– Toda a soma está em uma conta nas Ilhas Cayman. – explicou Gabriella, lendo um documento à sua frente. – A transferência foi confirmada pelo banco que eles usaram aqui em Estocolmo.

Jacob estava perto de virar a mesa com toda aquela papelada inútil junto.

– Então eles não estão com muita grana no momento – disse Dessie, só para esclarecer.

Jacob se inclinou para trás na cadeira, pressionando as palmas das mãos contra a testa.

Dessie já tinha passado os detalhes irremediáveis para ele. Os Rudolphs estavam livres e haviam desaparecido, em um país com menos habitantes que Nova York e uma área quase do tamanho do Texas. Havia milhares de quilômetros de fronteiras não vigiadas e um litoral quase do mesmo tamanho. Duas horas em um barco rápido levariam os irmãos para a Estônia, Látvia, Lituânia, Polônia, Rússia, Dinamarca ou Alemanha.

Todos ao redor da mesa ficaram em silêncio.

Gabriella Oscarsson estava concentrada em um amontoado de papéis, Mats Duvall mexia em seu smartphone. Evert Ridderwall, o respeitável promotor, encarava a janela com um olhar vazio.

A visão do homem pequeno e gordo fez com que Jacob crispasse as mãos.

Ele que tinha liberado os malditos, em primeiro lugar.

– O que a análise do website nos diz? – perguntou Dessie, depois de um tempo.

– A sua primeira hipótese acabou se revelando correta – disse Sara. – Os Rudolphs se estabeleceram como mestres do próprio universo. O projeto deles almeja integrar vida, morte e arte para encontrar a forma definitiva de expressão. A Sociedade de Arte Ilimitada é a universidade deles. Até onde pudemos discernir, eles têm cerca de 35 seguidores ao redor do mundo. Pode haver mais. Outros estudantes de arte que compartilham a visão de mundo deles e admiram as suas ambições.

Dessie olhou para as próprias mãos.

– Três outros casais fizeram o “exame” que o Rudolphs fornecem. Difícil de acreditar, não é? Tantos malucos por aí.



As páginas do website tinham instruções detalhadas sobre como passar no exame, ou como se “graduar”, de acordo com os Rudolphs, no projeto especial da Sociedade de Arte Ilimitada. Causando mortes de forma artística, a humanidade poderia se tornar uma divindade criadora e, dessa forma, imortal.

O procedimento “da Obra” era descrito em detalhes, do diálogo a ser falado quando as vítimas eram seduzidas até a forma como a champanhe, os colírios e as facas deveriam ser usadas. Todos os cartões-postais e fotografias Polaroid tinham sido carregadas como arquivos JPEG no site. Links e arquivos em PDF da cobertura da imprensa em cada um dos países também eram catalogados. Pelo visto, os recortes de jornal eram uma parte importante da obra de arte.

– Mas nenhum desses supostos graduados passou no exame. – Jacob observou, ciente da rouquidão da sua voz. – Os amadores sempre estragaram os assassinatos de alguma forma. Às vezes não havia simbolismo na escolha do cartão-postal. Ou então eles não conseguiram imitar obras de arte famosas com as Polaroids.

Ninguém respondeu. Agora eles só escutavam o americano.

– Não é fácil matar, não importa o quão motivado ou focado você esteja – disse Jacob, falando baixo. – Os outros entraram em pânico e perderam o controle da situação.

– Atenas, Salzburgo e Copenhague provavelmente foram obras de diferentes membros do grupo – confirmou Sara Höglund. – A polícia de cada país está rastreando os endereços de IP dos computadores que acessaram o site. Vamos ter as localizações até esta noite.

Mats Duvall se levantou, com o celular na mão.

– O criminoso de Copenhague acaba de ser identificado. É um agressor sexual reincidente, o DNA dele estava registrado.

– Ele é um membro – disse Dessie, devagar. – O nome de usuário dele é *Batman*.

– Como você sabe disso? – perguntou Gabriella.

– Ele *se graduou* no domingo – explicou ela. – Fizeram uma cerimônia on-line.

# Capítulo 122

A reunião foi encerrada e os membros da equipe de investigação voltaram para as suas respectivas salas. Todos estavam entusiasmados com as novas pistas, mas também chocados com o fato de os Rudolphs estarem à solta.

Jacob e Dessie acabaram sentando-se ao lado da máquina de café na sala para funcionários não oficiais, no quarto andar. Na mesa à frente deles havia um mapa do norte da Europa.

- Eles nunca voltam para onde um assassinato foi cometido – disse Jacob.
- Eles vão sempre para novos lugares, novos países.

Dessie passou a mão sobre o mapa.

- Então provavelmente podemos desconsiderar Dinamarca, Noruega e Alemanha.

– Eles sabem que as coisas estão esquentando – considerou Jacob. – Vão querer se manter discretos por um tempo. Então evitarão qualquer transporte que envolva listas de passageiros. Eles pagarão com cartões de crédito nem nada que exija comprovação de identidade. Então para onde diabos eles estão indo... e como?

Dessie colocou ambas as mãos sobre o distrito de Estocolmo no mapa.

- Eles estão um tanto duros. E estão fugindo.
- E...? – perguntou Jacob.
- Vão roubar um carro – respondeu Dessie. – Se você tiver razão, eles seguirão para a Finlândia.

Jacob olhou para o mapa, plantando o dedo sobre o mar Báltico.

- Por que não um barco? São uns 2 centímetros até os estados Bálticos.

– Neste país nós vigiamos as embarcações de lazer como se fossem reservas de ouro. É muito mais fácil roubar um carro. Aí eles terão que ir para Haparanda.

Ela indicou um ponto no mapa onde os dois países se encontravam.

– Fica a mais de mil quilômetros daqui.

– Então eles voltaram a se comportar como criminosos comuns – disse Jacob.

– Não há rodovias ao norte de Uppsala. A E-four não é ruim, mas tem câmeras de fiscalização de velocidade no caminho todo. Eles terão que dirigir pelo interior, passar por Ockelbo, Bollnäs, Ljusdal, Ange...

Jacob seguiu o dedo dela percorrendo as ruas sinuosas que conduziam ao território oblongo.

– Sua terra natal – disse ele. – Quando eles chegarão à fronteira? Em quanto tempo?

Dessie mordeu o lábio.

– Eles terão que respeitar os limites das vias, não podem correr o risco de serem parados por excesso de velocidade. E existe muita vida selvagem naquelas pistas. Alces, veados, talvez até renas mais ao norte...

– Tem postos de gasolina com bombas operadas pelos clientes, onde eles podem pagar em dinheiro para reabastecer sem serem vistos?

– Por toda a parte – respondeu Dessie.

Jacob passou as mãos pelo cabelo.

– Precisamos verificar todos os carros roubados em Estocolmo nessa manhã e qualquer um que seja roubado no norte da Suécia durante as próximas horas.

Ele colocou o dedo indicador no mapa e fechou os olhos com força. *Assassinos do Cartão-postal*, pensou ele, *onde diabos vocês estão?*

# Capítulo 123

**A** Mercedes roubada estava ultrapassando o limite de velocidade sobre uma ponte com água azul-clara e reluzente dos dois lados. Pequenas ilhas arborizadas repletas de rochas cinza-claras se erguiam na esquerda e na direita.

– Eu viro aqui? – perguntou Mac, inclinando-se na direção do para-brisa. – O que você acha?

Sylvia baixou os olhos para o mapa da estrada e começou a passar mal. Ela sempre ficava enjoada quando tentava ler em uma viagem de carro.

– À esquerda na 277 – disse ela, rabugenta. – Em algum lugar do outro lado desse lago.

Ela fixou os olhos no horizonte, no ponto onde a estrada desaparecia na distância, do jeito que a mãe dela tinha ensinado. Mac reduziu a velocidade.

– Não precisa ficar tão infeliz por causa disso. Essa foi a sua ideia, afinal. Estou fazendo o melhor que eu posso.

Ela engoliu e olhou para ele, inclinando-se e dando um beijo rápido em seu rosto.

– Desculpe, querido. Você está dirigindo muito bem.

Sylvia passou a mão preguiçosamente pelo painel. Não havia mais razão para esconder as impressões digitais ou o DNA. Pelo contrário, era hora de levar sua mensagem ao mundo.

Em pouco tempo, eles poderiam relaxar e aproveitar a conquista.

Mac freou, sinalizou e entrou à esquerda. Eles passaram por campos com ovelhas e gado, por bosques cheios de árvores.

– É meio lindo à sua maneira, você não acha? – perguntou Sylvia, guardando o mapa. Ela não pretendia olhar para ele de novo. Já estavam quase lá.

Mac não respondeu.

A paisagem se abriu quando passaram por uma cidade pequena. No lado esquerdo havia algumas casas e à direita havia uma fazenda. Eles passaram por uma série de construções que costumavam servir de alojamento para trabalhadores, bem como por uma escola e um prédio. E depois saíram pelo outro lado. Era o que essa viagem tinha a oferecer, em termos de civilização.

Os irmãos dirigiram em silêncio. Mac olhava atento para a frente.

– O que você acha daquela? – perguntou ele, apontando para uma fazenda na beira da floresta.

Sylvia avaliou o lugar.

– Pode ser. Talvez...

Mac reduziu a velocidade e parou o carro.

– Sim ou não?

O pátio da fazenda parecia silencioso e deserto. Todas as janelas e portas estavam fechadas. Eles podiam ver um Volvo antigo atrás de um celeiro, um sedã que devia ter sido o cúmulo do estilo no começo dos anos 1980.

– Vai servir – disse Sylvia, dando uma olhada rápida para trás.

Nenhum carro à vista.

– Rápido, agora. Precisamos tomar muito cuidado daqui em diante. Nenhum erro.

# Capítulo 124

**M**ac saltou do carro. Sylvia tirou o cinto de segurança e passou para o banco do motorista. Com um pouco de esforço, ela colocou o carro em marcha. Não estava acostumada a dirigir veículos com embreagem. Então acelerou até passar a curva seguinte.

Foi lá que ela parou o carro.

Sylvia baixou a janela e prestou atenção nos sons além do barulho do motor. As árvores suspiravam e algum tipo de animal berrava na floresta. O som de um carro ficou mais forte e sumiu na distância, mas nada passou por ela.

Ela teria que esperar um pouco.

Seus olhos fixaram uma espécie de construção nas árvores. Tábuas, uma escada. Uma casa de árvore ou talvez um posto de caça.

Uma sensação intensa de ódio e desgosto a dominou.

Imagine, certas pessoas passam suas vidas insignificantes inteiras em lugares esquecidos por Deus como este. Trabalhando, bebendo, fodendo e construindo postos de caça sem conhecer qualquer outra coisa, ignorantes até mesmo da existência de um nível maior da consciência humana. As pessoas que residiam ali abandonavam as suas vidas a banalidades sem o menor significado, sem nunca se importarem com *brilhantismo*, com *estética*.

Ela afastou os olhos do posto de caça e se concentrou no espelho retrovisor.

Agora Mac estava dirigindo o Volvo vermelho. Ele não diminuiu a velocidade ao passar por ela, apenas seguiu em frente na mesma velocidade cuidadosa e precisa: nem muito devagar nem muito rápido. Ela colocou o carro em marcha e o seguiu a uma distância segura. Cuidadosa. Nada de erros.

Agora eles precisavam de um bom local para abandonar o carro de Estocolmo, um lugar onde o veículo pudesse ser encontrado com relativa rapidez, mas não imediatamente.

Ela lambeu o dedão e o pressionou contra a roda. Uma bela impressão digital.

*Chupa isso, querida polícia!*

Ela sentiu vertigem ao pensar no que eles já tinham conseguido e que isso era apenas o começo.

O passo seguinte seria ainda mais impressionante. O próximo ato deles. Ela e Mac estavam se tornando artistas mais maduros.



# Capítulo 125

O caso inteiro estava se abrindo agora. E bem *rápido*.

Os assassinos de Atenas viviam em Tessalónica. Eles não eram um casal, apenas dois amigos que estudavam arte na Universidade Aristotélica de Tessalónica, a maior da Grécia. Ambos foram presos no campus, encontrados por meio do rastro digital deixado em seus computadores.

Os dois eram profundamente religiosos e alegaram que estavam em contato direto com “o Deus criador, o governante incognoscível de todo o universo”. Confirmaram o que havia acontecido em Atenas, mas negaram que fosse assassinato. Seu trabalho era parte de uma obra de arte conceitual global, destinada a revelar a divindade da espécie humana.

Os assassinatos em Salzburgo foram vinculados a um jovem casal britânico de Londres. Eles estavam matriculados em uma faculdade de arte prestigiosa no centro londrino. Não tinham frequentado nenhuma aula nos últimos quatro meses.

O DNA e as impressões digitais do casal britânico foram encontrados na cena do crime e a arma usada foi descoberta embaixo de uma tábua de madeira solta no chão, dentro do apartamento do casal.

Eles não fizeram nenhum comentário quanto às acusações. Não responderam a nenhuma das perguntas feitas pelas autoridades e se recusaram até mesmo a falar com o advogado responsável por sua defesa. Em seus blogs, escreveram que *todo indivíduo é responsável por criar a sua própria moral e as suas próprias leis, e que todo o resto é uma afronta aos direitos do indivíduo*.

Os assassinos em Copenhague foram presos naquela noite, tanto o agressor reincidente cujos dados foram encontrados no registro de DNA como sua cúmplice, uma mulher jovem que se revelou extremamente arrependida quando foi capturada. Ela confessou na mesma hora, em meio a uma torrente de lágrimas, e disse que tinha mudado de ideia e tentado impedir as mortes. A mudança de opinião se deu quando o seu colega estuprou a jovem americana, algo que não era parte do projeto “artístico”.

Dessie olhou para Jacob e reparou nos olhos dele registrando tudo o que era relatado acerca dos assassinos. Seu maxilar se tencionava a cada nova informação.

Os outros policiais demonstravam o tipo de alívio que vem após uma prisão e uma confissão, mas não Jacob. Os ombros dos outros relaxavam, eles ficavam menos tensos e seu jeito de caminhar parecia mais livre de alguma forma. Mas o rosto de Jacob permanecia esculpido em pedra.

Ela sabia por quê.

*Os assassinos de Kimmy ainda estavam livres em algum lugar, provavelmente a caminho da Finlândia.*

# Capítulo 126

**T**rês carros foram roubados na região de Estocolmo durante aquele dia.

Um Toyota seminovo no subúrbio de Vikingshill. Um Range Rover no subúrbio de Hässelby, no fim da linha de metrô. Uma Mercedes antiga em um estacionamento embaixo do shopping center Gallerian, no centro da cidade.

– A Mercedes faz sentido, certo? – perguntou Jacob. – Eles não pegariam o metrô até os subúrbios só para conseguir um carro.

Ele pegou o mapa de novo.

– Então agora eles estão dirigindo para o norte. É isso que Dessie e eu achamos. Eles podem até ter trocado de carro a essa altura. Eu teria. Estão viajando por vias secundárias e seguindo para Haparanda, mantendo uma velocidade próxima ao limite. Então devem chegar lá amanhã cedo, no máximo.

Mats Duvall parecia cético.

– Isso é apenas especulação – objetou. – Não há nenhuma *prova* de que eles escolheram essa rota específica ou mesmo esse meio de transporte. Não sabemos nada com certeza.

Dessie viu Jacob se levantar. Ele estava se esforçando para não atacar nada nem ninguém.

– Você precisa reforçar as fronteiras ao norte – disse ele. – Qual o nome do rio que fica bem na fronteira? O rio Torne?

– Não podemos alocar pessoal com base em palpites – respondeu Mats Duvall, fechando o smartphone, sinal de que a conversa tinha terminado.

Com isso, Jacob saiu furioso da sala, seguido de perto por Dessie.

– *Jacob...* – começou ela, segurando-o pelo braço. – Pare. Olhe para mim.

Ele se virou, parando bem na frente dela.

– A polícia sueca nunca vai capturá-los – afirmou ele, em voz baixa. – Não posso deixar que escapem de novo. Não posso!

Dessie olhou bem nos seus olhos.

– Não, você não pode.

– Quando é o próximo voo para Haparanda? – perguntou Jacob.

Dessie pegou o celular e ligou para o balcão de viagens 24 horas no *A onposten*. O aeroporto mais próximo ficava em Lulea e o voo seguinte seria naquela noite, em um avião que sairia de Arlanda às 9h10.

Ela olhou para o relógio. Eram nove horas em ponto.

O aeroporto ficava a 45 quilômetros de distância.

O primeiro voo na manhã seguinte era um avião da linha aérea norueguesa, com a saída agendada para as 6h55.

– Podemos chegar em Lulea às 8h20 – disse Dessie. – Aí teremos que alugar um carro e dirigir até a fronteira. São mais 130 quilômetros.

Jacob a encarou.

– Você conhece alguém da polícia de lá? Ou algum agente da alfândega que possa ficar de olho nas coisas até chegarmos?

– Não – respondeu ela –, mas posso ligar para Robert. Ele vive em Kalix. Fica a 45 minutos da fronteira, de carro.

– Robert?

Ela abriu um sorriso que era quase uma careta.

– Meu primo criminoso. O grandalhão que me protegia quando eu era criança. E agora também.

Jacob passou os dedos pelo cabelo, circulando a máquina de café com passos rápidos.

– Quanto tempo levaria para dirigir até lá? Se sairmos agora.

Ela olhou de novo para o relógio.

– Se a estrada não estiver cheia de trailers e caminhões de madeira, chegamos lá às seis.

Ele bateu com a mão na parede, quase abrindo um buraco.

– É muito tempo...

– Se Robert ficar de olho nas coisas, eles não vão passar. Uma Mercedes azul, placa TKG 297, não é?

Jacob a encarou com fogo nos olhos.

– Você tem acesso a um carro?

– Não, mas tenho uma bicicleta.

Dessie balançou o seu cartão American Express.

– Nós alugamos um carro, seu idiota.

# Capítulo 127

*Quinta-feira, 24 de junho  
Norrlund, Suécia*

Já passava de uma hora da manhã quando Dessie atravessou a cidade de Utansjö. Ela estava dirigindo havia quase 500 quilômetros e precisava encher o tanque, tomar café e ir ao banheiro. Não necessariamente nessa ordem.

Ela olhou para Jacob no assento reclinado ao seu lado, dormindo o sono comatoso daqueles afetados por jet lag. O combustível duraria até eles alcançarem a parada de caminhões 24 horas em Docksta, mas ela teve uma ideia muito melhor.

Significaria um pequeno desvio, mas talvez valesse o esforço.

Ela alcançou o acesso para Lunde. Hesitou por um segundo, mas seguiu para a esquerda, ao longo da Rota 90. O ritmo do carro mudou e a superfície muito precária da estrada fez Jacob se remexer.

– Que merda...? – disse ele, confuso, enquanto se endireitava no banco. – Onde nós estamos?

Ele olhou em volta surpreso, observando a iluminação do começo do dia. Havia véus finos de neblina sobre a água, abetos pretos que iam até o céu, e vários cervos fugindo pelos campos.

– Exatamente a meio caminho de Haparanda – explicou Dessie. – Aquelas são renas, a propósito.

Ele olhou para o relógio.

– Essa coisa toda de sol da meia-noite é bem fodida. – disse Jacob, olhando o relógio. As renas também. Onde está o Papai Noel?

Dessie reduziu a velocidade e apontou para a frente.

– Está vendo aquilo? – perguntou ela. – Panificadora Wästerlunds. Eu perdi a minha virgindade no estacionamento que fica nos fundos.

Aquela informação serviu para deixá-lo bem acordado.

– Então você morava por aqui? Interessante. Você é mesmo uma caipira.

– Até os 17 anos. Eu passei um ano no colegial Adal em Kramfors e aí fui para a Nova Zelândia como estudante de intercâmbio. Acabei ficando nove anos lá.

Jacob olhou para ela.

– Seu sotaque esquisito. Andei tentando rastrear. Por que a Nova Zelândia?

Dessie olhou para ele.

– Foi o mais longe que eu consegui chegar... de ser uma caipira. Está vendo aquilo? É o memorial aos trabalhadores que foram baleados pelos militares em 1931. Lembra da nossa conversa, *fascista*?

Ela apontou para a escultura de um cavalo e um homem fugindo, difícil de discernir ao lado da água. Eles subiram na ponte Sandö e Jacob olhou para o rio passando embaixo do carro.

– Quando foi construída, esta era a ponte inteiriça de concreto mais comprida do mundo. Eu tinha que atravessá-la todo dia para chegar à escola.

– Sorte sua – disse Jacob.

– Todas as travessias me assustavam, todos os dias, duas vezes por dia. Uma vez a ponte ruiu e matou dezoito pessoas. É a tragédia mais esquecida do último século, porque aconteceu na tarde do dia 31 de agosto, em 1939.

– O dia antes da Segunda Guerra Mundial irromper... Eu também tenho uma memória boa para história. Para onde exatamente nós estamos indo?

– Vamos passar por Klockestrand. Não falta muito.

Dessie diminuiu a velocidade e virou à direita, entrando em uma estrada de terra estreita.

– Pensei que talvez um pouco de ajuda especializada fosse importante – disse ela, dirigindo até uma construção imensa de madeira, em um estado de degradação quase completa.

– Que droga é este lugar? A Casa na Colina Assombrada?

- Bem-vindo à minha casa de infância – respondeu Dessie, desligando o motor.



# Capítulo 128

Uma luz tênue saía da janela no primeiro andar, o tipo de luz azulada emitida por aparelhos antigos de televisão.

Dessie se perguntou quantos membros da sua família ainda moravam lá. A casa era uma base para os seus tios, os poucos que ainda viviam, e para um bom número de primos.

– Alguém vai estar acordado a essa hora? – perguntou Jacob.

– Meu avô – respondeu Dessie. – Ele costuma dormir durante o dia. À noite ele vê filmes antigos em preto e branco que baixa ilegalmente pela internet. Você vem comigo?

– Não perderia isso por nada no mundo – respondeu Jacob, saindo do carro.

Eles deram as mãos enquanto caminhavam na direção da construção enorme. A estrutura era de uma casa de fazenda no estilo antigo, com quatro chaminés, dois andares e um sótão alto o suficiente para uma pessoa ficar em pé dentro. A tinta vermelha descascara décadas antes e as paredes de madeira reluziam com um branco acinzentado na luz da manhã.

Dessie abriu a porta externa sem bater e tirou os sapatos. A não ser pelo som da televisão, a casa estava silenciosa. Se houvesse alguém ali além do avô dela, estaria dormindo profundamente.

Seu avô estava sentado na poltrona de sempre, vendo um filme que estrelava Ingrid Bergman.

– Vô?

O velho se virou e deu uma olhada rápida nela.

E logo voltou a assistir ao filme.

– *Drag åta dörn för moijsa.*

Dessie fechou a porta externa.

– Esse é Jacob, vô – disse ela, caminhando na direção dele, ainda segurando Jacob pela mão.

Seu avô não tinha envelhecido muito, pensou. Talvez por ela sempre tê-lo conhecido com cabelos brancos e por seu rosto sempre ter formado a mesma carranca miserável. Ele não parecia nem um pouco surpreso em vê-la na sua sala de estar pela primeira vez desde o funeral da mãe dela. Em vez disso, ele só encarou Jacob com suspeita.

– *Vo jär häjna för ein?*

– Em geral, Jacob faz trabalhos brutos – respondeu Dessie, pegando o controle remoto e desligando a televisão.

Então ela sentou-se à mesa bem em frente ao velho.

– Vô, quero perguntar algo. Se eu estou fugindo da polícia e não tenho dinheiro e quero me esconder na Finlândia, o que eu deveria fazer?

# Capítulo 129

Os olhos do velho brilharam. Ele deu uma breve olhada de aprovação na direção de Jacob e se endireitou na poltrona, observando Dessie com mais interesse.

– *Vo håva jä djårt?*

– Que língua é essa? – perguntou Jacob, confuso. – Não parece nenhum sueco que eu já tenha escutado.

– *Pitemal* – explicou Dessie. – É um dialeto quase extinto do lugar onde ele cresceu. É mais distante do sueco que dinamarquês ou norueguês. Essa fazenda era da família da minha avó por parte de mãe. Ninguém por aqui realmente entende o que ele diz.

Ela voltou a atenção para seu avô.

– Não, não fizemos nada de errado. Ainda não, em todo caso. Estou só pensando, é totalmente hipotético.

– *Sko jä håva nalta å ita?*

– Sim, por favor – respondeu Dessie. – Café seria ótimo. E um sanduíche, se você tiver um pouco de queijo.

O velho se levantou e foi cambaleando na direção da cozinha. Dessie aproveitou a oportunidade para entrar no corredor sombrio e se enfiar embaixo das escadas, no único banheiro da casa.

Quando ela voltou, o velho tinha preparado um pão com queijo e fervido água para o café instantâneo. Ele estava sentado com as mãos entrelaçadas sobre a toalha de mesa, apertando os olhos enquanto refletia sobre a pergunta de Dessie.

– *Å djööm sä i Finland* – disse ele. – *Hä gå et...*

Dessie assentiu e deu uma mordida no pão.

Ela traduziu o que estava sendo dito para que Jacob pudesse acompanhar.

Ficar escondido na Finlândia não funcionaria. A polícia finlandesa era muito mais eficiente e brutal do que a sueca. Qualquer fugitivo finlandês iria correndo para a Suécia assim que pudesse.

Mas se fosse absolutamente necessário ir para a Finlândia, não haveria problema, desde que você tivesse um carro roubado recentemente, claro.

Qualquer um poderia atravessar o rio Torne quando bem entendesse. Havia pontes em Haparanda, Övertornea, Pello, Kolari, Muonio e Karesuando. Cada uma tinha suas próprias vantagens e desvantagens. Haparanda era a maior e mais lenta, mas os guardas são mais preguiçosos, então talvez ninguém fizesse perguntas. Kolari era a menos usada e a mais rápida, mas lá era mais fácil chamar atenção. Em Morjärv era necessário escolher uma rota. Para o norte, na direção de Överkalix, ou para o sul, até Haparanda. Aí era só ir direto para a Rússia o mais rápido possível.

– Rússia? – perguntou Jacob. – A que distância fica?

– *Jä nögges tjöör över Kuusamo, hä jär som rättjest...*

– Trezentos quilômetros – respondeu Dessie.

– Nossa! – praguejou Jacob. – Isso não é nada. De Manhattan até o final de Long Island.

De acordo com o avô de Dessie, era difícil entrar na Rússia e sempre foi assim.

Em sua época, a terra de ninguém ao longo da fronteira tinha sido minada com explosivos, mas desde então todos haviam sido removidos. Atualmente, era a fronteira mais remota da União Europeia. Difícil, mas não impossível.

O maior problema não era sair da União Europeia e sim entrar na Rússia. Era preciso abandonar o carro e atravessar a pé, talvez bem ao norte de Tammela. Naquela área existe uma estrada principal do outro lado da fronteira que leva direto para Petrozavodsk, e de lá para São Petersburgo.

Dessie e Jacob esperaram em silêncio até o velho terminar.

Então ele se levantou, colocou as xícaras de café na pia e fez o caminho de volta para a televisão.

– *Stäng åta dörrn för moijs då jä gå.*

– Nós precisamos fechar a porta ao sair para os anões não entrarem. – avisou Dessie. – Acho que ele gostou de você.

# Capítulo 130

Elas encheram o carro com o diesel do tanque agrícola ilegal da fazenda. Jacob assumiu o volante.

– Para onde estou indo?

– Sempre em frente até ver “Suomi Finland” nas placas – respondeu Dessie, reclinando o assento e se alongando.

Ele seguiu para o norte e voltou para a estrada principal.

Se os Rudolphs conseguissem chegar à Rússia, era certo que Jacob nunca os veria de novo. Qualquer um com dinheiro suficiente podia comprar proteção lá, e os que não tivessem poderiam desaparecer em meio aos milhões de desabrigados do país.

Ele apertou o volante com mais força e pisou no acelerador. Sua cabeça ainda estava meio zonza depois da soneca demorada. O carro era pequeno e lento e o motor fazia barulhos estranhos. Ele nunca tinha dirigido um carro a diesel antes.

A paisagem do percurso era de uma beleza incrível. Penhascos rochosos descendo até o mar. Picos azuis se erguendo para o norte. A estrada acompanhava a costa e ficava cada vez mais estreita, retorcida e pitoresca.

Ele estava a caminho do fim do mundo. Os Rudolphs também.

O celular de Dessie começou a tocar no painel. Jacob olhou para a mulher ao seu lado. Ela estava dormindo profundamente, com a boca aberta formando uma linha estreita.

Ele pegou o telefone.

– Oi.

– Nós encontramos o armário de bagagens – disse Gabriella –, estava no porão da Estação Central. Você tinha razão. Vocês dois.

Ele cerrou o punho, triunfante.

– Continha tudo o que você suspeitava: sapatos claros, peruca castanha, casaco, calças, óculos escuros, câmera Polaroid, uma ou duas caixas de filme, canetas, carimbos, cartões-postais, colírios e um estilete muito bem-afiado, além de mais algumas coisas.

Ela parou de falar.

– O quê? – perguntou Jacob. – O que mais tinha?

Sua voz acordou Dessie e ela se endireitou ao seu lado.

– Nós encontramos os passaportes e as carteiras de todas as vítimas, menos as de Copenhague, Atenas e Salzburgo.

Ele freou e estacionou ao lado de uma lanchonete 24 horas. Estava pensando em algo para dizer, mas nada veio à sua mente.

– As coisas da sua filha estavam lá – disse Gabriella, baixinho. – Estou com elas aqui, na minha mesa. Do noivo dela também. Entrego quando você voltar.

– Ok.

– Você queria saber se algum carro tinha sido roubado ao norte da Suécia ontem à noite, não queria? Um fazendeiro no norte de Gysinge acabou de relatar o roubo de um Volvo 245. Um modelo de 1987, vermelho. A placa é CHC 411.

– Um 245... é um sedã?

– Uma peruca. Estou enviando uma mensagem de texto com todos os detalhes.

Ele engatou o carro e olhou em volta. Estavam em um vilarejo pequeno. Um trator saiu do estacionamento logo à frente.

– Até onde vocês chegaram? – perguntou Gabriella.

Jacob entrou na pista atrás de um imenso caminhão carregando madeira e cuspiendo fumaça.

– Metade do caminho. Obrigado por ligar.

– Gostaria de poder ter feito mais – disse Gabriella, falando baixo.

Dessie olhou para ele.

– Ligue para o seu primo. Nós temos um possível carro de fuga.

Ela pegou o telefone.

O sol estava começando a nascer ao norte.



# Capítulo 131

A floresta ficou mais densa depois de Örnsköldsvik e os indícios de moradores diminuíram. Entre as cidades de Umea e Skelle ea, uma distância de quase 150 quilômetros, Jacob mal viu uma única casa. O fim do mundo estava cada vez mais perto, não estava?

Na cidade de Byske, o jet lag o atingiu como uma neblina súbita. Os últimos resquícios da sua capacidade de julgar distâncias o abandonaram e ele acordou Dessie para que assumisse o volante.

Mesmo com o sol em seus olhos, Jacob caiu em um sono inquieto.

Kimmy estava lá com ele. Com a mesma aparência de quando saiu de viagem para Roma. Vestia seu casaco de inverno novo e o gorro amarelo de lã. Tão linda e talentosa.

Jacob percebeu que ela estava chateada, chorando. Kimmy estava em pé dentro de uma caixa de vidro, batendo os punhos nas paredes transparentes e chamando por ele, chamando pelo pai. Ele tentou responder, mas ela não podia escutá-lo.

*Kimmy! Estou aqui! Estou chegando!*

– Jacob?

Ele acordou com um sobressalto.

– O que foi? – perguntou.

– Você estava gritando. Tendo um pesadelo.

Jacob levantou o encosto do assento e esfregou os olhos com força. O carro tinha parado. Eles estavam às margens de uma cidade.

À esquerda do carro havia um armazém grande e à direita uma longa fileira de prédios comerciais. Já era tarde e a luz do sol estava meio fraca, filtrada por uma fina camada de nuvens. A paisagem era plana e vazia, diferente do que ele havia visto durante o resto da viagem.

– Onde estamos?

– A ponte que dá no lado finlandês fica a um quilômetro daqui. Robert está um pouco mais próximo, do outro lado da rotatória. Não passou ninguém durante a noite. Nenhum Volvo vermelho, nenhum casal jovem.

Ele piscou, olhando em volta.

– Isso é Haparanda?

– *Kyllä.*

Jacob a encarou, confuso.

– Finlandês para *sim*, querido. Vamos. Robert está nos aguardando.

Ela deu partida no carro e seguiu na direção de uma rotatória grande, com o que constituía praticamente uma pequena floresta no centro.

– Ele tem homens observando todas as pontes que atravessam o rio e uns dois caras nos principais portos vendo os barcos pequenos. Ninguém viu nada. Os homens de Robert são bons.

– Graças a Deus pelo crime organizado – disse Jacob.

– Robert é durão, mas ele é uma boa pessoa.

Um prédio enorme com um estacionamento gigantesco se estendia à esquerda do carro.

– Que merda é aquilo?

– É a IKEA mais próxima do Polo Norte. E ali está Robert!

Eles pararam ao lado de um Toyota Land Cruiser personalizado, o último modelo. Encostado na pintura reluzente estava um gigante com cabelos loiros presos em um rabo de cavalo e bíceps do tamanho de troncos.

Dessie saiu correndo do carro e se jogou nos braços do homem. O gigante recebeu o abraço com um sorriso enorme no rosto.

Uma pontada de ciúmes atingiu Jacob no plexo solar. Ele saiu devagar do carro e se aproximou do grandalhão que segurava Dessie.

Os braços de Robert estavam cobertos de tatuagens malfeitas. Ele não tinha dois dentes da frente. Ele teria dado um líder perfeito para alguma das infames gangues de motos em Los Angeles.

– Então você é o americano? – perguntou ele com um sotaque sueco carregado, estendendo a “pata”.

A mão de Jacob desapareceu em seu aperto de ferro.

– É, sou eu mesmo.

O primo Robert o puxou para perto e baixou a voz.

– Não pense que pode se esconder só porque é dos Estados Unidos. Se tratar Dessie mal, eu encontro você.

– É bom saber – respondeu Jacob.

O gigante soltou a sua mão.

– Passamos a noite toda de olho na junção em Morjärv – disse Robert. – Eles passaram por lá meia hora atrás, em um Volvo vermelho com placas falsas. Pegaram a E-10 na direção de Haparanda.

Jacob sentiu uma explosão de adrenalina pelo corpo todo. Era isso. *O fim da história, no fim do mundo.*

O gangster deu uma olhada em seu relógio, um Rolex incrustado de diamantes.

– Vão chegar aqui a qualquer momento.

# Capítulo 132

O tempo quase parou para Jacob.

Ele olhava para seu relógio, barato e de plástico, a todo minuto.

8h14, 8h15, 8h16.

A neblina de início da manhã estava demorando a se dissipar, dando à paisagem uma aparência sombria, assustadora. O ajudante de Robert levou café, suco e sanduíches de presunto para eles, que foram consumidos dentro do carro. Ambos estavam famintos.

– Vocês são muito próximos? – perguntou Jacob, meneando a cabeça na direção do homem enorme encostado em seu carro, a uns 30 metros de distância. O carro cedia sob seu peso.

Dessie estava fazendo o melhor que podia para remover o presunto do pão.

– Robert? – perguntou ela. – Ele é o meu primo favorito. A mãe dele vivia entrando e saindo da prisão quando ele era jovem, então Robert passava muito tempo conosco na fazenda. Tem dois anos a menos do que eu, mas sempre foi maior e mais forte.

Dessie colocou o sanduíche no colo.

– Sempre me perguntei se somos mais do que primos.

Jacob parou de mastigar.

– O que você quer dizer?

Ela tomou um gole de suco de laranja.

– Eu não sei quem é o meu pai – respondeu Dessie, em voz baixa. – Minha mãe sempre disse que ele era um príncipe italiano que viria algum dia e buscaria nós duas. Eu *não tinha ideia* do que isso significava.

Ela deu uma olhada rápida na direção de Jacob, meio constrangida.

– Eu sei, parece um conto de fadas. Um dos meus tios deve ser o meu pai ou talvez até mesmo o meu avô.

Jacob virou o rosto e olhou pelo para-brisa. Que tipo de resposta ele poderia dar?

Dessie se alongou o máximo que pôde e olhou pelo retrovisor.

– Carro vermelho – disse ela.

Jacob ajustou o espelho para ver por si mesmo. Sem dúvidas, um carro vermelho estava vindo.

– É um Ford. Quatro pessoas. Não são eles. Não devem ser eles.

# Capítulo 133

**E**les ficaram sentados em silêncio, vendo os passageiros do Ford passarem a caminho da travessia de fronteira: dois casais de idosos, os homens na frente, as mulheres atrás.

Dessie se voltou para ele, hesitou por um instante.

– Quem era a mãe de Kimmy?

Agora foi a vez de Jacob colocar o sanduíche no colo.

– O nome dela é Lucy – disse ele. – Nós crescemos juntos no Brooklin. Ela era cantora, blues e jazz, muito talentosa. Tínhamos 18 anos quando ela engravidou. Foi embora quando Kimmy completou três meses de idade.

– Ela deixou vocês? Para fazer o quê?

Jacob deu de ombros.

– Viver outra vida, imagino. Drogas, dinheiro, música... Nos primeiros anos ela visitou Kimmy uma ou duas vezes, mas depois parou. Acho que já faz uns quinze anos que não a vejo.

– Lucy sabe... sobre Kimmy?

Jacob balançou a cabeça.

– Não. Pelo menos eu não contei. Não sei onde ela está. Nem sei se ainda está viva.

– Ela me parece uma idiota.

– Nós dois éramos jovens, ambos idiotas.

A conversa morreu. Um Passat verde passou.

Jacob olhou para o relógio. 8h54.

Um Saab azul passou por eles. Podiam ouvir o som de rock saindo pelas janelas abertas. Dois homens jovens. Cortes de cabelo estilo punk.

Jacob olhou para o relógio. 8h55. Ele sabia que estava sendo obsessivo, mas não podia evitar. O telefone de Dessie tocou. Ela escutou em silêncio, não disse uma única palavra e, em seguida, voltou-se para Jacob.

– Eles passaram por Salmis e Vuono. Dois vilarejos bem perto daqui. Ainda no Volvo vermelho. Estão quase chegando.

– Os homens de Robert, eles são confiáveis?

Dessie assentiu.

– Muito.

– Não quero eles envolvidos na fronteira. Vou assumir a partir de agora.

Ela passou a mensagem e desligou.

# Capítulo 134

Já passava das nove horas.

Nada de Volvo vermelho, nada de Rudolphi.

Agora a pista estava cheia de carros após a rotatória, a maior parte trailers e caminhões. Devido à caça pelos Assassinos do Cartão-postal, a segurança na travessia de fronteira tinha sido intensificada e todos os veículos eram forçados a passar por um ponto de vistoria, ao lado de uma pequena construção de madeira na parte esquerda da estrada.

Jacob olhou de novo para o relógio.

Nove e meia. O tempo estava se arrastando.

Grandes ônibus de turistas começaram a entrar no estacionamento em frente à IKEA. Pareciam estar vindo de toda a região Ártica. Jacob viu placas da Noruega, Finlândia e Rússia. Era como se a IKEA fosse uma feira municipal.

Em pouco tempo havia uma fila de carros esperando para entrar no estacionamento.

– A quinta-feira antes do Solstício de Verão é assim – explicou Dessie. – É o ponto alto da semana de compras mais intensa na Suécia. É maior do que o Natal.

Jacob não disse nada. Ele se deu conta de que estava rangendo os dentes. Precisava parar com aquilo. Sim, mas depois que eles pegassem os Rudolphi.

Uma fila de consumidores começava a se formar na entrada da megaloja. Esse pessoal do interior era claramente maluco.

Jacob viu as horas.



Três minutos antes das dez.

Ele olhou para o espelho retrovisor.

Uma fila de carros: azuis, vermelhos, brancos, pretos, todos cheios de compradores árticos pirados.

Ele pressionou as palmas das mãos contra a testa.

As portas da loja se abriram.

As pessoas entraram na construção parecida com um hangar.

Jacob sentiu que ia explodir.

– Que merda! – gritou ele de repente. – Para onde eles foram?

Dessie não respondeu.

– Eles devem ter pegado outra pista – disse Jacob –, não estão vindo por Haparanda. Aquele brutamente criminoso que você chama de primo estava errado. Talvez esteja em conluio com eles. Talvez tenha nos enganado, fazendo com que esperássemos sentados aqui para que eles pudessem escapar. Podem ter subornado ele.

– Jacob, calma! Você não sabe o que está dizendo, *pare!*

Jacob virou a chave e o motor deu umas tossidas antes de ligar.

– O que você está fazendo? – perguntou Dessie.

– Eu não posso continuar esperando aqui – respondeu Jacob –, estou ficando completamente maluco de esperar...

– Espere um pouco – interrompeu Dessie. – Só um pouco. Um carro vermelho, tem um carro vermelho. Acho que é um Volvo.

Jacob olhou no retrovisor de novo. Era uma perua Volvo, um modelo antigo, definitivamente vermelho.

Havia duas pessoas dentro. Um loiro jovem e uma mulher de cabelos escuros.

Os Rudolfs.

# Capítulo 135

O Volvo seguia bem devagar na direção da rotatória. Jacob entrou no trânsito bem atrás deles. Seu coração batia tão forte que ele mal podia escutar o que acontecia ao seu redor.

A dupla dentro do Volvo parou na rotatória. A fila para a travessia da fronteira se estendia à frente deles.

– Eles perceberam que não vão conseguir passar por aqui – disse Dessie. – Não naquele carro. Então o que eles vão fazer?

Jacob pegou duas algemas do bolso interno da sua jaqueta e as pendurou no cinto, nas costas. Em seguida, ele se inclinou para a frente e tirou a Glock do coldre preso em seu calcanhar. Estava satisfeito por não ter entregado a arma para as autoridades, como havia sido requisitado. A Glock ficou guardada em um armário do aeroporto durante a viagem para Los Angeles. Parecia que agora ela seria necessária.

Ele escutou a respiração de Dessie falhar.

– *Jacob, o que você está fazendo? Você não pode usar essa arma aqui. Vão prender você.*

Naquele instante, o Volvo vermelho fez uma manobra e saiu da linha de carros. O motorista jogou o veículo para a esquerda e se espremeu entre um trailer e uma perua pequena com algo escrito em cirílico ao longo da lateral.

Jacob engrenou a primeira e empurrou o pedal até o fim. No momento seguinte, foi forçado a frear com força para evitar um caminhão que estava entrando na rotatória.

– Merda! Estamos perdendo eles!

– Eles estão seguindo em frente! – exclamou Dessie, inclinando a cabeça pela janela. – Agora estão pegando a direita! *Eles estão no estacionamento da IKEA!*

Jacob passou rápido demais pelo caminhão. Ele raspou a lateral de um Peugeot e forçou caminho para dentro do estacionamento, enquanto o motorista buzinava inconformado atrás deles.

O estacionamento da IKEA estava um caos completo. Carros, ônibus e trailers enfrentavam carrinhos de compras imensos, carrinhos de bebê e centenas de pessoas.

Jacob parou o carro e olhou em volta, desesperado.

– Para onde eles foram? Nós os perdemos! Eles escaparam!

– Acho que estavam seguindo para o estacionamento de ônibus. – Dessie apontou. – Ali. *Ali!* Aquela é Sylvia Rudolph, não é?

A mulher de cabelos escuros abriu a porta e começou a correr. Ela era atlética, tinha pernas rápidas.

– Não! – gritou Jacob, tentando alcançá-la com o carro. Uma família inteira bloqueou o seu caminho. Em seguida, apareceu o motorista do Peugeot, batendo furioso no para-brisa. Jacob mostrou a pistola para o homem e ele recuou, com as mãos erguidas.

– Para o inferno com isso! – praguejou Jacob, abrindo a porta e correndo na direção dos ônibus.

# Capítulo 136

**E**ram os Rudolphs, disse ele tinha certeza. Jacob reconheceu os movimentos relaxados de Malcolm e os cabelos escuros da mulher.

Os assassinos moviam-se com rapidez pelo estacionamento, escapando. As pessoas que o viam correndo com a pistola na mão gritavam e saíam às pressas do seu caminho. Alguém gritou “Louco!” para ele. Era uma descrição adequada.

Dessie estava logo atrás, com o celular na mão. Estava discando um número enquanto corria. Os Rudolphs desapareceram entre dois prédios grandes.

Jacob ergueu a pistola ao se aproximar da passagem. Ele não sabia que armas os Rudolphs podiam ter.

Não havia ninguém ali.

Ele correu pela passagem e saiu no outro lado.

Havia quatro ônibus com toaletes e cortinas estacionados lá. Mesmo se um dos veículos estivesse destrancado, eles não poderiam se esconder por muito tempo, não nesse lugar.

Com a Glock erguida, ele correu até o primeiro ônibus.

Ninguém.

O segundo.

Ninguém.

O terceiro.

– *Solte a arma!*

A voz veio de trás dele, uma voz feminina, esforçando-se para soar calma e controlada.

Ele se virou com a Glock apontada, pronto para matar.

# Capítulo 137

Sylvia Rudolph estava segurando Dessie à sua frente como um escudo, pressionando uma faca contra a sua garganta. Era uma faca grande, talvez uma faca de açougueiro.

Jacob estava quase perdendo o controle. Por um instante imaginou que fosse Kimmy ali, com a faca na garganta. Ele não podia deixá-la morrer.

– Solte a arma! – Sylvia Rudolph repetiu. – Ou ela morre. Não tenho nenhum problema com isso.

O rosto de Dessie estava pálido, quase cadavérico. Ela ainda estava segurando o celular. Malcolm Rudolph estava a uns 3 metros de distância, parecendo confuso e perdido.

Jacob ficou parado, a pistola erguida.

Então ele entendeu a situação. Outra parte do mistério foi resolvida.

O assassino não era o irmão. Era a irmã, Sylvia, *La señorita*. A garota que tinha encontrado os próprios pais mortos na cama deles ou que os tinha matado com as próprias mãos. Mas por quê? Pela arte?

– Obedeça ou eu corto a garganta dela. Ela morre aqui mesmo!

Sua voz estava ficando menos controlada, mas Jacob acreditou em cada palavra. Ele segurou a pistola com mais firmeza. Instintivamente, seu corpo assumiu a postura que ele tinha praticado tantas vezes em Nova York.

Jacob fechou um olho, focando na mira, respirando o mais devagar possível.

Ele avaliou a expressão fria de Sylvia ao lado do rosto aterrorizado de Dessie. Lá estava ela, a mulher que tinha matado sua Kimmy, com uma faca

na garganta de Dessie. Outra faca, mas a mesma assassina.

Ele se percebeu relaxando.

– *Abaixe a arma!* – urrou Sylvia. – *Vou cortar a garganta dela! Abaix*  
*arma! Você quer que ela morra?*

Todo aquele papo sobre arte e criação conceitual era só história. No fim das contas, ela só queria salvar a si mesma. E talvez seu irmão doido, seu amante.

Ele pressionou o gatilho: um clique cauteloso, seguido pela explosão e pelo recuo.

Dessie largou o celular e gritou. Ela gritou e gritou. *Ah, não, ele tinha errado!*

Dessie devia ter se mexido no último segundo.

*O que ele tinha feito?*

# Capítulo 138

Dessie estava coberta de sangue e continuava gritando. Mas então Jacob percebeu que o sangue não era dela.

Era de Sylvia. Eram pedaços do cérebro de Sylvia que estavam espalhados sobre o rosto e o casaco de Dessie. Era Sylvia caindo no chão, largando a faca, enquanto Malcolm corria na direção dela.

Dessie se afastou, cambaleando, e se apoiou em um dos ônibus. Jacob correu até Malcolm com a pistola erguida.

– *De joelhos, mãos na cabeça!* – gritou ele o mais alto que pôde.

Ele estava gritando para conseguir ouvir a própria voz por sobre o zumbido em seus ouvidos, mas Malcolm pareceu não escutá-lo. O homem sentou-se ao lado do corpo da irmã e a segurou nos braços. Com um uivo selvagem, ele balançou Sylvia para a frente e para trás, para a frente e para trás, completamente insensível ao transtorno à sua volta.

Jacob foi até ele, a pistola apontada para seu peito.

Ele pegou as algemas presas no cinto com uma das mãos enquanto tentava se comunicar com o homem aturdido.

– Malcolm Rudolph, a polícia está a caminho. Solte-a. Fique de joelhos. Mãos atrás da cabeça!

O uivo parou. Os ombros de Malcolm caíram. Ele deitou o corpo da sua irmã com gentileza no asfalto. Jacob percebeu ter atingido Sylvia entre os olhos, bem na testa. O ferimento de entrada era um buraco vermelho e os olhos da mulher encaravam o céu, sem nada ver. A parte de trás de sua cabeça tinha sido destruída.



– Você a matou – disse Malcolm. Suas costas estavam curvadas como se ele fosse um velho. – Você matou a minha Sylvia.

– Você e sua irmã mataram a minha filha.

Ele abriu as algemas e se debruçou para prender os braços de Malcolm Rudolph atrás das costas.

Desse ângulo, os olhos mortos de Sylvia pareciam observá-lo.

Ele não viu a faca vindo.

Em um movimento rápido, o irmão ficou de pé em um salto e empurrou a faca na direção do peito de Jacob. Por instinto, Jacob se moveu alguns centímetros para a direita.

A lâmina atravessou o tecido externo e o revestimento de sua jaqueta de camurça, perfurando pele, tendão e músculo. Então rasgou veias e artérias e tecido pulmonar.

Jacob ouviu alguém gritar, uma mulher.

Ele sentiu sangue quente jorrando de seu corpo e viu o mundo girar e ficar de lado, como se ele estivesse caindo para fora do planeta. Um disparo ecoou, o som do tiro fazendo sua cabeça zumbir.

O assassino à sua frente caiu no chão com as mãos sobre a barriga.

Então havia alguém segurando-o, deitando-o no chão, rasgando a sua camisa.

Era Dessie, sua Dessie. Não, era Kimmy, *sua Kimmy*. Claro que era!

– Kimmy – sussurrou Jacob. – Eu sabia que você ia voltar.

# EPÍLOGO

# Capítulo 139

*Bay Ridge, Brooklin, EUA*

O vento trazia o cheiro do mar e toda a fumaça da Leif Ericson Drive, balançando as folhas sobre a cabeça dele.

Jacob estava sentado na varanda da sua pequena casa, vendo os garotos da vizinhança jogarem beisebol no trecho com grama do outro lado da rua. O calor e a umidade extrema finalmente tinham cedido, deixando em seu lugar indícios do outono.

O sol não estava mais no alto e as árvores frondosas projetavam sombras compridas ao longo da rua.

Seu pulmão estava melhor. A dor no braço já tinha quase desaparecido. A ferida começou a coçar em vez de doer. Às vezes ele pensava que isso era pior.

Jacob olhou para a Shore Road.

*Nada de táxi ainda.*

Ele mexeu a tipoia de ombro, irritado.

Na semana seguinte ele poderia tirar a tipoia. Graças ao seu anjo da guarda, eles disseram.

A pequena cidade no Círculo Polar Ártico onde Jacob teve o pulmão perfurado e o braço quase decepado não tinha nenhum hospital, mas havia um centro local de saúde com uma sala de emergência e um médico húngaro especialista em microcirurgia. O húngaro havia costurado os seus músculos e vasos sanguíneos enquanto eles esvaziavam o estoque de plasma sanguíneo do centro em seu corpo e, de alguma forma, ele tinha sobrevivido.

Malcolm Rudolph não teve tanta sorte. O tiro rápido de Jacob o tinha atingido no fígado. O assassino sangrou até a morte no helicóptero-ambulância. Ele recebeu o que merecia, sua irmã também. Filhos da puta horríveis.

Quando Jacob acordou e se lembrou do que acontecera, começou a se preparar para enfrentar o sistema jurídico sueco. Ele supôs que poderia se safar com os tiros em si. Afinal, Gabriella tinha escutado toda a sequência de acontecimentos pelo celular de Dessie. Era óbvio que ele havia disparado apenas em autodefesa. Por outro lado, ele teria que explicar a arma, que tinha sido comprada na Itália.

Os europeus tratavam posse ilegal de armas de fogo com muita seriedade.

Quando Mats Duvall o visitou no hospital, Jacob imaginou que escutaria as acusações, mas o superintendente da polícia meramente o informou de que uma investigação preliminar não poderia ser realizada. Todas as suspeitas foram abandonadas devido à falta de evidências. Era isso que acontecia em casos desse tipo, ele explicou, encerrando a questão.

Os suecos não eram tão rígidos quanto ele imaginara. Mas a arma de Jacob foi confiscada.

Jacob observou enquanto o filho de um vizinho acertava a bola em cheio do outro lado da rua. Ela voou como um míssil na direção da garagem de Johnson (que, naturalmente, não era mais de Johnson, pertencendo agora a uma família polonesa cujo sobrenome ele desconhecia). Jacob prendeu a respiração até a bola acertar a parede de tijolos, a centímetros de uma janela.

Uma vez ele tinha jogado beisebol no mesmo pedaço de grama. Ele havia quebrado as janelas da garagem de Johnson umas duas vezes. Jacob ainda morava na casa onde ele, seu pai e Kimmy cresceram.

Talvez ele pudesse tirar aquele pano maldito do pescoço. O que poderia acontecer? O braço dele não ia cair, ia?

Um táxi veio devagar pela rua e parou na calçada embaixo da varanda.

Jacob ergueu o braço bom e acenou. Ele deu até um jeito de sorrir.

# Capítulo 140

Jacob não se levantou quando Lyndon Crebbs saiu do banco de trás carregando a sua mala gasta da Marinha.

– Então aí está você, seu bandido de um braço só! – disse o agente do FBI.

Jacob se moveu, abrindo espaço na varanda para o seu antigo mentor.

– Como foi a cirurgia? – perguntou.

Lyndon suspirou e sentou-se ao seu lado, nos degraus.

– Bem, de agora em diante não vou mais usar meu pau para nada além de mijar, mas foi bem. São as pequenas sortes da vida.

Eles ficaram sentados, lado a lado. Bons amigos, o melhor tipo de amizade. Nos momentos ruins e nos piores.

Os garotos que jogavam bola do outro lado da rua começaram a discutir sobre algo e tiveram uma briga meio boba antes de irem embora para casa, um por um.

– O que aconteceu em Montecito? – perguntou Jacob.

– Eles encontraram os restos de uma mulher atrás da mansão – respondeu Crebbs. – Ela não estava enterrada muito fundo. E não estava lá há muito tempo. Quatro ou cinco anos, segundo o legista.

– Alguma identidade?

– Ainda não, mas provavelmente é a garota desaparecida. A garganta dela foi cortada. Mais uma obra de arte de Sylvia, tenho certeza.

Eles passaram um tempo em silêncio.

– E o assassinato do guardião? – perguntou Jacob. – E dos pais?

Lyndon Crebbs balançou a cabeça.

– Ainda são casos em aberto. Meu palpite é que vão continuar assim...  
Você quer saber o que eu descobri sobre Lucy?

Jacob olhou para a garagem de Johnson. Era a casa de infância de Lucy Johnson.

– Agora não.

Lyndon Crebbs olhou para Jacob.

– Como foi com a garota de Estocolmo? Aquela com o nome da princesa?

– Ela vai terminar o doutorado – respondeu Jacob. – Até onde eu sei, está indo bem.

– Não foi isso que eu sempre disse? As inteligentes são sempre as melhores. Onde ela foi parar, afinal?

Jacob sentiu um sorriso se formando no rosto.

– Lá está ela, lá embaixo – respondeu ele, apontando com o braço saudável para a avenida Narrows.

A única coisa que Dessie tinha comprado desde a mudança havia sido uma bicicleta feminina com sete velocidades e uma cesta para compras na frente. E agora ela estava pedalando pela rua 77 com a cesta cheia de alho-poró e outras comidas para coelho.

Deixando a bicicleta e os mantimentos na entrada da garagem, ela subiu os degraus.

– Senhor Crebbs? Eu ouvi muito sobre você.

Dessie e o amigo de Jacob apertaram as mãos.

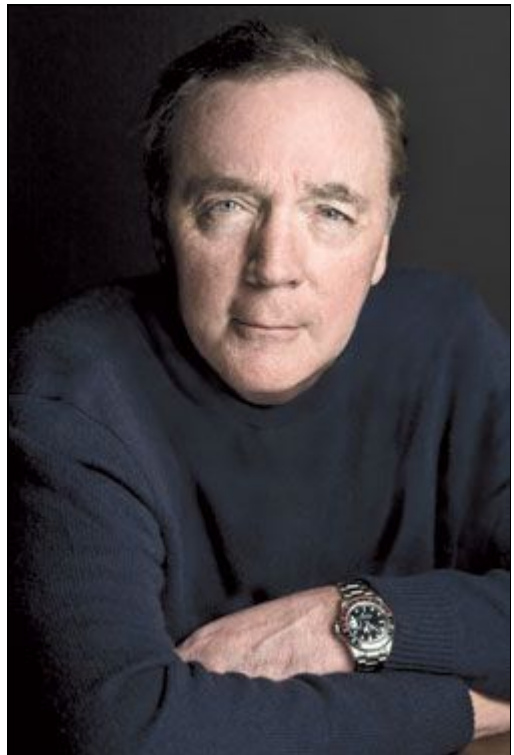
– Tudo mentira, imagino.

Dessie sorriu para Jacob.

– Vindo de um cara romântico desses? O que você esperaria?

# Sobre o autor

© Deborah Feingold



Com 300 milhões de livros vendidos em mais de 100 países, James Patterson é um dos maiores escritores do mundo. Recordista de presença na lista de mais vendidos do *New York Times*, é autor das consagradas séries Alex Cross e Clube das Mulheres contra o Crime.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS  
DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes e Inverno do mundo*, de Ken Follett

*Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo*, de Harlan Coben

*A cabana e A travessia*, de William P. Young

*A farsa, A vingança e A traição*, de Christopher Reich

*Água para elefantes*, de Sara Gruen

*Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital*, de Dan Brown

*Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista*, de Nicholas Sparks

*Julieta*, de Anne Fortier

*O guardião de memórias*, de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

*O nome do vento e O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

*A passagem e Os doze*, de Justin Cronin

*A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

*A conspiração franciscana*, de John Sack



## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br) e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail, basta cadastrar-se diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

# Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Parte Um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

## Parte Dois

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

[Capítulo 88](#)

[Capítulo 89](#)

[Capítulo 90](#)

[Capítulo 91](#)

[Capítulo 92](#)

[Capítulo 93](#)

[Capítulo 94](#)

[Capítulo 95](#)

[Capítulo 96](#)

[Capítulo 97](#)

[Capítulo 98](#)

[Capítulo 99](#)

[Capítulo 100](#)

[Capítulo 101](#)

[Capítulo 102](#)

[Capítulo 103](#)

[Capítulo 104](#)

[Capítulo 105](#)

[Capítulo 106](#)

[Capítulo 107](#)

[Capítulo 108](#)

[Capítulo 109](#)

[Capítulo 110](#)

[Capítulo 111](#)

[Capítulo 112](#)

[Capítulo 113](#)

[Capítulo 114](#)

[Parte Três](#)

[Capítulo 115](#)

[Capítulo 116](#)

[Capítulo 117](#)

[Capítulo 118](#)

[Capítulo 119](#)

[Capítulo 120](#)

[Capítulo 121](#)

[Capítulo 122](#)

[Capítulo 123](#)

[Capítulo 124](#)

[Capítulo 125](#)

[Capítulo 126](#)



[Capítulo 127](#)

[Capítulo 128](#)

[Capítulo 129](#)

[Capítulo 130](#)

[Capítulo 131](#)

[Capítulo 132](#)

[Capítulo 133](#)

[Capítulo 134](#)

[Capítulo 135](#)

[Capítulo 136](#)

[Capítulo 137](#)

[Capítulo 138](#)

[Epílogo](#)

[Capítulo 139](#)

[Capítulo 140](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)